

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

CRISTIANO NEVES DA ROSA

**CÍRCULOS DISCURSIVOS, JUVENTUDES E DISPOSITIVOS DE SEGURANÇA
PÚBLICA: PAISAGENS DO GUAJUVIRAS, TERRITÓRIO DE PAZ**

São Leopoldo

2012

CRISTIANO NEVES DA ROSA

**CÍRCULOS DISCURSIVOS, JUVENTUDES E DISPOSITIVOS DE SEGURANÇA
PÚBLICA: PAISAGENS DO GUAJUVIRAS, TERRITÓRIO DE PAZ**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

Orientador: Professor Dr. Carlos Alfredo Gadea Castro

São Leopoldo

2012

Ficha catalográfica

R788c Rosa, Cristiano Neves da
Círculos discursivos, juventudes e dispositivos de segurança pública : paisagens do Guajuviras, território de paz / por Cristiano Neves da Rosa. – 2012.
192 f. : il., 30cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2012.
Orientação: Prof. Dr. Carlos Alfredo Gadea Castro.

1. Segurança pública. 2. Produção discursiva. 3. Esporte e lazer. 4. Juventudes. 5. Sociabilidades. I. Título.

CDU 351.74

Catálogo na Fonte:
Bibliotecária Vanessa Borges Nunes - CRB 10/1556

CRISTIANO NEVES DA ROSA

**CÍRCULOS DISCURSIVOS, JUVENTUDES E DISPOSITIVOS DE SEGURANÇA
PÚBLICA: PAISAGENS DO GUAJUVIRAS, TERRITÓRIO DE PAZ**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

Aprovada em: 30 de OUTUBRO de 2012.

BANCA EXAMINADORA:

Professor Dr. Carlos Alfredo Gadea Castro
Presidente da Banca – Orientador

Professor Dr. José Ivo Follmann
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)

Professor Dr. José Geraldo Soares Damico
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

São Leopoldo

2012

AGRADECIMENTOS

A partir de agora, apresento meus agradecimentos. Cabe ressaltar que eles não possuem hierarquias e classificações. Simplesmente se completam, tornando-se especiais e de larga importância para o início e a conclusão deste trabalho, ou melhor, importantes para o início e as considerações finais desta etapa do estudo, pois o trabalho não se esgota, visto que não há conclusão, apenas pontos de vista para reflexões e debates.

Agradeço inicialmente aos professores José Geraldo Soares Damico e Antônio Luís Carvalho de Freitas (Da Costa). Sem as oportunidades, as orientações e a amizade de vocês, possivelmente não teria chegado a esta etapa de minha vida acadêmica. Para sempre, meu muito obrigado, meus mestres e amigos; vocês são especiais na minha vida.

Aos professores Cláudio Marques Mandarin, Osvaldo Donizete Siqueira, Luiz Antonio Barcellos Crescente, Ednaldo da Silva Pereira Filho (Dinho) e Elisandro Schultz Wittzorecki, pelas oportunidades e por sempre terem dispensado grande atenção à minha formação acadêmica, quando ainda era estudante de graduação e bolsista de iniciação científica na Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). Vocês também fazem parte de tudo isso.

Ao meu orientador, professor Carlos Alfredo Gadea Castro, pelas orientações, conversas informais e debates que proporcionou em sala de aula nas disciplinas que cursei sob sua orientação, ao longo desses dois anos e seis meses de curso de Mestrado. Meu muito obrigado pela confiança em aceitar meu pedido de orientação e acolhimento ao longo do curso.

Ao professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unisinos, José Odelso Schneider, que, sem me conhecer, quando ingressei no curso de Mestrado viabilizou minha permanência e a conclusão do curso através da bolsa de estudos e o apoio financeiro no final do curso. Meus sinceros agradecimentos pela acolhida, pois a feitura deste trabalho só foi possível devido ao seu auxílio. O senhor foi muito importante nesta etapa de minha vida acadêmica.

Ao professor Édison Luis Gastaldo, pelas orientações ao longo da pesquisa *Espaços esportivos de lazer e sociabilidade cotidiana: um estudo etnográfico*, realizada em 2008. Esse estudo também foi de significativa importância para a criação do projeto de pesquisa para o mestrado e a presente dissertação.

Ao meu colega da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vereador Cléo dos Santos, o professor de História Renato Avelar de Albuquerque, pelos momentos de debates,

conversas sobre o tema de pesquisa, fundamentais para a construção de parte do marco teórico deste estudo, com sua leitura e suas sugestões.

Aos professores Paulo Augusto Nedel e Adailton Fonseca Moreira pela sensibilidade e compreensão ao longo do curso de mestrado no qual me proporcionaram a mobilidade necessária para minha frequência nas atividades acadêmicas enquanto estiveram na equipe diretiva da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vereador Cléo dos Santos.

Ao meu colega e amigo da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vereador Cléo dos Santos, o professor de História Adailton Fonseca Moreira pelo apoio em um momento delicado financeiramente que vivi ao logo do curso. Quando achei que não havia solução, o amigo auxiliou. Obrigado.

Ao meu colega do tempo de estudante de graduação e do grupo de pesquisa na Ulbra, hoje meu grande amigo Alexandre Kunsler, pelos momentos de debates e longas conversas. Não foram raras as vezes que conversávamos por telefone e solicitei encontros para debates, conversas informais e acompanhamento nas pesquisas de campo, auxílio na transcrição das entrevistas. Ele sempre esteve à disposição e me atendeu em vários momentos destes dois anos e seis meses. Obrigado, amigo.

À Maristela Simon, secretária do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unisinos, pela fineza no atendimento ao longo do curso e, especialmente, pela sensibilidade, paciência e atenção nos sucessivos auxílios da regularização de minhas rematrículas, situações que, entre outros fatores, por vezes conspiraram para a não conclusão deste estudo.

Ao professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unisinos, Nadir Lara Júnior, que foi fundamental para a finalização deste estudo. Suas sugestões, sua atenção e sua sabedoria política e nossas frequentes conversações foram muito significativas.

Ao professor José Ivo Follmann do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unisinos que integrou a banca de qualificação do projeto de dissertação e a banca examinadora final desta dissertação, pelo carinho e disposição em avaliar o estudo.

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unisinos, José Rogério Lopes, Aloísio Ruscheinsky, José Luiz Bica de Mélo, Solon Eduardo Annes Viola, Luiz Inácio Germany Gaiger, Marília Veríssimo Veronese e Eduardo Portanova Barros, com quem cursei disciplinas ao longo do curso. Foram todos importantes na minha formação, no qual estendo meu obrigado.

À minha mãe, Maria de Lurdes Neves da Rosa, e especialmente ao meu pai, Solimar Farias da Rosa, que me apoiou e auxiliou nos momentos mais delicados e decisivos deste

estudo, com seu cuidado e afeto ao meu filho Christian, proporcionando a mim certa tranquilidade e dedicação à feitura deste estudo.

À Patrícia, minha companheira e mãe dos meus filhos Christian e Nicollas, pela paciência e compreensão nos não raros momentos em que estive ausente por conta do trabalho e das atividades acadêmicas desde o curso de graduação e de modo especial no curso de mestrado. Se não foi fácil para mim, para ti sei que também não foi. Obrigado.

E aos jovens do bairro Guajuviras, que conheci ainda no ano de 2007 – com os quais construí algumas grandes amizades em minhas andanças com as pesquisas acadêmicas, especialmente ao longo do período que atuei como coordenador de núcleo do Pronasci/PELC – e que se dispuseram a conversar comigo e discutir pontos de vista acerca da pesquisa deste trabalho. Vocês são muito importantes na minha vida. Obrigado, gente da gente.

Eu gostaria de fazer a genealogia dos problemas, das problematizações. Minha opinião é que nem tudo é ruim, mas tudo é perigoso, o que não significa exatamente o mesmo que ruim. Se tudo é perigoso, então temos sempre algo a fazer.
(Michel Foucault)

RESUMO

Esta dissertação de mestrado parte de uma preocupação geral acerca do investimento político sobre os corpos ao longo da sociedade ocidental, investimento que transforma o indivíduo em sujeito social. Para elucidar esse caso, traz-se como referência programas de segurança pública aplicados no Brasil, em que os habitantes de favelas e periferias vêm sendo alvos de um conjunto de medidas que parecem lembrar aquilo que o filósofo Gilles Deleuze (2006) conceituou como “sociedade de controle”. Tendo como ponto de partida a análise do discurso do filósofo Michel Foucault (1986, 2011), é focado e problematizado como a produção discursiva ao longo dos anos posicionou um bairro da cidade de Canoas, no estado do Rio Grande do Sul, constituindo-o como um território a ser pacificado, a partir do que José Geraldo Soares Damico (2011) chamou de dispositivos de segurança e participação. A proposta deste estudo não consiste em dissertar acerca das políticas de segurança, tomando certa posição a respeito. Propõe-se, a partir de uma abordagem influenciada pelas obras de Michel Foucault (1984, 1986, 1995, 2008, 2009, 2011), uma análise crítica ao modo como determinados locais entendidos como de vulnerabilidade social foram selecionados para serem investidos com ações específicas de segurança pública, transformando-os em uma Sociedade de Controle. O campo de estudos é o bairro Guajuviras, localizado na cidade de Canoas, que está sendo alvo de um conjunto de medidas implantadas pela Secretaria de Segurança Pública e Cidadania municipal, através de um convênio com o Ministério da Justiça do Governo Federal, onde estão sendo desenvolvidas ações do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci) e de modo especial do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC), fazendo parte das ações desta política de segurança mais ampla. De modo específico, analisam-se os discursos produzidos pelos jovens acerca do local que habitam e das ações das políticas de segurança pública, com especial ênfase na maneira que se lhes apresenta como dispositivo de controle social e construção de uma subjetividade particular na qual estão sendo afetados. Para um melhor entendimento, neste trabalho, faz-se referência às culturas juvenis e às diferentes formas de sociabilidades que são vivenciadas de múltiplos modos pelos jovens nesse contexto histórico e local. No caso deste estudo, os jovens pesquisados possuem idades compreendidas entre 14 e 29 anos, vêm historicamente sendo posicionados pela violência, habitantes de um território a ser pacificado e atualmente estão sendo alvo desses dispositivos de segurança e participação. Os jovens sujeitos da pesquisa atuam ou já participaram de algumas ações do programa de segurança pública como o PELC. São resultados de uma etnografia (observação participante e diário de campo) registrados pelos contatos empíricos onde acontecem as atividades.

Palavras-chave: Produção discursiva. Dispositivos de segurança pública. Esporte e lazer. Juventudes. Sociabilidades.

ABSTRACT

This dissertation parts from a general concern about the political investment over the bodies throughout the western society history, investment that transforms individuals in a social subject. To elucidate this case, we reference public safety programs implemented in Brazil, where inhabitants of slums and outskirts have been targeted by a series of actions which seem to remember what philosopher Gilles Deleuze (2006) conceptualized as “society of control”. Starting from Michel Foucault’s discourse analysis (1986, 2011), it is focused and questioned how the discursive production, over the years, positioned a neighborhood of the city of Canoas, in the state of Rio Grande do Sul, constituting it as a territory to be pacified, from what José Geraldo Soares Damico (2011) called public safety and participation devices. The purpose of this study is not to descant about safety policies, taking sides. It is proposed, based on an approach influenced by the works of Michel Foucault (1984, 1986, 1995, 2008, 2009, 2011), to make a critical analysis of the way which certain places, understood as socially vulnerable, were selected to be invested with specific public safety actions, transforming them into a society of control. The field of study is the Guajuviras neighborhood, located in the city of Canoas, which has been the target of several actions implemented by the Municipal Public Safety and Citizenship Secretariat, trough an agreement with the Ministry of Justice of the federal government, developing actions of the National Public Safety with Citizenship Program (Pronasci), and particularly the City’s Sport and Leisure Program (PELC), as part of the actions of this broad safety policy. Specifically, we analyze the speeches produced by young people about the place they live and the actions of the public safety policies, with particular emphasis on the way that it is presented to them, as a device of social control and construction of a specific subjectivity by which they are being affected. For a better understanding, this work makes reference to youth cultures and different forms of sociability that are experienced in multiple ways by the youngsters in this historical and local context. In The researched people have ages between 14 and 29 years old, historically positioned by violence, inhabitants of a territory to be pacified and targeted by safety and participation devices. The subjects of this research participate, now and then, in some actions of the public safety program PELC. These are the results of and ethnographic research (participant observation and field diary) recorded by the empirical contacts in the places where the activities occur.

Keywords: Discursive production. Public safety devices. Sports and leisure. Youth. Sociabilities.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: PRA COMEÇO DE CONVERSA.....	10
1 A PESQUISA E O MÉTODO: OS JOVENS NO SEU ESPAÇO DE SOCIABILIDADE.....	15
1.1 Dos inícios do tema à preocupação etnográfica.....	15
1.2 O método etnográfico como ferramenta de pesquisa.....	19
2 AS DIVERSAS FORMAS DE SOCIALIZAÇÃO DOS CORPOS E AS SOCIABILIDADES.....	22
2.1 O projeto histórico da modernidade e as grandes explicações macrossociais: uma breve introdução.....	22
2.1.1 <i>A “sociedade de soberania”: o corpo supliciado.....</i>	24
2.1.2 <i>A sociedade disciplinar: o corpo disciplinado.....</i>	26
2.1.3 <i>A sociedade de controle: o corpo controlado.....</i>	32
2.1.4 <i>As práticas políticas de governamentalidade em Foucault.....</i>	34
2.2 As formas de socialização em Berger e Luckmann.....	39
2.2.1 <i>Os processos de socialização primária e secundária como formas de construto social da realidade.....</i>	39
2.3 As formas de sociabilidade em Simmel.....	42
2.4 Juventudes.....	43
2.4.1 <i>As juventudes e a sociedade de controle.....</i>	46
3 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO BAIRRO GUAJUVIRAS.....	48
3.1 <i>Se tu lutas, tu conquistas.....</i>	48
3.2 O Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci).....	50
3.3 O Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC).....	53
3.4 A invenção de uma população.....	55
4 DISPOSITIVOS DE SEGURANÇA E PARTICIPAÇÃO.....	68
4.1 Ainda é só o começo... ..	68
4.2 A busca por espaços fechados e abertos para o funcionamento das atividades do Pronasci/PELC e a ligação dos jovens aos aparelhos: a posição do coordenador.....	71
4.3 A posição do pesquisador.....	71
4.4 Sociabilidades governadas.....	73

5	AS MÚLTIPLAS FORMAS DE SOCIABILIDADES.....	81
5.1	Rolê na vila: um bom lugar.....	81
5.2	A Praça Ildo Meneghetti e o futebol.....	81
5.3	O futebol no campinho da Comtel.....	87
5.4	O pedaço.....	88
5.5	“Vocês são loucos! Isto não vai acabar bem.”.....	89
5.6	O grupo de teatro.....	95
5.7	O grupo de dança.....	104
6	“FAZER VIVER” E “DEIXAR MORRER”: A “VIDA NUA” E A FIGURA DO <i>HOMO SACER</i> NA PERIFERIA.....	106
6.1	O <i>Homo sacer</i> e a produção da “vida nua”.....	106
6.2	Já ouviu falar no Mathiaca?.....	109
7	A POLÍTICA DE EVENTOS E SUAS PUBLICIZAÇÕES.....	115
7.1	Os eventos.....	115
7.2	O 23º aniversário do bairro Guajuviras.....	116
7.3	O 24º aniversário do bairro Guajuviras.....	121
7.4	O servidor de dois patrões.....	126
7.5	O evento no Centro Olímpico Municipal do bairro Igara entre o Pronasci/PELC dos bairros Guajuviras e Mathias Velho.....	134
8	OS JOVENS E OS SOLDADOS NO MORRO.....	140
9	“AQUI É UM LUGAR BOM”, MAS “O GUAJÚ TÁ FICANDO SINISTRO”: AS IMPOSIÇÕES DA SOCIEDADE DE CONTROLE E AS RESISTÊNCIAS.....	149
9.1	As rasuras no discurso hegemônico: a construção social de outras realidades.....	149
9.2	O (des)governo: caminhos existenciais alternativos como focos de resistência.....	152
9.3	Os aparelhos tecnológicos “sinistros” de vigilância e monitoramento.....	159
	À GUIA DE NÃO CONCLUIR: ESTÁ RUIM? MAS ESTÁ BOM!.....	167
	REFERÊNCIAS.....	178
	ANEXO A – Materiais de divulgação e recortes de jornais.....	184

INTRODUÇÃO: PRA COMEÇO DE CONVERSA

A violência está entre os fenômenos sociais que constituem a vida coletiva e que vêm se apresentando como problemática social na atualidade, de modo especial, nas favelas e periferias do Brasil, onde o tema da segurança pública está na ordem do dia. Em uma sociedade que vem sendo interpelada por constantes transformações quanto aos investimentos econômicos e políticos sobre a vida, aborda-se, ao longo desta dissertação, como resultados de produções discursivas vão classificando, hierarquizando, categorizando, ou seja, vão posicionando sujeitos e grupos em determinados lugares sociais e políticos, de modo especial dos habitantes das periferias e dos jovens que lá habitam.

Diante disso, neste estudo focalizo como o bairro Guajuviras, localizado na cidade de Canoas, Rio Grande do Sul, foi sendo envolvido em uma produção discursiva que o posicionou na condição de um local a ser governado para ser pacificado através de políticas de segurança pública. São justamente os modos como o Estado está se fazendo presente no bairro, bem como os discursos produzidos pelos sujeitos que estão sendo afetados pela atual presença estatal que constituem meu objeto de pesquisa. Nesse sentido, busquei pesquisar, a partir da análise do discurso, como algumas ações de segurança pública, que têm no Estado uma entre as diversas forças que as conduzem, foram sendo embasadas e justificadas em nome de uma suposta paz social.

Com a realização da pesquisa, procurei problematizar as seguintes questões:

- Como o bairro Guajuviras, desde sua ocupação, foi sendo construído socialmente como local a ser transformado em um *Território de Paz*?
- Que formas de investimentos políticos sobre as vidas dos sujeitos habitantes do bairro Guajuviras, de modo especial dos jovens, estão sendo colocadas em movimento?
- Como são produzidas e vivenciadas as formas de sociabilidades dos jovens habitantes do Guajuviras?
- Quais discursos são produzidos pelos jovens acerca do local que habitam e das ações de segurança pública investidas no bairro que estão interpelando suas vidas?

Enfim, a ideia central desta dissertação é que os jovens do Guajuviras estão envolvidos e posicionados por uma produção discursiva que inventou o bairro que habitam como território a ser governado e pacificado por um conjunto de dispositivos de segurança, num lugar em que o cotidiano de potência de vida e histórias de lutas e resistências foi suprimido

pelos discursos que construíram uma realidade social de um bairro reprodutor do fenômeno da violência. Este estudo se nutriu de amplas consultas bibliográficas, observações diretas, discussões acadêmicas, conversações informais no dia a dia, entrevistas e grupos de discussão com os sujeitos da pesquisa, assim como com outros habitantes do bairro. Assim, cabe ressaltar que a proposta do trabalho tem a pretensão de simplesmente apresentar um ponto de vista, visto que os fenômenos produzidos que constituem a vida na coletividade são múltiplos e complexos.

No capítulo 1, *A pesquisa e o método: os jovens no seu espaço de sociabilidade*, realizo a introdução ao tema desta dissertação, destacando minhas motivações pessoais e acadêmicas, bem como as que proporcionaram o início do presente estudo a partir das conexões que fui estabelecendo com a temática estudada. Encerro o capítulo explicando como se deu o desenvolvimento da presente pesquisa, à medida que fiz desta uma espécie de continuidade a uma pesquisa etnográfica anterior, quando ainda estava na condição de bolsista de pesquisa de iniciação científica. Retornei ao campo de estudos ocupando também a condição de coordenador de uma das ações do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania investidos no bairro: o Pronasci/PELC.

O capítulo 2, *As diversas formas de socialização dos corpos e as sociabilidades*, talvez seja o mais teórico desta dissertação. Pretendo, ao longo de suas seções, pontuar as diversas formas de controle usadas ao longo da história da sociedade ocidental. Nessa direção, apresento o estudo genealógico realizado por Michel Foucault, que identificou ao longo dos anos as transformações ocorridas nos investimentos político-econômicos sobre a vida humana. O filósofo identificou a passagem de uma forma de investimento que chamou de “sociedade de soberania” à “sociedade disciplinar”, a partir do que denominou “biopolítica” (política sobre a vida) através de um conjunto de dispositivos (discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis etc.) com vistas a tornar os sujeitos dóceis e produtivos para a sociedade capitalista. Para uma melhor compreensão e complemento acerca dos investimentos políticos e econômicos sobre a vida, também recorro aos estudos de Peter Berger e Tomas Luckmann, que identificaram os processos de “socialização primária” e “socialização secundária” como formas de interiorização e manutenção de uma realidade socialmente construída. Assim, pensando com Foucault e dando prosseguimento às suas análises a partir do atual contexto, o filósofo Gilles Deleuze conceituou a atual sociedade como “de controle”, em que os mecanismos de disciplinamento dos corpos não desaparecem, mas ampliam sua atuação, possibilitando o controle de modo contínuo, prescindindo mesmo das instituições disciplinares ou de socialização secundária,

promovidos por um capitalismo que Richard Sennett apontou como “mais flexível”. Pensando com Deleuze, apresento de modo introdutório, trazendo como referência o Brasil, a identificação de focos de investimentos políticos característicos da sociedade de controle, como as ações do Estado, de modo especial nas favelas e periferias, onde são citados como exemplos os investimentos por meio de políticas de segurança pública, nas quais o principal alvo consiste no controle das formas de sociabilidades juvenis no sentido *simmeliano*.

No terceiro capítulo, *A construção social do bairro Guajuviras*, apresento a história de lutas, resistências e conquistas dos habitantes do bairro desde sua ocupação, em 1987, e como, ao longo dos anos após sua ocupação, foi envolvido por uma produção discursiva que o inventou como uma população a ser governada e pacificada através do conjunto de ações do Pronasci. Assim, são expostos quadros ilustrativos com excertos retirados de alguns jornais impressos de circulação local, regional e nacional a partir do ano de 2007, com abordagens, ressaltando os modos como foram sendo publicizados eventos sobre o bairro. Como construímos e representamos nossa vida cotidiana? Como os sujeitos, os grupos ou as populações vão ocupando determinados lugares sociais e políticos na vida em coletividade? A que se denomina *realidade*? Refletir sobre essas indagações conduz à análise de como os discursos posicionaram o bairro como mazela social, supondo que a mídia ocupa papel central, pois faz referência, colaborando e convocando em certo ponto a presença estatal por meio de ações de segurança, justificadas em discursos de gestores e servidores do Estado, bem como de parcela dos habitantes do bairro. Por isso, esse capítulo pretende discutir certas categorias que resultaram na fusão entre os discursos da segurança veiculados pela mídia, bem como por segmentos da sociedade, num exame da produção discursiva criada em torno do bairro que construiu uma realidade: do território a ser pacificado.

No capítulo 4, *Dispositivos de segurança e participação*, abordo como iniciou, na prática das ações do Pronasci no bairro Guajuviras, a implementação do Pronasci/PELC. Também relato a dupla preocupação devido à condição complexa em que eu estava posicionado, exercendo a função de coordenador e pesquisador, no sentido de que minha condição de coordenador de núcleo do Pronasci/PELC não afetasse a sensibilidade necessária para a identificação da dinâmica social posta no bairro. Descrevo, ainda, como as sociabilidades juvenis foram governadas, ou seja, as mesmas atividades que os jovens do bairro Guajuviras já praticavam (futebol, basquete, dança, teatro) passaram a ser tuteladas, com o oferecimento dessas atividades sob a orientação e a vigilância de agentes de esporte e lazer em instituições e espaços públicos.

Já no capítulo 5, *Um bom lugar: as múltiplas formas de sociabilidades*, ofereço uma observação de diversas práticas sociais e sociabilidades protagonizadas pelos jovens. A proposta consiste em focalizar as multiplicidades e as diversidades de gostos, interesses, significados, jocosidades e a inserção no que Georg Simmel conceituou como diferentes “círculos sociais”. Esse capítulo possui uma tarefa de desconstrução da produção discursiva hegemônica que embasou a implementação dos dispositivos de segurança e participação para a transformação do bairro em um *Território de Paz*. O que proponho é colocar em cena o sujeito múltiplo, fazendo alusão às muitas e múltiplas formas de se significar no mundo. Assim, recupero-se, por exemplo, as análises de Georg Simmel, dos antropólogos brasileiros Jose Guilherme Cantor Magnani e Édison Luis Gastaldo, bem como outros estudos da área da antropologia, como os de Marcel Mauss e Radcliffe-Brown, na medida em que noções como formas de sociabilidades, inserção em diferentes círculos sociais e relações de jocosidade se encontram para a provocação de incertezas em relação à construção discursiva vigente. Em suma, esse capítulo faz referência às culturas juvenis e às diferentes formas de sociabilidades que são experimentadas e vivenciadas de múltiplos modos pelos sujeitos.

No capítulo 6, “*Fazer viver*” e “*deixar morrer*”: a “*vida nua*” e a *figura do Homo sacer na periferia*, discorro sobre os estudos do filósofo italiano Giorgio Agamben, o qual, pensando com Foucault, faz um contraponto às análises do filósofo francês, salientando que, diferentemente do que Foucault identificou, a soberania não se exerce sobre as coisas, riquezas e bens, e, sim, sobre a vida humana. Para Agamben, aquele que decide, categoriza, classifica, ou seja, aquele que define o lugar político e social a ser vivido pelos sujeitos ou grupos, é soberano, recuando o conceito de biopolítica proposto por Foucault até a antiguidade, onde identificou o *Homo sacer*: figura do direito romano arcaico que representava sujeitos que tinham seus direitos suspensos, tornando suas vidas sem valor e matáveis, quando punidos com a exclusão da política da cidade – ou seja, uma exclusão que incluía o sujeito em uma esfera para fora do direito, produzindo a simples vida, a vida natural (*zoe*), a vida sem direitos, a “vida nua”, em que o seu assassinato não era considerado homicídio, visto que sua vida estava excluída da esfera do direito, do ordenamento social, logo, incluída em uma zona de indistinção. Diante disso, utilizo como metáfora o caso ocorrido com um dos jovens participantes do Pronasci/PELC, que apresenta analogias ao paradoxo da biopolítica da atual sociedade proposta por Agamben que torna a vida *sacer*, ou seja, produz a vida nua. Esse jovem foi incluído no programa de esporte e lazer devido aos efeitos de verdade produzidos pela construção discursiva que o posicionou como sujeito social a ser docilizado, contudo foi excluído dos padrões de tudo aquilo que foi delimitado

como conduta socialmente aceita pela mesma produção discursiva que o colocou nas atividades esportivas promovidas pela política de segurança. Nesse capítulo, procuro estabelecer alguns dos postulados do caráter paradoxal dos investimentos políticos sobre a vida da atual sociedade de controle.

No sétimo capítulo, *A política de eventos e suas publicizações*, trato do intenso calendário de eventos aos quais os jovens atuantes das atividades do Pronasci/PELC foram convocados a participar no primeiro ano de funcionamento do programa. Suponho o quanto esses eventos fizeram parte das estratégias do programa, no sentido da possibilidade, na produção de discursos, de modo a tornar público que a política de segurança estava surtindo efeito. Ao longo das seções que compõem esse capítulo, aponto evidências de que as ações planejadas pela política pública prevaleceram, ainda que os jovens não raras vezes estivessem submetidos a situações que impactavam, de modo especial, suas apresentações artísticas, bem como a criação e os ensaios coreográficos e de esquetes teatrais, o que provocou frequentes descontentamentos. Os objetivos propostos pelo programa de segurança, em certa medida, foram consolidados, visto que os focos de resistências e subversão se apresentam de modo minúsculo. Contudo, na seção que finaliza esse capítulo, apresento novamente outro exemplo representativo, ocorrido em um dos eventos do programa, que vai de encontro à produção discursiva que qualificou o bairro e seus jovens habitantes, de modo especial, a serem pacificados.

O capítulo 8, *Os jovens e os soldados no morro*, como indica o título, diz respeito à relação entre a polícia e os jovens. Trata também da análise dos discursos produzidos pelos jovens quanto às suas relações com a polícia, assim como as relações de poder postas no cotidiano entre os sujeitos envolvidos. Definitivamente, esse capítulo procura colocar em relevo o quanto e como os jovens estão envolvidos e submetidos pela trama discursiva que constituiu o bairro Guajuviras ao longo dos anos.

Finalmente, no capítulo 9, *“Aqui é um lugar bom”, mas “o Guajú tá ficando sinistro”*: *as imposições da sociedade de controle e as resistências*, discorro sobre os discursos formulados pelos jovens, apresentando evidências de como estão, em certo ponto, afetados pela produção discursiva hegemônica que os colocou na posição de sujeitos que produzem riscos sociais, corroborando e/ou, em determinadas situações, contestando e não representando a si mesmos ao que foram categorizados. Os jovens produziram, nesse sentido, contradiscursos ao que estão expostos, ressaltando as positivities do local que habitam, bem como as inquietações e os focos de resistências aos dispositivos de segurança a que estão sendo interpelados.

1 A PESQUISA E O MÉTODO: OS JOVENS NO SEU ESPAÇO DE SOCIABILIDADE

1.1 Dos inícios do tema à preocupação etnográfica

Foi no bairro Guajuviras que dei início a esta investigação. Tudo começou com uma bolsa de pesquisa; posteriormente, uma bolsa de iniciação científica, inaugurada no mês de outubro de 2006, quando ainda era estudante de graduação no curso de Educação Física. Foi o que me permitiu abrir mão do emprego de cobrador de ônibus na cidade de Alvorada/RS.

Esse período, embora desgastante e difícil, se tornou necessário para alguém que estava há tanto tempo desempregado e que almejava a retomada no curso universitário, inviável pela condição financeira. Depois de um longo período sem emprego formal, em setembro de 2003 fui contratado como cobrador por uma empresa de ônibus da cidade de Alvorada/RS, o que possibilitou a retomada aos estudos na universidade, no curso de Educação Física, contando com a ajuda financeira de minha mãe, com o seu salário de doméstica na *casa grande*¹.

Foram momentos daqueles de durezas que a vida nos impõe. Não tinha horário fixo de trabalho e minhas noites de repouso duravam em média quatro horas, visto que acordava às 4h30min para chegar às 6h na garagem da empresa para iniciar o trabalho, pois me deslocava da cidade de Canoas, e retornava para casa por volta de 23h30min, após a aula na universidade. Não obstante, ainda era visto e tratado como o *neguinho*², o *cofradorzinho*. Com o tempo, isso tudo foi me provocando um grande desgaste, ao ponto de muitas vezes ser acordado pelos usuários do transporte coletivo na roleta, para receber o valor da tarifa, e afetou minha interação e meu aprendizado em sala de aula na universidade.

Esse quadro começou a ser modificado após o convite do professor Antonio Luis Carvalho de Freitas, no final do ano de 2005, para atuar como estagiário em um projeto social de esporte e lazer destinado aos jovens na cidade de Canoas, gerenciado pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) em parceria com a Prefeitura Municipal de Canoas. Em janeiro de 2006, acabei pedindo demissão da empresa de ônibus para estagiar no projeto social, seguindo as orientações dadas pelo professor Antonio Luis, de que seria importante que eu tivesse

¹ Gilberto Freyre (2006), em sua obra *Casa grande e senzala*, publicada em 1933, sustenta a tese de democracia racial, desde a época da organização social e política que se instaurou no Brasil Colonial. Ao longo de sua obra, o autor faz um elogio à miscigenação, ao hibridismo luso-brasileiro como elemento positivo e à força da nação brasileira, bem como faz referência ao “bom relacionamento” entre os senhores e os “empregados” negros que eram “promovidos” a trabalhar no interior da casa grande, tornando-se de “confiança”, por serem os sujeitos que se submetiam docilmente às regras do senhor.

² Como bem salienta Damico (2011), “o fantasma colonialista ainda nos persegue”, graças à insistente tentativa de manutenção desse tipo de relação hierárquica promovida por segmentos da sociedade.

dedicação exclusiva às atividades acadêmicas. Posteriormente, recebi uma bolsa de iniciação científica do professor José Geraldo Soares Damico, ainda no primeiro semestre de 2006, no qual fui vinculado ao Núcleo de Pesquisa em Políticas Públicas de Esporte e Lazer da Cidade (NUPÉ da Cidade), coordenado, na época, pelo próprio professor Damico. O grupo tinha, como atividades, pesquisas de campo acerca das sociabilidades juvenis e a produção de artigos com um olhar das Ciências Sociais. Após o vínculo ao grupo, participei da coleta de dados da pesquisa chamada *Mapa do lazer juvenil da cidade de Canoas-RS*, que foi criada pelo grupo de professores docentes da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), em parceria com a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), de Santa Maria/RS, a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), de São Leopoldo/RS, e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de Porto Alegre/RS. O objetivo principal desse estudo foi verificar o impacto das vulnerabilidades sociais na organização das atividades de lazer dos jovens e em seus demais processos sociais. A fonte financiadora foi a Rede CEDES/Ministério dos Esportes.

O interesse pelo estudo etnográfico iniciou com o resultado da *survey* dessa pesquisa, realizada com jovens estudantes com idades compreendidas entre 10 e 24 anos. A amostra foi composta por 2.608 estudantes cursando o ensino fundamental e médio de escolas públicas e privadas da cidade. Foi feito um recorte da amostra, em que se teve como critério de inclusão questões de vulnerabilidades sociais, como número de filhos que os jovens tinham e contato ou não com drogas. Também foram consideradas questões relacionadas à violência urbana, a partir da variável *perdeu pessoa próxima de forma violenta*, com opções de resposta *sim* e *não*. O vínculo com a pessoa que morreu de forma violenta contava nove possibilidades de resposta: *amigo, primo, irmão, pai, avô/ó, namorado/ex, irmã, mãe, outro*. E, por fim, questões relacionadas a atividades esportivas, de lazer e culturais. O objetivo principal foi verificar o impacto das vulnerabilidades sociais na organização das atividades de lazer dos jovens.

Participaram da *survey* os estudantes que compuseram as turmas selecionadas e que compareceram à aula no dia em que o questionário foi aplicado, no mês de novembro de 2006, nos turnos da manhã e da tarde. O estudo foi aplicado simultaneamente por professores e bolsistas do grupo, em todas as escolas que participaram da amostra, durante uma segunda-feira. A *survey* foi aplicada intencionalmente na segunda-feira para que os estudantes pesquisados tivessem recordações recentes das atividades mais importantes que realizaram no último final de semana, nas suas opiniões.

O estudo revelou que 2% dos jovens entrevistados tinham filhos, 62% conheciam alguém da sua idade que tinham filhos, 5,8% conheciam alguém da sua idade que tinha aids, 34% já tinham visto alguém consumindo maconha, 3,5% consumiam ou já tinham consumido maconha, 38,3% já tinham visto alguém consumindo cocaína/*crack*, 2,4% consumiam ou já haviam consumido cocaína/*crack*, 25,6% já haviam perdido pessoa próxima de forma violenta, como amigos, parentes, pais e namorado. O estudo também identificou múltiplas formas de organização das atividades de lazer e manifestações culturais protagonizadas pelos jovens; por exemplo, um dos professores do grupo catalogou aproximadamente 200 grupos musicais somente no bairro Guajuviras.

A *survey* foi uma ferramenta que possibilitou o acesso a uma série de dados relacionados a diversos fenômenos sociais que inquietaram o grupo de pesquisa, por terem sido mais significativos no bairro Guajuviras do que nos demais bairros da cidade. Desde então, despertou-me o interesse em conhecer melhor esse bairro e alguns dos jovens que foram sujeitos da investigação.

Tive essa oportunidade a partir de outra pesquisa do grupo, desenvolvida no ano de 2008, chamada *Espaços esportivos de lazer e sociabilidade cotidiana: um estudo etnográfico*, que teve como objetivo principal pesquisar as práticas cotidianas, as sociabilidades e de que maneira os espaços públicos de lazer estavam sendo apropriados e utilizados pela população de Canoas e, de modo especial, quais significados tinham para os frequentadores de determinado espaço público.

No mês de fevereiro de 2008, o grupo de pesquisa se reuniu na Unisinos para tratar do desenvolvimento da pesquisa que seria realizada simultaneamente nas cidades de Canoas, São Leopoldo e Santa Maria. Com uma composição mais ampla, o grupo de pesquisa contava com acadêmicos e professores de Educação Física da Ulbra e acadêmicos e professores de Educação Física e Ciências Sociais da Unisinos e da UFSM, sob a coordenação geral do professor antropólogo Édison Luis Gastaldo, à época docente da Unisinos. Como o material humano não possibilitava a realização da investigação em todos os espaços públicos da cidade, e como eu era o único morador da cidade de Canoas do grupo de pesquisa, fui solicitado a escolher quais os espaços públicos seriam mais significativos no momento para a realização da investigação na cidade de Canoas. Sugeri um parque esportivo, o Parque Esportivo Eduardo Gomes, localizado no bairro Fátima e quatro praças, entre eles a *Praça da Brigada Guajuviras*, localizado no bairro Guajuviras. Esses espaços escolhidos foram motivados pelos resultados das pesquisas anteriores, pois estavam localizados em bairros onde foram encontrados de modo mais significativo alguns resultados da *survey* que

entendemos importantes. Definidos os espaços para a investigação, cada acadêmico auxiliar de pesquisa ficou responsável pela realização do estudo em uma das praças e no parque esportivo. Eu manifestei o interesse da realização do estudo na Praça da Brigada Guajuviras, instigado pelos resultados da *survey*, bem como pelas situações que desde criança eu ouvia, lia ou me eram relatadas sobre o bairro. Fiquei oito meses realizando o estudo etnográfico no bairro, resultando em algumas publicações e um vídeo sobre a utilização dos espaços públicos de lazer pelos jovens, chamado *Praça pública* (GASTALDO et al., 2008).

Ao longo de oito meses de estudo etnográfico na Praça da Brigada Guajuviras, pude identificar múltiplas manifestações culturais, com seus diversificados modos de ocupação da praça, bem como o estreitamento de minhas relações com esses jovens. Destaco grupos de futebol, de basquete, de voleibol, de *street dance*, de *rap* e um *MC*, que utilizavam a praça como espaço de encontro e prática de suas atividades com significativa frequência (ROSA et al., 2008).

Um mês após o final de meu curso de graduação de licenciatura em Educação Física, que ocorreu em agosto de 2009, casualmente tomei conhecimento do edital de processo seletivo para atuar na coordenação geral ou de núcleo do Pronasci/PELC. Numa manhã de segunda-feira de setembro de 2009, acessei a internet na busca de sites de prefeituras municipais para, quem sabe, encontrar editais de abertura de concursos públicos para cargo de professor. Como eu havia concluído o curso superior, estava a poucos dias de deixar o estágio que estava realizando no Centro de Integração Primeiro de Maio (Ceprima), pela Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SME) da Prefeitura de Porto Alegre. Eu estava em um momento de transição e um sentimento entre a alegria, por ter concluído plenamente o curso superior de Educação Física, e preocupação, porque já vinha de um momento bem delicado no que diz respeito a recursos financeiros.

Desde janeiro de 2006 vivendo somente de estágios e bolsas auxílio de pesquisa na universidade, os recursos financeiros que eu recebia quase não davam para a garantia do básico necessário aos meus filhos, como alimentação, fraldas e medicamentos, quando por vezes adoeciam; aliás, este consistia num momento de significativos gastos, pois qualquer medicamento para o tratamento das crianças, na condição em que me encontrava, era uma fortuna, já que raras vezes sobrava algum dinheiro. Era a preocupação que me acompanhava no dia a dia, pois ficava refletindo: se na condição de estagiário já não estava fácil, como seria sem emprego? Então, como mencionado acima, tomei conhecimento do edital para ingresso na coordenação do PELC, o que se deu exatamente no dia em que o prazo para inscrições e envio de currículos se encerrava. Assim que tomei conhecimento dos requisitos exigidos para

a participação do processo seletivo, preparei o currículo e horas depois enviei para o endereço eletrônico indicado no site da prefeitura de Canoas. Após dois dias, fui contatado para o agendamento da entrevista.

A remuneração para o cargo de coordenador geral ou de núcleo do Pronasci/PELC foi o aspecto que instigou meu interesse no primeiro momento, no entanto a possibilidade de estar atuando na condição de coordenador de um projeto social esportivo, em que pese ainda tal projeto ser vinculado a uma política pública de segurança, também muito me instigou. Esse estímulo se devia às leituras e às pesquisas sobre as sociabilidades juvenis e as políticas públicas de esporte e lazer que eu já vinha vivenciando na condição de bolsista de iniciação científica e à minha própria história de vida, que em certo ponto não era tão distante das vidas de parcela dos jovens que seriam o público-alvo do investimento do Estado. Como o grupo de pesquisa já vinha analisando e discutindo criticamente as políticas públicas de esporte e lazer, compreendi como uma boa oportunidade de vivenciar os *bastidores* de uma política pública, com seus objetivos e suas estratégias de funcionamento.

Todos esses aspectos citados instigaram-me a ingressar no curso de mestrado, no qual visualizei uma oportunidade de dar continuidade às pesquisas realizadas anteriormente pelo grupo de pesquisa no bairro Guajuviras, onde já vínhamos pesquisando as sociabilidades juvenis antes de o bairro ser selecionado a receber um conjunto de investimentos em políticas públicas de segurança. O interesse em ingressar no Mestrado em Ciências Sociais na Unisinos decorreu do fato de eu já conhecer a universidade quando tive a oportunidade de desenvolver a pesquisa etnográfica sobre as sociabilidades juvenis nos espaços públicos de lazer, sob a coordenação do professor Édison Luis Gastaldo, na época professor adjunto do PPGCS³ da Unisinos. Assim, após o processo seletivo, foi oficializado o anteprojeto, que apresentava como proposta uma investigação da representação e dos significados das políticas públicas de segurança para os jovens no bairro que habitam, através de um estudo etnográfico.

1.2 O método etnográfico como ferramenta de pesquisa

Minha opção metodológica inscreve-se no espectro das etnografias (MALINOWSKI, 1978; FONSECA, 2004; MAGNANI, 1998, 2005), escolha que gradativamente tem ganhado espaço no campo das Ciências Sociais. A pesquisa etnográfica atual tem mobilizado investigadores a buscarem compreender como determinados grupos se organizam e

³ Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

significam suas vidas. A etnografia consiste em uma metodologia que busca, através da convivência profunda e prolongada do pesquisador com o/s grupo/s estudado/s, um estreitamento das relações e um compartilhamento dos modos de se significar no mundo dos pesquisados. A metodologia etnográfica possui basicamente, como técnicas de pesquisa, a *observação participante* – inserção e participação do pesquisador nas atividades dos grupos pesquisados articuladas à observação sistemática – e o *diário de campo*, que consiste no relato pessoal das impressões e da vivência do pesquisador no cotidiano estudado.

No caso específico desta dissertação, busquei verificar os discursos produzidos pelos jovens aos dispositivos⁴ de segurança pública e, especialmente, às práticas cotidianas esportivas, de lazer e culturais oferecidas pelo Pronasci/PELC no bairro Guajuviras, como um dos programas dessa política de segurança pública mais ampla. Desse modo, a escolha recaiu novamente em uma pesquisa etnográfica, uma vez que poderia, através dela, entender questões que já vinha pesquisando e o atual contexto que a população do bairro, de modo especial os jovens, está vivenciando. Para Gilberto Velho, a vivência dos jovens no tempo livre do trabalho e da escola possibilita-nos “mapear e analisar os múltiplos pertencimentos de *sujeitos* e grupos característicos” (2006, p. 193, grifos meus).

O estudo é de corte qualitativo, uma vez que a pesquisa trata de acompanhar, descrever e interpretar os discursos produzidos pelos jovens moradores do bairro Guajuviras acerca dos dispositivos de segurança que os interpelam e, de modo especial, às suas experiências de sociabilidades nas atividades de esporte e lazer nos núcleos do Pronasci/PELC. O procedimento que utilizei foi o diário de campo, no qual pude, ao longo de 29 meses, tomar notas, relê-las e, assim, perceber coisas que meu olhar já contaminado não permitia. Cabe lembrar que, no sentido de completar informações, realizei grupos focais com alguns jovens que participam de atividades de esporte e lazer do Pronasci/PELC e colhi informações de estagiários que atuavam no programa.

Nesses 29 meses em que estive convivendo com os jovens do bairro, além dos outros oito meses com a pesquisa anterior, conheci muitas pessoas e acabei fazendo algumas grandes amizades. Foi um período em que me senti muito à vontade no bairro, pois eu frequentava a residência de algumas pessoas, as vilas que compõem o bairro, as praças, os centros

⁴ Dispositivo consiste em um conceito forjado pelo filósofo Michel Foucault, que diz respeito a “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. [...] O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. [...] Em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. [...], entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante.” (FOUCAULT, 2008a, p. 244).

comunitários, as escolas, e lá muitas vezes passava a tarde, até o anoitecer, conversando com moradores e jogando futebol com os jovens e, após setembro de 2009, também exercendo minha função como coordenador de núcleo do Pronasci/PELC. Não raras vezes, passei o dia no bairro e jantava na Escola Municipal Carlos Drummond de Andrade com professores, alunos e funcionários que consistiam um dos núcleos de esporte e lazer que eu coordenava diretamente. É a partir dessa vivência que construo esta narrativa e darei seguimento a este trabalho.

De modo geral, minhas andanças no campo foram bem menos difíceis do que na primeira pesquisa, realizada em 2008. Minha expectativa reticente, penso que se devia ao meu retorno ao bairro, não por se tratar de situações que ainda não tivesse vivenciado, mas muito provavelmente por eu estar retornando ao bairro não mais somente como estudante de graduação auxiliar de pesquisa, mas agora também como coordenador de um núcleo de um dos projetos de uma política pública de segurança mais ampla. Lá, tratava-se de ruas e muitas pessoas que eu já conhecia. Esse fato – percebo agora, depois de idas e vindas com minhas notas no diário de campo – foi fundamental para eu compreender que o mundo social dos moradores das grandes periferias não é tão distante, apenas diferente. Eu, negro, também de origem pobre, morador de outro bairro da mesma cidade, pude aos poucos descrever relações de amizade, medos, iniciativas e ações das secretarias municipais de Esporte e Lazer e Segurança Pública e Cidadania, pensando e recordando da minha história e do meu lugar, de tudo que vi, passei e vivenciei e ainda vivencio, ao mesmo tempo em que pude entrar na vida daquelas pessoas, ser guiado por elas. Mesmo não sendo de uma forma linear, posso dizer que minha condição, parecida com a maioria das pessoas do bairro Guajuviras, facilitou meu retorno naquele universo, ainda que essa nova situação, agora como professor e coordenador de um dos núcleos de um programa de esporte e lazer no âmbito de uma política de segurança pública, estabelecesse um lugar de distinção de certo valor, como alguém que pudesse um dia trazer mudanças.

2 AS DIVERSAS FORMAS DE SOCIALIZAÇÃO DOS CORPOS E AS SOCIABILIDADES

2.1 O projeto histórico da modernidade e as grandes explicações macrosociais: uma breve introdução

A modernidade caracteriza-se por uma organização social que emergiu na Europa em meados do século 18, por meio de transformações institucionais e produção de metarrelatos, ou seja, a construção de atributos que buscam constituir os sujeitos, modelando-os, por meio de processos homogeneizantes para a formação de uma *boa sociedade*, um projeto histórico para a consolidação de um modelo de sociedade. Possui como principais características o seu projeto de emancipação, partindo de ações para um ordenamento de sociedade. “A Modernidade nasce quando a *constatação* do ser na metafísica do infinito sofre uma mutação e dá lugar à *interrogação* do ser por aquele que conhece” (ARAÚJO, 2008, p. 109). Evidencia um tempo marcado pelo desejo de distribuição, ordenamento e organização social, o qual,

[...] através dos conhecimentos científicos que produziu, tentou explicar e categorizar as coisas, os fenômenos e também as pessoas. Esses conhecimentos criaram categorias e subcategorias, cada vez mais minuciosas e detalhadas que permitiram colocar em operação um exercício de classificação e enquadramento de tudo aquilo que escapa da ordem, do natural, da pureza, da perfeição, enfim, do ideal moderno. (LOPES et al., 2010, p. 9).

Essas categorizações, classificações e hierarquizações dos sujeitos começaram a ser colocadas em funcionamento nas instituições modernas (escola, fábrica, hospital psiquiátrico, prisão) a partir do fim do século 18, com o propósito de torná-los observáveis, explicáveis, governáveis, dóceis e funcionais no seio do projeto moderno de sociedade. Esse projeto de sociedade que iniciou no século 18 com o nascimento das instituições modernas foi chamado pelo filósofo Michel Foucault de “sociedade disciplinar”. Gadea (2007, p. 37) aponta a modernidade como um projeto que objetiva a

[...] “domesticação dos instintos”, a sujeição das vontades individuais, a canalização de desejos pessoais para fins gerais e o disciplinamento de ambições em função de objetivos sociais que se materializam com os estatutos jurídico-institucionais e a regulação e controle social são alguns exemplos disso.

Nesse sentido, o disciplinamento, a docilidade e a funcionalidade dos corpos podem ser pensados como processos inerentes da dinâmica da modernidade.

O ponto de partida do projeto da modernidade consistiu na reforma e na reorganização do sistema judiciário e penal no ocidente, quando foi criado um conjunto de categorias que

definiram o que era um sujeito criminoso e a função que deveria ter a prisão para agir sobre esses sujeitos. Atuando por processos de repartição dos corpos a partir de uma vigilância contínua, a prisão tinha como objetivo a correção dos desvios, dos comportamentos não econômicos dos sujeitos, extraindo o máximo de suas potencialidades para torná-los dóceis e funcionais para a sociedade capitalista. “Além da produção da ‘alma’ do criminoso, a prisão é útil por incluir certas ilegalidades” (ARAÚJO, 2008, p. 74) que foram inventadas ou delimitadas para puni-las, corrigi-las, para transformá-las em recurso útil ao capital.

Vale notar, nesse sentido, que o que foi delimitado como crime passou a ser compreendido como ofensa à sociedade e deve, então, ser punido e corrigido. A prisão passou a possuir um caráter mais *correcional*, com a disciplina controlando as atividades dos corpos, produzindo sujeitos normalizados, dóceis e úteis. Desse modo, no projeto da modernidade a prisão constitui a forma que convém ao novo modelo social e econômico. Na modernidade, o sujeito tomado individualmente ganhou significativa centralidade, para dele se extrair o máximo de docilidade e utilidade. A prisão o fez, mas esse processo também se ampliou por uma série de outras instituições, procurando o modo de disciplinar os sujeitos da melhor maneira possível, como a escola, a fábrica, o hospital psiquiátrico, o exército e a polícia, “que funcionam como máquinas poderosas para esquadrihar, desarticular e compor as forças corporais” (ibidem, p. 79). No projeto da modernidade,

[...] a separação e a classificação dos doentes passa a ser elemento essencial para a cura. A separação por atividade e função passa a ser elemento econômico-produtivo. As classes, as séries, as provas, a repartição por idade fazem parte da pedagogia. Todos eles induzem à obediência e à economia de tempo e gestos, observa Foucault. (ibidem, p. 80).

Esse processo de separação e classificação entre os muros das instituições modernas teve como base as ciências humanas, que consistem no mais nobre fruto da modernidade. Os conhecimentos científicos produzidos pelas ciências humanas possibilitaram a construção de saberes sobre os sujeitos, permitindo categorizá-los, compará-los e identificá-los dentro de um conjunto de categorias construídas que os posicionaram como normais ou anormais⁵. A modernidade foi um projeto que buscou a diferenciação, distinguindo o criminoso do não criminoso, o normal do anormal, em um tipo de investimento no qual os sujeitos eram examinados, fixados em processos de repartição, hierarquizados, punidos, corrigidos e recompensados em uma sociedade que, “ao lado do poder da Lei, do Texto e da Tradição,

⁵ O termo “anormal” é utilizado por Michel Foucault (2001) para referir um variado número de sujeitos que foram incluídos em categorias que escapam daquilo que foi delimitado como normalidade social, através de construções discursivas e saberes que classificaram e hierarquizaram os sujeitos na sociedade.

dispõe do poder da *Norma*” (ARAÚJO, 2008, p. 81). As práticas de normalização foram o cerne do projeto da modernidade aperfeiçoada pelas ciências humanas e se expandiram para as instituições modernas, cada uma com suas especificidades, em nome de uma nova razão de Estado que busca a produção de verdades sobre os sujeitos para torná-los úteis, dóceis e funcionais.

A modernidade, com a utilização das ciências humanas, produziu a sociedade disciplinar, em que todo sujeito tornou-se alvo de um saber para a correção, a docilidade e a utilidade. A sociedade disciplinar põe em evidência a

[...] sociedade do professor juiz, do médico juiz, do educador juiz, do assistente social juiz [...] e cada um no ponto em que se encontra submete o corpo, os gestos, os comportamentos, as condutas, as atitudes, as performances. [...] sob suas formas compactas ou disseminadas, com seus sistemas de inserção, distribuição, vigilância, observação, foi o grande suporte, na sociedade moderna, do poder normalizador. (FOUCAULT, 1984, p. 311).

A norma, desse modo, encontra-se posicionada no centro do projeto da modernidade como “um princípio de comparação, de comparabilidade, uma medida comum que se institui na pura referência de um grupo a si próprio, a partir do momento em que se só relaciona consigo, sem exterioridade, sem verticalidade” (EWALD, 2000, p. 86). Lopes e outros (2010, p. 11) complementam:

Para a norma, não existe exterioridade, nada escapa ao seu abrigo, ela captura todos. Não há determinados sujeitos que se encontram fora do abrigo da norma e outros que estão no seu interior. Todos os sujeitos, sejam eles normais ou anormais, estão na norma, são capturados por ela e, por meio de saberes produzidos, são classificados, ordenados, comparados e distribuídos. Mesmo aqueles sujeitos que, usualmente, marcamos como marginalizados estão na norma.

2.1.1 A “sociedade de soberania”: o corpo supliciado

A “sociedade de soberania” é própria de um tempo marcado por tratados apresentados como conselhos ao soberano, de como comportar-se adequadamente perante os súditos para ser aceito e respeitado, bem como orientações para amar a Deus e introduzir na cidade dos sujeitos a lei divina. Foi uma sociedade da unidade de governo do soberano sobre seus súditos, período em que os métodos de punição consistiam de um cerimonial da pena em praça pública, com a confissão das condutas inadequadas à lei divina ou moral, o castigo físico, a fogueira, enfim, o suplício do corpo como elemento constitutivo de um poder penal que se caracterizava pelo espetáculo punitivo, no qual o condenado precisava ser exibido.

Na sociedade de soberania, a condenação do sujeito dependia de sua confissão e do inquérito, e o crime consistia em uma ofensa ao soberano. Segundo Araújo (2008, p. 77), era um tempo em que “o suplício ligava o culpado diretamente ao crime e sua agonia faria aparecer a verdade finalmente confessada”, mas o autor destaca que a função mais específica do suplício era extrair a verdade por meio do castigo corporal e mostrar o poder do rei e do juiz inquisidor. No entanto era tamanho o castigo físico submetido ao sujeito condenado que o público por vezes se revoltava e até se tornava cúmplice do condenado. Em meados do século 18, o suplício tornou-se alvo de repúdio e tudo que implicava espetáculo punitivo passou a ter cunho negativo, com amparo dos humanistas e reformadores que solicitavam a suavização das penas em nome da humanidade do sujeito criminoso.

A punição pouco a pouco deixou de ser uma cena. E tudo o que pudesse implicar de espetáculo desde então terá um cunho negativo; e como as funções da cerimônia penal deixavam pouco a pouco de ser compreendidas, ficou a suspeita de que tal rito que dava um “fecho” ao crime mantinha com ele afinidades espúrias: igualando-o, ou mesmo ultrapassando-o em selvageria, acostumando os espectadores a uma ferocidade de que todos queriam vê-los afastados, mostrando-lhes a frequência dos crimes, fazendo o carrasco se parecer com criminoso, os juizes aos assassinos, invertendo no último momento os papéis, fazendo do supliciado um objeto de piedade e de admiração. (FOUCAULT, 1984, p. 14).

Em meados do século 18, especialmente na França, a exibição do corpo do condenado para o suplício foi cedendo espaço paulatinamente a uma justiça administrativa. Os corpos começaram a ser investidos por processos que os sujeitavam a cálculos de utilidade e obrigações. A Revolução Francesa retomou o espetáculo punitivo com a guilhotina. Apenas algumas décadas após é que a condenação e a morte deixaram de ser públicas.

O crime mais comum passou a ser o roubo, por haver maior riqueza e propriedades mais concentradas, por causa do aumento da população. A burguesia precisava proteger suas propriedades. Os ilegalismos separaram-se: enquanto as classes populares lesam a propriedade da burguesia, esta comete fraudes, peculato, não paga impostos. O primeiro tipo de crime sofreria punição mais severa, o segundo seria punido com multas (ARAÚJO, 2008). Surge daí a necessidade de uma reforma e uma reorganização do sistema judiciário e penal nos países da Europa e do mundo (não com a mesma amplitude e cronologia), como a França e Inglaterra, e a definição de um conjunto de categorias que definiram o que representa o crime e o sujeito criminoso para que tudo aquilo que foi delimitado como conduta inadequada fosse legalmente considerado infração. Diante disso, constituíram-se as instituições clássicas ou modernas, fazendo parte desse novo sistema penal que objetiva gerir a vida dos sujeitos, diferenciando o que é legal e ilegal, normal e anormal, por meio da norma e do disciplinamento.

2.1.2 A sociedade disciplinar: o corpo disciplinado

A sociedade disciplinar surgiu no projeto da modernidade, em um tempo marcado pelo desejo de distribuição, ordenamento e organização social, enfim, uma nova forma de investimento sobre a vida dos sujeitos como ideal moderno.

Do século 16 ao início do século 19, França, Inglaterra, Estados Unidos e outros países promoveram grandes transformações na justiça penal, em que o suplício do corpo, aos poucos, foi sendo substituído por novos modos de penalidades. Com essas sucessivas modificações estabelecidas nos mecanismos de punição, no final do século 18 o espetáculo punitivo deixou de ser o processo que deve afastar os sujeitos do crime. O que deve coagi-los à não realização de atos criminosos fica sendo a certeza de ser punido. Esse deslocamento do ponto de aplicação da pena apresentou mudanças no campo da prática punitiva, pela inserção de novos saberes, técnicas e discursos. Um novo regime de verdade foi estabelecido no processo punitivo, ou seja, “não tocar mais o corpo, ou o mínimo possível, e para atingir nele algo que não é o corpo propriamente” (FOUCAULT, 1984, p. 16), em que uma economia da suspensão dos direitos ocupou o espaço da punição física. Conforme Foucault (1984, p. 16),

[...] a relação castigo-corpo não é idêntica ao que ela era nos suplícios. O corpo encontra-se aí em posição de instrumento ou de intermediário: qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório visa privar o indivíduo de sua liberdade, considerada ao mesmo tempo como um direito e como um bem. Segundo essa penalidade, o corpo é colocado num sistema de coação e de privação, de obrigações e de interdições. O sofrimento físico, a dor do corpo não são mais os elementos constitutivos da pena. O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos.

Foi nesse período que surgiu a prisão moderna, o marco que advém de uma nova lógica de exercício de poder sobre os sujeitos. Entre o final do século 18 e o início do século 19, nascia, então, a sociedade disciplinar, que consistiu na reforma e na reorganização do sistema judiciário e penal por meio do distanciamento dos aspectos religiosos, naturais ou morais das sociedades penais, para que determinadas condutas fossem legalmente consideradas infrações. Nas palavras de Foucault (2008b, p. 422),

[...] vemos surgir a partir do século XVI, que vemos aliás surgir já na Idade Média é [...] o exercício do poder [...] atos individuais ou coletivos, que colocam [...] toda uma série de problemas, como pode ser regulado e medido esse exercício do poder em quem governa? Pois bem [...] por muito tempo a ideia de regular, de medir e, por conseguinte, de limitar o exercício indefinido do poder foi buscada numa sabedoria de quem governasse. [...] Sabedoria quer dizer governar de acordo com a ordem das coisas. Quer dizer governar segundo o conhecimento das leis humanas e divinas. Isso quer dizer de acordo com o que Deus prescreveu. [...]. Em outras palavras, quando se procura então identificar aquilo em que o soberano devia ser sábio [...] no fundo procurava-se regular o governo pela verdade. Verdade do texto religioso,

verdade da revelação, verdade da ordem do mundo, era isso que devia ser o princípio de regulamentação, [...], melhor dizendo, do exercício do poder.

Foucault identifica que, já no século 16, a regulação do exercício do poder sobre a vida foi se afastando do cunho religioso, dando espaço ao cálculo dos sujeitos em relação às suas coisas, ou seja, a regulação do governo não mais pela verdade, e, sim, pela racionalidade. Assim, o nascimento da prisão moderna tornou-se o marco definitivo de uma sociedade do corpo supliciado à sociedade em que o corpo começa a ser disciplinado.

A partir dos séculos XVI-XVII [...] a regulação do exercício do poder não me parece ser feita segundo a sabedoria, mas segundo o cálculo, isto é, cálculo das forças, cálculo das relações, cálculo das riquezas, cálculo dos fatores de poder. Ou seja, não procura mais regular o governo pela verdade, procura-se regulá-lo pela racionalidade. Regular o governo pela racionalidade é, parece-me, o que se poderia chamar de formas modernas da tecnologia governamental (FOUCAULT, 2008b, p. 422).

Os comentários acima dizem respeito ao novo objetivo da reforma na justiça, estabelecendo uma nova economia de poder sobre o corpo, para que esse mesmo poder seja exercido de forma calculada, visto que

[...] a reforma do direito criminal deve ser lida como uma estratégia para o remanejamento do poder de punir, de acordo com modalidades que o tornam mais regular, mais eficaz, mais constante e mais bem detalhado em seus efeitos; enfim, que aumentem os efeitos diminuindo o custo econômico. (idem, 1984, p. 75).

Araújo (2008, p. 79) faz uma avaliação a partir dos apontamentos do filósofo francês:

A hipótese de Foucault é a de que, com o aumento populacional e a expansão do capitalismo, ocorre um mecanismo de ajuste realizado por inúmeras técnicas e dispositivos incidindo sobre o corpo. [...]. O corpo sempre foi tomado pela violência, o castigo e a dureza do trabalho. Já foi escravizado, o que ele produziu foi-lhe retirado, ele foi dominado e sofreu até voluntariamente privações como nas práticas ascéticas.

Compreende-se então que, partindo da análise dos comportamentos não econômicos, retoma-se o problema da criminalidade. Foucault (1984) salienta que a reforma na justiça foi realizada no seio do aparato judiciário por um grande número de magistrados, partindo de objetivos em comum e de conflitos que os colocavam em situação de oposição. A questão posta pelos reformadores era de economia política, na medida em que se tratava de calcular economicamente, em termos quantitativos, os custos da criminalidade para o país ou para uma cidade. Por meio de cálculos de utilidade de todas as práticas punitivas da sociedade penal, os reformadores criaram um dispositivo cujo custo deveria ser o mínimo possível. Nesse sentido, a solução esboçada e contemplada foi criação da lei para a possibilidade de punição, partindo

da definição de um regime de verdade em que categorias definem o sujeito criminoso. Sobre esse assunto, Foucault (1984, p. 75) põe em relevo outras informações:

Os reformadores não eram a maioria, entre os magistrados, naturalmente: mas foram legistas que idearam os princípios gerais da reforma: um poder de julgar sobre o qual não pesasse o exercício imediato da soberania do príncipe; que fosse independente da pretensão de legislar; que não tivesse ligação com as relações de propriedade; e que, tendo apenas as funções de julgar, exerceria plenamente esse poder. Em uma palavra, fazer com que o poder de julgar não dependesse mais de privilégios múltiplos, descontínuos, contraditórios da soberania às vezes, mas de efeitos continuamente distribuídos do poder público.

Acerca da definição do crime e as formas de punição, Foucault ainda identificou que,

A lei é a solução mais econômica para punir devidamente as pessoas e para que essa punição seja eficaz. Primeiro vai-se definir o crime como uma infração a uma lei formulada; logo, não há crime e é impossível incriminar um ato enquanto não há uma lei. Segundo, as pessoas devem ser estabelecidas, e estabelecidas de uma vez por todas, pela lei. Terceiro, essas penas devem ser estabelecidas, na própria lei, de acordo com uma gradação que acompanha a gravidade do crime. (idem, 2008b, p. 341).

Nesse sentido, para que determinadas condutas fossem consideradas infrações, tornou-se necessário haver poder político para que uma lei efetivasse a lei formulada, de modo que uma infração não se sustentaria sem uma lei para ancorá-la, porque esta legalizaria a penalização de condutas consideradas inadequadas. Um segundo princípio da lei penal é que ela deveria simplesmente representar o que seria útil para a sociedade, sem vínculos com leis naturais, religiosas ou morais: “A lei define como repreensível o que é nocivo à sociedade, definido assim o que é útil” (2009, p. 81). E, por fim, o terceiro princípio da lei penal seria uma simples e clara definição do crime e uma nova definição do criminoso, como aponta Foucault (2009, p. 81):

O crime não é algo aparentado com o pecado e com a falta; é algo que danifica a sociedade; é um dano social, uma perturbação, um incômodo para toda a sociedade. Há, [...] também, uma nova definição do criminoso. O criminoso é aquele que danifica, perturba a sociedade. O criminoso é o inimigo social. [...] o criminoso é aquele que rompeu o pacto social.

A partir de um novo olhar acerca do criminoso feito pelos reformadores do século 18, com um cunho econômico, a prisão moderna surge como uma instituição de fato, porque a prisão preexiste à sua utilização sistemática nas leis penais antes de ser definida como a pena por excelência. Na sociedade disciplinar, a prisão desvinculou-se de ligação direta com o arbítrio do soberano, onde, especialmente na França, era entendida como desqualificada, inconveniente, inútil, ilegal e associada aos abusos do soberano, vista pelos reformadores como “instrumento privilegiado do despotismo” (idem, 1984, p. 106). Nessa nova

configuração da prisão, “o trabalho penal não pode ser criticado pelo desemprego que provocaria: com sua parca extensão, seu fraco rendimento, ele não pode ter incidência geral sobre a economia” (FOUCAULT, 1984, p. 216). A nova prisão da sociedade capitalista configura-se em uma estrutura que sua utilização se dá através de processos de repartição dos indivíduos, para fixá-los, distribuí-los espacialmente, classificá-los, discipliná-los, ocupá-los o máximo de tempo, extraindo o máximo de suas potencialidades para tornar os corpos dóceis e funcionais, segundo as normas gerais de uma sociedade industrial. Segundo o próprio Foucault (1984, p. 216),

O trabalho penal deve ser concebido como sendo por si mesmo uma maquinaria que transforma o prisioneiro violento, agitado, irrefletido em uma peça que desempenha seu papel com perfeita regularidade. A prisão não é uma oficina; ela é, ela tem que ser em si mesma uma máquina de que os detentos-operários são ao mesmo tempo as engrenagens e os produtos.

Desse modo, a prisão passa a ter um efeito de utilidade econômica que deve transpor a simples privação de liberdade. A estrutura tem como alvo o ajustamento dos corpos a um aparelho de produção por meio de um suplemento disciplinar. A partir de então, assiste-se à transformação de uma sociedade destinada à produção de forças, fazê-las crescer e ordená-las em espaços específicos, mais que barrá-las e destruí-las, partindo da prisão como espaço que não só restringe a liberdade como forma de punição, mas também com a ideia *correcional*, que é o cerne da teoria disciplinadora. Nesse sentido é que a penalidade no século 19, cada vez mais, investiu no controle e na reforma psicológica e moral das atitudes e do comportamento dos sujeitos.

Já não era mais suficiente punir o crime; o criminoso tinha que ser reabilitado. Para tal, ele tinha que ser compreendido e conhecido em sua individualidade, assim como classificado como um certo tipo de criminoso. Sob a bandeira da normalização, o saber foi trazido para a batalha. Foi através desta tática que o crime, que foi primeiramente um assunto legal e político, foi investido com novas dimensões de saber científico com objetivo normalizador. (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 213).

Nas palavras de Foucault (2009, p. 85):

Toda a penalidade do século XIX passa a ser um controle, não tanto sobre se o que fizeram os indivíduos está em conformidade ou não com a lei, mas ao nível do que podem fazer, do que são capazes de fazer, do que estão sujeitos a fazer, do que estão na iminência de fazer.

Esse controle sobre os sujeitos, ao nível de suas virtualidades, ampliou-se por uma série de outros poderes que não somente efetuado pela própria justiça, procurando o modo de controlar da melhor maneira possível por um conjunto de outros poderes laterais, conformando uma rede de vigilância e correção paralela à justiça, conforme aponta Foucault:

É assim que, no século XIX, desenvolve-se, em torno da instituição judiciária e para lhe permitir assumir a função de controle dos indivíduos ao nível de sua periculosidade, uma gigantesca série de instituições que vão enquadrar os indivíduos ao longo de sua existência; instituições pedagógicas como a escola, psicológicas ou psiquiátricas como o hospital, o asilo, a polícia, etc. Toda essa rede de poder que não é judiciária deve desempenhar uma das funções que a justiça se atribui neste momento: função não mais de punir as infrações dos indivíduos, mas de corrigir suas virtualidades. (FOUCAULT, 2009, p. 86).

A partir da prisão moderna, os sujeitos não são mais punidos somente ao nível do que fizeram. Nesse novo regime de verdade, o criminoso agora pode ser qualquer sujeito. É uma criação do ponto de vista da economia, de modo que se faça que o sujeito, do ponto de vista de seu comportamento, seja um comportamento econômico.

O criminoso é todo mundo, quer dizer, ele é tratado como qualquer outra pessoa que investe numa ação, que espera lucrar com ela e aceita o risco de uma perda. O criminoso, desse ponto de vista, não é nada mais que isso e deve continuar sendo nada mais que isso. Nessa medida, vocês percebem que aquilo que o sistema penal terá de se ocupar já não é essa realidade dupla do crime e do criminoso. É uma conduta, é uma série de condutas que produzem ações, ações essas cujos atores esperam um lucro, que são afetadas por um risco especial, que não é o da perda econômica, mas o risco penal ou ainda o risco da perda econômica que é infligida por um sistema penal. (idem, 2008, p. 346).

Em síntese, a sociedade disciplinar caracteriza-se pelo estado de coisas que têm como foco o posicionamento dos sujeitos em espaços específicos fechados, cada um com suas leis para discipliná-los, extraindo ao máximo suas potencialidades e suas forças a fim de torná-los dóceis, produtivos e úteis, através de um conjunto de instituições como a escola, o manicômio, a fábrica, o exército e, eventualmente, a prisão. São estruturas objetivas para determinar condutas, tendo como função o adestramento para a retirada das potencialidades, possibilitando a apropriação dos corpos quanto mais tempo possível e eficaz.

A disciplina 'fabrica' indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se fiar em seu superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente. (idem, 1984, p.153).

Para a consolidação desse projeto moderno de sociedade, compreendeu-se necessária a ampliação de instituições especializadas. A sociedade disciplinar, então, pode ser vista como um investimento político, minucioso e detalhado dos corpos individuais, ou seja, um tipo de investimento que impõe aos corpos limitações, proibições, obrigações, trabalhando-os no detalhe através de técnicas de disciplinamento específicas sobre seus movimentos, gestos e comportamentos. Assim, a classificação e a separação dos sujeitos individualmente passam a ser elementos essenciais para agir sobre os corpos e discipliná-los para a sociedade capitalista. O hospital psiquiátrico para o controle e a correção dos anormais, a separação por atividades e

funções a desempenhar para a produtividade na fábrica e a seriação, provas e repartição por idades para o processo pedagógico na escola são instituições para a indução de corpos dóceis, fortes, úteis e felizes. Disciplinar os corpos torna-se muito mais produtivo, pois dele se extrai o máximo de suas forças e eficácia.

Araújo (2008) põe em relevo que as práticas de disciplinamento já se exerciam antes mesmo da instalação da sociedade disciplinar por excelência, nos conventos e nas universidades. O que difere é que, com a criação das instituições modernas no século 18, as práticas disciplinares receberam o acréscimo da variável *tempo* como aspecto de utilidade, para sujeitar o corpo individualmente, de modo que, a partir da otimização do tempo, todos os sujeitos respondem prontamente a um único sinal e qualquer desatenção ou desobediência fica evidente.

Pode-se salientar, então, que a sociedade disciplinar correspondeu ao desejo de ordenamento social, de ajuste à expansão do capitalismo a partir de mecanismos eficazes aos processos de disciplinamento dos corpos. Para tanto, lançou mão não só da otimização do tempo, mas também da *vigilância*, da *norma* e do *exame*. Todas essas variáveis favorecem o processo de normalização e produtividade dos corpos dentro das instituições. O *exame* também consiste em uma variável da sociedade disciplinar que combina a otimização do tempo, a vigilância e a norma. Por meio do exame, extraem-se padrões de comportamento, calculam-se e medem-se as potencialidades, produzindo todo um conjunto de saberes sobre os sujeitos. A arquitetura para esses processos de disciplinamento foi representada pelo “panóptico” proposto pelo reformador Jeremy Bentham (1791).

O panóptico deriva das palavras gregas *pan*, significando *todos* ou *por todos os lados*, e *opticon*, que significa *vigiado*, *observado*. O panóptico era um edifício em forma de anel, cujo centro apresentava um pátio com uma torre. O anel era dividido em pequenas celas que davam tanto para o interior quanto para o exterior. “Em cada uma dessas pequenas celas, havia, segundo o objetivo da instituição, uma criança aprendendo a escrever, um operário trabalhando, um prisioneiro se corrigindo, um louco atualizando sua loucura, etc. na torre central havia um vigilante” (FOUCAULT, 2009, p. 87). Na arquitetura desenhada, os sujeitos enclausurados em celas individuais não têm como ver os outros sujeitos e tão pouco saber se estão ou não sendo vigiados, pois,

Como cada cela dava ao mesmo tempo para o interior e para o exterior, o olhar do vigilante podia atravessar toda a cela; não havia nenhum ponto de sombra e, por conseguinte, tudo o que fazia o sujeito estava exposto ao olhar de um vigilante que

observava através de venezianas, de postigos semicerrados de modo a poder ver tudo sem que ninguém ao contrário pudesse vê-lo (FOUCAULT, 2009, p. 87).

O panóptico caracteriza-se por uma estrutura arquitetônica da sociedade disciplinar que foi pensada para projetar instituições que precisam de controle e vigilância permanente para seu perfeito funcionamento, como a prisão, a escola, os hospitais, hospitais psiquiátricos, atuando sobre as virtualidades, ou seja, a sensação de estar sendo constantemente vigiado. Logo, os enclausurados não necessariamente estariam sendo vigiados perpetuamente, mas era fundamental suplantar esse sentimento nos sujeitos. O panóptico foi pensado como uma arquitetura no qual todos fossem vigiados por um grande olhar onisciente e onipresente, não deixando escapar o mínimo detalhe dos comportamentos, de modo especial daqueles que fogem às regras do projeto racional e conservador dos padrões de convívio para uma boa sociedade; um dispositivo polivalente de vigilância e disciplinamento que permitiria ser aplicado em diferentes domínios.

A sociedade disciplinar consolidada pelo projeto da modernidade, com suas instituições clássicas, dispôs de mecanismos no interior dessas estruturas objetivas para conduzir as condutas dos sujeitos com vistas à objetivação dos comportamentos. “Objetivar o comportamento vale como sujeição e aumento de poder significa aumento de conhecimento: a medicina clínica, a psiquiatria, a psicologia infantil, a psicopedagogia e a racionalização do trabalho têm aí seu solo. Mas não teriam elas função benéfica para o indivíduo?” (ARAÚJO, 2008, p. 125).

2.1.3 A sociedade de controle: o corpo controlado

Para o filósofo Gilles Deleuze, na sua obra *Conversações* (2006), as sociedades disciplinares são o que já não somos mais, à medida que, a partir da segunda metade do século 20, esse modelo de disciplinamento operado nos lugares de clausura já apresentava seu rosto decadente, dando passagem ao que chamou de “sociedade de controle”, a qual se apresenta como uma ampliação das práticas da sociedade de disciplina sobre a vida humana. É um conjunto de dispositivos disciplinares e regulamentadores que não age mais sobre o corpo do sujeito individual, não atua mais por processos de repartição, mas que tem agora na população o seu objeto e nos processos biológicos e dados estatísticos a sua ancoragem de saber. O Estado não se preocupa mais somente com o disciplinamento dos sujeitos em espaços fechados e, sim, com a regulação da população. É uma organização estendida para o campo social e envolve uma subjetividade que não mais está voltada para o corpo individual. Os

sujeitos agora, mesmo fora dos muros das instituições, continuam sendo vigiados e disciplinados pelos vigias, não só de corpo presente, mas também virtualmente.

Na sociedade de controle, a disciplina não desaparece, mas amplia sua atuação, possibilitando o controle, que é agora para todos os momentos, prescindindo mesmo das instituições, conforme Deleuze (2003, p. 299):

É verdade que entramos em uma sociedade que podemos chamar de uma sociedade de controle. Um pensador como Michel Foucault analisou dois tipos de sociedades bem próximos de nós. Aquelas que ele denominou como sociedades de soberania e aquelas outras que ele denominou como sociedades disciplinares. [...]. A sociedade disciplinar define-se – as análises de Foucault tornaram-se, com justiça, célebres pela constituição de meios de sequestro: prisões, escolas, ateliês, hospitais. A sociedade disciplinar tem necessidade destas instituições.

Deleuze ainda pontua outras características do que denominou sociedade de controle:

Certamente, conviveremos ainda com toda sorte de “restos” das sociedades disciplinares por anos e anos, mas sabemos já que estamos em sociedades de um outro tipo que devemos chamar [...] de sociedade de controle. Nós entramos em sociedades de controle que se definem de um modo muito diferente das sociedades de disciplina. Aqueles que velam por nosso bem não tiveram, ou não terão mais, necessidade dos meios de sequestro. Agora todos eles, as prisões, as escolas, os hospitais, são lugares de discussão permanente. [...]. As oficinas, as fábricas, estão rompendo por todos os lados. [...] As sociedades de controle não passarão mais pelos meios de sequestro. [...] Um controle não é uma disciplina. Com uma rodovia, não se encarceram as pessoas, mas ao fazer rodovias multiplicam-se os meios de controle. Não digo que esta seja a única finalidade da rodovia, mas as pessoas podem rodar infinitamente e “livremente” sem estarem confinadas e ao mesmo tempo estando perfeitamente controladas. Este é o nosso futuro. (ibidem, p. 299).

A sociedade de controle não age mais sobre o sujeito individual, não atua mais por processos de repartição, mas age sobre a população. A sociedade de controle opera sobre interesses, desejos e aspirações, concedendo agrados para a coletividade no seu tempo livre, o qual se torna recurso útil para o controle das ações de populações ou grupos. Tudo é pensado em termos dos cálculos entre interesses, liberdades e riscos para a obtenção de padrão de comportamento por meio de mecanismos que registram de instantâneo os gestos e as ações cotidianas, o que permite uma observação onisciente e aspiração do domínio sobre as subjetividades para a determinação de tipos de comportamentos que devem ser seguidos.

Tendo como referência o Brasil, é possível a identificação de focos de investimentos políticos característicos da sociedade de controle, como as ações do Estado, de modo especial nas favelas e periferias, onde as políticas de segurança pública, como o Pronasci, podem ser citadas como exemplo. Para Damico (2011, p. 42), o Pronasci “é um programa a partir da lógica de redes (intersectorialidade), uma vez que ele permite inferir uma crescente expansão

do Estado brasileiro em relação às periferias pobres urbanas, principalmente como um Estado investidor em políticas sociais inclusivas”. Desse modo, o Pronasci

[...] combina ações típicas da sociedade de controle, como a instalação de câmeras de vigilância e aparelhos de detecção de tiros, por exemplo, com dispositivos biopolíticos, apresentando previsões, estatísticas e mediações sobre a diminuição da criminalidade. É anátomo-político, por meio de um conjunto de dispositivos pedagógicos que prevê treinar agentes comunitárias (Mulheres da Paz), disciplinar através das atividades de esporte e lazer e educar os infratores através de cursos (Protejo). (DAMICO, 2011, p. 42).

Nesse sentido, é possível pensar que o bairro que serve como campo de estudo nesta dissertação, o Guajuviras, está sendo alvo de ações típicas de uma sociedade de controle, visto que, desde outubro de 2009, o local está sendo investido com ações do Pronasci, após ter sido selecionado a ser o *Território de Paz*, a partir de um conjunto de ações estruturais e locais que serão abordadas com mais detalhes no capítulo 3.

2.1.4 As práticas políticas de governamentalidade em Foucault

Michel Foucault já havia apresentado pistas dessa nova sociedade que Deleuze conceituou como sociedade de controle. O processo de disciplina dos corpos que surgiu no século 18 em instituições, somado ao controle da população, formou o que Foucault chamou de “governamentalidade” (2008b), indicando uma nova configuração de investimento em que não se trata mais do disciplinamento do corpo individual, mas de conduzir a vida coletiva, utilizando-se de dispositivos de segurança.

Para o filósofo, governamentalidade diz respeito ao governo das coisas, ou seja, o governo de um conjunto de sujeitos e coisas. São os sujeitos em relações com as coisas que são suas riquezas, os recursos, os meios de subsistência, o território com suas fronteiras, com suas qualidades, em relação com o meio ambiente e suas relações com outras coisas que são seus costumes, hábitos, as formas de agir, de comportar-se ou de pensar, e por fim, em suas relações com acidentes, doenças, fome, taxas de natalidade e mortalidade. Trata-se da disposição das coisas, utilizando “mais táticas do que leis, ou utilizar ao máximo as leis como táticas” (FOUCAULT, 2008a, p. 284). Em outras palavras, a noção de governamentalidade permite compreender os instrumentos de governo da população, como explica o autor:

A população aparece, portanto mais como um fim e instrumento de governo que como força do soberano; a população aparece como sujeito de necessidades, de aspirações, mas também como objeto nas mãos do governo; como consciente, frente ao governo, daquilo que ela quer e inconsciente em relação àquilo que se quer que ela faça. O interesse individual – como consciência de cada indivíduo constituinte da

população – e o interesse geral – como interesse da população, quaisquer que sejam os interesses e as aspirações individuais daqueles que a compõem – constituem o alvo e o instrumento fundamental do governo da população (ibidem, p. 289).

Consiste, nesse sentido, na multiplicidade de modos e qualidade de práticas de governo, como continuidade de governo do Estado, que se opõe às antigas sociedades de soberania que se caracterizavam pela descontinuidade do poder do soberano em relação aos seus súditos. A unidade tradicional do Estado nas sociedades de soberania se desloca para a pluralidade e a heterogeneidade das forças. São múltiplas formas de governos que se cruzam, se imbricam e se conectam no seio da população e do Estado.

Essas formas de governo possuem três tipologias de governo específicas que se conectam: “o governo de si mesmo, que diz respeito à moral; a arte de governar adequadamente uma família, que diz respeito à economia; a ciência de bem governar o Estado, que diz respeito à política” (FOUCAULT, 2008a, p. 280), o que caracteriza a arte de governar na medida em que esta forma de governo busca o estabelecimento de uma continuidade ascendente que diz respeito à pedagogia do soberano e à continuidade descendente que atua no seio da população.

Como ressalta Foucault (ibidem, p. 281),

[...] apesar desta tipologia, as artes de governar postulam uma continuidade essencial entre elas. Enquanto a doutrina do príncipe ou a teoria jurídica do soberano procuram incessantemente marcar uma descontinuidade entre o poder do príncipe e outras formas de poder, as teorias da arte de governar procuram estabelecer uma continuidade ascendente e descendente.

A continuidade ascendente pode ser entendida no sentido de que aquele que quer poder governar o Estado deve primeiro saber governar-se, governar sua família, seus bens, seu patrimônio. É essa espécie de linha ascendente que caracterizará a pedagogia do príncipe (ibidem), que se refere a um ajuste moral, um de economia e outro de política. A continuidade descendente ocorre quando o Estado é bem governado, os pais de família sabem como governar suas famílias, seus bens, seu patrimônio e, por sua vez, os indivíduos se comportam como devem. É essa linha descendente que faz repercutir na conduta dos indivíduos e na gestão da família o bom governo do Estado, que nesta época se começa a chamar de polícia. A pedagogia do príncipe assegura a continuidade ascendente da forma de governo; a polícia, a continuidade descendente. E nos dois casos o elemento central desta continuidade é o governo da família, que se chama economia (ibidem). Assim, o Estado passa a ser considerado somente mais um entre as formas de governo, entre as forças microfísicas de poder, e não o ponto de partida de condução das condutas de populações ou grupos.

Com as práticas de governamentalidade, os mecanismos de disciplinamento são reposicionados. Se no século 18 a disciplina se desenvolve em instituições como a escola, a fábrica, a prisão, agora ela se articula com a soberania e a gestão da população que transpõe os muros institucionais. O corpo já não é mais disciplinado; agora, é controlado.

Uma sociedade mais fluida e flexível, no que se refere às práticas de investimento sobre os corpos, na medida em que distribui micropoderes no interior de uma população, como uma forma de uma continuidade do tipo descendente das práticas do Estado, para que se governe da melhor maneira possível. Para Jacques Rancière (2007), a sociedade de controle funciona nos moldes de “poder de polícia”, como no sentido dado por Foucault. No entendimento do autor, a polícia opõe-se à política, visto que se caracteriza pela fabricação de consensos, na medida em que é da ordem da administração e não permite o exercício do dissenso. A sociedade de controle é o tipo de sociedade que inclui para governar e ser governado. É o tipo de sociedade que se caracteriza pela adaptação à flexibilidade do “novo capitalismo”, no sentido dado por Richard Sennett (2001). Na atual sociedade, o capitalismo torna-se mais flexível de modo que os sujeitos não tenham uma fronteira política clara, estabelecendo uma condição de indeterminação a quem direcionar uma oposição.

Foucault (2008a) ainda salienta que, com essa nova disposição de poder, a disciplina não desaparece. Com as práticas de governamentalidade, já não era mais suficiente o disciplinamento em nível local, no âmbito das instituições, desenvolvido na sociedade disciplinar. Mas a disciplina nunca foi tão importante, tão valorizada quanto a partir do momento em que se procurou gerir a população. E gerir a população não queria dizer simplesmente gerir a massa coletiva dos fenômenos ou geri-los somente ao nível de seus resultados globais. Gerir a população significa geri-la em profundidade, minuciosamente, no detalhe (ibidem). O filósofo ainda diz:

Devemos compreender as coisas não em termos de substituição de uma sociedade de soberania por uma sociedade disciplinar e desta por uma sociedade de governo. Trata-se de um triângulo: soberania – disciplina – gestão governamental, que tem na população seu alvo principal e nos dispositivos de segurança seus mecanismos essenciais. (ibidem, p. 291).

A governamentalidade, portanto, pode ser compreendida como práticas políticas exercidas de forma “mais horizontal”, “menos hierárquica”, em que o Estado se apresenta apenas como mais um entre múltiplas forças microfísicas de poder. Ou seja, o poder não se encontra localizado em um ou outro lugar; é difuso, visto que é resultante de uma multiplicidade de correlações de forças que se imbricam entre a população e o Estado. A

governamentalidade, desse modo, diz respeito ao nascimento da biopolítica⁶, termo forjado pelo próprio Michel Foucault.

As políticas de segurança pública surgem como um dispositivo biopolítico típico da sociedade de controle, pois ampliam o controle social sobre espaços guiados pela probabilidade de ocorrência de determinados eventos e riscos. “O direito à vida, ao corpo, à saúde, à felicidade, à satisfação de todas as necessidades, é a réplica política aos novos procedimentos do poder, tão diferentes do direito tradicional da soberania” (PELBART, 2003, p. 59). Para Damico (2011, p. 35) no Brasil a atual presença estatal nas periferias está ocorrendo de dois modos:

- 1) através de uma ampla oferta de atividades, principalmente as de cunho cultural, profissional, esportivo e educacional, que têm como público-alvo jovens tidos como estando em situação de vulnerabilidade e/ou risco social;
- 2) por meio de ações de segurança pública em sentido estrito – maior presença policial, utilização maciça de dispositivos de abordagens e investigação, disseminação de equipamentos tecnológicos de vigilância, implementação de esquemas de policiamento comunitário e um aumento considerável do número de processos judiciais, encarceramentos e presídios.

As ações do Estado cada vez mais presentes nas periferias urbanas podem ser definidas como um típico programa da sociedade de controle que atua por meio de práticas de governamentalidade (FOUCAULT, 2008b), baseado no envolvimento de todos, delinquentes ou não, perigosos ou não, de dispositivos eletrônicos, de projetos de urbanização e policiamento ostensivo, de ações repressivas e verificação de documentos. Além de lideranças comunitárias, educadores sociais, universidades, escolas públicas, igrejas, ONGs⁷, as famílias e as mulheres-mães são chamadas a participar desse mutirão em nome de uma suposta paz

⁶ A biopolítica caracteriza-se por um conjunto de dispositivos disciplinares e regulamentadores que tem na população o seu objeto e nos dados estatísticos e nos processos biológicos a sua ancoragem de saber. É através dos controles de natalidade, de mortalidade, das incapacidades biológicas, dos efeitos do meio ambiente, que se ocupa a biopolítica, e é desses dispositivos que ela vai extrair seu saber e definir o campo de intervenção para exercer o poder sobre a vida da população. É uma forma de regramento como parte do processo civilizatório com a finalidade de estender, otimizar, investir ao máximo na vida, com vistas a “fazer viver” e “deixar morrer” (FOUCAULT, 2007, 2008b).

⁷ Organização não Governamental. Segundo Landim (1993, p. 20) “Juridicamente, as ‘ONGs’ são ‘sociedades civis sem fins lucrativos’ a enquadram-se na legislação referente a esse tipo de organização. Essas sociedades são formalmente reconhecidas pelo Código Civil Brasileiro de 1916 enquanto pessoa jurídica de direito privado sem fins econômicos”, no qual, “sua capacidade para receber subsídios governamentais ou doações de particulares através de deduções fiscais – benefícios que se podem tornar significativos – depende, numa das hipóteses, de serem reconhecidas como de Utilidade Pública, reconhecimento outorgado ao nível executivo federal, estadual ou municipal” (ibidem, p. 21).

social que, entre algumas de suas ações, possui como principal objetivo os jovens com idades de 15 a 29 anos, habitantes dos territórios selecionados que se encontram ou já estiveram em conflito com a lei, ou egressos do sistema prisional, os jovens reservistas desses *territórios*, em função do aprendizado em manejo de armas adquirido durante o serviço militar ou pelo simples fato de ser habitante do território considerado vulnerável. Outra característica de algumas ações do Pronasci, e certamente a mais significativa, são as práticas empreendidas em conjunto com os habitantes do território escolhido para receber as ações dessa política de segurança.

Entre essas ações do Pronasci está o Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC), que no bairro Guajuviras se deu da seguinte maneira: análise de currículo, entrevista individual, avaliação psicológica, curso de capacitação/formação com aulas expositivas sobre o Pronasci, esporte, lazer e direitos humanos, exames e dinâmicas em grupo durante o curso de capacitação e, por fim, a escolha de nove coordenadores e 60 estagiários para atuar como agentes de esporte e lazer nas ações do programa. Somam-se a estes dois líderes comunitários do bairro, para atuar também como coordenadores do PELC, e 190 mulheres-mães moradoras do bairro, que também passaram por um longo curso de formação para atuar no bairro e, entre outras coisas, conduzir os jovens aos projetos sociais do Pronasci.

Todas essas colocações dão ensejo ao que Foucault (2008a) chamou de governamentalidade, objetivando a consolidação de “novas estruturas de poder e controle, em vez de criarem as condições que nos libertam” (SENNETT, 2001, p. 54), enraizadas no seio da população, através de poderes microfísicos, caracterizando uma multiplicidade das formas de governo de modo que:

- 1) o Estado terceiriza os serviços sociais através da convocação de mulheres-mães, lideranças comunitárias, contratos com ONGs, especialistas em esporte, lazer e atividades artísticas, para atuação no combate à violência nas periferias;
- 2) as juventudes da periferia são instigadas pelos trabalhadores terceirizados a atuar nos projetos sociais a partir de uma construção discursiva de que eles objetivam a consolidação dos direitos sociais e, nesse sentido, devem ser usufruídos.

A disciplina, o cerne da sociedade disciplinar para o investimento na vida, que era descontínua – pois se exercia somente quando os sujeitos estavam confinados nas instituições –, agora vai dando espaço ao controle de populações ou grupos, de modo que a terceirização dos serviços sociais permita distribuir pequenos poderes. Assim, o poder torna-se dificilmente localizado ou apropriado por alguém, e o Estado é somente mais uma entre as forças microfísicas.

Nessa lógica, almeja-se o controle de certas populações ou grupos. No caso desta dissertação, aponto que o objetivo da política de segurança tem como alvo a população jovem do bairro Guajuviras, na medida em que esse poder está descentralizado através de “táticas de governo que permitem definir a cada instante o que deve ou não competir ao Estado, o que é público ou privado, o que é ou não estatal” (FOUCAULT, 2008a, p. 292).

2.2 As formas de socialização em Berger e Luckmann

2.2.1 Os processos de socialização primária e secundária como formas de construto social da realidade

Os estudos de Peter Berger e Thomas Luckmann inscrevem-se no espectro da sociologia do conhecimento, pois ela se ocupa dos modos pelos quais as realidades são consideradas como conhecidas e dos processos pelos quais esses conhecimentos se estabelecem como realidade, apresentando importantes contribuições sobre processos de socialização que se desenrolam via instituições. A obra de ambos, *A construção social da realidade* (BERGER; LUCKMANN, 2010), caracteriza-se como o estudo de todos os aspectos considerados conhecimento na sociedade, constituídos a partir da realidade objetiva (práticas discursivas das instituições) e da realidade subjetiva (discursos interiorizados) que se dá através dos processos de socialização primária e socialização secundária.

A socialização, como uma construção social da realidade, encontra expressão em diversos trabalhos, como em *Mind, self and society* (1934), de George Mead, que descreveu a socialização como construção de uma identidade social. “Para ele a socialização se constitui através da construção progressiva da comunicação do *self* [si mesmo] como membro de uma comunidade, participando ativamente de sua existência e, portanto, de sua transformação” (DUBAR, 2005, p. 116). Em Mead, a socialização se constrói através de um processo composto em três fases: a interpretação de papéis desempenhados por seus próximos, ou seja, os “outros significativos” (aqueles sujeitos presentes na infância da criança); a passagem do “jogo sem regras” para o “jogo com regras”, em que a criança passa a respeitar uma organização vinda de fora; e a terceira fase consiste em ser reconhecido pelo grupo como membro da comunidade à qual a criança se identificou. Dessa forma, torna-se necessária uma identificação com o papel social interiorizado, para que o sujeito perceba que papéis desempenhados pelos “outros significativos” são comportamentos dominantes encontrados na sociedade. Nas palavras do autor, esse reconhecimento do *self* implica que o sujeito não seja

somente um membro passivo que interiorizou os “valores gerais” do grupo, mas também um ator que preencha no grupo um “papel útil e reconhecido” (DUBAR, 2005, p. 118).

Seguindo a trilha deixada por Mead, Berger e Luckmann (2010) retomam e ampliam o conceito de socialização desenvolvido pelo autor, trazendo os conceitos de socialização primária e secundária. Para um melhor entendimento desses processos de socialização, torna-se importante uma síntese da estrutura que é base para o desenvolvimento de tais socializações: as instituições.

A socialização primária é o processo de construção social da realidade que recebe forte influência dos sujeitos de convívio direto, ou seja, seria dada pela família. “A socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade” (ibidem, p. 169). Trata-se da introdução do sujeito no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor da mesma; um processo de construção da identidade do sujeito que determina interesses, atitudes e comportamentos que o acompanharão ao longo da vida. “Uma estrutura social objetiva, dentro da qual encontra os outros significativos que se encarregam de sua socialização” (ibidem, p. 169). Essa socialização, conforme os autores, “implica a interiorização da sociedade enquanto tal e da realidade objetiva nela estabelecida e, ao mesmo tempo, o estabelecimento subjetivo de uma identidade coerente e contínua” (ibidem, p. 173).

Assim, como em Mead, na socialização primária os “outros significativos” desempenham papel fundamental na construção da identidade do sujeito, pois é nessa fase que a criança interioriza, tornando-os seus as atitudes dos outros significativos. “Os conteúdos específicos que são interiorizados na socialização primária variam naturalmente de sociedade para sociedade. Alguns encontram-se em toda parte. É a linguagem que tem de ser interiorizada acima de tudo” (ibidem, p. 175). Os autores ainda dizem:

Na socialização primária [...] é construído o primeiro mundo do indivíduo. Sua peculiar qualidade de solidez tem que ser explicada [...] pela inevitabilidade da relação do indivíduo com os primeiros outros significativos para ele. O mundo da infância, em sua luminosa realidade, conduz a ter confiança não somente nas pessoas dos outros significativos, mas nas definições da situação dadas por estes. O mundo da infância é maciça e indubitavelmente real. (ibidem, p. 175).

Em outras palavras, há a interiorização de um mundo objetivo, do qual o sujeito precisa sentir-se parte, cujas implicações devem constituir a realidade cotidiana para o sujeito na sociedade. Segundo os autores, é na interiorização de determinadas realidades da socialização primária que ocorre o elemento mais importante para o êxito nessa fase: a suplantação de forma sólida do sentimento do “outro generalizado”. Dizem os autores:

A formação na consciência do outro generalizado marca uma fase decisiva na socialização. Implica a interiorização da sociedade enquanto tal e da realidade objetiva nela estabelecida e, ao mesmo tempo, o estabelecimento subjetivo de uma identidade coerente e contínua. (BERGER; LUCKMANN, 2010, p. 173).

Nesse sentido, o outro generalizado caracteriza-se pela virtualidade, ou seja, o sentimento de “o que os outros vão pensar de mim”, o fato de reconhecer que “todos” são contra determinadas condutas. “Esta abstração de papéis e atitudes dos outros significativos concretos é chamada o outro generalizado” (ibidem, p. 172).

Os autores salientam que o ciclo do processo de socialização primária se encerra quando o sentimento do outro generalizado foi consolidado no indivíduo, assim tornando-o efetivamente um membro da sociedade, com um conjunto de normas já interiorizadas. Mas essa aquisição do conjunto de normas sociais e da realidade é contínua, nunca total e não acabada:

A socialização primária termina quando o conceito do outro generalizado (e tudo quanto o acompanha) foi estabelecido na consciência do indivíduo. Neste momento é um membro efetivo da sociedade e possui subjetivamente uma personalidade e um mundo. Mas esta interiorização da sociedade, da identidade e da realidade não se faz de uma vez para sempre. A socialização nunca é total nem está jamais acabada. (ibidem, p. 178).

O conceito de socialização primária dá ensejo a reflexões sobre algumas políticas públicas, especialmente àquelas direcionadas às juventudes das periferias dos grandes centros urbanos, e será utilizado neste estudo com vistas a identificar como esse processo é conduzido pelos agentes de esporte e lazer sobre os jovens, durante as atividades nos núcleos. Nesse sentido, a socialização primária proposta por Berger e Luckmann faz-se pertinente, devido à condição em que projetos de esporte e lazer vêm sendo apresentados e implantados nas favelas e nas periferias do país.

Sendo a socialização um processo contínuo e não acabado, torna-se necessária a manutenção de algumas realidades dadas pela socialização primária e o reforço com novas interiorizações. Essas novas normas que devem ser interiorizadas e generalizadas caracterizam-se pela socialização secundária, um processo subsequente que introduz um sujeito já socializado e deve se assemelhar à socialização primária. Para Berger e Luckmann (ibidem), a socialização secundária está vinculada direta ou indiretamente à divisão do trabalho e caracteriza-se pela aquisição do conhecimento de funções específicas. Segundo os autores, somente é possível conceber uma sociedade na qual não haja outra socialização depois da primária se tal sociedade possui um conjunto de conhecimentos muito simples.

Mas, para eles, nenhuma sociedade deixa de ter alguma divisão do trabalho e alguma distribuição social do conhecimento:

[...] a distribuição social do conhecimento começa assim com o simples fato de não conhecer tudo que é conhecido por meus semelhantes, e vice-versa, e culmina em sistemas de perícia extraordinariamente complexos e exotéricos. O conhecimento do modo *como* o estoque disponível do conhecimento é distribuído, pelo menos em suas linhas gerais, é um importante elemento deste próprio estoque de conhecimento. (BERGER; LUCKMANN, 2010, p. 66).

Como não há conhecimento, e sim *conhecimentos* construídos, para que estes sejam distribuídos socialmente a divisão do trabalho torna-se central, pois permite a distribuição de maneira específica. Logo, a socialização secundária torna-se necessária.

A socialização secundária é a interiorização de “submundos” institucionais ou baseados em instituições. Tal socialização exige a aquisição de vocabulários específicos de funções, o que significa em primeiro lugar a interiorização de campos semânticos que estruturam interpretações e condutas de rotina em uma área institucional (ibidem). Em suma, a socialização secundária é a interiorização de novos conhecimentos relacionados a funções específicas que podem ocorrer em diversas esferas institucionais como a escola, a igreja, as instituições militares, a fábrica, o Estado. O tom de realidade do conhecimento interiorizado na socialização primária é dado quase automaticamente. Na socialização secundária, tem de ser reforçado por técnicas pedagógicas específicas, “provadas” ao indivíduo (ibidem, p. 184). Assim, a socialização secundária consiste no oferecimento de acréscimos no processo de socialização ou o reforço do que já foi interiorizado no processo de socialização primária e, especialmente, um modo para que os sujeitos encontrem significados nas instituições.

A temática da socialização permite uma ampla visão dos processos pelos quais os sujeitos passam ao conviver em sociedade. Enquanto Berger e Luckmann, com os conceitos de socialização primária e socialização secundária, pontuam as características dos processos que objetivam adequar os sujeitos a determinados padrões de comportamento socialmente aceitos, Georg Simmel, com sua microsociologia, nos apresenta importantes contribuições em relação às formas de sociabilidade, enquanto construção social das realidades produzidas pelos sujeitos para além dos investimentos institucionais.

2.3 As formas de sociabilidade em Simmel

Georg Simmel traz relevantes reflexões sobre sociabilidades e comportamento que se nutrem de aspectos como pluralidade e multiplicidade, com sua teoria da individualização.

Para ele, o processo de individualização é central, como um modo de se significar no mundo. Nesse sentido, Simmel usa a ideia de “círculo” para colocar o sujeito no seu interior e analisar como ele se desenvolve e se transforma no círculo; foi o que chamou de “círculos sociais”. Estes se caracterizam por uma amplitude das relações sociais, dando uma noção de individualidade ao quão maior o número de círculos sociais cada sujeito interage. “A possibilidade da individualização cresce desmedidamente pelo fato de a mesma pessoa poder ocupar posições relativas, em tudo diferentes, nos diversos círculos a que pertence em simultâneo” (SIMMEL, 2004, p. 577).

Na perspectiva *simmeliana*, na busca por caminhos alternativos às sociabilidades primárias, os sujeitos tendem a buscar se significar, estabelecendo novos laços sociais visando a uma pluralidade de interesses. Os círculos sociais ampliados seriam acompanhados do crescimento da liberdade e da individualização como alternativas de busca de significação. O conceito de círculos sociais permite a compreensão dos processos de afiliação em diferentes grupos e de interações sociais. Para Simmel (1986), o número de diferentes círculos, no qual o indivíduo se move, é um dos indicadores de múltiplas manifestações culturais, pois permite que ele ocupe distintas posições na interação de vários círculos.

Sendo assim, é impossível pretender explicar nosso entorno social e cultural a partir de conceitos “relacionais” ignorando um olhar arquetípico de toda uma tradição sociológica que adquire forma em Georg Simmel. Seu olhar é apropriado para uma concepção do mundo que pressupõe que “todos nós somos fragmentos” e, então, que o conhecimento que adquirimos é necessariamente fragmentário, embora o ânimo na elaboração dos “fragmentos” da “realidade social” se apresente como a chave da totalidade da teoria social em Simmel. (GADEA, 2007, p. 74).

Compreendo que, a partir da microssociologia de Simmel, é possível direcionar o olhar para os gostos, os interesses e as sociabilidades que são produzidas em um dado contexto, deixando em segundo plano conceitos fechados em si mesmos, duais e simplistas, como se determinada população ou grupo fosse uma simples totalidade. É nesse sentido que a subjetividade torna-se uma variável importante para uma análise das microrrelações sociais. Na interseção de vários círculos sociais, os sujeitos vão pautando sua construção na sociedade e, de acordo com o grupo que vai se inserindo, torna-se significativa para uma análise da construção das identidades e de como os sujeitos buscam se significar no mundo. E é a partir do conceito *simmeliano* que busco pensar a juventude que consiste no tema central deste estudo.

2.4 Juventudes

O debate acerca das sociabilidades juvenis nos seus múltiplos significados cresce sobretudo nos estudos que buscam articulações das questões relacionadas ao universo da população juvenil. Ao escolher a juventude como temática central deste estudo, o principal desafio consistiu na busca pela desconstrução de um conceito fechado e fixo. Não é possível a afirmativa de um conceito cristalizado para caracterizar esta população. Boa parte dos autores (BOURDIEU, 1983; GROPPPO, 1999; REGUILLO, 2003) afirma que a juventude não é mais que uma palavra; desse modo, defini-la como uma categoria social significa desdobrá-la em múltiplos grupos juvenis, num tempo e contexto sócio-histórico e cultural.

A juventude é caracterizada por sua riqueza de vivências socioculturais, o que envolve uma série de fatores de seus universos. Resende (1989 apud GROPPPO, 2000) sugere o uso sociológico no plural do termo *juventude*, para que possamos dar conta da diversidade na vivência dessa fase. Como categoria social, Silva (2006, p. 2) aponta que “a juventude é uma representação sociocultural, ao mesmo tempo que é uma situação social. Apresenta-se como uma construção simbólica, uma representação social de grupos ou indivíduos, assim como pode ser descrita como situação comum a certos indivíduos”. O autor ainda destaca que a população jovem pode tanto caracterizar-se como potência de transformação social quanto pode fortalecer raízes conservadoras da mesma sociedade.

Essas colocações indicam que não existe uma juventude única, homogênea. Isso nos leva a pensar sobre a pluralidade da juventude no contexto sociocultural, pois ela pode mudar e/ou acrescentar à sua identidade, de acordo com uma série de fatores, como: pluralidade constituída nas diferentes heranças, experiências, limites e projetos vindos da condição de classe, gênero, etnia, nacionalidade, *desenvolvimento* econômico, condição urbana/rural, religiosidade, vivência sociocultural etc. (GROPPPO, 2000). Nesse sentido as juventudes apresentam-se de muitos e múltiplos modos, em diferentes “círculos sociais” (SIMMEL, 1986), constituindo uma população heterogênea com diferentes acessos de oportunidades, dificuldades, facilidades e buscas por significados no campo social. Assim, tanto a definição do conceito juventude quanto o que é veiculado acerca de seus comportamentos e condutas são construções sociais manifestadas através de uma produção discursiva de determinada sociedade.

Essas colocações são-me úteis porque apresentam os jovens a partir da diversidade experimentada nas suas formas de expressão, gostos e organização. Refiro-me à formação das múltiplas identidades. As variadas manifestações de identidade são formas de organização social, um processo que é central na vida social dos sujeitos. A produção discursiva presente no senso comum e na grande mídia brasileira vem dando muita ênfase às ausências e às

carências que cercam os jovens, criando imagens estigmatizadas dessa população. É frequente, nos noticiários, apontamentos de atos conflituosos, envolvendo-os. Compreender as relações sociais entre os jovens parece significativo para que não façamos uma leitura precipitada de suas vivências.

Contudo o discurso presente – fundamentalmente, o veiculado pela grande mídia brasileira – tem buscado fazer um registro das carências, ausências e faltas que cercam o universo juvenil, acentuando desinteresses de cunho político e religioso, a violência, criando uma imagem estigmatizada dos jovens, de modo especial, dos jovens habitantes de favelas e periferias urbanas, o que certamente não colabora para uma melhor compreensão de suas formas de sociabilidades. Foucault (2011) acentua que durante anos estiveram em funcionamento as “sociedades de discurso”, cuja função consistiu na conservação e na produção de discursos, “para fazê-los circular em um espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição” (p. 39). Todavia esse jogo ainda se faz presente, porém com outra face:

É certo que não mais existem tais “sociedades de discurso”, com esse jogo ambíguo de segredo e de divulgação. Mas que ninguém se deixe enganar; mesmo na ordem do discurso verdadeiro, mesmo na ordem do discurso publicado e livre de qualquer ritual, se exercem ainda formas de apropriação de segredo e de não permutabilidade. É bem possível que o ato de escrever tal como está hoje institucionalizado no livro, no sistema de edição e no personagem do escritor, tenha lugar em uma “sociedade de discurso” difusa, talvez, mas certamente coercitiva. (ibidem, p. 40).

Diante dessas colocações, é possível sugerir que, na atual sociedade, uma das formas de discurso em pleno funcionamento é a *segurança*, que circula, entre outros fenômenos, sobre as formas de sociabilidades dos jovens. Desse ponto de vista, os discursos acabam por posicionar os sujeitos em determinados lugares, anulando-os de tantos outros. Ou seja, certos discursos veiculados ligam os jovens habitantes de favelas e periferias à condição de que certos interesses e aspirações são *a priori* homogêneos, diferenciando-os em certa medida de tantos jovens não habitantes desses territórios, o que parece afetá-los a uma dupla sujeição: a dos sujeitos que produzem discursos sobre eles e das políticas públicas formuladas a esses jovens com o intuito de melhor governá-los. Pensando com Foucault, o atual contexto parece caracterizar uma “apropriação social dos discursos”:

Enfim, em escala muito mais ampla, é preciso reconhecer grandes planos no que poderíamos denominar a apropriação social dos discursos. Sabe-se que a educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira

política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que elas trazem consigo. (ibidem, p. 43).

Para Damico (2011, p. 91),

[...] o problema da juventude – com ênfase especial na juventude que vive em periferias urbanas –, quando colocado na perspectiva da criminalização e/ou da vitimização, é uma construção discursiva (científica, midiática e política). Essa afirmação não significa deixar de reconhecer que existem comportamentos e situações violentas cujos autores são jovens, e que estes podem ser mais ou menos numerosos segundo os diferentes momentos e territórios.

José Machado Pais (2008, p. 14) também contribui na reflexão das relações feitas entre a violência e os jovens:

[...] frequentemente, dos “atos”, passa-se às “maneiras de ser” e estas são mostradas como não sendo outra coisa que os próprios atos de violência. Implicitamente, surge o reconhecimento de que um ato de violência cometido por um jovem negro ou cigano resulta da maneira de ser das suas etnias de pertença. Nesse julgamento, o que se pune não é um ato de violência em si, mas a imagem preconcebida do jovem delinquente: ou porque usa brinco na orelha, ou porque tem um corte de cabelo exótico, ou pela simples cor da pele.

Essas citações são pertinentes, pois colocam em evidência o olhar simplista acerca dos jovens, instigados pela produção discursiva que acabam por posicionar sujeitos de determinados extratos sociais e territórios como ameaças e criminosos *a priori*. Neste trabalho, faço referência às culturas juvenis e às diferentes formas de sociabilidade que são experimentadas de muitos e múltiplos modos pelos sujeitos em um dado contexto histórico e num determinado local. Diante de todos esses aspectos, é possível pensar que, na atual sociedade de controle, as políticas públicas de esporte e lazer, vinculadas aos dispositivos de segurança pública, cumprem a função de manutenção ou modificação da apropriação de certos discursos, à medida que os discursos “constituem espécies de grandes edifícios que garantem a distribuição dos sujeitos que falam nos diferentes tipos de discursos e a apropriação dos discursos por certas categorias de sujeitos” (FOUCAULT, 2011, p. 44).

2.4.1 *As juventudes e a sociedade de controle*

Como temos visto até agora, a luta da sociedade para controlar os corpos e as mentes ganha seu ápice no que Deleuze chamou de sociedade de controle. No entanto, no Brasil, não podemos esquecer que essas instituições clássicas (escola, hospital e fábrica), como descritas por Foucault (1984, 2009) e também por Berger e Luckmann (2010), não atingem totalmente a população brasileira. Há um grande contingente de pessoas que não frequentam essas instituições ou as frequentam parcialmente, logo não são abordadas totalmente pelo Estado.

Para exemplificar essa não frequência de muitos brasileiros nas instituições clássicas de controle, relembremos que 16,2 milhões brasileiros são miseráveis – ou seja, um número bastante significativo sobre o total da população brasileira, que é de 190.755.799 habitantes⁸ – e não têm acesso às condições básicas de sobrevivência. Somado a esses índices, temos 14,1 milhões de analfabetos⁹, ou seja, pessoas que nunca frequentaram uma escola; e 20,3%¹⁰ da população com mais de 15 anos são analfabetos funcionais, isto é, passaram menos de quatro anos na escola, mas não estão habilitados a dominar as regras básicas de ler e escrever.

Diante desse quadro, onde ficam essas pessoas? Em sua maioria, estão nas favelas, nos cortiços e nos guetos das grandes cidades, locais onde a presença do Estado passou a ser disseminada, principalmente por meio das práticas políticas de controle das condutas. Então, a estratégia eficaz foi tratar tais lugares e sujeitos como criminosos em potencial, causadores da insegurança pública. A mão forte do Estado, que deveria estar sobre esse local *descontrolado*, reprimindo violentamente o suposto foco de vagabundagem e comércio de drogas, passou a atuar apenas como mais uma entre as forças microfísicas, em que a distribuição de pequenos poderes no seio da população parece característica do novo modo de investimento sobre os corpos.

No que diz respeito à população juvenil, a atual sociedade de controle aparentemente criou um terreno de representações que “operou com a imagem de uma juventude perigosa, potencialmente violenta, que precisa de uma intervenção intensa da sociedade para que sua passagem para a vida adulta possa ser segura” (DAMICO, 2011, p. 140).

⁸ Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1866&id_pagina=1>.

Acesso em: 14 jun. 2012.

⁹ Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1233>.

Acesso em: 14 jun. 2012.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/sobre/geografia/populacao/numeros-gerais/print>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

3 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO BAIRRO GUAJUVIRAS

3.1 Se tu lutas, tu conquistás¹¹

Em Canoas, no mês de abril de 1987, iniciava-se um fenômeno social notável na cidade: a ocupação de um conjunto habitacional que, após 25 anos, é o segundo bairro mais populoso do município, o bairro Guajuviras.

O Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti, popularmente chamado Guajuviras devido ao nome de uma árvore nativa da região, situa-se na cidade de Canoas/RS – localizada na região metropolitana de Porto Alegre – e passou a ser ocupado em abril de 1987 (PENNA, 1998). É o bairro de renda média mais baixa do município, com uma população estimada em 80 mil habitantes, sendo o maior assentamento urbano de Canoas. Esse conjunto habitacional fez parte de programas que visavam ao assentamento de populações pobres na periferia dos grandes centros urbanos, nos anos 1970 e 1980. A principal característica desses programas foi sua preocupação *higienista*, típica das políticas do período, deslocando um significativo contingente de pobres para regiões mais afastadas. A redução da circulação dessas pessoas facilitaria o controle, por meio do deslocamento para áreas mais acessíveis para o assentamento, onde havia melhores condições de criar uma rede inicial de saneamento e uma desconcentração do núcleo urbano. Essa política era comum na época, para a produção de extensões da cidade onde ainda não havia estrutura urbana.

As primeiras ocupações no bairro ocorreram nos edifícios populares, ao longo da Avenida Principal ou Avenida 17 de Abril (data na qual se comemora o aniversário do bairro). As primeiras instalações nos apartamentos populares foram realizadas por muitas pessoas que já obtinham a inscrição para residir no local e resolveram organizar-se devido ao retardamento constante na entrega das moradias para residir no conjunto habitacional. Na ocasião da primeira ocupação, o conjunto habitacional contava com 5.974 unidades habitacionais. Posteriormente, as ocupações foram se realizando nas demais unidades habitacionais e nas áreas verdes localizadas no entorno da Avenida Principal, onde hoje estão localizadas as vilas que compõem o bairro. Este é dividido em setores compostos por apartamentos e casas, blocos, quadras e as vilas no entorno da Avenida Principal e da Avenida Esperança (PENNA, 1998). Foi uma fantástica ocupação, no que diz respeito ao modo como as pessoas lutaram contra o Estado para assegurar as garantias desse lugar como delas. Após

¹¹ Título da música **Se tu lutas, tu conquistás** do grupo de *rap* SNJ (Somos Nós a Justiça). Faixa n. 1 do CD: *Se Tu Lutas, Tu Conquistás*, lançado no ano 2000. Gravadora: Atração.

diversas repressões sofridas, negociações e tensões, foi garantido o financiamento dos prédios do conjunto habitacional para os moradores, bem como a permanência das pessoas que ocuparam as demais áreas verdes no entorno.

Moradores que atualmente habitam o bairro Guajuviras e foram protagonistas das ocupações ocorridas sintetizam a história de luta e resistência que caracteriza o bairro ao longo dos anos, como aponta Marli¹²:

[...] adoro isso aqui, adoro porque eu acho que isso aqui foi um presente de Deus. Quem soube aproveitar não se arrepende, como eu não me arrependo e digo: isso aqui foi uma loteria na vida de qualquer um aqui, na minha principalmente. Eu gosto daqui, gosto e está melhorando cada vez mais [...] todo mundo sabe que nós estamos aqui por nós mesmos, não foi vereador nenhum, nenhum que nos manteve aqui, que nem saneamento básico é obrigação deles, porque quem paga imposto tem direito, é direito de qualquer cidadão. [...] eu acho que o começo da invasão, foi muito bonito com o exército todo assim fechando a volta, aí já tinha o verde, o pessoal descendo a lomba com sacolas, com mochilas, aquele vuco vuco pra contar um pouco da história [...].
(MARLI, 46 anos, entrevista no dia 12/9/2009)

Nessa mesma perspectiva, exponho a fala de outra moradora do bairro, que alguns anos depois, junto com tantos outros sujeitos, protagonizou manifestações de luta pelo direito e por condições dignas de moradia na Vila Comtel.

Bom, antes eu morava de favor na casa de minha sogra, eu sempre tive um sonho de ter o meu local para viver e criar meus filhos, mas como era difícil não tinha como nós comprar um terreno [...] e foi quando nós ficamos sabendo que tinha uns terrenos aqui para ocupar e eu resolvi vir, então fiquei surpresa com o local, porque eram eucaliptos, [...] eu consegui um terreno de esquina no dia 20 de outubro de 1989. Eu nunca me esqueço, parece que foi como eu tivesse a chave do meu apartamento e disse “isso aqui é meu”. Eu fiquei muito feliz de ver meus filhos brincarem ali e foi o começo do meu sonho, ali começou tudo. Além de progredir nós regredimos, não tinha água, não tinha esgoto [...] tinha filas para pegar água para fazer comida, lavar a roupa e de tarde não tinha porque a água era da creche que cedia a água para as lideranças e essas lideranças vendiam a água a 1 real por pessoa, independente da quantidade, e a alegação era para ajudar a pagar a água. E a promessa sempre era que iriam remover nós dali, era uma pressão total [...]. Passou-se sete meses em que eu estava morando ali e que deu uma reviravolta, as pessoas estavam sozinhas ali e praticamente largaram nós ali, tipo assim, “larguei vocês de mão” [as lideranças] e foi quando eu fiquei sabendo por um morador da rua CC que a prefeitura queria remover nós dali e levar pra outro local. Só que a gente não queria sair dali, queria manter o nosso lugar ali. Foi aí que eu juntei quatro mulheres e fomos atrás de respostas que pudessem manter nós ali, fomos até o senhor que na época estava se candidatando a vereador [...] ele nos auxiliou porque ele já era um líder [...] Para mim foi uma coisa inédita me envolver com a sociedade. [...] Conseguimos chamar uma assembleia através de panfletos, radio comunitária. Com essa assembleia geral conseguimos chamar pessoas para a associação de moradores. Em 2000 começou a nossa reivindicação para ficarmos no lugar. Montamos a associação, fomos até a secretaria de planejamento onde eles disseram que nós deveríamos registrar a associação para se tornar oficial. [...] Com o tempo não

¹² Todos os nomes dos informantes e jovens sujeitos da pesquisa que atuam ou atuaram nas atividades do Pronasci/PELC são fictícios. Além disso, suas falas serão apresentadas de forma destacada do texto, para diferenciá-las das citações do referencial teórico.

entravam mais qualquer pessoa para ajudar a gente porque as pessoas tinham medo de entrar lá. Na época tinha uma pessoa que ajudou nós, era um vereador porque ninguém queria ajudar nós, só ele, porque ali era considerado uma área de risco, entre outras coisas tinham os fios, os eucaliptos próximos dos barracos e outras pessoas que achavam que o lugar era perigoso. Sempre era feita uma assembleia para informar o povo o que era preciso para o pessoal se manter ali. [...] Nessa época já tinham só três pessoas na associação, porque parte das pessoas já estavam abaladas, porque tinham suas coisas roubadas, eram sacaneadas, então o pessoal foi desistindo. Mas a maioria eram pessoas de fora que vinham roubar. Saindo esse presidente, ficaram só duas mulheres trabalhando, só eu e mais uma senhora, não desistimos nunca. Como já tinha o mapa da Comtel, ficou mais fácil para resolver, só mudamos os nomes das ruas e colocamos a numeração das casas. Foi uma barra, foi difícil pra gente porque tinham muitas pessoas não queriam aceitar a modificação, solicitamos luz, água [...].
(GIÓRGIA, 38 anos, entrevista no dia 9/9/2009)

Logo após, perguntei à Giórgia: “Tu poderias me explicar melhor quando comentou anteriormente, que com o tempo não entrava mais qualquer um para auxiliar os moradores da Comtel, devido ao medo das pessoas?”. E ela me respondeu:

Esses vereadores entraram porque já estavam acostumados a entrar nas vilas, então para eles medo [...] Antes não tinha ruas, tinha eucaliptos, era um banhado, então era impossível a brigada entrar lá porque para eles não era somente moradores que tinham lá, tinham mais era marginais. [...] Até hoje a gente tem um pouco de negligência por parte de polícia, a gente chama e depois de horas eles aparecem. Em maio de 2000 a polícia chegou na Comtel atrás de uns guris [...] então os guris se escondiam na vila porque haviam muitos barracos na vila. Eram 5 horas da manhã, a polícia entrou gritando e mandando os guris pararem, foi quando a polícia atirou e a bala ricocheteou nas árvores, pegou em uma parede e atingiu o braço do meu filho que estava deitado na cama. Aí eu levantei e olhei na janela e os guris com as espingardas nas mãos e a brigada, e eu fiquei com raiva e não sabia o que fazer. Aí eu saí pra fora e falei com uns brigadianos que chegaram depois e disse que houve um tiroteio e que uma bala atingiu o meu filho e eles disseram que não tinha como saber quem atirou, então eu deixei assim. Depois eu ouvi um dos brigadianos dizendo: “O que eles querem aqui, invadindo o que não são deles, só tinha que acontecer isso mesmo”, como se fosse um desprezo com a gente [...]. Agora as coisas estão melhorando [...] Por volta de 2005, 2006 começaram a colocar os postes de luz, depois os canos de pavimentação.
(GIÓRGIA, 38 anos, entrevista no dia 9/9/2009)

Diante de todos esses aspectos, pode-se observar que a luta pela moradia e as resistências aos descasos do Estado – em que múltiplas adversidades foram subvertidas com intensa persistência ao longo dos anos – caracterizam aspecto significativo na história do bairro Guajuviras, protagonizada pelos seus habitantes.

3.2 O Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci)

O Pronasci foi criado pelo Ministério da Justiça em agosto de 2007. Segundo suas diretrizes, tem como objetivo um novo paradigma de segurança pública, adotando um modelo de segurança cidadã, especialmente para determinadas populações ou grupos. O programa é

composto por 94 ações que envolvem a União, os estados, os municípios e a sociedade civil. Para garantir a realização das ações no país, o Ministério da Justiça celebra convênios, contratos e acordos com os estados, municípios e organizações não governamentais (ONGs).

O programa é organizado em *ações estruturais* e *ações locais*. As chamadas *ações estruturais* estão mais ligadas às diretrizes gerais de política de segurança e, em sua grande maioria, não possuem o foco no público-alvo e nos territórios selecionados pelo programa, tendo metas mais abrangentes, como a modernização das instituições de segurança pública e do sistema prisional e o investimento nos profissionais do setor. Já as *ações locais* priorizam as ações a serem implantadas em cidades e bairros selecionados, focalizando aqueles que são avaliados como sendo de “territórios vulneráveis”, que são alvos potenciais de conjunto das ações sociais, de justiça e segurança (IPEA, 2009, p. 762). O Pronasci está atendendo às cidades e a seus respectivos bairros como territórios-alvo, aqueles que apresentam os níveis mais altos de violência. Nos locais escolhidos, chamados de *Territórios de Paz*, devem ser articuladas ações sociais, de recuperação urbanística e de justiça e segurança.

No dia 1º de janeiro de 2009, após o resultado do processo eleitoral do ano anterior, assumiu uma nova gestão municipal na cidade de Canoas/RS, que passou a implementar um conjunto de reformas institucionais e estruturais na cidade, entre elas na área da segurança. Segundo Pazinato (2011, p. 126), “no primeiro ato de governo, foi encaminhada e aprovada pela Câmara Municipal a Lei nº 5363, de 02 de janeiro de 2009, que estabeleceu uma série de modificações na estrutura interna da Prefeitura”. Entre elas, o redesenho e a ressignificação do papel da antiga SEMASP¹³, hoje denominada como Secretaria Municipal de Segurança Pública e Cidadania (SMSPC). A SMSPC de Canoas é formada pelo gabinete dos secretários municipal e adjunto e por quatro diretorias, quais sejam: Diretoria da Guarda Civil Municipal, Diretoria de Acesso à Justiça, Diretoria de Mobilização Social¹⁴ e Diretoria de Políticas de Segurança e Informação (ibidem, p. 126). Com a nova estrutura da Secretaria de Segurança Pública, o governo municipal realizou um convênio com o governo federal e passou a receber os recursos para viabilizar o investimento em segurança pública no município e a implementação do *Território de Paz* no bairro Guajuviras, oficializado no dia 09/10/2009. A fala do Ministro da Justiça, no evento de lançamento do Território de Paz no bairro Guajuviras, em 09/10/2009, parece sintetizar os objetivos com as ações dessa política pública:

¹³ Secretaria Municipal para Assuntos de Segurança Pública.

¹⁴ Pazinato (2011, p. 126) que é o atual Secretário Municipal de Segurança da cidade de Canoas, aponta que “a Diretoria de Mobilização Social, foi transformada em Diretoria de Planejamento, Orçamento e Gestão, em face da necessidade de priorizar-se um correto e adequado acompanhamento da execução dos recursos públicos, sobretudo aqueles captados no âmbito do Ministério da Justiça, através do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI)”.

Quero deixar registrado aqui que estamos lançando o Território, mas os projetos já estão em andamento. Isto é organização e sinal de que em Canoas o Pronasci funciona e funcionará muito bem [...] as polícias atuarão de forma contundente com aqueles que atrapalham a liberdade dos demais cidadãos. (TARSO GENRO)¹⁵.

Dessa maneira, além do investimento nas instituições de segurança pública e nos profissionais da área que caracterizam as ações estruturais, o Pronasci tem como principal objetivo, nas ações locais, a população jovem de 15 a 29 anos, habitantes dos territórios selecionados para receber seu conjunto de ações, que se encontram ou já estiveram em conflito com a lei, ou são egressos do sistema prisional, ou ainda os jovens reservistas desses *territórios*, em função do aprendizado em manejo de armas adquirido durante o serviço militar, ou pelo simples fato de ser habitante do território considerado vulnerável.

Temos uma atenção especial para essa iniciativa pela relação cada vez mais clara entre cultura e segurança, com vistas à construção de uma cultura de paz. [...] O enfrentamento da violência, através da cultura qualifica um ambiente marginalizado, contribuindo para a construção de uma cultura de paz. (JEFERSON ASSUMÇÃO)¹⁶.

Outra característica das ações locais do Pronasci, e certamente a mais significativa, são as práticas empreendidas em conjunto com os habitantes do território escolhido para receber as ações dessa política de segurança, como no caso dos programas Mulheres da Paz, Justiça Comunitária e Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC).

[...] hoje vou ter uma reunião do PELC/Pronasci. É um meio deles trabalharem estes jovens. Espero que de tudo certo, né? Vou participar hoje às 14h30min. Não sei quem foi a pessoa que me ligou, mas disse que era para mim participar. Eu já estava participando dessas reuniões pela associação de moradores. Eu já fui em três reuniões, já aconteceram cerca de sete encontros. Deve ser para tratar destas questões para o desenvolvimento do programa.
(GIÓRGIA, 38 anos, entrevista no dia 9/9/2009)

Nessa mesma perspectiva, uma liderança comunitária do bairro, que passou por um curso de capacitação e foi funcionário do governo, atuando como coordenador de um dos núcleos do Pronasci/PELC, em um dos eventos promovidos pelo programa, manifestou os objetivos almejados com as ações. Nas suas palavras: “Aqui queremos ensinar disciplina e dedicação a estes jovens. Estou sentindo que a dedicação deles é muito grande”¹⁷.

¹⁵ Ministro da Justiça. Discurso manifestado em 9/10/2009 no evento de lançamento do Território de Paz, na vila Comtel, bairro Guajuviras. Disponível em: <<http://antigo.canoas.rs.gov.br/Site/Noticias/Noticia.asp?notid=7196>>. Acesso em: 14/10/2009.

¹⁶ Secretário Municipal de Cultura, falando sobre as ações do Pronasci no bairro Guajuviras. Disponível em: <<http://antigo.canoas.rs.gov.br/Site/Noticias/Noticia.asp?notid=7175>>. Acesso em: 14/10/2009.

¹⁷ Disponível em: <<http://antigo.canoas.rs.gov.br/Site/Noticias/Noticia.asp?notid=7678>>. Acesso em: 17/11/2009.

A cidade de Canoas/RS foi o nono município do Brasil onde o Território de Paz foi lançado pelo Pronasci, através do convênio com a nova Secretaria de Segurança Pública e Cidadania do município, criada em janeiro de 2009, sendo escolhido o bairro Guajuviras para ser o *Território de Paz* da cidade. Atualmente, o Guajuviras vem sendo palco dos seguintes projetos: Justiça Comunitária, Casa das Juventudes – onde são desenvolvidas as ações do Programa de Proteção de Jovens em Território Vulnerável (Protejo) –, Mulheres da Paz, Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC), Projeto Geração Consciente, Projeto Pacificar, Agência da Boa Notícia Guajuviras (ABNG), Câmeras de Vídeo-Monitoramento e Sistema de Detecção de Disparos de Arma de Fogo e o aumento do policiamento ostensivo.

3.3 O Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC)

O PELC foi criado em 2003 pela Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer (SNDEL), do Ministério do Esporte, sob a justificativa da desigualdade de acesso ao esporte e ao lazer por parte de largas parcelas da população brasileira. O programa foi elaborado com os objetivos de ampliação, democratização e universalização do acesso às práticas do esporte recreativo e do lazer, integrando suas ações às demais políticas públicas, favorecendo a inclusão social. Desde então, é implantado através de convênios e parcerias com os governos estaduais, municipais, organizações não governamentais (ONGs) e universidades, destacando o Ministério do Esporte como protagonista na formulação de políticas públicas de esporte e lazer.

O PELC possui três eixos centrais que formam suas ações (BRASIL, MINISTÉRIO DO ESPORTE 2010):

1. **Funcionamento de núcleos de esporte recreativo e de lazer**, que são desenvolvidos em regiões do Brasil, com o objetivo de garantir o direito ao acesso de qualidade às políticas públicas de esporte e lazer, em suas dimensões recreativas, para as diversas faixas etárias, garantindo a inclusão de pessoas com deficiência.
2. **Funcionamento da Rede CEDES** (Centros de Desenvolvimento de Esporte Recreativo e de Lazer), junto às instituições de ensino superior – por meio de estímulo e fomento à produção e à difusão de conhecimentos científico-tecnológicos, voltados à qualificação das políticas públicas de esporte recreativo e do lazer.

3. **Implantação e modernização de infraestrutura para esporte recreativo e lazer**, que prevê a construção e a reforma de equipamentos, ação executada pela Secretaria Executiva do Ministério do Esporte.

O programa também possui como meta a conscientização de todos os parceiros envolvidos no programa (agentes públicos de esporte e lazer e beneficiários) da importância de investimentos em políticas públicas de esporte e lazer para que se avance do estágio de política de governo para política de Estado.

Ancorado nesses conceitos, o PELC possui quatro estratégias de ação: ação educativa; pesquisa; gestão compartilhada; e informação (BRASIL, MINISTÉRIO DO ESPORTE 2010).

A *ação educativa* caracteriza-se pela formação continuada de gestores, agentes, lideranças comunitárias, pesquisadores, legisladores e outros parceiros atuantes nas esferas públicas federal, estadual e municipal, com vistas à formulação e à implementação de políticas públicas de esporte e lazer de inclusão social e cultural. O investimento nos cursos de capacitação e formação continuada torna-se necessário para articular e viabilizar a criação e manter o funcionamento de núcleos de esporte e lazer do PELC nos territórios selecionados pela SNDEL.

A segunda estratégia de ação é a *pesquisa*, ou seja, o fomento de estudos, fundamentados na pesquisa social, sobre temas prioritários para a qualificação de políticas públicas de esporte e lazer, de inclusão social e cultural, desenvolvidas por instituições de ensino superior de todas as regiões brasileiras, expandindo e modernizando a base científico-tecnológica que vem sendo construída sobre o esporte e lazer pela pesquisa social no Brasil. Para o desenvolvimento das pesquisas sociais, foi criado pela SNDEL a Rede CEDES, que financia estudos de grupos de pesquisa de instituições de ensino superior que desenvolvem pesquisas sobre esporte e lazer. Os grupos de pesquisa que desejam desenvolver estudos desse tipo devem enviar projeto para a SNDEL, a fim de passarem por um processo seletivo. Os projetos aprovados recebem recursos financeiros para o desenvolvimento de pesquisas sociais sobre esporte e lazer em determinadas regiões, tendo em vista o aperfeiçoamento das políticas públicas de esporte e lazer como o PELC, por exemplo.

A terceira estratégia de ação é a *gestão compartilhada*, marcada pela formação continuada e por trocas de experiências dos agentes envolvidos no PELC através de cursos de capacitação, congressos e seminários, tendo como objetivo a qualificação da política nacional de esporte e lazer.

A quarta estratégia de ação é da *informação* que se caracteriza pela política de documentação, informação e difusão, articulada à *gestão do conhecimento e da informação* para subsidiar, avaliar e qualificar políticas públicas de esporte e lazer, de inclusão social e cultural, sistematizando e difundindo conhecimentos, dando suporte a intercâmbios nacionais e internacionais e à construção de inter-relações entre esporte educacional, de rendimento e lazer. Dessa maneira, tal estratégia tem como objetivo o apoio à pesquisa, à produção e à difusão de publicações impressas e digitais sobre esporte e lazer, especialmente das pesquisas financiadas pela Rede CEDES, de modo a contribuir com o desenvolvimento tecnológico, científico e pedagógico das políticas públicas administradas pelo Ministério do Esporte, entre elas o PELC.

O PELC iniciou com duas ações de funcionamento: o *PELC Todas as Idades* envolve todos os seus segmentos, tendo como público-alvo crianças, jovens, adultos, idosos e pessoas portadoras de necessidades especiais, devendo contemplar nos seus respectivos núcleos atividades esportivas, ginástica, lutas (judô, *taekwondo*, capoeira), artes (música, dança, teatro, artesanato), brinquedotecas, salas de leituras e jogos populares; o *PELC Vida Saudável* oferece atividades de lazer, esportivas, ginástica e dança para atendimento da faixa etária a partir dos 45 anos.

No ano de 2008, o PELC, que era gerido pelo Ministério do Esporte, passou a fazer parte do conjunto de ações do Pronasci, do Ministério da Justiça, consolidando uma terceira ação de funcionamento, chamado agora de Pronasci/PELC. Este tem como público-alvo jovens com idades entre 15 e 29 anos que habitam territórios com índices elevados de violência. O principal objetivo é diminuir os índices de violência e a sensação de insegurança dos moradores dos *territórios vulneráveis*, promovendo o esporte e o lazer. As atividades oferecidas nos núcleos devem contemplar esportes, ginástica, lutas (judô, *taekwondo*, capoeira), artes (música, dança, teatro), e os eventos que devem ser realizados uma vez por mês, de modo alternado nos respectivos núcleos.

Diferente do PELC Todas as Idades e do PELC Vida Saudável, que possuem núcleos em cidades e seus respectivos bairros, sem se ancorar em um conjunto de peculiaridades como condição de sua implantação, o Pronasci/PELC possui núcleos somente nos *Territórios de Paz*, nomeados pelo Ministério da Justiça, onde se articulam ações sociais, de recuperação urbanística e de justiça e segurança, através também de todas as outras ações do Pronasci.

3.4 A invenção de uma população

Quais critérios foram definidos para o bairro Guajuviras ter sido contemplado com as ações do Pronasci com vistas a transformá-lo em um *Território de Paz*? Considerando o contexto biopolítico foucaultiano, no qual categorizações, classificações e hierarquizações começaram a ser colocadas em funcionamento através de um conjunto de dispositivos a partir do fim do século 18, é preciso considerar tais investimentos como efeito de uma vontade de ordenamento social típico do Estado moderno, que transformou o indivíduo em sujeito social a ser pacificado e categorizou certas populações. Instituições modernas como a escola, a fábrica, o hospital psiquiátrico e a prisão foram lançadas para o investimento político sobre a vida, como parte do processo civilizatório, de modo especial com vista ao bom funcionamento da sociedade capitalista.

Não obstante, para que estas “instituições disciplinares” (FOUCAULT, 1984, 2009) ou de “socialização secundária” (BERGER; LUCKMANN, 2010) pudessem ser justificadas, foi necessário a criação de um conjunto de categorias para a definição do inimigo social: o criminoso. Esse tipo social passou a ser o sujeito que possui conduta não econômica, o sujeito que danifica a sociedade. Contudo a criação desse conjunto de categorias só foi possível decorrente de produções discursivas e sua circulação na sociedade, para que a colocação dos sujeitos nas instituições pudesse adquirir legitimidade. O investimento passou a ser preventivo, ou seja, ao nível do que o sujeito pode fazer. Assim, o criminoso *a priori* passou a ser todo mundo, através de uma produção discursiva que diz respeito a

[...] um feixe completo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal conceito, para que organize tal ou qual estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática. (FOUCAULT, 1986, p. 82).

Na atual sociedade, chamada por Deleuze de “sociedade de controle” (2006), parece que esses investimentos sobre a vida foram reposicionados. A dinâmica é análoga à anterior, sendo que agora está ampliada para o conjunto de categorias que definem e classificam populações ou grupos. Hecktheuer e Silva (2010) põem em relevo que a invenção de uma população se dá por meio de um conjunto de classificações, categorizações e rotulações que cumprem a função de constituir uma população de vulneráveis; logo, torna-se objeto a ser docilizado e governado, no sentido de diminuir os riscos a que estão submetidos e, ao mesmo tempo, os riscos que podem submeter aos outros. Diante disso, sugere-se que o fator relevante que posicionou o bairro Guajuviras na condição de *Território de Paz* foi construído por um conjunto de formulações bem datadas e localizadas por uma produção discursiva, no qual o

bairro, de modo especial os jovens habitantes das vilas que o compõem, adquire significativa centralidade. Nesse sentido, nas páginas que seguem, apresento excertos retirados de alguns jornais impressos de circulação municipal, regional e nacional, no que diz respeito ao modo como foi dado destaque ao bairro ao longo de alguns anos.

Quadro 1 – Sínteses de notícias sobre Canoas e o bairro Guajuviras

FONTE	DATA	MANCHETE	SÍNTESE DA NOTÍCIA
Diário Gaúcho	21/12/2007	Assassinato em Canoas: Rapaz é executado a mando do tráfico	P.C.A., 24 anos, foi morto com pelo menos três tiros no bairro Guajuviras. Família confirmou que devia para traficantes. [...] O crime ocorreu às 11h45min de ontem na Quadra F, Setor 1 do bairro Guajuviras, uma ocupação em Canoas. Desempregado, P.C. estava com uma pasta na qual, conforme seu pai, estavam documentos com os quais ele iria preencher uma ficha de emprego [...] na capital.
Diário Gaúcho	22/12/2007	Violência em Canoas: três são mortos em menos de 24h	No bairro Guajuviras, o mais violento do município, três homens foram assassinados. Os crimes aconteceram a pouca distância uns dos outros. [...] Dois homens foram fuzilados no bairro Guajuviras, o mais violento da cidade, e o terceiro foi morto a facadas no limite com o bairro Estância Velha. [...] Campeões de homicídios: Juntos, Mathias Velho e Guajuviras somam 77 homicídios – 81,9% do total do município.
Diário Gaúcho	27/12/2007	Tráfico e homicídio no bairro Guajuviras	O assassinato [...] ontem no Setor 6, é um típico caso da cruel lista de homicídios no bairro Guajuviras, em Canoas. [...]. O bairro de 50 mil habitantes soma agora 44 homicídios em 2007. A pobreza e as drogas são, para a polícia, as principais razões para o aumento dos crimes.
Diário Gaúcho	27/6/2008	Cidades violentas: Sete assassinatos em dezesseis horas	Num período de 16 horas, entre o final da noite de quarta-feira e o fim da manhã de ontem, Porto Alegre e Canoas registraram sete homicídios. Três deles aconteceram nos dois bairros considerados os mais violentos da Região Metropolitana: o Guajuviras, em Canoas, e o Rubem Berta, na Capital. Não por acaso, em seu discurso de posse, na terça-feira, o novo comandante da Brigada Militar, coronel Paulo Roberto Mendes, mencionou o combate à criminalidade nos dois locais como um dos seus principais objetivos. [...] Casa invadida: A.S.C.R., 24 anos, foi morto a tiros em sua casa, na Rua XX, Vila Comtel, Bairro Guajuviras, Canoas [...] A vítima tinha antecedentes por receptação de mercadorias roubadas. [...] Dois bairros sob tensão: A violência nos bairros Guajuviras e Rubem Berta já foi assunto de reportagens no Diário Gaúcho [...]. A região tem cerca de 50 mil habitantes e já registrou, este ano, 20 assassinatos [...].
Diário de Canoas	13/1/2008	Dois mortos em Canoas	Dois homens foram mortos a tiros entre a noite de sexta e a madrugada de ontem no bairro Guajuviras, em Canoas.
Diário de Canoas	14/1/2008	Cidade registra mais dois assassinatos	Corpo de mulher foi encontrado queimado na manhã de ontem, [...] no bairro Mathias Velho. Na madrugada, rapaz de 29 anos levou cinco disparos no Guajuviras. Desde a sexta-feira foram quatro homicídios em Canoas.
Diário de Canoas	23/1/2008	Curtas	Um jovem de 17 anos foi atingido por um tiro na perna esquerda por volta das 20h10 de ontem na Quadra W, Setor 3, bairro Guajuviras.
Diário de Canoas	25/1/2008	Identificado homem queimado no Pôr-do-Sol	O corpo de uma das vítimas assassinadas com requintes de crueldade foi identificado na tarde de ontem, no posto do Departamento Médico Legal de Canoas. A.Q.F., 28 anos, [...] foi encontrado morto no último dia 8, dentro de uma valeta na rua 6 do Loteamento Pôr-do-Sol, bairro, Guajuviras.
Diário de Canoas	26/1/2008	Curtas	Revólver: um jovem de 17 anos foi apreendido por carregar um revólver calibre 38, com numeração raspada. A ação ocorreu no

			Beco dos Seus, no bairro Guajuviras, por volta da meia noite de ontem. A ocorrência foi registrada na DPPA.
--	--	--	---

FONTE	DATA	MANCHETE	SÍNTESE DA NOTÍCIA
Diário de Canoas	28/1/2008	Homem morto a tiros no bairro Guajuviras	Um homem de 35 anos foi executado com três tiros, um no braço direito e dois na cabeça no sábado à noite [...] Vila Comtel, bairro Guajuviras. [...] O policial recolheu do local um bilhete encontrado próximo ao corpo onde estava escrita uma ameaça de morte e terminava acusando a vítima de “X9” (delator). [...] Ele disse [...] que o crime possa ter ligação com a prisão de dois homens envolvidos com tráfico [...] na semana passada, e que na ocasião a vítima foi convocada a prestar depoimento como testemunha. Esse foi o assassinato de numero 15 desde o início do ano na cidade, mesmo número de janeiro de 2007.
Diário de Canoas	29/1/2008	Jovem ferido a bala no Guajuviras	Um adolescente de 19 anos foi atingido com quatro tiros [...] A ação ocorreu na tarde de ontem, na rua Esperança, no bairro Guajuviras [...] O adolescente está foragido desde abril de 2007 [...] Ele estava internado na Fase desde 2006 por ter participado de um tiroteio em que quatro pessoas foram feridas em Gravataí.
Diário de Canoas	12/2/2008	Após denúncia, Brigada estoura ponto de tráfico	Uma mulher foi presa na madrugada de ontem depois que policiais militares descobriram que ela escondia 20 pedras de crack em seu sutiã. Além disso, outras 43 pedras e oito pedras de cocaína foram encontradas em uma máquina caça-níquel no interior da boate em que trabalhava, no bairro Guajuviras. A ação ocorreu por volta de 2h30 de ontem na casa noturna, localizada na rua 1, Setor 3. [...] Por conta disso [...] foi autuada por tráfico de entorpecentes.
Diário de Canoas	14/2/2008	Homem executado a tiros no bairro Guajuviras	Um homem ainda não identificado foi executado em uma das regiões mais movimentadas do bairro Guajuviras. Era por volta de 17h30, na Quadra JJ, Setor 2 a uma quadra do CAIC, quando a vítima foi atingida por tiros no rosto em um bar. [...] As investigações ficarão a cargo da 3ª Delegacia de Polícia, que já contabiliza 10 homicídios na região do Guajuviras desde o início do ano.
Diário de Canoas	14/2/2008	Iluminação precária causa insegurança no Guajuviras	[...] No bairro Guajuviras, dezenas de famílias sofrem as consequências da escuridão que tomou conta da Quadra P, no Setor 6, desde dezembro. Pelo menos 20 postes estão sem iluminação [...] Outro local que está às escuras é a praça 12 de Outubro [...] No dia 25 de dezembro, por volta de 23 horas, um homem foi assassinado em frente ao espaço de lazer. “Sair ou chegar em casa é sempre perigoso”, afirma R. M., 47 anos, que reside no local há seis anos. Segundo o beneficiário do INSS, a escuridão gera pânico cada vez que alguém precisa sair de casa. “Preocupam-me os assaltos, pois tem gente que sai muito cedo e volta tarde da noite para estudar e trabalhar”.
Diário de Canoas	18/2/2008	Viatura capota em perseguição	[...] O acidente aconteceu durante perseguição a duas motocicletas, na esquina da Avenida Boqueirão com Estrada do Nazário, no bairro Guajuviras. [...] Um rapaz de 19 anos e quatro adolescentes foram detidos e encaminhados à 3ª Delegacia de Polícia, ninguém foi preso.
Diário de Canoas	19/2/2008	Homem achado morto na Estrada da Fazenda	Um homem de 33 anos foi encontrado morto com pelo menos dois tiros, às 8 horas de ontem, na Estrada da Fazenda, no bairro Guajuviras. A vítima estava em um matagal, embaixo de antenas de transmissão de energia. [...] O homem possui antecedentes policiais e tinha sua foto divulgada pela corporação como suspeito de praticar crimes na região.

FONTE	DATA	MANCHETE	SÍNTESE DA NOTÍCIA
Diário de Canoas	15/6/2009	Invasões mudaram mapa em bairros de Canoas	Ruas sem asfalto, ligações irregulares de energia elétrica e de água potável, a falta de rede de esgoto são apenas algumas das dificuldades enfrentadas pelas famílias que formam ocupações irregulares em torno dos bairros canoenses. Há quatro anos, a cidade teve sua última invasão, ocorrida no bairro Harmonia. Antes, entre 1998 e 1999, o município registrou uma grande onda de ocupações, quando pelo menos três novas vilas se formaram no bairro Guajuviras. [...] o secretário de Desenvolvimento Urbano e Habitação, Roberto Tejadas, explica que [...] Para evitar novas invasões a Prefeitura promove programas habitacionais como o <i>Minha Casa, Minha Vida</i> , do governo Federal e mantém fiscalizações.
Diário de Canoas	15/6/2009	Dois assassinatos em cinco horas na cidade: Crimes ocorreram durante madrugada nos bairros Mathias Velho e Guajuviras.	[...] EXECUÇÃO – No bairro Guajuviras, E.P.F., 25 anos, morreu com quatro tiros na cabeça, tórax, perna e um disparo que transfixou um dos braços. [...]. Por causa das características do crime, a polícia trata o caso como execução. F. não possuía passagens pela polícia. Ele teria chegado em casa pouco antes e dito para a mulher que iria tomar uma cerveja no bar. [...]. São 77 casos desde janeiro: Os dois casos de homicídios ocorridos na madrugada de ontem elevaram para 77 o número de pessoas assassinadas em Canoas desde o início do ano. [...]. Nos dois casos recentes, as mortes aconteceram nos bairros com os maiores índices deste tipo de crime na cidade, o Mathias Velho e o Guajuviras.
Diário de Canoas	18/6/2009	Mulher é presa com crack no Guajuviras	Uma mulher de 45 anos foi presa as 18h50 de ontem na rua Quadra L, Setor 6, com 112 pedras de crack, três pedras pequenas de maconha e R\$ 47. A prisão deu-se após a BM averiguar denúncias de tráfico no local, que também indicavam o paradeiro de um foragido no mesmo endereço. [...] Ela foi autuada em flagrante na Delegacia de Pronto-Atendimento. Após [...], os policiais retornaram ao local da prisão e capturaram F.A.C.T., 34 anos, foragido da Justiça. O homem havia conseguido fugir anteriormente ao perceber a chegada da Polícia.

FONTE	DATA	MANCHETE	SÍNTESE DA NOTÍCIA
Diário de Canoas	3/12/2009	Jovens cada vez mais expostos à violência: Canoas ocupa o 10º lugar entre as 18 cidades gaúchas analisadas em estudo	<p>Um frentista de 20 anos sofreu um assalto há cinco dias ao caminhar na Avenida 17 de Abril, no bairro Guajuviras. Os criminosos roubaram dele R\$ 50, o telefone celular e o tênis e o agrediram com chutes nas pernas e um soco na barriga. Mesmo sem saber, o adolescente faz parte de um levantamento realizado pela Fundação Seade de São Paulo, a pedido do Ministério da Justiça e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, sobre o índice de Vulnerabilidade Juvenil envolvendo pessoas entre 12 e 29 anos. De acordo com a pesquisa, cresce o número de jovens de 19 a 24 anos vítimas e autores de crimes. O estudo analisou 18 cidades gaúchas, entre 266 do país com mais de 100 mil habitantes. Canoas ocupa o 10º lugar no Rio Grande do Sul e o 196º no Brasil [...].</p> <p>SAIBA MAIS:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conforme a pesquisa, municípios que menos investem em segurança pública são exatamente aqueles que mais expõem seus jovens à violência. - Na média, o levantamento constatou que nas cidades onde o Índice de Vulnerabilidade Juvenil (IVJ) é muito alto, a despesa em segurança pública, em 2006, foi de R\$ 3.764 por mil habitantes, enquanto os municípios com IVJ baixo aplicaram R\$ 14.450 por mil habitantes. <p>Guajuviras vai ganhar a Casa da Juventude O secretário municipal de Segurança Pública, Alberto Kopittke, afirma que a violência entre os jovens é uma realidade brasileira e mundial. Para tentar reduzir os índices de criminalidade, a cidade desenvolve o Protejo, que faz parte do pacote de projetos do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci). O Protejo atenderá 400 jovens que evadiram das salas de aula ou que já tiveram alguma passagem pela polícia. Canoas já recebeu R\$ 1,5 milhão para oferecer o programa.</p> <p>A Casa da Juventude, que está sendo montada no bairro Guajuviras, oferecerá atividades de formação, oficinas culturais e telecentro. Além disso, é formada uma rede de mulheres no bairro que terão a função de identificar outros jovens para participar das ações. “Temos ainda trabalhos permanentes às sextas-feiras e aos sábados nos bares da cidade, por meio do Gabinete de Gestão Integrada”, informa.</p>
Jornal ABC	20/1/2008	BM apreende 175 pedras de crack no Guajuviras	A ação ocorreu [...] ontem, na Rua 19, na Invasão do Banhado, no bairro Guajuviras.
Jornal ABC	20/1/2008	Homem é encontrado alvejado por cinco tiros	M.C.C., 35 anos, foi socorrido por uma ambulância da Samu/Salvar [...] ontem, quando pedia socorro na Avenida 17 de Abril, Setor 2, Quadra DD, no bairro Guajuviras. O homem tinha sido alvejado com cinco tiros no pescoço, perna, abdômen e braço [...] A vítima tem passagens pela polícia por roubo e tráfico de drogas.

FONTE	DATA	MANCHETE	SÍNTESE DA NOTÍCIA
Zero Hora	8/4/2008	Reportagem Especial - Tarde trágica, noite sangrenta	Entre a noite de domingo e a madrugada de ontem, em um intervalo de sete horas e 20 minutos, 10 pessoas foram assassinadas no Estado. Confira os casos: [...] 0h40min de ontem em Canoas: No Setor dois do bairro Guajuviras, E.S.L.J., 26 anos, foi morto com cinco tiros. Segundo a Polícia Civil, três jovens apareceram em frente ao portão do prédio em que a vítima morava. Assim que saiu para rua, a vítima foi executada. Dez homicídios em sete horas e 20 minutos: [...] Os crimes guardam semelhanças entre si: foram usadas armas de fogo contra jovens do sexo masculino – a maioria entre 15 e 30 anos –, que moravam na periferia. Sete casos foram classificados pela polícia como execuções, já que as vítimas foram atingidas com quatro tiros. [...] Para a antropóloga Ana Luiza Quadros, do laboratório de Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) [...] o perfil das vítimas revela um problema social: a ação dos criminosos na periferia à medida que as ações sociais do Estado nas comunidades se tornam escassas. É uma cultura que se cria na periferia. Os jovens acabam tendo como modelos de sucesso os traficantes ou outros criminosos que conseguem as garotas mais bonitas, andam mais bem vestidos, têm carros melhores – ressalta. [...] Os criminosos se aproveita da ausência do Estado e criam uma rede que liga as diferentes classes sociais. Além de traficantes, morrem jovens de famílias que passam a morar nessas regiões e não conhecem os códigos morais e limites impostos por esses grupos criminosos.
Zero Hora	7/6/2008	Canoas: Polícia descobre central de tráfico por telefone	As polícias Civil e Militar fizeram uma megaoperação ontem no bairro Guajuviras, em Canoas, área marcada por guerra de gangues. [...] Sete homens foram presos. Pelo menos cinco, segundo a polícia, fazem parte de uma das gangues [...] Mas o que mais surpreendeu os policiais foi a descoberta, em um barraco vazio, de uma central telefônica. A central foi encontrada por acaso. Um policial entrou na casa e viu o telefone, que em seguida começou a tocar. Sem saber quem estava do outro lado da linha, a pessoa que ligou foi direta: - Já chegou o crack? O policial para tentar atrair o usuário, respondeu: - Sim, pode vir buscar. [...] Era uma espécie de disque-droga. [...] Em outra casa, no Setor 1, a polícia apreendeu uma arma, parte da droga e um lote de bebidas falsificadas. [...] Essa parceria entre Brigada e Polícia Civil é fundamental para combater o tráfico e outros crimes na região – disse o comandante da Brigada Militar de Canoas, coronel Rodolfo Pacheco.

FONTE	DATA	MANCHETE	SÍNTESE DA NOTÍCIA
Correio de Notícias	9/10/2009	Guajuviras ganha hoje o seu Território da Paz	União, Estado e Município consolidam parcerias para reduzir índices de violência e criminalidade num dos mais conflituosos pontos de Canoas. Logo mais, na Vila Comtel, antigo território invadido no bairro Guajuviras será lançado o Território de Paz (p. 1). [...] Na tarde de quinta-feira, 8, o secretário executivo do Pronasci, Ronaldo Teixeira, esteve em Canoas, juntamente com o prefeito Jairo Jorge e o secretário municipal de Segurança Pública, [...] anunciando o lançamento do Território de Paz Guajuviras. [...] além de ser o 9º Território de Paz do Brasil, Canoas é a primeira cidade que recebe a iniciativa federal de enfrentamento da violência fora de uma capital. O local escolhido, o bairro Guajuviras, abriga cerca de 70 mil pessoas e vai receber mais de 55 ações a partir desta sexta-feira [...] O local escolhido para a festa foi o campo de futebol da Vila Comtel, entre as ruas WW e XY. [...]. Um dos principais focos do Território é concentrar ações para atender a juventude. Os jovens em situação de alta vulnerabilidade social serão reintegrados socialmente por meio de atividades culturais, esportivas e educacionais. No bairro terá uma Casa da Juventude, com estúdio multimídia e promoção de oficinas de hip hop, grafite, entre outras atividades voltadas ao público jovem. [...] além disso, 400 jovens de 15 a 24 anos que estejam fora da escola, expostos à violência doméstica, urbana ou moradores de rua receberão R\$ 100,00 mensais para envolvimento em atividades culturais.
Jornal de Canoas – Informativo da Prefeitura Municipal de Canoas	10/2009	Guajuviras Território de Paz	[...] Tudo começou em 17 de abril de 1987, quando milhares de pessoas, desassistidas na época pelas políticas habitacionais dos governos, resolveram se organizar e agir por seus direitos. A ação consistiu na ocupação dos prédios do Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti, abandonado pelo Estado e pela Prefeitura naquele período, e que estava em discussão de propriedade na Justiça. [...] Como consequência de uma série de carências para aquela região, a violência avançou na cidade. [...] o Guajuviras agora ganha mais um aliado no enfrentamento da violência: o Território de Paz.
Jornal de Canoas – Informativo da Prefeitura Municipal de Canoas	3/2012	Transporte Coletivo – Canoenses ganham 6 novas linhas de ônibus	A partir do dia 19 deste mês, os canoenses contarão com quatro novas linhas circulares e duas linhas rápidas de ônibus. [...] foram criadas inicialmente as linhas circulares no Guajuviras, no Mathias Velho e no Meu Rincão. Os bairros Guajuviras e Mathias Velho ganharão linhas rápidas. [...] Linha Circular Território de Paz Guajuviras – Saída pela Avenida 17 de Abril, passando pela A. J. Renner, Santos Ferreira e Alexandre Gusmão, retornando a 17 de Abril. Horário: das 7h10 as 19h50, com intervalos de 40 minutos.

Fonte: o autor (2012)

Como se pôde observar no quadro das páginas anteriores, mesmo com todo o histórico de lutas e conquistas de direitos protagonizados pela população, o bairro Guajuviras, através de toda a produção discursiva no qual foi submetido desde sua ocupação, foi sendo

posicionado e alardeado como mazela urbana, em que os fenômenos da violência e do comércio de drogas fazem parte da ordem das coisas.

Carregando consigo um conjunto de representações sociais negativas, o bairro passou a ser visto como o lugar dos invasores, do tráfico, dos homicídios e das desavenças, marcado pelo desdém e pela segregação socioespacial. Como indicam Hecktheuer e Silva (2010, p. 67), tais representações “contribuem efetivamente para a formação e identificação de uma população a ser governada – a população de vulneráveis”, o que vem direcionando o olhar da sociedade civil, de educadores e profissionais da segurança pública e ampliando um leque de políticas de segurança pública com o objetivo de fazer vigorar determinados modos de vida. Pensar a população assim, derivada de um conjunto de discursos, significa pensá-la como um construto social, ou seja, compreendê-la situada no tempo em que vive. É perceber as múltiplas possibilidades de pensá-la, construí-la e ressignificá-la. Consiste, sobretudo, em entender que a sua construção é constantemente atravessada por produções discursivas que “sistematicamente formam os objetos de que falamos” (FOUCAULT, 1986, p. 56).

Foucault (2011), na sua obra *A ordem do discurso*, salienta que a produção discursiva que permeia a sociedade é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um conjunto de procedimentos que tem como função o domínio do conhecimento para o exercício do poder. Diante disso, aponta que um dos procedimentos para a produtividade dos discursos se baseia na “interdição”, usada com recurso útil para a limitação do enunciado do discurso.

Em uma sociedade como a nossa conhecemos, [...] procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também é a *interdição*. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. (FOUCAULT, 2011, p. 9).

Assim, Foucault (2011) sugere que existem condições e delimitações para que os sujeitos possam formular seus discursos. Entre essas condições, encontra-se o “ritual” o qual determina a qualificação que devem possuir os sujeitos que falam. Nesse sentido, é possível pensar, por exemplo, nos profissionais da mídia, que parecem estar classificados nessa categoria de sujeitos qualificados para falar de determinados temas, devido ao significativo impacto possível causado diante do modo como produzem e veiculam determinadas notícias, como no caso da temática da violência. Como salienta John Thompson (1998, p. 121), “o desenvolvimento da comunicação mediada forneceu os meios pelos quais muitas pessoas podem reunir informações sobre poucos, e ao mesmo tempo, uns poucos podem aparecer diante de muitos”. Pode-se pensar, desse modo, na inédita produtividade que possuem os

discursos veiculados pela mídia ao ponto da sua significativa influência na colocação do tema da segurança na ordem do dia.

A segunda condição dada por Foucault (2011, p. 39) são as “sociedades de discurso [...] cuja função é conservar ou produzir discursos, mas para fazê-los circular em um espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição”. Neste caso, podemos pensar nas formas de difusão e circulação dos discursos de profissionais da mídia e da segurança pública no que se refere ao fenômeno da violência, que em certa medida acabam por fazer em um regime de divulgação baseado na relação de causa e efeito, como se pôde observar no modo como foram veiculados alguns noticiários dos jornais impressos apresentados acima, também os objetivos e as justificativas das políticas de segurança pública, no caso do Pronasci, e os discursos acerca dessa política de segurança manifestados por servidores do Estado, como apresentado na seção 3.2.

A terceira condição para os sujeitos formularem seus discursos consiste nas “doutrinas”, em que “a única condição requerida é o reconhecimento das mesmas verdades e a aceitação de certa regra – mais ou menos flexível – de conformidade com os discursos válidos” (FOUCAULT, 2011, p. 42). Nesse ponto, para que uma produção discursiva tenha efeito prático, é preciso que os sujeitos interpelados por determinados discursos interiorizem-nos, para que formem os objetos de que falam. Quanto às políticas de segurança pública, para que suas ações funcionem de modo eficaz, de fora, abaixo e ao lado dos aparelhos do Estado, ou seja, para o seu pleno funcionamento, torna-se necessária a interiorização dos discursos que justificam suas ações, para que sejam expandidos por toda a sociedade. Neste caso, podemos citar as falas de alguns sujeitos habitantes do bairro Guajuviras e gestores citados na seção 3.2, no qual positivam as ações do Pronasci.

E, por fim, o “sistema de educação”, que diz respeito à “maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (ibidem, p. 44). Essa condição possibilita recorrer aos sujeitos que passam por capacitações e formações, com vista à sua inclusão para governar da melhor maneira possível no seio da sociedade, como no projeto Mulheres da Paz. No bairro Guajuviras, mulheres-mães e mulheres líderes comunitárias foram selecionadas e passaram por um longo curso de formação, no qual foram capacitadas a atuar na prevenção da violência, bem como a fim de estimular e conduzir os jovens do bairro aos projetos como o Protejo e o Pronasci/PELC. Estudantes e professores de educação física, dança e teatro também foram submetidos a um curso de formação de seis dias em setembro de 2009, e outro em janeiro de 2012, para

capacitá-los à inserção e ao desenvolvimento de atividades de esporte e lazer para os jovens do bairro Guajuviras com idades entre 15 e 29 anos, para promoverem o Território de Paz.

Todas essas condições apontadas para a formulação dos discursos

[...] se ligam uns aos outros e constituem espécies de grandes edifícios que garantem a distribuição dos sujeitos que falam nos diferentes tipos de discursos e a apropriação dos discursos por certas categorias de sujeitos. Digamos, em uma palavra, que são esses os grandes procedimentos de sujeição do discurso. (FOUCAULT, 2011, p. 44).

Isso significa apontar que o discurso constitui, nomeia e classifica as coisas e as pessoas, razão pela qual está relacionado à analítica do poder, entendida aqui como algo que se dá e se exerce na relação com o outro dentro de um campo aberto de possibilidades de ações e reações. Para Michel Foucault (2008a), esse movimento faz-se necessário, uma vez que as relações de poder atuam não diretamente sobre os outros, mas nas ações dos outros, e não prescindem de um elemento fundamental, que é a liberdade. Quando esse elemento de princípio está ausente, no entendimento do autor, não há margem de ação nem possibilidade para algumas formas de viver e de comportar-se, para que, pelo menos, mínimas formas de reações e escolhas possam ser realizadas.

Cabe ressaltar que é nessa produção discursiva, que se refere ao conjunto de saberes e práticas permeadas pelas relações de poder, que populações ou grupos são representados e inventados, enquanto outros não. No caso da população do bairro Guajuviras, a produção discursiva construída ao longo dos anos contribuiu de modo significativo para a constituição e a identificação de uma população a ser governada a partir de um conjunto de aspectos considerados como conhecimentos na sociedade, constituídos a partir da realidade objetiva (práticas discursivas das instituições) e a realidade subjetiva (discursos interiorizados) pelos sujeitos (BERGER; LUCKMANN, 2010). Ou seja, os sujeitos foram posicionados num lugar discursivo, onde os veículos de comunicação, como exemplificado, atingem os sujeitos e constroem o lugar em que estes vivem. Assim, pensando com Foucault (2011), o discurso parece que determina o lugar social e político, ou seja, determina o lugar a ser vivido.

Nesse lugar determinado a ser vivido pelos jovens habitantes de periferia, com frequência encontram-se o esporte e o lazer como ações sociais a serem ofertadas. Murilo Mariano Vilaça (2009), ao analisar os projetos sociais esportivos nas periferias do estado do Rio de Janeiro, identificou em seu estudo o quanto a mídia atua como peça-chave do construto discursivo a partir de enunciados organizados de modo a propagar e legitimar tais projetos como recurso útil para o disciplinamento dos jovens a fim de formar sujeitos-cidadãos, partindo do trinômio pobreza-violência-criminalidade. No caso do PELC, o

programa passou a ser ofertado entre o conjunto de ações do Pronasci aos jovens dos locais selecionados a serem pacificados.

Considerando o contexto de uma sociedade de controle, no sentido produzido por Gilles Deleuze, torna-se possível a compreensão de que as políticas públicas de segurança atuam como estratégia de controle das condutas de certas populações ou grupos. Para Hecktheuer e Silva (2010, p. 67),

[...] tratar da constituição de uma população, tomando-a como uma invenção, significa considerar seu caráter não natural, ou seja, os vulneráveis, os indivíduos nominados como sujeitos a riscos ou em situação de risco, não existiram desde sempre categorizados, estigmatizados, rotulados desta maneira.

O modo como as políticas de segurança pública estão estabelecendo seu público-alvo e sendo implantadas em certos territórios no Brasil com seus *apriorismos* parece que “cumprem com esta função de constituir uma população” (ibidem, p. 68), populações que precisam ter os seus ritmos de vida governados. Diante da atual conjuntura, o bairro Guajuviras está recebendo um conjunto de ações do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci), chamado agora de *Território de Paz*.

A formação discursiva pode ser compreendida, assim, como “princípio de dispersão e de repartição” (FOUCAULT, 1986, p. 124), segundo o qual os procedimentos de exclusão ou interdição caracterizam o que deve ou não ser dito dentro de um campo específico, de acordo com a posição ocupada nesse campo. No caso do discurso produzido pela mídia e pela segurança pública, parece que se apoiam em um análogo sistema de formação discursiva que se complementa e acaba em conexão. E os jovens, especiais alvos dessa produção discursiva, estão inseridos nessa rede? Fazem-se sujeitos dessa mesma construção?

Minha hipótese é que o espaço delimitado neste estudo, no que diz respeito aos discursos veiculados pela mídia, ou seja, o que a mídia falou sobre o bairro Guajuviras, foi em certo ponto selecionado com o objetivo de descrever uma realidade que segmentos da sociedade, ao longo dos anos, vêm construindo socialmente sobre as favelas, os guetos, os cortiços e as periferias do Brasil. Diante disso, parece que há uma espécie de conexão entre os discursos veiculados pela mídia e aqueles compreendidos por segmentos da sociedade que, com seus discursos, passam a convocar a intervenção do Estado como forma de garantia de um delimitado ordenamento social, de modo especial para a manutenção do que Richard Sennet (2001) chamou de “novo capitalismo sem atritos”.

Rosa Maria Bueno Fischer (2001) coloca em relevo que, se cada discurso é remetido por ele mesmo a tantos outros, os discursos incorporados pela mídia a partir de outros campos

discursivos, ao serem inseridos e veiculados, reforçam a legitimidade de cada um pelo significado que possui na formação social. Nesse sentido, a formulação de determinadas políticas públicas de segurança, por exemplo, acaba tendo a justificativa e o embasamento necessários para a consolidação de suas ações no contexto dessa trama discursiva.

Diante de todos esses aspectos, é preciso salientar que a política de segurança pública não consiste no problema, tendo em vista que diz respeito a um direito constitucional, contudo parece relevante apontar para o modo como foi investida no bairro. A problemática está direcionada a como um conjunto de procedimentos que sujeitam os indivíduos ou grupos a determinados discursos construiu uma realidade social (BERGER; LUCKMANN, 2010) que posicionou os habitantes do bairro Guajuviras na condição de sujeitos a serem pacificados.

4 DISPOSITIVOS DE SEGURANÇA E PARTICIPAÇÃO¹⁸

4.1 Ainda é só o começo...

Bairro Guajuviras, Canoas, 8 de outubro de 2009, início de tarde nublada. Ventava bastante, era o início das ações do Território de Paz no bairro. Já eram 13h30min, alguns funcionários municipais lotados em diferentes secretarias, cargos em comissão das secretarias de Esporte e Lazer e Segurança Pública e Cidadania, coordenadores e estagiários dos projetos Pronasci já se encontravam em grande número na Praça da Brigada Guajuviras para dar início à “caminhada da paz”. Todos vestidos de branco, acompanhados de um carro de som, começaram a caminhada, que se desenrolou ao longo da Avenida Principal. O locutor, ao microfone, discursava pela paz, relembrava a história de lutas e conquistas que marcaram o bairro desde sua ocupação. Os projetos Pronasci que estavam por iniciar no bairro também foram repetidas vezes salientados e positivados na voz do locutor. Enquanto a caminhada ocorria ao longo da avenida, algumas pessoas de suas casas e das janelas de seus apartamentos observavam atentamente, outras abanavam, outras sacudiam ou estendiam lençóis ou panos brancos. O microfone também circulava entre sujeitos que estavam compondo a caminhada, passando de mão em mão, com manifestos positivos às ações que estavam por ser investidas pela Secretaria de Segurança municipal, bem como favoráveis ao bairro.

No dia 9 de outubro foi oficialmente lançado o Território de Paz no bairro. O local de lançamento foi na Vila Comtel. Uma megaestrutura foi montada na vila para o lançamento das ações dessa política pública. Na rótula que caracteriza a entrada do bairro Guajuviras, já era possível visualizar a movimentação decorrente do evento. Alguns policiais já se encontravam em prontidão. Ao longo da Avenida Principal, havia mais policiais e placas indicativas, orientando como chegar à Vila Comtel. No entorno da vila, muitos veículos oficiais, como das secretarias da prefeitura municipal, viaturas da Brigada Militar, das polícias Federal e Civil e veículos de deslocamento de gestores municipais e do governo do Estado.

¹⁸ Pensando com Foucault, José Geraldo Soares Damico (2011), em sua tese de doutorado, ao estudar as políticas de segurança pública no Brasil através das ações do Pronasci no bairro Guajuviras e as ações das *Politiques de la Ville* na França, sugeriu que essas ações do Estado são conduzidas por meio de dispositivos de segurança e participação, visto que se desenvolvem a partir de ações estruturais articuladas ao envolvimento dos sujeitos (professores, estagiários, lideranças comunitárias, mulheres-mães habitantes dos territórios-alvo, os jovens que são os principais alvos das políticas) que são incluídos nas ações sociais do Estado para governar e serem governados.

No interior da vila, a estrutura para o lançamento dos projetos Pronasci foi montada no campo de futebol de chão batido, localizado entre as ruas WW e XY. Esse campo foi construído e adaptado pelos próprios moradores da vila – e, para a montagem da estrutura do evento, foram retiradas as goleiras, que até hoje não foram recolocadas. A estrutura era coberta, composta de um palco e estandes. Cada estande levava o nome de um dos projetos Pronasci que estavam sendo implantados no bairro; em cada um deles encontravam-se representantes para dar informações e realizar inscrições para os habitantes do bairro interessados em participar de algumas das ações. Havia o estande do projeto Mulheres da Paz, do Protejo, do Justiça Comunitária, da Guarda Municipal, do PELC, entre outros.

Atrações locais eram destaques no palco, com apresentações de grupos de *rap*, *funk*, pagode, apresentações musicais e teatrais protagonizadas por alunos de escolas municipais e estaduais localizadas no bairro. As pessoas transitavam entre os estandes para obter informações sobre as ações que estavam por iniciar no bairro. Nos becos e nas ruas de chão batido da vila, próximas ao local onde se realizava o evento, o fluxo de pessoas que chegavam e saíam era significativo. Muitos guardas municipais e policiais da Brigada Militar circulavam entre as pessoas, viaturas passavam paulatinamente entre elas sob o olhar vigilante dos policiais. O policiamento estava tão ostensivo ao ponto de alguns moradores da vila, observando toda aquela movimentação, manifestar comentários entre eles como “eu nunca vi tanta polícia aqui”, ou “nossa, é polícia que não acaba mais”. No local onde estavam instalados os estandes e o palco, o contexto era análogo. Arrisco-me a dizer que significativa parcela das pessoas que se encontravam no local ou eram agentes dos projetos Pronasci, ou guardas municipais, ou policiais, ou secretários municipais, vereadores, deputados, o que suplantava a sensação de o evento estar sendo prestigiado por muitos moradores do bairro.

No estande do PELC, foi solicitado a nós, coordenadores, que gerenciássemos a distribuição de panfletos com os informativos do programa no local do evento, bem como a organização de pré-inscrições de jovens para atuar em um dos quatro núcleos de esporte e lazer que estavam sendo implantados no bairro. Diante disso, enquanto os coordenadores, acompanhados de alguns estagiários, transitavam entre as pessoas, distribuindo os panfletos informativos do programa – ao mesmo tempo em que já convidavam os jovens a realizarem inscrição e pais ou responsáveis a realizarem inscrição de seus filhos, sobrinhos e netos –, outros estagiários ficaram no estande para também prestar informações sobre o programa àqueles que se dirigissem ao local e cadastrar jovens interessados. Simultaneamente, no palco aconteciam as apresentações musicais, os esquetes teatrais, os discursos de secretários, vereadores, deputados e até do ministro da Justiça de então, Tarso Genro.

Um dos coordenadores de núcleo do Pronasci/PELC, Marco Antonio, é ex-jogador profissional de futebol, atuando em diversos clubes, entre eles o Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense. Devido a isso, possui muitos contatos com jogadores e ex-jogadores de futebol. Para dar mais visibilidade ao programa, de modo a instigar os jovens a se inserir nas atividades, Marco Antonio resolveu convidar um ex-jogador de futebol a permanecer alguns minutos no estande do PELC. Esse fato desencadeou um dos momentos mais interessantes do evento. Por volta de 16 horas Marco Antonio chegou acompanhado do ex-goleiro do Grêmio e atual deputado federal Danrlei. A chegada do ex-goleiro provocou significativo alvoroço. Muitas pessoas, algumas ansiosas, dirigiam-se ao ex-atleta para trocas de abraços e fotos. A agitação tomou uma proporção significativa, ao ponto de muitas pessoas que acompanhavam as atrações em frente ao palco se deslocarem em direção ao ex-atleta para o registro do momento. Logo depois, Danrlei dirigiu-se até o estande do PELC, cumprimentou todos os estagiários e demais coordenadores do programa, enquanto Marco Antonio selecionava uma camiseta do PELC para presentear-lo. Após todos os cumprimentos e fotografias, Marco Antonio presenteou o ex-goleiro com uma camiseta do programa e solicitou que a vestisse. Danrlei vestiu a camiseta, permanecendo alguns minutos no estande do PELC, fato que instigou muitos jovens à realização da inscrição no programa, desde o momento em que o ex-atleta estava presente até alguns momentos depois que ele deixou o local.

A antropóloga Simoni Lahud Guedes coloca em relevo o paraíso ilusório que pode ser criado entre alguns jovens devido aos modos como o futebol está sendo utilizado em projetos sociais. Nas palavras da antropóloga:

Nós precisamos pensar um pouco sobre essa utilização do futebol tão extensivamente como chamariz, como estratégia pedagógica em projetos sociais porque aí existe uma outra questão. Embora os projetos sociais não estejam estimulando a profissionalização dos meninos, esse sonho está presente para a maioria deles, e isso é problemático. Há um percentual mínimo, quase insignificante, que têm sucesso. Devemos pensar um pouco mais sobre isso [...] se não podemos oferecer alternativas, [...], então deveríamos pensar mais diversificadamente sobre esse ponto de vista. (GUEDES, 2006, p. 19).

Diante dos aspectos citados, podemos recorrer às reflexões de Gilles Deleuze (2006). O fato de o Pronasci/PELC ter como um de seus coordenadores um ex-jogador de futebol profissional, bem como a presença do ex-goleiro no evento de lançamento do programa, parece fazer sentido à atual sociedade de controle que atua sobre os gostos, os desejos e os interesses dos sujeitos, de modo que a legitimidade de ex-atletas de alto rendimento, conferida a eles especialmente por parte dos jovens que aspiram à profissionalização no futebol, não

deixa em certa medida de caracterizar uma estratégia para agregar o maior número possível de jovens ao programa.

4.2 A busca por espaços fechados e abertos para o funcionamento das atividades do Pronasci/PELC e a ligação dos jovens aos aparelhos: a posição do coordenador

No primeiro mês, a partir de outubro de 2009, junto aos demais quatro coordenadores do Pronasci/PELC no bairro Guajuviras, e como os estagiários ainda estavam em processo de assinatura de contratos – logo, impossibilitando o início das atividades práticas de esporte, dança, teatro e lutas –, nosso trabalho consistiu na negociação com as quatro escolas municipais do bairro por espaços e horários para desenvolver algumas atividades previstas no programa, e na procura de outros espaços que consistissem espécies de subnúcleos, de anexos dos respectivos núcleos-base, como praças, campos de futebol, associações comunitárias. A divulgação do Pronasci/PELC, com as atividades que seriam oferecidas, também fez parte das ações dos coordenadores nesse primeiro mês. Ao longo do dia, passávamos caminhando ao longo da Avenida 17 de Abril, pelas ruas de chão batido, por becos e vielas das vilas que compõem o bairro, abordando as pessoas que passavam e batendo de casa em casa, divulgando, oferecendo, informando os locais e os horários em que estaríamos de plantão para receber inscrições – que eram nas quatro escolas municipais do bairro. Sempre que possível, já saíamos com jovens inscritos para atuar no programa, pois, além de levarmos conosco os panfletos com os informativos sobre o Pronasci/PELC, também carregávamos fichas de inscrições para cadastrar os jovens já interessados em participar, já que os objetivos dessas saídas de campo eram de aproveitar o período em que os estagiários não podiam atuar, por estarem em processo de regularização de seus contratos.

4.3 A posição do pesquisador

Desse modo, desde o início das atividades do Pronasci/PELC, fui mantendo e ampliando contatos com os jovens moradores do bairro e, ao longo do ano, tanto no momento das atividades nos núcleos de esporte e lazer do Pronasci/PELC como fora dos espaços, pude ouvir deles o que pensavam sobre o bairro, sobre as escolas onde estudavam, sobre os dispositivos de segurança implantados no bairro, sobre suas vidas. Nessas minhas andanças pelo bairro, ora na condição de coordenador do Pronasci/PELC, ora somente como pesquisador, foi possível confrontar falas de diferentes sujeitos sobre um mesmo local.

E assim ocorreu durante todo o período que permaneci no bairro. Procurei manter-me atento a qualquer detalhe, observando o cotidiano do bairro, conversava com jovens, professores, diretores e demais funcionários das escolas que tinham atividades do Pronasci/PELC, com as lideranças comunitárias e com familiares de jovens que participam das atividades de esporte e lazer do programa, a fim de obter o máximo possível de informações, com seus pontos de vista sobre o local e o amplo aparato de segurança instalado. E durante todo esse período procurei tomar precauções para evitar que minha condição de coordenador de um dos programas desse aparato de segurança pública não me contaminasse no sentido de não conseguir ter a sensibilidade necessária para identificar de forma imparcial a dinâmica que está posta no bairro e prejudicar o confronto dos discursos entre os sujeitos, pois, conforme a antropóloga Claudia Fonseca (1999, p. 64), “ao cruzar dados, comparar diferentes tipos de discursos, confrontar falas de diferentes sujeitos sobre a mesma realidade, constrói-se a tessitura da vida social em que todo valor, emoção ou atitude está inscrita”.

Nesse sentido, entendi ser necessário tomar esses cuidados para uma melhor compreensão dos sujeitos estudados e do campo de estudo. Oliven (2002, p. 11) comenta:

[...] é através da observação participante que se tem a possibilidade de analisar a dimensão da dominação no cotidiano e perceber como a cultura reflete e medeia as contradições de uma sociedade complexa procurando estudar a cultura como um fenômeno que é produzido pelos homens nas suas relações sociais.

E foi isso que procurei fazer durante todo o período no campo, observando, interagindo, descontraindo, não tomando como verdade absoluta os discursos dos sujeitos, tampouco me deixando capturar pela produção discursiva da política pública, mas explorando intensamente acontecimentos cotidianos para tentar manter uma informalidade que eu já havia criado com muitas pessoas no bairro e, mais do que isso, não retroceder, deixando criar uma barreira e certa formalidade – agora, além de pesquisador, eu me encontrava também na condição de coordenador de um dos núcleos de um programa de esporte e lazer vinculado a uma política pública de segurança. Claudia Fonseca (1999, p. 64) diz que a pesquisa de campo antropológica requer que o processo recomendado não submeta o informante às regras da entrevista que lhe são estranhas, “mas sim que o ‘nativo’ domine seu pedaço e o pesquisador, que é o intruso no local, não nutra mais a ilusão de estar ‘em controle da situação’”.

Minha postura, no decorrer desse período de pesquisa e na coordenação de um dos núcleos do Pronasci/PELC no bairro Guajuviras, foi a de manter o *gelo* que foi *quebrado* na primeira pesquisa de cunho etnográfico que fiz no bairro, ainda em 2008, pois, *intruso*, é o

que não me sinto, ao contrário, as visitas e momentos de longa permanência no bairro oportunizada pelas pesquisas anteriores no grupo de pesquisa iniciada ainda no ano de 2006 proporcionou conhecer o bairro, com suas avenidas, vilas, becos, ruelas, bem como estreitar muitas relações e fazer algumas grandes amizades. Assim, “quando nossos ‘nativos’ começam finalmente a sentir-se em casa com nossa presença, zombam de nós ou até nos ignoram, aí passamos além dos diálogos” (FONSECA, 1999, p. 64).

Acredito que consegui alcançar e manter em parte esse objetivo, que é fundamental para uma pesquisa etnográfica. Minha interação no bairro foi muito intensa. Nas ruas do bairro, nas vilas, nas praças, nas escolas, consegui manter e estabelecer outras relações bem estreitas. Mantive e fiz outras amizades com certas pessoas, que me informavam, guiavam, acompanhavam pelas ruas, e até passei a frequentar a casa de algumas delas. De modo geral, consegui manter e criar outras relações que contribuíram para este estudo.

4.4 Sociabilidades governadas

Todos e qualquer um inventam, na densidade social da cidade, na conversa, nos costumes, no lazer – novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. A invenção não é prerrogativa dos grandes gênios, nem monopólio da indústria ou da ciência, ela é a potência do homem comum. Cada variação, por minúscula que seja, ao propagar-se e ser imitada torna-se quantidade social, e assim pode ensejar outras invenções e novas imitações, novas associações e novas formas de cooperação. Nessa economia afetiva, a subjetividade não é efeito ou superestrutura etérea, mas força viva, quantidade social, potência psíquica e política. (PELBART, 2003, p. 23).

A noção de sociabilidade é derivada dos estudos do sociólogo Georg Simmel, para quem a sociabilidade é um fenômeno social, que se dá nas relações e nas formas de interações entre os sujeitos. As práticas esportivas em espaços públicos de lazer parecem ser um bom exemplo de formas de sociabilidades.

Conforme já salientado na seção 1.1, eu já vinha pesquisando as sociabilidades no bairro, vinculado ao grupo de pesquisa no curso de graduação em Educação Física, na condição de bolsista de iniciação científica. No estudo de Gastaldo e outros (2009), no qual realizei uma pesquisa etnográfica na Praça da Brigada Guajuviras, foi possível a identificação de grupos de jovens que ocupavam a praça de múltiplos modos. Jovens que jogavam futebol, basquetebol, voleibol, grupo de jovens evangélicos que utilizavam a praça para ensaios de coreografias de *street dance*, um jovem *rapper MC*, que criava e reproduzia suas rimas, instigado pelos fenômenos cotidianos observados e vivenciados no bairro, eram práticas recorrentes (ROSA et al., 2008), o que possibilitou a produção de um vídeo etnográfico (GASTALDO et al., 2008). Em uma pesquisa anterior, um dos professores já havia

catalogado mais de 200 grupos vinculados à cultura *hip hop*, como *MCs*, *DJs*, grafiteiros e *B. Boys* (SANTOS; DAMICO; FREITAS, 2006). Devido aos fenômenos identificados e citados, as sociabilidades agora são governadas, ou seja, há o gerenciamento das atividades que os jovens já realizavam.

A Praça Ildo Meneghetti está entre os pontos onde o Pronasci/PELC está implantado que permite verificar o controle das sociabilidades dos jovens. Nessa praça, o futebol é prática comum entre os jovens, que já organizavam seus jogos no local, antes da implantação do núcleo de esporte e lazer do Pronasci/PELC, até mesmo durante a madrugada. Jogadas plásticas, técnicas e fantásticas são recorrentes em horário da atividade do Pronasci/PELC. Cito como exemplo Denis Seco, com seus passes e cruzamentos precisos, dribles imprevisíveis e até finalizações de bicicleta. Ele é um dos destaques técnicos do grupo, assim como Altair, Molina. Pontuo esses fatos visto que tais jovens não adquiriram essas habilidades nas atividades do Pronasci/PELC; pelo contrário, isso ocorre de suas práticas cotidianas no local e até mesmo fora da praça.

Situação análoga ocorre na Vila Comtel, pois esses jovens que estão sendo ocupados com atividades voltadas ao futebol, pelos agentes de esporte e lazer do Pronasci/PELC no campinho de chão batido localizado ao lado do Centro Comunitário Lar da Solidariedade, já auto-organizavam suas práticas em outro campinho de chão batido, adaptado por eles na vila.

Esses fenômenos citados corroboram as reflexões de César Candiotto (2010b) a respeito dos reflexos do projeto moderno nas sociedades atuais. Para o filósofo, há uma tendência “capciosa” e rotineira “nas sociedades atuais de modelar nossa maneira de viver, nossas escolhas e aspirações, desejos e crenças. Regulação dos processos vitais e modelação da maneira de viver são duas principais ramificações do poder na governamentalidade dos sujeitos de nossa época” (ibidem, p. 9).

Para Gastaldo (2005), o futebol no Brasil é um fenômeno cultural que supera de modo significativo as estritas linhas do campo de jogo. Nesse sentido, pode-se cotejar a noção de sociedade de controle de Deleuze, que a define como o modo de investimento que atua sobre o controle de gostos, interesses, desejos e aspirações dos corpos. Primeiro, as ações do Pronasci/PELC parecem ter investido em uma das múltiplas formas que os jovens buscam o exercício de suas sociabilidades, neste caso, o futebol. Segundo, cabe retomar o caso da presença do ex-goleiro Danrlei no estande do PELC no dia do lançamento dos projetos, que em certa medida buscou seduzir e instigar os jovens que já praticavam futebol nas praças do bairro, como identificado em pesquisas anteriores, e que aspiram jogar futebol de modo profissional a vincularem-se ao programa.

Um dos acontecimentos mais instigantes que parece colocar em relevo o desejo e o anseio de governar as condutas na atual sociedade foi no dia do lançamento do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem/Adolescente) no CRAS Guajuviras, no dia 22/4/2010, administrado pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS). Como já foi salientado em capítulos anteriores, o CRAS vinha sendo utilizado como um dos subnúcleos do Pronasci/PELC, consolidado após uma parceria entre as secretarias de Segurança, Esporte e Lazer e Desenvolvimento Social, que iniciou após um primeiro contato que fiz com a assistente social coordenadora desse CRAS, ainda no período em que nós, coordenadores, buscávamos espaços alternativos às escolas municipais que possibilitassem o oferecimento variado de horários para o desenvolvimento das atividades do Pronasci/PELC. No CRAS, as atividades oferecidas pelo Pronasci/PELC consistiam no teatro, realizado nas terças-feiras das 15h30min às 17h, e dança, nas segundas e quintas das 15h30min às 17h. O CRAS estava movimentado. Muitos pais de jovens estavam presentes, assim como as assistentes sociais do centro, a secretária de Desenvolvimento Social, o subprefeito da Região Nordeste¹⁹ Francisco da Mensagem e, é claro, os jovens do grupo de dança (*ritmos*) do Pronasci/PELC que também desenvolviam suas atividades no CRAS como parte de uma das atividades do Projovem.

A estagiária de dança do Pronasci/PELC que atuava no CRAS, durante aproximadamente 30 dias que antecederam o evento de lançamento oficial do Projovem, preparou e ensaiou uma coreografia com o ritmo pagode. Eu mesmo, na condição de coordenador deste núcleo do Pronasci/PELC, acompanhei e auxiliei nos preparativos para que a coreografia estivesse pronta para a apresentação. A programação para o lançamento do Projovem no CRAS foi organizada deste modo: início com recepção dos convidados, seguido da apresentação de todos os servidores do CRAS, do coordenador de núcleo e da estagiária do Pronasci/PELC, exposição e síntese dos objetivos do Projovem, atividades que estavam sendo desenvolvidas no CRAS, bem como a atividade em parceria com o Pronasci/PELC, seguido de um coquetel com bebidas e salgados e, por fim, o espetáculo de dança do grupo de jovens do Pronasci/PELC, para o encerramento do evento.

A expectativa para a apresentação de dança era significativa, de modo especial por parte da coordenadora do CRAS e do orientador educacional do Projovem no centro, que em certa medida teriam a oportunidade de mostrar aos presentes, especialmente para os pais e a

¹⁹ Desde o início da gestão do governo Jairo Jorge, em 2009, a cidade de Canoas foi dividida em quatro regiões: nordeste, noroeste, sudeste e sudoeste. Cada região possui uma subprefeitura para o atendimento das demandas dos habitantes dos respectivos quadrantes. Informação disponível em: <<http://www.canoas.rs.gov.br>>. Acesso em 12 abr. 2012.

secretária de Desenvolvimento Social, uma das atividades do programa já em funcionamento e mais consolidada pela regularidade que estava sendo desenvolvida. Momentos antes da apresentação de dança, a assistente social novamente salientou a parceria feita entre a SMEL e a SMDS, que desencadeou no funcionamento em conjunto dos dois programas no CRAS. Feito os devidos destaques, a pedido da assistente social todos os presentes se acomodaram para assistir à apresentação de dança preparada pela estagiária do Pronasci/PELC. Foi quando o inesperado aconteceu. Todas as jovens do grupo de dança estavam dispostas na sala, e a estagiária de dança sinalizou para que iniciasse a apresentação. Logo se percebeu que o estilo musical era o *funk*, e o conteúdo da música tinha como tema a sedução, as relações sexuais. De modo mais específico, a letra era uma convocação às mulheres a manterem relações sexuais que escapam aos padrões socialmente organizados, estabelecidos e regrados como corretos. Na coreografia, os movimentos corporais protagonizadas pelas jovens lembravam por vezes posições realizadas nas relações sexuais, muitos dos movimentos com os quadris e com os glúteos. Enquanto a apresentação se desenrolava, era visível na expressão do rosto de alguns dos presentes o descontentamento e o repúdio com a apresentação. Já outras pessoas aparentemente demonstravam não se importar com a situação e assistiam caladas. Outros começaram a deixar o local antes do fim. A secretária, aos berros, andava de um lado ao outro dizendo “isso é um absurdo, isso é um absurdo”, “eu não acredito no que estou vendo”, “como é que vocês permitem uma coisa dessas”. A assistente social, coordenadora do centro, pedia calma à secretária, que estava tão chocada com a apresentação que parecia não visualizar e escutar ninguém. A única frase que dizia, repetidas vezes, era “quem é o responsável por isto?”. O subprefeito da região pedia calma à secretária, assim como a coordenadora do centro.

A estagiária, também já um tanto inquieta com a situação, colocava suas mãos no rosto, na cabeça e, manifestando angústia com o contexto posto, tentou justificar a apresentação das jovens, dizendo: “Foram as alunas que elaboraram a coreografia, eu não sabia que era assim a letra dessa música. Na hora eu não pensei, na hora que elas me pediram e eu gravei o CD não pensei nisso”.

Esse fato ocorrido nos permite refletir, numa perspectiva essencialista, a partir da relação que a mulher tem com o seu corpo, supondo a feminilidade a partir da dança e do gesto corporal, que o *funk* teria uma característica mais dançante. No entanto em outra perspectiva tal preferência pode estar muito mais atrelada a uma postura de empoderamento por parte das jovens, uma vez que boa parte das letras explicita atributos e qualidades que até então eram exaltados numa lógica sexista favorável obviamente aos homens e que passam a

ser assumidos e expressados como qualidades suas. Expressões como “cachorras”, “tigronas” e “tiazinhas” foram incorporadas ao vocabulário de boa parte das jovens como símbolo de emancipação sexual. Mesmo que, numa análise mais sofisticada, possamos encontrar elementos que contradigam essa posição, o fato de essas expressões serem assumidas e repetidas pela voz das mulheres jovens permite uma operação de performatividade do texto original (DERRIDA, 2004).

Outra relação nos leva a vincular o *funk* à cultura *hip hop*, pois esses dois estilos musicais tiveram origem nos guetos populares e têm em seu processo um histórico de marginalização. Herschmann (2000) sinaliza o *funk* brasileiro como proveniente da cultura *hip hop* americana, destacando-se um lado mais dançante. O ritmo teria encontrado terreno fértil para seu desenvolvimento no Rio de Janeiro, diferenciando-se das referências políticas, raciais e culturais dos negros americanos adotadas em São Paulo.

Falando nisso, elementos da cultura *hip hop*, como a *street dance*, também foram incorporados às ações do Pronasci/PELC. Aulas de *street dance* também são oferecidas no núcleo da escola Nancy Pansera, que também proporciona o estilo *funk*, nas terças e quintas-feiras e, de modo especial, no núcleo da escola Carlos Drummond de Andrade, nas segundas e quartas-feiras, das 18h30min às 20h.

O *rap* (*rhythm and poetry*) tem raízes históricas numa sociedade em que a população negra e pobre foi estigmatizada, sendo-lhe atribuída a condição de inferioridade e exploração. Com isso, manifestou-se o embrião reivindicatório da música negra de protesto, o que nos leva até o período colonial norte-americano (SPOSITO, 1993) e, posteriormente, à sociedade americana da década de 1960, com nova configuração e simbologia diferenciada, caracterizando-se como *rap* (OLIVEIRA, 2006). No Brasil, assim como nos EUA, o desenvolvimento da música *rap* ocorre no contexto da cultura *hip hop*. Entretanto o Brasil registra diferenças nas suas influências, determinando uma linguagem e sonoridade nacional, com incorporação de ritmos e linguagens regionais, como o repente no nordeste e a trova no sul (SPOSITO, 1993). O fortalecimento do *rap* norte-americano e brasileiro, como representação cultural e musical, não extinguiu as outras formas de musicalidade existentes entre os negros. No entanto a interiorização de elementos da cultura negra pelos grupos não negros da sociedade brasileira permitiu certo afrouxamento dos limites culturais entre brancos e negros. Considerando-se que foi uma cultura que nasceu da dor, tem-se observado nas periferias brasileiras parcela de jovens negros e brancos identificados com o *hip hop* e fazendo dos elementos dessa cultura uma ferramenta para a manifestação de seus anseios,

protestos, reivindicações no seio social – ou seja, a cultura *hip hop* tem sido utilizada como o grito da periferia contra as discrepâncias sociais.

Contudo esse mesmo grito que reivindica, protesta, denuncia, resiste, busca caminhos existenciais alternativos, que faz dos elementos da cultura uma linha de fuga às formas de dominação ao contexto de desigualdades sociais a que estão expostos, parece cada vez mais estar sob a tutela das políticas públicas, visto que significativa parcela dos jovens que já grafitavam, rimavam e dançavam encontra-se agora realizando as mesmas atividades, mas sob a supervisão de agentes de esporte e lazer, como é caso dos jovens do grupo de *street dance* do núcleo Carlos Drummond de Andrade.

Nas palavras de José Machado Pais (2006, p. 13):

O rap cultiva uma sensibilidade justiceira, ao denunciar situações de injustiça, para anunciar outros futuros. As palavras soletradas são recuperadas de uma semiótica de rua, transgressiva por natureza, palavras enalvidadas em palavrões para melhor insultar, atingir, provocar. Palavras que são da voz da consciência, que se vestem de queixumes, que se revestem de revolta. Voz singular [a de vocalista] que contagia, que se transforma num coletivo [nós, os do movimento] que se insurge contra eles [que não nos entendem].

Nesse sentido, a cultura *hip hop*, símbolo de resistências, contestações e reivindicações políticas em guetos e favelas, passou a ser utilizada como instrumento de sedução para a adesão dos jovens ao programa de esporte e lazer, que significam e manifestam suas compreensões de mundo através dos quatro elementos que compõem a cultura²⁰. Regina Novaes (2002) aponta que a apropriação dos elementos da cultura *hip hop* pelas políticas públicas não é um fato fortuito:

Sabe-se que nos EUA há grupos violentos, financiados pelos traficantes. Mas também os grupos de caráter pacífico que se propõem a substituir a violência das brigas entre grupos pela competição na música, na dança e no grafite. No Brasil os grupos que se tornaram conhecidos são contra as drogas e pregam a paz. Essa postura favorece conexões entre os grupos do movimento hip-hop com instâncias governamentais, organizações não governamentais e igrejas. (NOVAES, 2002, p. 112).

Articulada ao caráter das mensagens contra as drogas e de repúdio à violência, a cultura *hip hop* também está aliada a um ritmo dançante, em que o *rap* também traz elementos de sensualidade e sexualidade, que, em tempos de presença constante da retórica do risco, surgem para talvez reavivar os prazeres e os encontros entre os adeptos da cultura. No entanto por vezes têm surgido como ferramenta para controle das sociabilidades desses mesmos

²⁰ O MC, o DJ, o grafite e o *break dance*.

jovens adeptos, como se em certa medida essas atividades fossem de autoria ou iniciativa do Estado.

Ainda cito o exemplo de alguns jovens que atuam no grupo de teatro e de dança do Pronasci/PELC no núcleo Carlos Drummond de Andrade, onde as atividades são desenvolvidas em uma sala de aula disponibilizada pela direção da escola. Alguns desses jovens, como John, 15 anos, Dinho, 16 anos, Cristina, 15 anos, Mano, 15 anos e os irmãos Maninha e André, 17 e 21 anos, respectivamente, já dançavam e/ou participavam de um grupo de teatro antes do vínculo com o programa. John, por exemplo, já atua como orientador de um grupo de dança formado com alguns amigos seus do bairro Guajuviras, apresenta-se como *cover* de Michael Jackson e também já participou de grupos de teatro. Dinho, antes de aderir aos grupos de teatro e dança do Pronasci/PELC, já participava do grupo de dança na escola onde estuda, em outro bairro da cidade, e também atuou em grupo de teatro formado por jovens habitantes da cidade de Canoas. Cristina já havia participado de grupo de teatro em sua escola. Mano, que é evangélico, já participava do grupo de teatro na igreja que frequenta. Já os irmãos Maninha e André conduzem, há aproximadamente três anos, um grupo de dança criado por eles próprios, junto a outros jovens do bairro, praticando os ritmos *funk* e *street dance*, sendo suas casas o principal local para prática e ensaios.

Os exemplos acima podem ser refletidos à luz das afirmações de Gadea (2007, p. 50):

As instituições, pelo simples fato de reger a vida coletiva, controlam a conduta, estabelecendo padrões previamente definidos e canalizando-a numa direção específica. [...]. Dessa forma, afirmar que uma concreta atividade individual ou coletiva [...] foi institucionalizada, representa afirmar que tem sido finalmente submetida ao controle social.

Essas colocações são úteis, pois colocam em evidência a função das instituições lançadas no “mundo moderno” (ibidem), para a socialização dos sujeitos à sociedade capitalista. Observando as ações do Estado na atual sociedade, parece que são práticas que se repetem com novas roupagens, sem prescindirem das instituições. Ainda agora, ocupam-se de gostos, interesses e aspirações dos sujeitos em todos os espaços possíveis, em que os programas de esporte e lazer em certo ponto têm sido utilizados como recurso útil para o controle e o gerenciamento de atividades que os jovens já praticavam no cotidiano sem a presença dos dispositivos de segurança e participação estatais como o futebol, a dança, o teatro. Atributos típicos da “socialização primária” (BERGER; LUCKMANN, 2010) são fortemente retomados como forma de inibir certas condutas consideradas inadequadas, como aconteceu após o ocorrido com o grupo de dança (*ritmos*) no CRAS, em que foi chamada uma reunião que envolveu as assistentes sociais do centro, o educador social coordenador do

Projovem/Adolescente no centro, a coordenadora geral do Pronasci/PELC no bairro Guajuviras, a estagiária e eu, para tratar da apresentação de *funk* realizada pelos jovens no dia 22/4/2010. Após uma reunião que durou cerca de duas horas na semana seguinte ao ocorrido, ficou decidido que os jovens seriam submetidos a oficinas que abordariam temas como a sexualidade e a problematização de conteúdos contidos em ritmos musicais como o *funk*, por exemplo.

5 AS MÚLTIPLAS FORMAS DE SOCIABILIDADES

5.1 Rolê na vila²¹: um bom lugar²²

Um bom lugar se constrói com humildade, é bom lembrar, aqui é o mano Sabotage, vou seguir sem pilantragem, vou honrar, provar, no *Brooklin* tô sempre ali, pois vou seguir com Deus enfim. Não se qual que é, se me vê dão ré, trinta cara a pé do piolho vem descendo, lá onde ferve [...] só de arma pesada, inferno em massa vem, vem violentando minha quebrada, basta! Eu registrei, vim cobrar sangue bom, boa ideia quem tem, não tirar a ninguém [...]. *Rap* é o som, e mora lá no morro, só louco, a união não tem fim [...]. (*Um bom lugar*, SABOTAGE).

Partindo das manifestações dos jovens, proponho focalizar, a partir da próxima seção, as multiplicidades e as diversidades de gostos, interesses, significados, jocosidades e inserções em diferentes *círculos sociais* (SIMMEL, 1986, 1977, 2004) protagonizadas pelos jovens do Guajuviras. Nesse sentido, *um bom lugar* é uma referência aos jovens da periferia, à turma da periferia, a esses jovens que buscam caminhos existenciais alternativos, inventam diferentes formas de organização que escapa à lógica imposta, do lugar onde o *rap* é *compromisso*²³, o *pedaço* (MAGNANI, 1998, 2005) é o lugar de encontro para o futebol, da amizade, da jocosidade. Esta dissertação, então, é também para esta “gente da gente que vive a pegar no batente, com sol ou com chuva ou doente, sabe que tem que trabalhar [...] porque nunca foge da batalha”²⁴, onde a *união* prevalece nos momentos de dificuldades.

5.2 A Praça Ildo Meneghetti e o futebol

Noite de segunda-feira, eram 20h17min. Em uma de minhas andanças pelas ruas do bairro, logo depois que saí da escola Carlos Drummond de Andrade, onde realizava a divulgação das atividades do Pronasci/PELC e buscava outros espaços possíveis para futuras atividades oferecidas pelo programa, passei em frente à praça. Lá se encontravam quatro jovens, sentados nas arquibancadas e conversando, e resolvi me aproximar para conversar e já aproveitar o momento para divulgar as atividades do programa. Como eu já vinha há alguns dias cogitando a possibilidade de desenvolver uma atividade esportiva do programa no local,

²¹ Título da música *Rolê na vila*, do grupo *Rapaziada da Zona Oeste* (RZO). Faixa n. 12 do CD *Evolução é uma coisa...*, lançado em 2002. Gravadora: TNT Records.

²² Título da música *Um bom lugar*, do rapper Sabotage. Faixa n. 3 do CD *Rap é compromisso*, lançado em 2001. Gravadora: Cosa Nostra.

²³ Título da música *Rap é compromisso*, de Sabotage. Faixa n. 2 do CD *Rap é compromisso*, lançado em 2001. Gravadora: Cosa Nostra.

²⁴ Trecho da música *Gente da gente*, do grupo de samba *Negritude Júnior*, com participação especial do grupo de *rap Racionais MCs*. Faixa n. 4 do CD *Gente da gente*, lançado em 1995. Gravadora: EMI-Odeon.

achei oportuno o momento para um diálogo com eles. Quando cheguei, vi que eles comercializavam maconha. Um dos jovens eu já conhecia de outras oportunidades, quando ainda era bolsista de iniciação científica e havia realizado pesquisas sobre as sociabilidades juvenis. A primeira manifestação minha, quando percebi o comércio, foi dizer a eles “boa noite rapaziada, não fiquem com um pé atrás comigo, façam a de vocês, eu só quero bater um papo com vocês”. Cumprimentei a todos, falei a eles que estava coordenando um núcleo de atividades de programa de esporte e lazer e que me dirigi até eles pois estava com a ideia de desenvolver uma das atividades do programa na praça, e que pensava no futebol. Perguntei se por acaso se interessariam em participar da atividade e o que achavam da ideia. As manifestações foram em concordância, como: “Pô, maneiro, legal, se tu colocar o futebol aqui na praça a galera vai vir em peso. Tem uma galera que joga futebol aqui, tem vezes que os manos jogam até de madrugada, tu tem que ver”. Então solicitei a eles que fizesse a divulgação entre seus amigos e conhecidos do bairro para possibilitar a atividade. Diante disso, acordei com os quatro jovens que começaríamos a atividade de futebol na praça com todo o material esportivo disponível em duas semanas e que, nesses dias que antecedessem o início, eles fizessem uma forte divulgação, para que no dia combinado estivesse o maior número possível de seus contatos presentes. Após todos esses acordos com os jovens, combinei que retornaria à praça em duas semanas para inaugurar as atividades. A ideia da implantação de uma atividade nessa praça foi instigada por uma inquietação que eu tinha em relação a toda produção discursiva em torno do local. No meu entendimento, a consolidação de uma atividade esportiva nessa praça considerada tão hostil talvez possibilitasse a desconstrução dessa visão, de modo especial dos jovens que lá frequentavam.

A Praça Ildo Meneghetti fica localizada na Rua 106/Setor 2, atrás da Unidade Básica de Saúde Guajuviras II e da E.M.E.I.²⁵ Cara Melada, ambas instituições com seus acessos localizados na Avenida Principal. Atrás da escola de educação infantil fica o campinho de chão batido da praça. Atrás do campinho, uma quadra de futebol de areia em precárias condições de uso – especialmente após dias chuvosos, a quadra fica coberta de água pelo menos até 10 dias depois. Atrás da quadra de areia, há um amplo espaço coberto por árvores que proporcionam boas sombras àqueles que gostam de aproveitar os bancos que ficam entre elas como espaço de interação, complementadas por uma pequena quadra com marcações de difícil visualização para jogos de basquetebol e voleibol. Contudo o local pouco é visto como espaço de práticas esportivas e lazer; é mais percebido, por significativa parcela das pessoas

²⁵ Escola Municipal de Educação Infantil.

que vivem no seu entorno, como o espaço do comércio de drogas, das desavenças e até mesmo de assassinatos, como salientado em diversos relatos.

Eu já havia por diversas vezes frequentado a praça em outras oportunidades, quando ainda atuava como bolsista de pesquisa, e não tenho recordações de sentimento de insegurança quando estive no local. Ao contrário, sempre compreendi a praça como um instigante espaço de sociabilidades.

Dia 14/12/2009, segunda-feira, 15h, o estagiário Machado e eu chegamos à praça, carregados de materiais esportivos e camisetas com o logotipo do PELC, para serem entregues aos jovens presentes. Chegamos 30 minutos antes do horário combinado com os jovens, a fim de preparar o local para o início das atividades. O sol era escaldante, beirando o insuportável, e fazia muito calor. A praça estava vazia, e os jornalistas já se faziam presentes para realizar a cobertura da atividade. Machado e eu iniciamos os preparativos. Colocamos o banner, selecionamos algumas bolas, separamos coletes de cores diferentes para a organização de equipes. Quando colocávamos as redes nas goleiras, e já eram 15h20min, a jornalista veio em minha direção e perguntou: “Oi, tu é o coordenador do projeto?” Respondi que sim, ela já demonstrando alguma preocupação, perguntou: “Que horas está previsto o início da atividade? Será que vem alguém?” Eu, já um tanto ansioso, pois o relógio já apontava 15h30min e os jovens não chegavam. Às 15h36min, começaram a chegar os primeiros jovens na praça, entre eles os mesmos quatro com os quais fiz contato duas semanas antes, convidando a participar e ajudar na divulgação. O grupo de jovens chegou, acomodou-se na arquibancada de concreto da praça, enrolaram um cigarro de maconha, e, enquanto aguardavam o início da atividade, consumiam-no. No mesmo momento, direcionei o olhar aos jornalistas, mas eles fizeram de conta que não viram. Passados alguns minutos, na arquibancada e na escadaria já se encontravam muitos jovens. Desloquei-me ao encontro deles, cumprimentei a todos e agradei a presença.

Começou a sessão de fotografias. Os jornalistas produziam as fotografias no momento em que as camisetas foram sendo entregues aos jovens. Foram registradas imagens dos jovens já vestidos com as camisetas, dos jovens com os coordenadores e os estagiários do programa, dos jovens com o material esportivo, enfim, fotos e mais fotos. Momentos depois, Machado, o coordenador do núcleo da região da Escola Nancy Pansera Marco Antonio e eu organizamos o grupo de jovens em equipes, e vários minijogos de futebol, com duração de cinco minutos cada, foram realizados no campinho da praça.

Um fenômeno ocorrido nessa tarde, e que entendo ser relevante salientar, é que essa mesma praça, tão estigmatizada e evitada por boa parte das pessoas que habitam o bairro,

recebeu um grande público que se deslocou até o local para acompanhar a atividade, inclusive familiares de muitos dos jovens presentes. Muitos desses familiares eram os mesmos que, em minhas andanças pelo bairro, manifestaram receio e hostilidade pela praça, evitando a frequência dos jovens no local.

As “relações jocosas” são um fenômeno social já bastante conhecido e vêm chamando a atenção nas Ciências Sociais, de modo especial na Antropologia (MAUSS, 1983; REDCLIFFE-BROWN, 1973; LOWIE, 1920). Marcel Mauss (1983), por exemplo, tratou da manifestação desse fenômeno no âmbito familiar. Radcliffe-Brown (1973) seguiu o mesmo caminho, ao abordar as relações jocosas manifestadas nas relações de parentesco. Para Radcliffe-Brown (1973, p. 137), essa forma de relação possui como função “estabelecer e manter equilíbrio social num tipo de situação estrutural que resulta, em muitas sociedades, do casamento”. Já para Robert Lowie (1920), as relações jocosas possuem uma função muito peculiar, que diz respeito à mediação das relações sociais conflituosas negociadas de modo humorado. No Brasil, Gastaldo (2005, 2006, 2010) analisou a manifestação das relações jocosas entre torcedores em bares públicos, nos momentos de transmissão ao vivo de jogos de futebol, na região metropolitana de Porto Alegre/RS e na cidade do Rio de Janeiro/RJ, o que chamou de “relações jocosas futebolísticas”.

Essa forma de sociabilidade se manifestou de modo notável entre os jovens do grupo de futebol da Praça Ildo Meneghetti, onde a *gozação*, as *piadinhas* e a *flauta* eram manifestações frequentes durante os jogos. Em um dos muitos jogos do grupo durante as atividades do Pronasci/PELC, essa manifestação foi muito clara: o jovem Altair, um dos mais habilidosos, é também protagonista de muitas situações conflituosas. Exerce certa liderança no grupo pela sua capacidade técnica e utiliza esse fator para selecionar outros jovens para jogar a seu favor, no momento dos grandes jogos. Apresentando interesses majoritariamente competitivos, as derrotas não são bem aceitas por Altair, que não raras vezes cobra bom desempenho de seus companheiros de equipe, com ofensas e instigações para quem não apresenta boa atuação deixar os jogos.

Em um desses jogos, Altair fazia constantes reclamações aos seus colegas de equipe, cobrando melhor desempenho. A cada passe errado ou perda de posse da bola, Altair não hesitava em manifestar seu descontentamento: “Putá que pariu, tu é muito ruim” e “mas que guri bem ruim mesmo” eram frases frequentes do rapaz. Reclamações também sobravam aos jovens da equipe adversária, de modo especial quando alguns disputavam a posse de bola com ele, utilizando mais da força física. Em uma das faltas que Altair supostamente sofreu, ele caiu no chão e, no momento em que levantava, já estava desferindo ofensas ao jovem que

provocou sua queda: “vai tomar no cu meu”, “vai se foder, tu não sabe jogar?”. Nesse dia, os jogos estavam muito tensos, as reclamações por parte de Altair eram tantas que, em certa medida, parece que acabaram influenciando outros jovens jogadores. Houve um momento em que sobraram ofensas até para o estagiário do Pronasci/PELC, Machado, que atuava como árbitro das partidas. A cada sinalização apontada por Machado, agressivas manifestações como “juiz ladrão”, “juiz de borracha” e “vai tomar no cu, juiz ladrão” eram desferidas a ele.

Contudo, em meio a toda essa tensão, uma manifestação chamou muita atenção. Em certo momento do jogo, Altair conduzia a bola em direção ao gol adversário e, quando se aproximou do gol, o zagueiro parou na frente de Altair. Este, que é habilidoso, tentou superar a marcação do zagueiro através da *pedalada*, jogada que ficou famosa protagonizada pelo jogador Robinho²⁶, na época, jogador do Santos Futebol Clube²⁷. Quando Altair começou a *pedalada*, desequilibrou-se e caiu. Sua queda provocou muitas risadas por parte dos jovens que jogavam, bem como dos que assistiam. O que estava posicionado à frente de Altair no momento de sua queda, aos risos, lança uma provocação a Altair: “Oooh... Tá falhado esse Robinho”. Bruscamente, Altair levanta-se, fica de frente para o jovem e há um momento de uma silenciosa tensão. Os jovens observavam atentamente a atitude que seria tomada por Altair, visto que, *a priori*, o esperado era alguma ofensa, ou até uma agressão física por parte dele, devido ao que já havia protagonizado antes. Altair, em tom de voz alto, fala para o jovem “Qual é, meu? Tá me tirando?” e ameaça desferir um soco. O jovem que provocou ergue os braços e diz: “Calma mano, é sacanagem”. De fato, Altair fingiu indignação com a *sacanagem* realizada pelo jovem contra ele, pois, após a ameaça de desferir um soco, sorrindo, deu tapinhas nas costas do jovem e disse: “O que é teu tá guardado, tu também vai vacilar no jogo”. Cumprimentaram-se e o jogo prosseguiu.

É possível observar, nesse caso, que as relações jocosas ocorrem através da reciprocidade, pois aquele que “sacaneia”, que “caricatura”, que “brinca”, hoje, “aceita de modo tácito a possibilidade de ser a vítima de amanhã” (GASTALDO, 2010, p. 314) ou de instantes depois, se também “vacilar no jogo”. Isso também acabou por reduzir as hostilidades até então presentes nos jogos, corroborando com as colocações de Radcliffe-Brown (1959) acerca dos objetivos que definem as relações jocosas:

²⁶ Robson de Souza, jogador profissional de futebol formado nas categorias de base do Santos Futebol Clube. Ficou conhecido pela sua velocidade e seus dribles dentro do campo de jogo, de modo especial por um drible muito praticado pelo atleta, que passou a ser chamado de *pedalada*. Atualmente, é atleta da Associazione Calcio Milan, clube do futebol italiano.

²⁷ Clube de futebol com sede na Vila Belmiro, na cidade de Santos/SP, fundado em 14/4/1912.

[...] uma peculiar combinação de amizade e antagonismo. O comportamento é tal que em qualquer outro contexto social ele expressaria e geraria hostilidade; mas tal atitude não é a sério e não deve ser levada a sério. Há uma pretensão de hostilidade e uma [...] amizade. Posto de outro modo, é uma relação de desrespeito consentido. (p. 91).

Em outras observações na praça, além da capacidade técnica, foi possível identificar outros acontecimentos jocosos envolvendo os jovens participantes durante as atividades que muitas vezes eram motivo para brincadeiras, piadas e provocações. As respostas geralmente dadas, mesmo manifestadas em tom descontraído, acompanhadas de risos, não eram menos válidas pelo fato de retornarem acompanhadas de risadas a tais provocações. Cito como exemplo o caso protagonizado pelos jovens Nathan e Molina. Em uma das atividades do grupo, numa quinta-feira, Nathan juntou-se ao grupo que frequenta a praça, mas nunca participa das atividades. Eles davam muitas gargalhadas de jogadas mal executadas dos que jogavam – “olha só que perna de pau”, “olha o bola murcha do Fantástico²⁸”, “quem é a bola e quem é o jogador?” – e de quedas que por vezes ocorriam dentro do jogo. Um dos principais alvos do grupo era Molina, especialmente alvo de Nathan, que, momentos antes, estava inserido ao grupo que praticava o futebol. Entre tantas provocações lançadas por Nathan – “Tu não desistiu ainda, tá fraco esse teu futebolzinho [risos]” – veio a resposta de Molina: “Volta aqui e faz melhor. Ah, desculpe, me esqueci que além da sua bolinha ser fraca, tu tá chapado”. A resposta de Molina provocou gargalhadas de muitos dos jovens presentes, incluindo o próprio Nathan que, sorrindo, disse: “Não dá nada, essa vai voltar”. Do centro do campinho da praça, Molina, também sorrindo, fez sinal de positivo e disse: “Vou ficar esperando”. Nesse caso, pode-se observar que se manifesta uma tentativa de hierarquização entre os jovens que praticam futebol, pois ficar de gozação do lado de fora, em vez de jogar, é denunciado como uma espécie de posição cômoda, pois, como a “bolinha é fraca” e ainda “tá chapado”, não tem condições de “fazer melhor”, então é mais fácil ficar do lado de fora de gozação.

²⁸ Os jovens referem-se ao quadro *Bola Cheia, Bola Murcha* do programa Fantástico exibido aos domingos à noite pela Rede Globo de Televisão. O *Bola Cheia, Bola Murcha* apresenta vídeos de jogos amadores de futebol de todo o Brasil enviados pelos telespectadores que enviam seus vídeos em situações no qual o jogador é protagonista de uma bela e espetacular jogada ou pelo contrário, de jogadas bizarras e engraçadas. A cada domingo são apresentados três vídeos enviados pelos telespectadores candidatos ao título de *Bola Cheia*, bem como outros três vídeos de telespectadores candidatos ao título de *Bola Murcha*. A cada domingo é escolhido um *Bola Cheia* e um *Bola Murcha* para que ao final de cada mês seja escolhido o *Bola Cheia* e o *Bola Murcha* do mês entre os escolhidos de cada domingo. O prêmio é uma participação com entrevista no programa dominical como o *Bola Cheia* ou *Bola Murcha* do mês. Mais informações sobre o quadro *Bola Cheia, Bola Murcha* ver em: <<http://fantastico.globo.com/videos/bola-cheia-bola-murcha>>.

5.3 O futebol no campinho da Comtel

Milhares de casas amontoadas, ruas de terra, esse é o morro, a minha área me espera, gritaria na feira “vâmo chegando”, pode crer, eu gosto disso mais calor humano. Na periferia a alegria é igual, é quase meio-dia e a euforia é geral, é lá que moram meus irmãos, meus amigos, e a maioria por aqui se parece comigo. (*Fim de semana no parque*, RACIONAIS MCs)²⁹.

A Vila Comtel é uma das ocupações mais conhecidas do bairro Guajuviras. Sua ocupação teve início no ano de 1999, em uma das áreas verdes do local. Com milhares de casas amontoadas, ruelas e vielas de chão batido, de brita, becos e esgotos a céu aberto, a vila carrega consigo o estigma de local mais perigoso do bairro. “Lá é complicado até para a polícia entrar”, segundo o relato de um soldado da Brigada Militar que atua no bairro, legitimado até mesmo por significativa parcela dos habitantes mais antigos que justificam que o fenômeno da violência que se manifesta no bairro iniciou após o nascimento da vila. Devido à sua ocupação não planejada, a vila não dispõe de espaços destinados ao lazer desportivo. Os espaços existentes foram improvisados pelos próprios habitantes em locais que não foram ocupados por casas, sendo transformados em campinhos de futebol. Na Comtel, os jovens realizavam jogos no campo que construíram e se organizavam para participar de campeonatos fora da vila.

No campinho de futebol da Vila Comtel, as relações jocosas também são recorrentes. Com frequência, as manifestações em forma de provocação às jogadas bonitas e espetaculares contra o *jogador adversário*, as vitórias com placares elásticos e as limitações técnicas dos participantes ensejam gozações e uma réplica imediata. Um exemplo foi protagonizado pelos jovens Vitória, 18 anos, e Matheuzinho, 15 anos, em uma das atividades do Pronasci/PELC no campinho. Matheuzinho, de posse da bola, partiu do campo de defesa superando os adversários com dribles sobre duas crianças com 10 e 11 anos, após um lençol em uma das gurias que jogava. Quando foi se aproximando de Vitória, que atuava como zagueiro, optou pela finalização da jogada e chutou, marcando um belo gol, em que a bola tocou no travessão e foi parar dentro da goleira. Matheuzinho comemorou o gol correndo desordenadamente pelo campinho e, aos gritos e gargalhadas, dizia para todos escutarem: “Eu sou foda, eu sou foda”. A réplica foi imediata e partiu de Vitória: “Que foda nada... Com as crianças e a guria foi fácil, por que tu não tentou passar por mim? Aí sim eu queria ver se era fodão mesmo [risos]”. A manifestação irônica de Vitória foi motivada pelo fato de Matheuzinho ter executado as

²⁹ Trecho da música *Fim de semana no parque*, do grupo de rap *Racionais MCs*. Faixa n. 2 do CD *Raio-X do Brasil*, lançado no ano de 1993. Gravadora: Zimbabwe Records.

belas jogadas somente sobre dois meninos menores e a menina e, quando surgiu a oportunidade de tentar superar Vitório, optou pela finalização.

Em um dos encontros do grupo de discussão, quando os jovens foram questionados sobre os significados atribuídos às atividades do Pronasci/PELC, as tantas manifestações de relações jocosas estiveram entre os discursos citados, conforme o excerto abaixo:

É tri, porque o cara se diverte também, jogar com os guris, dar uns toques neles e depois ficar falando... que nem o Matheuzinho, que dá os chapeuzinhos e depois sai falando, dá um chapeuzinho no cara e fala o ano todo. Daí o cara dá um nele e também fala o ano todo.
(VITÓRIO, grupo de discussão no dia 23 de julho de 2010).

Desse modo, pode-se dizer que as relações jocosas caracterizam uma forma de sociabilidade, em certa medida prazerosa, não séria, que tem como função minimizar as tensões nas relações entre os participantes de um grupo. No caso dos jovens observados, há um acréscimo nas funções das relações jocosas, visto que esse fenômeno também tem a função de instigar o encontro dos jovens para a prática de futebol, pois é divertido aplicar uma jogada habilidosa sobre o companheiro e “depois sair falando”, zombando do outro “o ano todo”.

5.4 O pedaço

Todos os aspectos citados, ocorridos na Praça Ildo Meneghetti e no campinho da Vila Comtel – onde o futebol funciona como estratégia de promoção ao encontro, bem como o consumo de cigarros de maconha no entorno do campinho – os códigos de honra como “futebol é só para quem é macho”, o repúdio às falhas na arbitragem, relacionadas à ideia de “critério”, e o zelo à integridade física das crianças³⁰ parecem estar ligados a um conjunto de códigos de comportamentos, como formas para a garantia das sociabilidades na rua. Ou seja, são a garantia e a consolidação de um espaço de encontros e interação social sob os códigos desse espaço, o que permite pensar na noção de *pedaço* elaborada por José Cantor Magnani (2005). Para o antropólogo, *pedaço* refere-se a um espaço que funciona como ponto de referência para o encontro, fundado nos laços de família, vizinhança, amizade, entre outros (ibidem, p. 188):

³⁰ O referido aspecto que diz respeito ao zelo à integridade física das crianças será abordado com minúcia no capítulo 6 desta Dissertação de Mestrado.

Assim, o *pedaço* designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla do que fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável do que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade.

Assim, a prática de futebol na Praça Ildo Meneghetti e no campinho da Vila Comtel parecem funcionar como um *pedaço*, onde são estabelecidos códigos, regras, modos de comportar-se. Outro aspecto que possibilita pensar a Praça Ildo Meneghetti como um *pedaço* são os significados atribuídos por alguns jovens no local, de que “futebol é coisa pra macho”, então “se não tá aguentando, larga”, pois no *pedaço* “as inscrições são para aqueles que sabem ler o muro” (ibidem, p. 191).

5.5 “Vocês são loucos! Isto não vai acabar bem.”

Muito instigante e emblemática foi a semana que antecedeu o dia 27/3/2010. Uma semana tensa e repleta de expectativas, parcela significativa de opiniões pessimistas, de que situações desagradáveis poderiam acontecer. Tudo isso devido ao fato de que o coordenador do núcleo Nancy Pansera, Marco Antônio, e eu tivemos a *maluca* e *perigosa* ideia de organizarmos jogos de futebol entre os jovens que praticavam futebol nos núcleos de esporte e lazer do Pronasci/PELC dos bairros Guajuviras e Mathias Velho. Marco Antônio e eu tínhamos frequentes contatos, pela relação que estreitamos ao longo dos meses e devido ao fato de que uma parcela dos jovens que atuavam em atividades em seu núcleo, como a dança e o futebol, eram os mesmos que também atuavam nas atividades de dança, futebol e teatro no núcleo coordenado por mim, de modo especial, os jovens praticantes de futebol. Marco Antônio também coordenava atividades de futebol de campo na Associação Comunitária 04 de Julho, que eram frequentadas pelos jovens habitantes da Vila Comtel.

Em uma das atividades de futebol na Praça Ildo Meneghetti, quando se encerraram os jogos do dia, alguns dos jovens manifestaram a mim o interesse na realização de atividades fora do núcleo. De modo mais específico, gostariam que fosse organizado um torneio de futebol fora do bairro, ou que fossem inscritos em algum torneio em local distante do que habitam. Foi então que sugeri e perguntei aos jovens se estavam de acordo se organizássemos jogos de futebol junto aos jovens que atuavam no Pronasci/PELC do Mathias Velho, lá mesmo nesse bairro. O grupo aprovou a ideia e manifestou satisfação com a possibilidade de praticar futebol com os jovens habitantes de outro bairro da cidade, que também participavam do programa. Como parcela do grupo atuava também nos núcleos coordenados por Marco Antônio, coloquei a ideia para ele no dia seguinte. O coordenador também se interessou pela

atividade. Diante disso, acordamos que na próxima reunião de gerência e coordenação colocaríamos a sugestão para os coordenadores que atuavam no bairro Mathias Velho.

Na reunião, Marco Antônio e eu colocamos ao grupo a ideia de organizar atividades que consistiam em jogos de futebol entre os jovens participantes do programa nos dois bairros. A sugestão, de modo geral, não foi bem aceita pelo grupo. Muitas falas tentavam nos mostrar e nos convencer dos riscos de promover a atividade: “Não sei se é uma boa ideia”, “Guajuviras contra Mathias Velho... Hum, não sei não”, ou, “Para fazer este tipo de atividade vai ter que ter segurança, vamos ter que ver se a Secretaria de Segurança pode disponibilizar a Guarda Municipal para viabilizar a atividade”. Marco Antônio e eu colocamos ao grupo que já havíamos conversado com os jovens sobre a atividade e que todos estavam empolgados com a possibilidade, que havia sido um pedido dos próprios jovens do Guajuviras. As falas que tentavam em certo ponto nos convencer da inviabilidade da atividade prosseguiram, e o fator impeditivo passou a ser o transporte para o deslocamento: “Não sei se conseguiremos o transporte para o deslocamento do pessoal”. A reunião encerrou-se sem encaminhamento algum.

Como não houve encaminhamento no dia da reunião, Marco Antônio resolveu ele mesmo procurar viabilizar o transporte para o deslocamento dos jovens, em vez de ficar na dependência da Secretaria de Esportes. Assim, conseguiu o transporte com uma pessoa que residia no bairro onde vivia. Resolvido o problema do transporte, entrei em contato com o coordenador-geral do Pronasci/PELC no Mathias Velho, a fim de solicitar a ele uma parceria para que realizássemos a prática de futebol junto aos jovens que participavam nos núcleos de esporte e lazer do seu bairro. Comuniquei a ele que o transporte já estava disponibilizado e que gostaria que ele, junto aos seus coordenadores de núcleo, realizasse uma consulta aos jovens do Mathias Velho, no sentido de concordância com a atividade e a disponibilidade de espaço para os jogos. Passei alguns dias em contato com o coordenador-geral do Mathias Velho até a confirmação da atividade. Mesmo com certo receio logo que Marco Antônio e eu propusemos a atividade, com o passar dos dias ele também compreendeu que não haveria problema. Após toda a estrutura confirmada para a viabilização da atividade (ônibus para o deslocamento dos jovens do Guajuviras e o campo de futebol para a realização dos jogos), a atividade foi agendada para o dia 27/3.

Na semana que antecedeu o sábado do dia 27/3, em reunião, comunicamos que já estava tudo organizado e combinado entre Marco Antônio, o coordenador-geral do Pronasci/PELC no bairro Mathias Velho, os estagiários que ministravam as atividades de futebol nos núcleos dos dois bairros, os grupos de jovens do Guajuviras e Mathias Velho e eu.

Quando alguns dos demais coordenadores e gerentes compreenderam que não havia mais possibilidade de evitar a atividade, a seguinte manifestação foi colocada: “Vocês são loucos! Isto não vai acabar bem”. Logo em seguida, uma das coordenadoras falou “Boa sorte”, e uma das pessoas da gerência concluiu: “Na segunda-feira vocês me digam como é que foi [risos], espero que acabe tudo bem”. Novamente, coloquei ao grupo de coordenadores e gerentes que não haveria problema algum e que já estava tudo resolvido: a responsabilidade pela atividade era nossa.

Esse exemplo citado, que provocou significativas tensões, corrobora com as colocações de Foucault (2009), o qual identificou, no fim do século 18 e ao longo do século 19, o novo modo de investimento sobre a vida que emergiu como formas de organização dos fenômenos sociais, com vista ao melhor funcionamento econômico e político da sociedade. Passou-se a atuar não tanto sobre o que fizeram os sujeitos, se está em conformidade ou não com a lei, mas sobre o que podem fazer, o que são capazes de fazer, o que estão na iminência de fazer. Tal investimento, que iniciou seu exercício sobre o sujeito individual, uma técnica individualizante do corpo, “como foco de forças que é preciso tornar úteis e dóceis ao mesmo tempo” (FOUCAULT, 2005, p. 297), fixando e esquadrinhando os corpos em instituições, passou a ser exercido na prevenção de eventos, ou seja, dos fenômenos produzidos na vida em coletividade, visando à “segurança do conjunto em relação aos seus perigos internos” (ibidem, p. 297).

No caso do receio que prevaleceu com a realização dos jogos de futebol entre os jovens dos dois bairros, atuar ao nível do que podem fazer significa, somado à promoção de atividades de esporte e lazer como recurso útil para a ocupação de grupos, também evitar o encontro e o contato entre certos grupos. Nesse sentido, parece que o caráter preventivo da atual sociedade de controle passa pela convocação à participação, contudo também pela interdição da participação, caso necessário, a partir de um cálculo preventivo embasado pela produção discursiva, que colocou esses jovens em determinado lugar social, como uma espécie de “socialização dos riscos” (EWALD, 2000), no qual, “a segurança faz de cada um a parte de um todo” (ibidem, p. 96).

Chegou o sábado, dia 27/3/2010. Cheguei ao bairro Guajuviras por volta de 7h45min. O local combinado de encontro com os jovens que praticavam futebol nos núcleos Carlos Drummond de Andrade e Nancy Pansera foi a Praça Ildo Meneghetti. Marco Antônio responsabilizou-se pelo encontro com os jovens da Vila Comtel, que atuavam no campo de futebol da Associação Comunitária 04 de Julho, também às 8h. Quando cheguei à praça, os jovens já estavam presentes. Ao todo, eram 16. Ficamos conversando, enquanto

aguardávamos a chegada do ônibus que já chegaria ocupado por Marco Antônio e o grupo de jovens da Vila Comtel. Nova tensão ocupou o lugar da tensão protagonizada pela gerência e por alguns membros da coordenação dias antes. Agora a tensão e a probabilidade de que algo ruim podia acontecer estava inquietando alguns jovens do grupo que atuavam nos núcleos Nancy Pansera e Carlos Drummond de Andrade. Enquanto conversávamos sobre como organizaríamos as equipes para os jogos no Mathias Velho, diferentemente dos coordenadores e gerentes do programa, que temiam o encontro entre os jovens dos dois bairros, o receio por parte de alguns jovens se dava devido ao encontro com os do próprio bairro, de modo específico, com os jovens da Vila Comtel.

Molina era o que mais apresentava inquietação. Enquanto aguardávamos a chegada do ônibus, ele manifestava vontade em desistir de participar da atividade, pois, segundo ele, não tinha uma boa relação com alguns jovens que viviam na Comtel. “Bah professor, tá embaçado de ir nesse futebol”. “Mas qual o problema, Molina?”, perguntei. Ele respondeu: “Até nem é comigo, é que meu irmão há algum tempo atrás se envolveu em uma treta com o Fabinho³¹ e desde este dia a gente evita o encontro com ele e outros de lá da Comtel. Meu irmão já nem veio por isto”. Conversei com Molina, no sentido de orientá-lo a não dar importância a essa situação e, já que o ocorrido não havia sido diretamente com ele, que ficasse tranquilo, pois não somente eu, mas Marco Antonio também estaria presente e já havia conversado com os jovens da Comtel, e eles, assim como os grupos do Nancy Pansera e do Carlos Drummond de Andrade estavam instigados e empolgados simplesmente pelos jogos de futebol. Molina então demonstrou certa tranquilidade e disse: “Tudo bem, então vamos lá”. Assim, o foco de nossas conversas, enquanto esperávamos o ônibus, voltou a ser a formação das equipes para os jogos no bairro Mathias Velho.

Quando o relógio marcava 8h17min, visualizei um ônibus de viagem se aproximando da praça. O ônibus estacionou em frente à praça, na Rua 106/Setor 2. Era Marco Antônio com os jovens da Vila Comtel. Molina, que parecia ter administrado sua inquietação após nossa

³¹ Fabinho é considerado por muitas pessoas que conversei ao longo deste estudo o “chefe” do comércio de drogas na vila Comtel. Ao longo do primeiro ano de funcionamento do Pronasci/PELC ele participou com certa frequência das atividades de futebol de campo coordenado por Marco Antonio. Provocando rasuras à imagem carrega consigo no bairro, de sujeito criminoso e perigoso, das muitas vezes que atuou nas atividades do programa, jogou, brincou, ou seja, a forma de sociabilidade desenvolvida não correspondeu ao que estava posto pelo discurso hegemônico produzido sobre ele. Certa vez, Marco Antonio, me relatou que em uma das atividades de futebol no campo, ele solicitou alguns minutos para falar com os demais jovens que estavam no campo. Segundo o coordenador, ele falou que estava no local para jogar futebol, e somente para jogar futebol, logo ninguém precisava ficar com receio de sua presença, e que o que ele fazia fora do campo de futebol era problema seu, e que a vida que levava não era desejo seu, se tivesse oportunidade não estaria envolvido com o comércio de drogas. Concluiu sua fala orientando os jovens a estudar, trabalhar e não desistir de seus objetivos, para não acabem posicionados na mesma situação que se encontrava (Recordações do diário de campo).

conversa e já vestido com o calção e as meias de futebol, foi se retirando quando o ônibus estacionou em frente à praça, ao mesmo tempo em que falava para mim: “Eu não vou professor, não dá, está embaçado, o Fabinho está lá dentro”. Solicitei calma a ele e disse para ele que iria até o ônibus para verificar se Fabinho estava presente. Solicitei ao grupo que todos aguardassem na praça até meu retorno do ônibus. Dirigi-me até o ônibus, cumprimentei todos os jovens presentes, solicitei a presença de Marco Antônio na rua e coloquei a ele a situação que estava posta. Falei que havia certo receio por parte de alguns jovens devido a conflitos passados, que envolviam direta e indiretamente alguns desses jovens. Contudo coloquei que o receio mais significativo era de Molina, que se recusava a embarcar no ônibus. Acordamos que não realizaríamos falas de cunho preventivo com os jovens, até porque, ao longo da semana, os da Vila Comtel, segundo Marco Antônio, em momento algum manifestaram qualquer tipo de desconforto ou repúdio em compartilhar o mesmo ônibus com os jovens da vila Nancy Pansera. Logo, também achei desnecessário alguma manifestação junto aos jovens. Minha condição contraditória de coordenador e pesquisador, naquele momento, me posicionou no lugar em que eu não iria me colocar na situação de tentar suplantar o sentimento do “outro generalizado” (BERGER; LUCKMANN, 2010), algo recorrente no presente programa de esporte e lazer. “Quem sou eu para fazer isso?” E, assim, não o fiz.

Após conversarmos sobre a situação posta, Marco Antônio e eu embarcamos no ônibus, eu desejei bom dia aos jovens, e a fala que tivemos com o grupo foi somente para colocar que o grupo de jovens que também praticava futebol na escola Nancy Pansera e na Praça Ildo Meneghetti iria participar dos de futebol no bairro Mathias Velho, conforme já havíamos conversado ao longo das últimas duas semanas. Então, todos iríamos nos deslocar juntos ao Mathias Velho para as atividades de futebol. Os jovens da Vila Comtel, que já estavam no interior do ônibus, acenaram com a cabeça e com os braços, sinalizando concordância. Deixei o ônibus e retornei à praça. Falei ao grupo que já poderia embarcar no ônibus sem problema algum. Os jovens prontamente foram se deslocando em direção ao ônibus, exceto Molina, que se recusou: “Eu não vou”, disse ele. Retomei com ele a fala para colocar que, em primeiro lugar, Fabinho não estava presente e que, no meu ponto de vista, essa atividade em conjunto seria uma boa oportunidade para um possível estreitamento nas relações, já que havia certa tensão. Molina, ainda com desconforto, decidiu ir, e no curto trajeto de deslocamento da praça ao ônibus ele falava: “Tranquilo professor, vamos nessa. Eu também estou só pelo futebol, mas eu não vou aceitar provocações. Se alguém ficar me tirando [desrespeitando], vai ter volta”.

Os jovens que residiam na região do Nancy Pansera começaram a embarcar no ônibus. Alguns se cumprimentavam, outros sequer olhavam para os lados, evitando o cruzamento dos olhares. Todos se acomodaram nos bancos dos ônibus. No deslocamento do Guajuviras ao Mathias Velho, ninguém se olhava. Alguns direcionavam seu olhar para a frente, os jovens que estavam acomodados em assentos ao lado da janela deslocavam seu olhar para a rua; o silêncio prevalecia. Os raros diálogos limitavam-se entre os jovens de *seus grupos*, e assim foi até a chegada ao bairro Mathias Velho.

Chegando ao local, Marco Antônio e eu nos reunimos com os estagiários que atuavam no Mathias Velho e organizamos jogos de modo que houvesse cruzamentos entre os grupos dos quatro núcleos presentes. Cada jogo teria 15 minutos corridos de duração. Um dos jogos mais interessantes foi entre os jovens da Vila Comtel, que atuam no campo da Associação Comunitária 04 de Julho do bairro Guajuviras, e os jovens que atuam na escola Thiago Würth, no bairro Mathias Velho. Jogo disputado, com momentos de disputa mais ríspida pela posse de bola, que desencadeavam certa tensão. Contudo, de modo geral, o jogo era tranquilo, com uma relação de respeito entre os jovens. Houve um momento do jogo em que um dos jovens do núcleo da escola Thiago Würth cometeu uma falta, sinalizada pelo árbitro do jogo, o estagiário Machado. Contrariado com a marcação da falta, o jovem pegou a bola e a arremessou no jovem da Vila Comtel. Na mesma hora, Altair, que pratica futebol no núcleo da Escola Nancy Pansera e na Praça Ildo Meneghetti, que assistia ao jogo junto aos demais jovens de seu grupo, do lado de fora do campo, dirigiu-se à tela que cerca o campo e gritou: “Que história é essa? Como é que tu faz uma coisa dessas, vacilão?” Esse fenômeno chamou a atenção devido ao fato de que, até então, parecia haver o que chamam de *rixa* entre os dois grupos do bairro Guajuviras, o que chegou a ameaçar a viabilidade da participação de alguns desses jovens na atividade. O episódio também provocou receio por parte de alguns gestores e coordenadores do programa, devido à suposta *histórica rixa* socialmente construída que marcou as relações entre grupos dos bairros Guajuviras e Mathias Velho.

Ao longo da manhã, várias partidas de futebol foram jogadas, com alguns pequenos conflitos que são das relações sociais, como questionamentos em relação aos resultados dos jogos, de faltas sinalizadas ou não, cobrança entre os companheiros de equipe por jogadas mal executadas. Em suma, nada próximo aos receios e às inquietações, por parte de alguns servidores do programa, da possibilidade de acontecer algo fora do que foi delimitado socialmente como ordem. Por volta de 12h30min, as atividades foram encerradas. Todos se cumprimentaram, os jovens habitantes do bairro Mathias Velho foram deixando o local a pé, outros de bicicleta, de carro com familiares. Já os jovens do bairro Guajuviras retornaram ao

ônibus e, diferente do ambiente tenso e de receio que prevaleceu antes e durante o deslocamento ao Mathias Velho, o retorno foi de interação e jocosidades entre os grupos da Vila Comtel e da região do Nancy Pansera.

Todos os aspectos salientados ocorridos nesse dia vão de encontro à produção discursiva que embasou e justificou a necessidade da implementação do Pronasci/PELC, o qual colocou jovens em uma condição social de sujeitos vulneráveis, identificados, de modo especial pela mídia, pelo modo e pela ênfase dada à cobertura de alguns episódios, que em certo ponto acabou formando os objetos de que fala (FOUCAULT, 1986). Como bem salienta François Lyotard (1993, p. 45), “os nomes não se apreendem sozinhos; apreendem-se alojados em pequenas histórias”. Ou seja, são construções discursivas que “estabelecem o pensável como um campo de possibilidades fora do qual nada faz sentido – pelo menos até que aí se estabeleça outro regime de verdade” (VEIGA-NETO, 2000, p. 56).

Na contramão do discurso hegemônico, os sujeitos múltiplos colocaram-se em cena, com suas interações, jocosidades, conflitos, relações de respeito, episódios de jovens que até então evitavam o encontro, de saírem em defesa de quem antes era visto como “os caras lá da Comtel”, agora companheiros de bairro, como no caso protagonizado por Altair e a relação de respeito e camaradagem que prevaleceu entre os jovens dos bairros Guajuviras e Mathias Velho. Múltiplas formas de sociabilidade estiveram presentes na cena pública, isto é, fenômenos sociais muito mais complexos e diversificados do que o fabricado pela produção discursiva acerca do bairro, após sua ocupação, que legitimou o investimento de ações para um *Território de Paz*.

5.6 O grupo de teatro

Nesta seção, discorro acerca do grupo de teatro do Pronasci/PELC, que desenvolve suas atividades em uma sala de aula da Escola Carlos Drummond de Andrade. De todos os grupos que atuam nos núcleos de esporte e lazer no bairro, o conjunto de teatro parece estar entre os que mais despertam o interesse da gestão e são alvos dos eventos.

Composto por 32 jovens, sendo 14 guris e 18 gurias, com idades compreendidas entre 13 e 28 anos, o grupo iniciou suas atividades na segunda semana de janeiro de 2010. A sala onde desenvolvem as atividades é pequena e, nos meses de inverno, corria um ar frio decorrente de alguns vidros quebrados das janelas. Muitos desses jovens já possuíam experiências em teatro, pois participam ou já haviam participado de outros grupos, como os jovens Dinho, 16 anos, Cristina, 15 anos, John, 16 anos, Mônica, 18 anos, e Mano, 15 anos.

As oficinas de teatro são conduzidas pela estagiária Luciana Brito, estudante do curso superior de formação de professores e atores de Teatro na UFRGS. Outra característica interessante desse grupo diz respeito ao fluxo dos jovens que o compõem. Ao contrário dos grupos de futebol da Praça Ildo Meneghetti, da Comtel, da Associação Comunitária 04 de Julho e dos que atuam no núcleo da escola Nancy Pansera, os jovens atuantes deslocam-se de diferentes pontos do bairro para as atividades. Daiane reside na Vila Comtel; Dinho, seu irmão Rafael, Mônica, Carla e Luana, na Vila São José; Cristina e Hector, na Vila São Miguel; Mano, na Avenida 17 de Abril; Sandro, na Vila Brehm; Nando, na Vila Nancy Pansera; entre outros jovens que habitam em diversos locais do bairro. O caso mais emblemático é o de John, que residiu no Guajuviras e atualmente mora no bairro Mathias Velho, de onde vem todas as segundas, terças, quartas e quintas-feiras para as atividades de teatro e dança.

Diante disso, muitos desses jovens conheceram-se quando formaram o grupo de teatro e foram se integrando a ele. Ao longo de minha atuação na coordenação de núcleo do Pronasci/PELC e também na condição de pesquisador, acompanhei com frequência os ensaios e as criações de esquetes teatrais protagonizados pelo grupo. O ambiente, de modo geral, era de dedicação às atividades propostas pela estagiária, descontração, jocosidades, pois os objetivos da adesão dos jovens ao grupo eram múltiplos.

Cito o exemplo de Dinho. Já havia tido contato anterior com esse jovem em 2007, quando realizei uma pesquisa de cunho etnográfico na E.E.E.M.³² Guilherme de Almeida, localizada na Vila Cerne, região da Grande Mathias Velho, que objetivou pesquisar as sociabilidades produzidas no âmbito do lazer dos jovens. Dinho era aluno da escola e também atuava como monitor de informática do Programa Mais Educação³³ e do grupo de dança da escola. Sabendo de suas vivências nessas atividades e que ele residia no bairro Guajuviras, entrei em contato com ele, pois eu tinha o número de seu telefone. Na condição de coordenador de núcleo do Pronasci/PELC, convidei-o a participar das atividades de teatro e

³² Escola Estadual de Ensino Médio.

³³ O Programa Mais Educação, oferecido pelo Governo Federal através do Ministério da Educação, tem como objetivo a ampliação da jornada escolar através da educação em turno integral. As escolas das redes públicas municipais e estaduais podem fazer a adesão ao programa e de acordo com o seu projeto político pedagógico podem desenvolver como atividades no turno inverso às atividades em sala de aula reforço escolar como aulas de letramento e matemática, atividades esportivas, de lazer e artes, informática, comunicação e uso de mídias, entre outras. Mais informações ver em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16690&Itemid=1115>.

dança no núcleo. E Dinho foi um dos responsáveis pela divulgação e pelo convite para Mônica, seu irmão Rafael, Carla, Luana, entre outros jovens.

Dinho exerce uma liderança positiva no grupo, pela sua capacidade inventiva e pelo envolvimento durante as aulas. É companheiro e muito solidário com todos do grupo, e se apresenta sempre disposto a auxiliar os demais jovens. Não raras vezes, acaba cumprindo o papel de auxiliar da estagiária. Quase todos os jovens do grupo, querendo ou não, acabam reconhecendo essa significativa capacidade de criação e improviso de Dinho, na medida em que, com frequência, recorrem a ele para a construção das cenas. É frequente ver os jovens no entorno de Dinho. Há certa preocupação em agradá-lo com brincadeiras, gentilezas, perguntas, geralmente sobre o teatro, e as cenas propostas bastam para tentativas de alongamento de conversa a fim do estreitamento das relações. Em uma de minhas observações das atividades do grupo, questionei à jovem Maxi os motivos de sempre se oferecer para compor grupo com Dinho, quando a estagiária apresentava como proposta a formação de grupos para criação de cenas. Sua resposta foi espontânea: “É porque eu gosto do Dinho, ele é o cabeça do teatro aqui”. Coloquei nas linhas anteriores que quase todos os jovens recorrem a Dinho para compor grupo e criar cenas durante as aulas de teatro. John é a exceção.

John chegou depois ao grupo, cerca de quatro meses após sua formação e o início das atividades na escola. Possui experiência com teatro e dança, pois já atuou em outro grupo de teatro durante três anos e atua como professor de dança em um grupo que formou com amigos. Também possui boa capacidade de improviso e criação. Diante disso, em certa medida também é uma referência para alguns jovens do grupo. O jovem é irônico à relação binária que sociamente definiu atributos masculinos *versus* femininos. Pinta os cabelos, usa maquiagem, especialmente em torno dos olhos, e sua fala é delicada. Por vezes, é alvo de piadas de alguns colegas dos grupos de que participa, pelo seu modo de se significar no mundo. Mantém uma relação de respeito com Dinho, contudo, diferentemente dos demais jovens, opta por manter-se afastado e não interage com o rapaz. É visível a sua insatisfação e a inquietação pelo fato de o grupo fazer de Dinho a principal referência. Há certa rivalidade protagonizada pelos dois jovens, com frequência instigada e provocada por John, que não faz a menor questão de compor grupo com Dinho. Isso fica evidente, pois se tornou prática recorrente durante os ensaios, de modo especial quando solicitado pela estagiária Luciana a formação de dois grupos para a criação de esquetes: sempre acabam sendo formados o *grupo do Dinho* e o *grupo do John*.

Uma das situações mais instigantes ocorreu no dia 24/6/2010, quando Luciana solicitou a formação de dois grupos, cada qual devendo criar uma cena num tema livremente escolhido. Quando a estagiária concluiu as orientações de como seria desenrolada a atividade, manifestou-se um princípio de conflito, motivado pela manifestação do interesse de Cristina, Maxi, Ana e Beta em compor o grupo com Dinho. A disputa foi intensa. Cristina foi a primeira a se manifestar: “Ah, eu quero ficar com o Dinho”, disse ela. “Eu também”, disse Maxi, com o braço estendido para cima. “Eu vou ficar também”, disse Beta, já caminhando em direção a Dinho. “Eu vou também”, manifestou-se Ana. Nesse instante, John afastou-se. Visivelmente incomodado com as manifestações, ficou calado, observando o desenrolar da situação. Após algumas negociações, com certa intervenção da estagiária Luciana, os grupos foram formados. O *Grupo 1* ficou representado por John, Mano, Ana, Cristina e Dessa. Já o *Grupo 2* foi formado por Dinho, Nando, Maxi, Hector, Daiane e Beta.

Podemos observar, nesse caso, focos de exposição das microrrelações de força que constituem as relações de poder, que se manifestam dentro de um campo aberto de possibilidades, de ações sobre ações, noção apresentada por Foucault (2008a, p. 183): “O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca está apropriado como uma riqueza ou um bem”.

Essas situações protagonizadas pelo jovem Dinho e, de modo especial, por John, colocam em evidência a exposição das relações de força que constituem o poder, como forma de ampliação de suas visibilidades no interior do grupo. Esse fato provocou uma posterior disputa, agora no sentido de qual dos grupos iria criar e protagonizar melhor esquete. De um lado da sala, o grupo conduzido por Dinho. Intensamente envolvidos, com exceção de Maxi, que estava um pouco mais dispersa e dava gargalhadas a todo instante, interagiam sugerindo temas para a criação de esquete teatral. No outro grupo, apesar da leve liderança de John, Mano também acabou tomando a iniciativa de dividir essa função de condução e sugestão de temas para a criação da cena. São as manifestações das microrrelações de poder no cotidiano das atividades de teatro, pois “o poder é feito de forças, relações de força” (DELEUZE, 2006, p. 115).

O fato que chamou muita atenção no decorrer das atividades do grupo foi o improvisado, a criatividade, a capacidade de invenção em curto período de tempo, pois cada aula tinha duração de no máximo duas horas, bem como o uso que os jovens faziam das oficinas de teatro para problematizar situações as quais os interpelavam no cotidiano. Cito como exemplo nesse dia a cena criada pelo grupo liderado por Dinho: o personagem protagonizado por

Hector caminhava pelas ruas da vila, acompanhado dos amigos (Nando, Maxi e Daiane) quando, ao longo de suas andanças, tropeça em um buraco, provocando sua queda e a lesão em seu tornozelo. Hector, no chão, grita de dor “ai, ai meu pé”. Enquanto Nando e Daiane prestam socorro a Hector, Maxi, muito revoltada, manifestava seu descontentamento com a infraestrutura da vila: “Também, essa rua cheia de buracos e pedras, a gente não pode nem caminhar aqui. Outro dia minha prima se machucou aqui na vila por causa desses buracos que nunca arrumam”. Hector foi conduzido ao hospital no centro da cidade. A cena continua com a mobilização do grupo, que no dia seguinte se dirige até a prefeitura municipal solicitar providências em relação a melhorias nas ruas da vila. Quando chegaram à prefeitura, tiveram o acesso ao gabinete do prefeito impedido pela sua secretária (interpretada por Beta), por ordem do próprio prefeito (interpretado por Dinho). Com o acesso negado, retornaram à vila, onde iniciaram uma mobilização dos moradores, a fim de reunir o maior número possível de pessoas para retornarem à prefeitura e cobrar uma posição do prefeito. A cena foi finalizada com a seguinte manifestação de todo o grupo: “Vamos lá, pessoal, que a união faz a força!”

Outra cena chamativa criada pelos jovens foi protagonizada no dia 1º/7/2010 por John, Nando, Hector, Mano, Sandro e Beta. Nesse dia, Dinho não compareceu à aula. A estagiária Luciana solicitou ao grupo que se reunissem para a criação de uma cena, com tema definido pelo próprio grupo. Assim que Luciana solicitou a atividade, todos ficaram em silêncio e olhavam-se, um esperando pelo outro para dar início à atividade. Como ninguém tomou iniciativa, então Hector falou: “O Dinho não está aqui, começa tu, John”. Diante disso, na ausência de Dinho, John tornou-se a referência do grupo, e a expectativa era que ele conduzisse a atividade proposta por Luciana. E assim aconteceu. Cerca de 15 minutos depois, o grupo concluiu a criação da cena, então Luciana solicitou a apresentação para sua avaliação e orientações. A cena criada, muito interessante, foi a seguinte: um grupo de jovens (Sandro, Hector, Mano e Beta) aguarda o ônibus em um ponto localizado em frente de uma escola, por volta de 23 horas, no bairro Guajuviras. No ponto de ônibus, também aguarda um jovem estudante (John). Todos, muito impacientes com a demora do ônibus, reclamavam: “Bah, já faz mais de 50 minutos que a gente está aqui e nada”, disse Beta. “Todos os dias é a mesma coisa”, disse Hector. Enquanto aguardavam o transporte coletivo, passou pela calçada um jovem (Nando) que vestia um boné, uma camiseta velha com alguns rasgados e uma calça desbotada e calçando chinelos. O estudante que estava no ponto de ônibus, quando percebeu a aproximação desse rapaz, levantou-se de modo discreto do banco, de modo a facilitar uma possível fuga, caso houvesse tentativa de assalto. O jovem passou caminhando em frente ao ponto de ônibus e sequer dirigiu o olhar ao grupo que estava presente no ponto. O ônibus não

vinha. As reclamações continuavam. “Isso é uma sacanagem com a gente... É só aqui que acontece essa palhaçada destes ônibus”, falou Beta. “É uma sacanagem mesmo. Eles colocam estas câmeras (câmeras de vigilância) em todos os cantos do bairro e ônibus que é bom... nada. Esse prefeito não faz nada pra gente”.

Nas duas cenas citadas, é possível observar que, partindo de uma forma criativa, o grupo questiona e manifesta seus descontentamentos ao modo como estão sendo afetados pelas ações do Estado. Esses pensamentos e reflexões acerca de situações cotidianas que se materializam nos esquetes teatrais criados e protagonizados pelos jovens parecem corroborar com as reflexões de Deleuze (2006), o qual esclarece que o pensamento não é uma questão de teoria, mas de vida. São as vidas dos jovens que estão expostas aos investimentos do Estado, e eles parecem colocar em evidência, nas cenas criadas, que as ações estatais não contemplam algumas de suas necessidades.

Nesse sentido, nas linhas que seguem, apresento como complemento alguns excertos com manifestações dos jovens no que diz respeito aos fatores que os instigam a frequentar as atividades de teatro e dança oferecidas pelo Pronasci/PELC.

É legal, pra mim é importante também. É bem importante. Pra quem não sabe, vem aqui e faz e aprende. E pra quem já sabe, com certeza já gosta e já continua fazendo. E é isso. Mas é bom, eu sempre procuro vir aqui, sempre quando eu posso [...] É uma união, é um grupo, é uma tribo. É um lugar onde todo mundo se une, todo mundo é amigo. No caso, todo mundo, quando está aqui, é um grupo, é uma união, entendeu? É uma união de pessoas que realiza atividades, mas o que importa pra mim é a união nossa aqui.
(JOHN, grupo de discussão no dia 15 de junho de 2010).

O jovem Mano também opina:

O que eu posso dizer? Eu gosto de estar aqui no PELC, acho bom por causa que eu sempre gostei de dança, meu físico não mostra né? [risos] Mas sempre gostei de estar incluído neste negócio de dança, apesar que sempre tem um abobado que fala que não, que é muito ruim e coisa e tal, é isso.
(MANO, grupo de discussão no dia 15 de junho de 2010).

Para Daiane, o simples fato de gostar da atividade concorda com o que manifestou Mano, contudo pode-se observar que esse fato está aliado ao interesse em conhecer e criar novas amizades, como salienta em sua fala:

Eu gosto de fazer teatro porque é uma coisa muito boa, que eu consigo conhecer pessoas, eu aprendo e é isso.
(DAIANE, grupo de discussão no dia 15 de junho de 2010).

O jovem Dinho coloca em evidência interesses análogos aos de Daiane, que diz respeito a aprender mais sobre a atividade de seu gosto e a oportunidade de encontro com

outras pessoas, ainda que tenha noção de um dos objetivos do desenvolvimento do programa no bairro, como é possível verificar na sua fala que segue:

É como eu disse no outro encontro, daquela coisa ali da segurança, que esse investimento todo poderia ser feito para a educação, projetos como o PELC, é isto sabe? O PELC, pra mim, não é só aquela coisa de, “Ah poderia estar na rua fumando, cheirando, fazendo de tudo, mas não, está aqui, sabe?” Não é só isso, a gente está aprendendo alguma coisa, eu, por exemplo, quero ser ator, eu não tenho vergonha de dizer isto, eu faço teatro com muito orgulho, sabe? Pretendo fazer artes cênicas, e aqui é uma coisa onde eu estou aprendendo também, sabe? Basicamente isto, se desinibir, também se soltar mais, isto vai ser muito importante na tua carreira, claro. Esse é um dos motivos, mas não é só isso. Aqui, além de ter pessoas legais, a gente tem prazer de estar, só estar perto destas pessoas já é um ótimo motivo. Ah sei lá, é um bom lugar, os professores são legais e a gente está aprendendo.
(DINHO, grupo de discussão no dia 15 de junho de 2010).

Em uma perspectiva semelhante, cito a fala de outra jovem participante das atividades no núcleo da Escola Carlos Drummond de Andrade:

Não, por causa que o Dinho quer ser ator e ele faz o teatro mais por isso, não é? Não só por isso, mas mais por isso e eu não, eu quero ser igual à professora Bibiana. Eu quero ser professora de dança. Quero fazer faculdade de dança como a professora Bibiana. Teatro eu faço porque eu gosto, não porque eu quero ter uma profissão disso.
(CRISTINA, grupo de discussão no dia 15 de junho de 2010).

“Cristina, deixe-me pensar se eu compreendi. Me corrija se eu estiver equivocado. Então, o motivo da tua presença nas aulas aqui é que tu tens a pretensão de ser uma professora de dança, é isto? É a único fator que te motiva aqui?”, perguntei a ela. Cristina então respondeu:

Não, não só isso, que nem o Dinho disse, é mais por isso, mas não só por isso. Meus amigos, eu tenho amigos aqui também, e eu gosto de dança.
(CRISTINA, grupo de discussão no dia 15 de junho de 2010).

O jovem Nando também falou sobre os motivos que o instigam a participar dos grupos de teatro e dança do Pronasci/PELC. Nas suas palavras:

Pra mim é um programa que eu faço, tipo no tempo reservado, negócio que eu venho aprendo, brinco, me sinto à vontade, vejo meus amigos, é isto.
(NANDO, grupo de discussão no dia 15 de junho de 2010).

Os discursos produzidos pelos jovens evidenciam que seus objetivos se apresentam opostos aos da produção discursiva criada em torno deles, que justificou o investimento da política pública. John, por exemplo, aponta em sua fala que se faz presente para usufruir de mais um espaço que o possibilita a continuar praticando e aperfeiçoando atividades que já vinha fazendo, bem como um espaço que considera propício à criação e à consolidação de

vínculos de amizade, visto que “é um lugar onde todo mundo se une”, pois o importante “é a união nossa aqui”. Já no caso de Cristina, a participação nos grupos de teatro e, especialmente, de dança diz respeito a uma oportunidade de almejar a atuar como profissional na área de dança e também aos momentos de aprendizado junto à estagiária de dança, que se apresenta como referência às suas pretensões de cursar o ensino superior de dança. Assim como Dinho, que compreende a sua participação no grupo como espaço de aprendizado dos elementos técnicos do teatro, visto que almeja cursar artes cênicas, fazendo disso sua atividade profissional, além do encontro com os amigos que a atividade proporciona no seu ponto de vista. Não menos importante são as falas de Mano, que indica frequentar as atividades do Pronasci/PELC pelo simples prazer de dançar, e de Nando, que vê a sua participação nos grupos de teatro e dança como oportunidade vivenciar o seu lazer no tempo disponível da escola e do trabalho junto aos colegas de grupo.

Essas falas colocam em evidência o sujeito múltiplo, nas suas diversas formas de se significar no mundo, apontam os espaços ocupados por esses jovens, apresentam sujeitos jovens que se dispersam de muitas e múltiplas formas, constituindo *as juventudes*. Os sujeitos desse grupo parecem se contrapor aos discursos produzidos que justificaram a oferta do programa de esporte e lazer, como se pode verificar, por exemplo, no panfleto informativo sobre as atividades oferecidas pelo programa e seus objetivos:

A prefeitura de Canoas, por meio da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer e da Secretaria Municipal de Segurança Pública e Cidadania apresenta aos jovens canoenses o Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC), que faz parte do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci). Os Territórios de Paz (Guajuviras e Mathias Velho) terão uma atenção especial quanto às políticas públicas sociais com a realização do PELC/Pronasci. Serão atendidos 2,8 mil jovens e o principal objetivo é diminuir os índices de violência e a sensação de insegurança dos moradores, promovendo o esporte e lazer. (PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOAS, 2010).

Damico (2011, p. 154) aponta que o principal objetivo das políticas públicas destinadas aos jovens das periferias consiste em tirá-los “de determinado *lugar* e localizá-lo em outro, considerado mais adequado (definido pela própria política e nunca pelos sujeitos), reforçando as ideias de ordenamento e purificação social”. O autor ainda alerta que, nesse caso, não é casualidade que a escola se apresente como local privilegiado para a *captura*, ou seja, a inclusão desses jovens a essa instituição clássica para a socialização secundária dos sujeitos (BERGER; LUCKMANN, 2010).

Esses aspectos colocam em evidência os modos de atuação da atual sociedade, onde a escola moderna, fruto da sociedade chamada “disciplinar” por Foucault (1984, 2009), ainda ocupa posição estratégica, pois funciona para além de suas funções tradicionais de disciplina e

docilização dos sujeitos. As escolas tornaram-se instituições que, “embora sempre centrais ao controle dos corpos, na atualidade operam de forma articulada com outros instrumentos reguladores da população, mais difusos e dispersos” (DAMICO, 2011, p. 156).

Outro aspecto significativo observado entre os jovens atuantes do grupo de teatro foram os processos de afiliação em diferentes conjuntos e interações sociais. Dinho é um exemplo, pois está inserido em mais dois grupos do programa, além do de teatro: participa dos grupos de dança *street dance* e *ritmos*, no Centro de Referência em Assistência Social (CRAS/Guajuviras), pertencentes ao Núcleo Carlos Drummond de Andrade. No grupo de *street dance*, Dinho já é mais auxiliado pelos colegas, diferente do teatro, onde é a principal referência, como já mencionado. Já no grupo de dança (*ritmos*), nas terças e quintas à tarde, participa sem tanta assiduidade.

O exemplo de Dinho coloca em relevo a noção dos “círculos sociais” proposta por Georg Simmel (1977, 1979, 1986, 1999, 2004). Para ele, o processo de individualização é central como um modo de se significar no mundo. Assim, Simmel usa a ideia de “círculo” para colocar o sujeito no seu interior e analisar como o indivíduo se desenvolve e se transforma no círculo. Os círculos sociais caracterizam-se por uma amplitude de relações sociais, dando uma noção de individualidade ao quão maior o número de círculos sociais nos quais cada indivíduo interage. Nas palavras de Simmel (2004, p. 577), “A possibilidade da individualização cresce desmedidamente pelo fato de a mesma pessoa poder ocupar posições relativas, em tudo diferentes, nos diversos círculos a que pertence em simultâneo”.

Buscando caminhos alternativos às sociabilidades primárias, os sujeitos tendem a buscar se significar estabelecendo novos laços sociais, visando a uma pluralidade de interesses. Os círculos sociais ampliados seriam acompanhados do crescimento da liberdade e da individualização como alternativas de busca de significação. O conceito de círculos sociais permite a compreensão dos processos de afiliação em diferentes grupos e de interações sociais.

John, além do grupo de teatro, também atua em mais três grupos: nos grupos de dança *street dance*, sem muita assiduidade, e *ritmos*, todos pertencentes ao núcleo Carlos Drummond de Andrade, além de outro grupo de teatro nas quartas-feiras à tarde, no núcleo CAIC, localizado na Avenida Principal, próximo à entrada do bairro. O fato que parece mais significativo no caso de John, é que, como já mencionado, não reside no Guajuviras, pois se mudou há alguns meses, com algumas pessoas de sua família, para o bairro Mathias Velho.

No caso de John, podemos pensar que essa ampliação dos círculos sociais parece estar acompanhada de um crescimento de liberdade. O deslocamento diário corrobora com certo

afrouxamento do círculo primário (a família). Simmel (1999, p. 415) salienta essa característica de os círculos sociais serem elegíveis, ou seja, decorrentes da liberdade de escolha e ao mesmo tempo rígidos, é ocasionada pela posição dos sujeitos no contexto social.

Pôde-se observar, nesta seção, nos discursos produzidos pelos jovens que atuam no grupo de teatro do Pronasci/PELC, que a produção discursiva criada em torno do local que habitam – que embasou o investimento de ações sociais como atividades de esporte, culturais e de lazer para ocupá-los e prevenir “o que eles podem vir a fazer” – nada tem a ver com as suas reais aspirações e objetivos, ou seja, seus interesses. Apresentam-se de modo inverso ao lugar que foram posicionados pela produção discursiva hegemônica.

5.7 O grupo de dança

Não menos interessante é o grupo de *street dance* do Pronasci/PELC, que pratica o ritmo musical também na escola Carlos Drummond de Andrade. Esse grupo é formado por significativa parcela dos que atuam no grupo de teatro – como Dinho, Mano, Nando, Cristina, Hector, Beta e Dessa –, outros que atuam somente nesse grupo, sendo complementado por jovens que atuam no grupo de dança *funk*, no núcleo da escola Nancy Pansera, como os jovens André e Maninha. Assim como o grupo de teatro, este é formado por jovens habitantes de diferentes pontos do bairro, algo característico dos grupos que compõem o núcleo.

Também como o grupo de teatro, e em certo ponto o grupo de dança *funk* do núcleo Nancy Pansera, o grupo de dança estava entre os principais alvos da política de eventos, o que, ao longo dos meses, acabou provocando desgaste ao grupo. Nos últimos dois meses que antecederam o encerramento do primeiro ano de funcionamento do programa, os jovens recusaram-se a realizar qualquer tipo de apresentação, segundo eles, devido ao desgaste físico e ao inadequado tempo para a preparação das coreografias.

Nesse grupo também se encontram as múltiplas formas de sociabilidades vivenciadas pelos jovens. Exemplo é a trajetória de Maninha, que também reflete o “espírito simmeliano” (GADEA, 2007). Ela é uma das jovens que atua nas atividades do Pronasci/PELC desde sua implantação no bairro. Além do grupo de *street dance*, pertencente ao núcleo Carlos Drummond de Andrade, Maninha também atua em atividades nos grupos de dança *funk* e futsal de outro núcleo, o Nancy Pansera, localizado no outro extremo do bairro. Seu irmão André, além de atuar no grupo de dança no núcleo Carlos Drummond de Andrade, também atua no grupo de dança *funk* no núcleo Nancy Pansera. Outra situação interessante que envolve esses dois jovens diz respeito ao fato que, há aproximadamente quatro anos, ambos

criaram um grupo de dança de rua, composto por jovens habitantes do bairro, no qual utilizam as suas residências como espaço para prática das coreografias do ritmo musical.

Cabe salientar o seguinte aspecto: o Pronasci/PELC foi dividido em quatro núcleos, em certa medida para dar mais alternativas de atividades aos jovens do bairro, com vistas a mantê-los ocupados o máximo possível e evitar encontros e possíveis desavenças entre pessoas de diferentes localidades do bairro. Desviando o olhar, podemos pensar essa transitoriedade de parte dos jovens em diferentes círculos como uma pluralidade de sentidos e significados. Para Simmel (1986) o número de diferentes círculos, no qual o indivíduo se move, é um dos indicadores de desenvolvimento cultural, pois permite que ele ocupe diversas posições na interação de vários círculos.

Assim, as práticas sociais protagonizadas por esses jovens parecem próprias da dinâmica do bairro, com suas criatividade, potência de vida. Ou seja, os múltiplos gostos, interesses e trajetórias que percorrem dão ensejo para pensarmos nas “múltiplas realidades” experimentadas e vivenciadas de muitos e múltiplos modos por esses jovens a serem *pacificados*.

6 “FAZER VIVER” E “DEIXAR MORRER”: A “VIDA NUA” E A FIGURA DO *HOMO SACER* NA PERIFERIA

6.1 O *Homo sacer* e a produção da “vida nua”

Como temos visto até agora, o conceito de sociedade de controle foi elaborado por Gilles Deleuze (2006) como uma espécie de ampliação das análises de Michel Foucault (1984, 2009), que identificou o nascimento e a consolidação do que conceituou sociedade disciplinar, para designar uma das modalidades de exercício de poder sobre a vida a partir da criação das instituições clássicas de disciplinamento. É uma forma de regramento como parte do processo civilizatório, com o objetivo de promover uma vida mais útil e qualificada para a sociedade capitalista.

Contudo, ao aprofundar seus estudos em torno da sociedade disciplinar, o próprio Foucault direcionou sua abordagem para os dispositivos de normalização, entendidos enquanto mecanismos de regulação e controle dos sujeitos ou grupos, de modo que se adaptem a certos padrões vigentes, o que chamou *governamentalidade*. Esta atua por meio de práticas biopolíticas, apresentando pistas de uma nova sociedade que estava se desenhando: “Governar um estado significará, portanto, estabelecer a economia ao nível geral do Estado, isto é, ter em relação aos habitantes, às riquezas, aos comportamentos individuais e coletivos, uma forma de vigilância, de controle, tão atenta quanto ao do pai de família” (FOUCAULT, 2008a, p. 281).

Seguindo a trilha deixada por Foucault, Giorgio Agamben (2007) faz uma incursão epistêmica no direito e na política pelo viés da vida humana, destacando que os gregos faziam uma distinção entre *zoé*, que significava a vida simples, a vida natural comum a todos os seres, e *bíos*, que significava as formas de vida. O filósofo salienta que o poder sempre se fundou sobre esse corte entre o fato da vida e as formas de vida.

Conforme já salientado em capítulo anterior, para Foucault (2007, 2008a) a biopolítica caracteriza-se por um conjunto de dispositivos nos quais se articulam efeitos de saber-poder, como os discursos produzidos para a formação de regimes de verdade, a disciplina, a segurança, afim de que se construa uma realidade social, de modo a justificar certos investimentos políticos sobre a vida de populações ou grupos, administrando suas tendências, seus interesses e suas aspirações para um eficaz controle da população. Diante disso, para Foucault, a biopolítica supera o poder soberano característico da chamada sociedade de soberania.

Agamben (2007), contrapondo Foucault, recua a biopolítica até a antiguidade, salientando que esse modo de investimento sobre a vida não é característico da modernidade, mas prática inerente da política ocidental. No entanto corrobora com as colocações de Foucault quando aponta que o projeto da modernidade expandiu a biopolítica ao lançar mão de um conjunto de dispositivos para buscar governar a vida dos sujeitos de forma útil e produtiva. Para embasar sua tese, Agamben faz um estudo genealógico, recorrendo a uma enigmática, obscura e contraditória figura do direito romano arcaico, a do *Homo sacer*, que possuía uma situação muito peculiar: representava sujeitos que tinham seus direitos suspensos, tornando suas vidas sem valor e matáveis em períodos de exceção. Diz respeito a uma figura que

[...] concentra em si traços à primeira vista contraditórios [...] porque, enquanto sanciona a sacralidade de uma pessoa, autoriza (ou, mais precisamente, torna impunível) sua morte [...]. A contradição é ainda acentuada pela circunstância de que aquele que qualquer um podia matar impunemente não devia, porém, ser levado à morte nas formas sancionadas pelo rito [...] (ibidem, p. 79).

Nesse sentido, o *Homo sacer* caracteriza um sujeito que, ao ser proclamado *sacer*, era legalmente excluído do direito e conseqüentemente colocado para fora da esfera da *polis*, ou seja, banido da política da cidade. Sua condição de *sacer* impedia que o sujeito pudesse ser legalmente morto, contudo qualquer um poderia matá-lo sem que isso fosse considerado homicídio. Uma vida banida da cidade, abandonada pelo direito, transformada em *zoe*, em simples vida, vida sem valor, reduzida ao mínimo biológico, enfim, a vida nua.

Pensando com Agamben, Castor M. M. Bartolomé Ruiz (2012, p. 4) salienta:

A particularidade do *Homo sacer* é que, nessa condição paradoxal, ele se encontra incluído pela exclusão e excluído de forma inclusiva. Essa figura jurídica paradoxal captura a vida humana pela exclusão ao mesmo tempo em que a inclui pelo abandono. É uma vida matável por qualquer um sem consequências penais, pois se encontra fora do direito. Ao estar fora do direito ocorre que não pode ser condenada juridicamente. Está exposta à vulnerabilidade da violência por ser desprovida de qualquer direito. Embora o direito não pode condená-la à morte. Sua vulnerabilidade se deriva de um ato de direito que a excluiu, incluindo-a numa zona de anomia onde está exposta a toda violência e a qualquer violação.

Aquilo que define a condição do *Homo sacer*, então, não é tanto a pretensa ambivalência originária da sacralidade que lhe é inerente quanto, sobretudo, o caráter particular da dupla exclusão em que se encontra preso e da violência à qual se encontra exposto. Esta violência – a morte insancionável que qualquer um pode cometer em relação a ele – não é classificável nem como sacrifício, nem como homicídio, nem como execução de uma condenação, nem como sacrilégio (AGAMBEN, 2007, p. 90). Assim, o *Homo sacer* é um conceito limite do ordenamento social romano que delimita a ordem social e a vida dos

sujeitos. A partir dessas análises, o pensador salienta que “o ingresso da *zoé* na esfera da *polis*, a politização da vida nua como tal, constitui o evento decisivo da modernidade, que assinala uma transformação radical das categorias político-filosóficas do pensamento clássico” (AGAMBEN, 2007, p. 12). E continua: “O conceito de ‘vida nua’ ou ‘vida sacra’ é o foco através do qual [...] o entrelaçamento de política e vida tornou-se tão íntimo que não se deixa analisar com facilidade” (ibidem, p. 126).

Para Ruiz (2012), a figura do *Homo sacer* diz respeito ao sujeito que se encontra posicionado na condição que revela a fragilidade da sua vida, que foi abandonada pelo direito decorrente de uma vontade soberana capaz de suspender a ordem e o direito, o que revela a existência do soberano como figura essencial do ordenamento político ocidental. Diante disso, para Agamben (2007), aquele que decide e cria categorias para definir e classificar sujeitos e grupos é soberano. É nesse sentido que o filósofo italiano considera a biopolítica não como uma característica que nasceu na sociedade disciplinar, fruto da modernidade, mas algo inerente à política ocidental, cuja vontade soberana está na origem, pois ela tem o poder de incluir a vida humana no direito e na política, assim como o poder de expulsá-la para uma zona de indeterminação, pela suspensão total ou parcial do direito.

Pensando com Agamben, Ruiz (2012, p. 5) coloca que

[...] quem tiver o poder de decidir os critérios sobre quem e por que alguém é perigoso para a ordem social ao ponto de ter que suspender, total ou parcialmente os direitos de sua vida, a pessoa que decide sobre a periculosidade da vida dos outros é o soberano. Quem tem o poder de decidir a periculosidade de uma vida para a ordem é a vontade soberana.

Desse modo, o investimento sobre a vida (qualificação da vida), como o poder sobre a vida, atua no âmbito da vida nua; abandonar e suspender as garantias dos sujeitos e depois capturá-los a partir deste fora. Diante de todos esses aspectos, para Agamben (2007) quando o sujeito deixa as instituições clássicas de confinamento, chamadas de disciplinares por Foucault (1984, 2009), no qual a vida está governada e submetida aos processos de normalização e docilidade, e vai para o “campo”, a vida torna-se matável, ou seja, nua.

6.2 Já ouviu falar no Mathiaca?³⁴

O Neno tá perdido, fugido da quebrada [...] se liga só naquele Tempra que virou a esquina! Subindo, está vindo, na sua direção, com três malucos dentro, aí Neno... não sei não... nem tentou reagir, não dava mais pra correr [...] chegou sua vez de morrer. Vinte e poucos anos se acabaram assim, morto a tiros de pistola, o Neno era o fim... já ouviu falar no Neno? (Neno - DIFUNÇÃO).

Mathiaca, 23 anos, era um jovem que residia na Vila Nancy Pansera e participava das atividades de futebol na Praça Ildo Meneghetti. Não era tão assíduo. Havia períodos em que ele se fazia presente todas as segundas e quintas; em outros, a ausência se dava em até três semanas. Respeitado por significativa parcela dos jovens que frequentavam as atividades na praça, quando se fazia presente exercia liderança entre parte do grupo, com o qual organizava uma equipe para jogar e definia o momento das substituições.

Segundo outros jovens que tinham um relacionamento mais estreito com Mathiaca, quando ele se ausentava da praça era porque estava na “função”, referindo-se ao comércio de drogas. Contudo, sempre que se fazia presente, participava com intensidade das atividades. Oscilava momentos de tranquilidade, dirigindo-se às pessoas com educação, e momentos de rispidez e falas altas e agressivas contra outros jovens, de modo especial durante os jogos. Minha relação com Mathiaca foi muito harmoniosa e de respeito recíproco. Minhas recordações são de que, nas vezes em que me encontrei na situação de exercer o papel de coordenador do respectivo núcleo onde era desenvolvida a atividade de futebol e chamar a atenção do jovem, quando tinha uma conduta mais ríspida e ensaiava o que poderia se transformar em uma agressão física, ele se dirigia a mim e respondia com educação, por vezes manifestando reconhecimento de seu equívoco e retratando-se.

Mathiaca foi protagonista de algo bem peculiar ocorrido na praça, em janeiro de 2010, que culminou em uma confusão generalizada. Em uma tarde de segunda-feira, entre um intervalo e outro dos jogos de futebol, alguns dos jovens brincavam de arremessar pequenas pedras um no outro. Entre uma pedra e outra que jogavam, o jovem Rodrigues acabou atingindo uma pedra um pouco abaixo do olho esquerdo de uma criança de três anos de idade que assistia aos jogos, sentada à beira do campinho. Mesmo sem a intenção de atingir a criança, o fato revoltou Mathiaca, que aos berros se dirigiu até Rodrigues, dizendo “Olha só o

³⁴ O título desta seção é inspirado na música *Neno* do grupo de rap *Di Função*. Em síntese, conta a história de um jovem que habitava um barraco de madeira, entre o esgoto a céu aberto e um lixão na periferia, com sua mãe, que sustentava as necessidades básicas de sobrevivência com seu salário de empregada doméstica. Com o tempo, Neno, aos 12 anos, deixou de frequentar a escola e passou a atuar no comércio de drogas. Aos 18 anos, com sua renda obtida no comércio de drogas, desfrutava de bens materiais como motocicletas, automóveis, bem como a ampliação de suas relações sociais, de modo especial com mulheres. Foi assassinado após os 20 anos de idade. Faixa n. 9 do CD *Di Função*, lançado em 2003. Gravadora: Zâmbia.

que tu fez negão, tu tá maluco, ele é só uma criança” e começou a desferir socos no rosto de Rodrigues. A reação de Rodrigues foi imediata, desferindo socos e chutes contra Mathiaca. Os dois caíram no chão à beira do campinho. Minhas tentativas de acabar com a briga eram inoperantes, pois os dois rolavam aos tapas, socos e chutes. Ao mesmo tempo, a criança chorava muito, e do seu ferimento corria muito sangue.

Momentos depois, outros jovens que até então só assistiam à briga resolveram ajudar a separar Rodrigues e Mathiaca. Por fim, aparentemente conseguiram cessar a briga. Mas Rodrigues apanhou um tijolo que estava no chão e correu na direção de Mathiaca. Imediatamente, outros jovens foram em direção a Rodrigues, já desferindo mais chutes e socos. Rodrigues caiu no chão. Chutes eram desferidos ao seu rosto, cabeça e pernas. Enquanto agrediam Rodrigues, diziam aos gritos “pra que isso negão?”, “tu está sempre vacilando”, “nunca mais faz isso”, “olha o que tu fez com a criança”, “tu merece negão, tu tá sempre viajando, sempre de frescura”. Rodrigues levantou-se muito ferido, corria muito sangue de sua boca e gemia muito de dor. A camiseta do PELC que vestia, de cor branca, ficou coberta de sangue.

Esse fato ocorrido vai ao encontro da abordagem realizada por Cláudia Fonseca (2004) em seu estudo realizado nos anos 1980, em duas vilas localizadas na cidade de Porto Alegre/RS, acerca das formas de organização da vida social. Nesse estudo, a antropóloga identificou que a noção de honra possui vários pontos de apoio, que partem de um conjunto de valores que constituem o prestígio pessoal das múltiplas categorias construídas socialmente, como “homem solteiro”, “homem casado”, “mulher solteira”, “mulher casada” etc. Diante desses aspectos, Fonseca observou um código de comportamento que regia a rede de relações sociais, garantindo em certa medida a coerência de um grupo. Ainda que isso não garantisse que todos partilhassem dos mesmos valores, em determinados casos se construía uma rede de cumplicidade entre quase todos os membros da comunidade. Por exemplo, quando policiais se dirigiam até a vila à procura de alguém, se estabelecia uma rede de cumplicidade entre parcela significativa dos habitantes da comunidade, até mesmo entre aqueles que jamais aprovariam o roubo. Nesse sentido, a antropóloga identificou um código de honra que estaria ligado à noção de “respeito”, ou seja, um código vinculado ao modo de agir de um sujeito em relação a outro.

Retornado ao fato ocorrido na Praça Ildo Meneghetti, o código de honra que diz respeito ao modo de agir de um sujeito em relação a outro parece próximo à noção de “cuidado” e “zelo” com crianças. Parece ser, no caso destes jovens, um dos pilares que sustenta modos de agir de um sujeito em relação a crianças, pois houve uma cumplicidade de

parte do grupo de jovens quanto à atitude tomada por Mathiaca contra Rodrigues, visto que “ele mereceu”, “ele vacilou”, pois “o guri é só uma criança, ele não poderia ter feito isso”. O jovem Marcito, que foi o primeiro a se manifestar em relação ao ocorrido, legitimado por outros jovens que manifestaram apoio ao acontecimento, disse que “é isso aí, ele mereceu a surra”.

Em uma segunda-feira do mês de março de 2010, após uma semana sem atividades nos núcleos de esporte e lazer devido ao Encontro Regional Sul do Pronasci/PELC³⁵, evento ocorrido nas dependências da Ulbra/Canoas, retornei à Praça Ildo Meneghetti para retomar as atividades no núcleo junto aos jovens. O estagiário Machado e eu chegamos por volta de 15h20min com os materiais esportivos, e lá já se encontravam alguns dos jovens. Cumprimentamos a todos, começamos a colocação das redes nas goleiras, o enchimento das bolas, o posicionamento dos cones para destacar os limites do campinho etc. Enquanto organizávamos o espaço da atividade, o jovem Nathan dirigiu-se até mim e disse: “E aí professor. Bah, tenho uma treta aí para te falar... Baixaram [assassinaram] o Mathiaca sexta-feira de madrugada”. Por alguns segundos, fiquei em silêncio, pois não esperava uma notícia dessa envergadura, de um jovem que frequentava as atividades no núcleo até com certa regularidade desde dezembro de 2009. Após me recompor da inesperada e desagradável notícia, perguntei a Nathan o que havia ocorrido, para a situação ter caminhado para esse desfecho, então ele respondeu: “O que estava acontecendo é que ele [Mathiaca] andava envolvido em umas tretas aí com o tráfico e andava até metendo [furtando] por aí. Parece aí que ele andou metendo até a casa de um brigadiano... E já fazia um tempo aí que andavam de olho nele. Teve até um dia aí que ele meteu a corrente de um cara aí na mão grande, arrancou a corrente do pescoço do cara e disse ‘Agora é minha’. Aí é foda né... Ele vacilou”. “Tá, mas quem pegou ele?”, perguntei a Nathan. “Aí eu não sei, só sei que ele estava envolvido nessas paradas. Mas foi assim... ele estava em uma festa no centro de Canoas, já estavam esperando ele, e quando ele saiu da festa junto com a namorada dele, dispararam vários tiros contra ele.

³⁵ O Encontro Regional Sul do Pronasci/PELC foi um evento ocorrido de 1º a 3 de março de 2010 e contou com a presença e a participação de gestores do Ministério do Esporte e do Ministério da Justiça, coordenadores e estagiários que atuam nos núcleos de esporte e lazer nos estados da região sul do Brasil. O encontro teve como objetivo a promoção de palestras e reuniões sobre temas voltados a esporte, lazer e segurança pública. Foram abordados temas como *violência e juventude, formação continuada de agentes sociais de esporte e lazer e o envolvimento comunitário*, entre outros, almejando a construção de ações para o desenvolvimento das políticas públicas voltadas ao esporte e lazer, de modo especial, do *esporte como instrumento de promoção de cultura de paz entre os jovens*. No dia 2 de março, o evento contou com a presença e a apresentação dos jovens do grupo de teatro do núcleo de esporte e lazer da Escola Carlos Drummond de Andrade do bairro Guajuviras, sob a orientação da estagiária do programa, a estudante do curso de formação de professores de Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Luciana Brito [recordações do diário de campo]. Mais informações estão disponíveis em: <<http://www.esporte.gov.br/ascom/noticiaDetalhe.jsp?idnoticia=5963>> e <<http://antigo.canoas.rs.gov.br/Site/Noticias/Noticia.asp?notid=8687>>. Acesso em: 3 mar. 2010.

Um dos tiros pegou até no braço da namorada dele. Ele morreu na hora. Parece que era umas cinco horas da madrugada”.

Ao término das atividades no núcleo e no dia seguinte, fui buscar informações em jornais impressos locais para obter informações complementares sobre o assassinato de Mathiaca. Nada encontrei. Todas as informações que obtive foram dos jovens que eram mais próximos dele. Na sexta-feira da mesma semana, dia destinado às reuniões da gerência com a coordenação do Pronasci/PELC, após as pautas debatidas, contei o ocorrido com Mathiaca, pois se tratava de um jovem vinculado às atividades no núcleo de esporte e lazer. Após as colocações sobre o assassinato do jovem e os possíveis fatos que desencadearam esse ocorrido, alguns coordenadores manifestaram-se lamentando o fato, outros ficaram em silêncio, e o que mais me chamou a atenção foram manifestações de outros presentes, dizendo “paciência, não se pode salvar todo mundo”.

As atitudes manifestadas com a informação do assassinato do jovem Mathiaca, seja pela ausência de qualquer tipo de manifestação ou o claro manifesto de que “não se pode salvar todo mundo” permitem recorrer ao paradoxo da biopolítica apontado por Foucault (2007, 2008b). A biopolítica investe a vida na sua coletividade, com seu conjunto de dispositivos, a fim de intervir nas vidas, nos modos de vida, para estender, maximizar, otimizar, qualificar as vidas, multiplicar suas possibilidades, ou seja, um conjunto de dispositivos para “fazer viver”, mas que, para isso, necessita “deixar morrer” tantos outros por meio de um “corte” entre o que deve viver e o que deve morrer, no interior da população de uns grupos em relação a outros.

Esse corte permitiu o projeto moderno do processo de hierarquização, classificação, logo, a colocação de certos grupos em subcategorias com vista a excluí-los para incluí-los, ou a categoria de vida qualificada, ou ao grupo das meras vidas, simples vidas despojadas de todo e qualquer direito, de todo valor político, de todo sentido cidadão. Nesse contexto, a vida torna-se indigna de ser vivida, transforma-se em “vida nua”. Assim, o assassinato dessa vida não constitui delito ou homicídio, remetendo à enigmática e obscura figura do direito romano arcaico descrita por Giorgio Agamben, o *Homo sacer*.

De alguma forma, o assassinato de Mathiaca apresenta e retrata alguns dos elementos da figura do *Homo sacer* na atual sociedade de controle, de modo que, como o assassinato foi de um jovem do grupo posicionado na categoria da simples vida a ser submetida aos instrumentos de controle, parece que sua morte não se constituiu homicídio, pois, como “não se pode salvar todo mundo”, talvez seu assassinato não mereceu espaço nos veículos de comunicação. Sua vida excluída da ordem, pela produção discursiva em torno do local que

habitava, que o incluiu aos dispositivos de participação da política de segurança, parece ter se tornado uma vida bandida, que o reduziu à condição de *Homo sacer*, devido ao banimento do que foi delimitado como ordem.

Agamben (2007) põe em relevo que a relação de abandono carrega consigo uma ambiguidade semântica. Para o pensador, “*in bando, a bandono* significam originalmente em italiano tanto ‘à mercê de...’ quanto ‘a seu talante, livremente’ (como na expressão *correre a bandono*), e bandido significa tanto ‘excluído, banido’ quanto ‘aberto a todos, livre’” (p. 117). Assim,

[...] o *bando* é essencialmente o poder de remeter algo a si mesmo, ou seja, o poder de manter-se em relação com um irrelato pressuposto. O que foi posto em *bando* é remetido à própria separação e, juntamente, entregue à mercê de quem o abandona, ao mesmo tempo excluído e incluído, dispensado e, simultaneamente, capturado. (ibidem, p. 116).

Nesse sentido, a vida banida da ordem, ou seja, o sujeito categorizado e classificado como potencial criminoso ou perigoso para a ordem, ocupa o lugar social de uma vida bandida, transformada em *Homo sacer*, como parece ter ocorrido com o jovem Mathiaca. Segundo Agamben (2007, p. 117), “o *bando* é propriamente a força, simultaneamente atrativa e repulsiva”, que articula “a vida nua e o poder, o *Homo sacer* e o soberano”.

Esse fato também vai ao encontro e corrobora com as reflexões do filósofo Cesar Candiotti acerca dos modos de produção do *Homo sacer* na atualidade, o qual destaca o recente estudo realizado pelo professor William Adams, da Universidade George Washington, que tornou pública sua pesquisa no *Journal of Communications* sobre de como se dá a cobertura da mídia em torno de desastres naturais. Candiotti (2010b) destaca que o esperado da pesquisa era que, quanto mais numerosos fossem os mortos nestes eventos, logo, mais amplo seria o tempo de cobertura da imprensa televisiva. Contudo, salienta o filósofo, os resultados foram surpreendentes no que diz respeito à variação do tempo por parte dos telejornais. A conclusão identificada é que o valor da morte está relacionado à nacionalidade, visto que “a morte de um europeu equivale à morte de três europeus orientais, nove latino-americanos, 11 árabes do Oriente Médio e 12 asiáticos” (ibidem, p. 10). O pensador complementa:

Para além desse artigo, podemos depreender que, se a morte tem um valor diferente em razão da nacionalidade, significa que raciocínio similar poderia ser atribuído à vida. [...]. Foucault e Agamben entendem que os Estados democráticos liberais encontram sua legitimidade não a partir da concepção abstrata do sujeito de direitos como átomo social, mas em razão da pertença a uma nacionalidade. Quer dizer, o direito é conferido pelo nascimento, ser nascido nesse ou naquele território. (ibidem, p. 10).

Para além desse artigo, retorno ao bairro Guajuviras concordando com as colocações de Candiotta (2010b) acerca do valor da vida, classificada de acordo com a nacionalidade e o território que habita. No caso do jovem Mathiaca, é possível pensar que a sua simples vida, sua vida natural, sua vida desqualificada, sua “vida nua” pode ter sido produzida pelos efeitos de verdade que um discurso produz. Ou seja, toda a produção discursiva em relação ao bairro onde o jovem habitava, transformou sua vida em vida matável, transformou-o em *Homo sacer*, visto que seu assassinato, em certa medida, não se constituiu em homicídio.

Já ouviu falar no Mathiaca?

7 A POLÍTICA DE EVENTOS E SUAS PUBLICIZAÇÕES

7.1 Os eventos

Se o assassinato de Mathiaca parece ter sido irrelevante e não se tornou público pelos veículos de comunicação, a política de eventos e sua publicização é algo que caminha junto com as ações do Pronasci/PELC. Após a contratação dos coordenadores e bolsistas, em nossa primeira reunião na Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SMEL), foi apresentado a nós um cronograma de eventos que deveriam ser preparados e realizados ao longo do ano. A proposta é que se realizassem dois grandes eventos por núcleo ao longo de 12 meses, culminando no total de oito grandes eventos somente no bairro Guajuviras, sem contar com os outros seis eventos distribuídos nos outros três núcleos do bairro Mathias Velho, além dos outros pequenos eventos que foram realizados ao longo dos 12 meses nos dois bairros, especialmente no Guajuviras, pois é o Território de Paz, e a necessidade de visibilidade das ações era o anseio da gestão municipal.

Dia 11 de dezembro de 2009, sexta-feira pela manhã, desloquei-me até o gabinete do Secretário de Esportes, pois era dia de reunião com os coordenadores gerais e de núcleo do Pronasci/PELC para tratar de questões referentes ao programa. Entre os presentes estava o secretário adjunto de Segurança Pública. Em uma de suas falas, o secretário salientou a importância de tornar público e divulgar as ações do Pronasci, como forma de demonstração à população, à mídia e aos ministérios da Justiça e do Esporte que as ações estão sendo desenvolvidas na cidade. O secretário adjunto colocou também que a mídia vinha exercendo pressões por meio de noticiários, que questionavam o fato de as ações do Pronasci no município ainda não estarem funcionando plenamente, mesmo com todos os recursos disponibilizados pelo Governo Federal. Falou ainda da cobrança vinda do Ministério do Esporte na mesma semana, que enviou um documento destinado ao gabinete do prefeito, pedindo explicações para as atividades do PELC ainda não terem iniciado efetivamente, visto que os recursos financeiros já estavam disponibilizados desde janeiro de 2009. A Prefeitura Municipal teria prazo para apresentar as ações do Pronasci/PELC em funcionamento, sob pena de o contrato do convênio ser rescindido e os recursos financeiros e materiais esportivos serem devolvidos.

Diante de todos esses aspectos citados, o que seria uma simples inauguração de uma atividade esportiva na praça acabou se transformando num evento em que não se cogitava a possibilidade de falha, na medida em que a atividade teria a cobertura da imprensa da

prefeitura e do jornal Diário de Canoas, que também seria contatado para registro da atividade inaugural no local. Na condição de coordenador do núcleo onde ocorreria a atividade de inauguração, a sensação foi de ter sido significativamente responsabilizado pelo sucesso ou fracasso dessa primeira ação, pois ela seria o cartão de visitas para as próximas, que estavam por ser desenvolvidas, e uma resposta à mídia e aos ministérios do Esporte e da Justiça que cobravam o funcionamento dos dispositivos de segurança pública.

Antes mesmo desse evento na Praça Ildo Meneghetti, que marcou o lançamento das atividades de futebol no núcleo, outra atividade que tinha sido pensada no primeiro momento – especialmente como estratégia de divulgação através do desenvolvimento de atividades esportivas aos jovens já inscritos desde o lançamento do Território de Paz e que acabou se transformando em um pequeno evento – foi a do dia 14/11/2009, no ginásio do CAIC, um dos quatro núcleos de esporte e lazer do Pronasci/PELC. A tarde, que reuniu cerca de 100 jovens, foi marcada por apresentações de: capoeira, de um grupo local do bairro; *street dance*, do grupo de jovens evangélicos Arts do Guetto, que conheci na Praça da Brigada Guajuviras em 2008, convidados por mim; *taekwondo*, protagonizada pelo coordenador de um dos núcleos do Pronasci/PELC no bairro Mathias Velho, o Mestre Celso; além de jogos de futebol. O evento foi finalizado por uma demonstração de basquete de rua pelo integrante da Central Única das Favelas em Porto Alegre (CUFA), Willian, que demonstrou as diferenças e as analogias entre essa modalidade e o basquete de quadra.

Desde então, as políticas de eventos e suas publicizações cada vez mais andaram juntas com as ações do Território de Paz no bairro Guajuviras. Foi assim no lançamento do Território de Paz na Vila Comtel, com o início da atividade de futebol na Praça Ildo Meneghetti e tantas outras, como poderá ser observado na sequência desta dissertação.

7.2 O 23º aniversário do bairro Guajuviras

Dia 19/4/2010, sábado. Cheguei ao bairro por volta de 13h20min. Uma data significativa, pois marcava o encerramento da semana comemorativa ao 23º aniversário do Guajuviras. Desde a entrada do bairro, ao longo da Avenida Principal, o fluxo de pessoas era intenso. Em bares, supermercados, lanchonetes circulavam muitas pessoas, nas calçadas pessoas caminhavam, passeavam com seus amigos, filhos. O fluxo de automóveis, caminhões, ônibus, viaturas da Brigada Militar, que passavam paulatinamente, vigiando a todos, também era significativo. Cheguei nesse horário, pois os grupos de dança *funk* e teatro do Pronasci/PELC estavam convocados para a realização de apresentações, como parte das

programações artísticas do evento. Quando cheguei à Praça da Brigada, local onde estava montada a estrutura para as atividades do evento, quase não dava para se movimentar devido à grande presença de pessoas para prestigiar e/ou participar das programações do dia. Também se faziam presentes a Guarda Municipal, a polícia, fortemente equipada, e muitos políticos, como vereadores e deputados – pois era ano de eleições para deputados e governo do Estado –, colaborando com o significativo número de presentes no local. No entorno da praça, muitos *banners* e faixas, parabenizando o bairro pelo seu aniversário. Com a saudação de vereadores e deputados, estavam fixadas faixas e *banners* com propagandas e descrições das ações do Território de Paz que estavam sendo desenvolvidas no bairro pela Prefeitura Municipal com recursos do Pronasci.

Após essa breve descrição da paisagem que o bairro apresentava naquele dia, cito um exemplo representativo que afetou diretamente os jovens participantes dos grupos de teatro e dança do Pronasci/PELC, tendo em vista certos fenômenos que estão se apresentando recorrentes desde a implementação das ações da política pública.

Quando cheguei, poucos jovens dos grupos de dança e teatro já estavam presentes. Ansiosos e com certo receio, a todo instante perguntavam o horário que ocorreria a apresentação. Então ficamos em frente à praça conversando, enquanto aguardávamos a chegada dos demais participantes. Um aspecto interessante é que parte da estrutura montada na praça para o evento consistia em espécies de pequenos *camarins*, destinados às atrações artísticas, a fim de realizarem-se os preparativos finais às apresentações, como troca de vestimenta, colocação de maquiagens, ensaios finais etc. Nos intervalos de cada *show*, o locutor, que era um dos líderes comunitários do bairro, apresentando muita disposição, animava o evento, calorosamente anunciava as atrações artísticas que estavam por se apresentar, a todo instante parabenizava o bairro pelo seu aniversário, salientava a história de luta e conquista dos habitantes do bairro pelo direito à moradia, anunciava e sorteava brindes (como CDs e camisetas) para o público presente. Enfim, o ambiente estava muito movimentado, aparentemente tranquilo. Diversas atrações artísticas, tanto do bairro quanto de outros bairros da cidade, se faziam presentes, e a grade de horários com as apresentações estava sendo cumprida de acordo com o planejado.

Passado algum tempo, todos os jovens dos grupos de dança e teatro já estavam presentes, bem como os estagiários Douglas e Bibiana, que atuavam com o grupo de dança, e Luciana, que trabalhava com os jovens do teatro. Em meio às atividades que estavam ocorrendo no evento, por volta de 15h20min conduzi os estagiários e os jovens ao *camarim* para que os estagiários orientassem os últimos preparativos junto aos grupos. O *camarim*

demonstrava um misto de diversão, jocosidades e tensão, pois dentro de instantes os jovens se apresentariam a um grande número de pessoas que se faziam presentes no local. A estagiária Luciana, enquanto maquiava os jovens do grupo de teatro, passava as últimas orientações do esquete ensaiado. Luciana estava tensa, inquieta, e não cessava de procurar relembrar os jovens sobre os mínimos detalhes da interpretação de cada um. Em certa medida, a tensão manifestada por Luciana também decorria do estreito tempo que teve para a preparação da peça com o grupo.

Toda a diversão, as jocosidades e a tensão pré-apresentação começaram a ceder espaço a certa impaciência e cansaço. Os jovens dos grupos de teatro e dança do Pronasci/PELC, que estavam com suas apresentações marcadas por volta de 16h30min, foram tendo seu momento postergado, sabe-se lá por quais motivos. Eu, na condição de coordenador de núcleo do programa, acompanhado da coordenadora-geral, tentava buscar informações com os organizadores do evento, sobre o horário da apresentação dos jovens. As respostas eram sempre as mesmas: “não sei”, “daqui a alguns minutos”, “acho que daqui a 30 minutos”, “pode ser depois da próxima apresentação”. Assim, o tempo foi passando. Já eram 17h20min, 17h40min, os jovens já estavam ficando cansados, alguns do grupo de dança já queriam ir embora, os pais de alguns jovens que se apresentariam já estavam querendo levar seus filhos. Na condição de coordenador tive que começar a insistir e solicitar um pouco de paciência aos jovens e a seus pais para não deixarem o local, caso contrário as apresentações seriam prejudicadas com as ausências. As maquiagens de alguns dos jovens do grupo de teatro já estavam borradas. Sutilmente, algumas cobranças chegavam a mim e à coordenadora-geral, a fim de que os grupos logo se apresentassem.

Já eram 18h05min. E depois de muitas cobranças, quando alguns dos jovens já deixavam o local, a coordenadora-geral dirigiu-se a mim e comunicou que uma das organizadoras do evento solicitou que os grupos se preparassem, pois a próxima atração seria o teatro e a dança dos jovens do Pronasci/PELC. Diante disso, a estagiária Luciana, o estagiário Douglas, a estagiária Bibiana e eu tivemos que novamente mobilizar os jovens para as apresentações. Assim, combinamos entre nós que as apresentações seriam iniciadas com o grupo de teatro, tendo em vista que alguns dos jovens também iriam participar da apresentação de dança; desse modo, ao término da apresentação da esquete teatral, os jovens poderiam retirar as maquiagens para a apresentação de dança.

Enfim, por volta de 18h25min, a estagiária Luciana orientou os jovens do grupo de teatro, de modo que ficassem a postos para o início da apresentação. Com todos os detalhes organizados, os jovens se posicionaram em frente ao palco. O líder comunitário e locutor do

evento solicitou ao público que desse espaço aos jovens, formando um círculo em volta deles, para viabilizar a apresentação. Quando parecia estar tudo pronto, os jovens já postos para o início da apresentação, o locutor já com o microfone em mãos para anunciar os jovens, uma queda de energia elétrica inviabilizou a aparelhagem de som e deixou o local às escuras.

A expectativa da apresentação cedeu lugar à frustração dos jovens, de Luciana, minha, que também já estava muito incomodado com todo o adiamento de suas apresentações. O público, de modo geral, também manifestou aborrecimento com a queda de energia, pois se divertiam com as atrações. Alguns pais dos jovens do grupo e até mesmo os próprios jovens novamente manifestaram o desejo de ir embora. A coordenadora-geral e eu fomos buscar informações com a organização do evento, a fim de saber haveria alguma previsão de retorno da energia elétrica, e nenhuma das pessoas consultadas tinha certeza do retorno da energia. Alguns dos jovens choravam, aborrecidos com todo o contexto, uma das organizadoras do evento também chorava muito com o ocorrido.

Mesmo um pouco contrariado, enquanto a situação não se regularizava, fiquei junto aos estagiários e aos jovens dos grupos de dança e teatro, na tentativa de tranquilizá-los e fazer com que aguardassem o retorno da energia elétrica. Aproximadamente 25 ou 30 minutos depois, a energia elétrica retornou e, novamente, os estagiários e eu tivemos que orientar os jovens e mobilizá-los para a apresentação. Assim, depois de todos esses contratempos, por volta de quase 19h, o grupo de teatro, em meio ao significativo público que ainda permanecia no local, iniciou sua apresentação. Mesmo com estreito tempo para a apresentação, ficou evidente o bom trabalho que Luciana realizou com o grupo, bem como a criatividade e a capacidade de dar vida, em tão pouco tempo, a um esquete teatral. A encenação tinha como tema as múltiplas formas de vida produzidas na coletividade: um sujeito alcoólatra sentado na calçada, um morador de rua catando alimento nos lixeiras, outro sujeito que passava pela mesma rua, expondo correntes no pescoço, vestindo roupas e calçados de grifes famosas, falando ao seu telefone celular com alguém sobre qual restaurante iriam jantar, também planejando viagens para o exterior, ao seu lado passava um vendedor ambulante comercializando CDs e DVDs, um sujeito definido como louco que dava muitas gargalhadas, falava alto e causava desagradados preconceituosos nas pessoas que olhavam, as quais se afastavam ou o ridicularizavam. Enfim, a peça consistia em uma crítica ao atual contexto produtor de profundas desigualdades sociais. Ao fim da apresentação, os jovens foram muito aplaudidos pelo público. Era visível a alegria dos jovens pelo retorno das pessoas que assistiam. Ocorreu certo alívio dos jovens, da estagiária e também meu, que já estava muito

descontente com os fatos ocorridos, após uma apresentação que correu o risco de sequer acontecer depois de tanta espera.

Logo em seguida, o grupo de dança posicionou-se em frente ao palco de shows, devido às dimensões do palco não comportarem o número de participantes do grupo. Assim, após o anúncio do locutor, o grupo de dança *funk* do núcleo da escola Nancy Pansera iniciou sua apresentação. O interessante foi que, depois de tanta espera, de tantos contratempos que atrasaram significativamente suas apresentações, esses jovens, com muita disposição, realizaram uma boa apresentação, com todos os detalhes da coreografia que foi trabalhada durante as aulas pelos estagiários. Por fim, o grupo de dança ritmo *street dance*, do núcleo da escola Carlos Drummond de Andrade, realizou sua apresentação. Ao término das apresentações, alguns desses jovens se dirigiram aos estagiários Douglas, Bibiana, Luciana e a mim, manifestando muita alegria pela realização de suas apresentações. Nos abraçamos, alguns comemoravam a realização das apresentações, contudo outros expressavam muito desgaste com todos os fatos ocorridos e, sem falar muito, se despediram e deixaram rapidamente o local.

Citei esse exemplo representativo ocorrido com os jovens por achá-lo emblemático, visto que podemos identificar nesse caso a manifestação do fenômeno do poder exercido sobre os sujeitos, na medida em que, ainda com todos os problemas ocorridos ao longo do evento, afetando os jovens, prevaleceu a vontade de quem gerencia a política pública que consistia em dar visibilidade às suas ações. Mesmo que alguns jovens tenham manifestado descontentamento e reclamado dos sucessivos adiamentos de suas apresentações, motivados pelo fato de sequer haver horário agendado para os grupos, ainda que tenha sido uma convocação dos gestores para suas apresentações, parece que houve em certo ponto a internalização de um discurso que sustentava a importância da realização da apresentação. Em que pese todo o desgaste da situação à qual estavam expostos, não houve a manifestação de uma ação política dos jovens, no sentido de subversão, e o desfecho foi a comemoração com a realização das apresentações.

Foucault (2008a, p. 183) sugere ser equivocado tomar

[...] o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder – desde que não seja considerado de muito longe – não é que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos.

O filósofo coloca em evidência que o poder se manifesta na relação com o outro, dentro de um campo aberto de possibilidades, como algo que só funciona em cadeia: “Nas

suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão” (FOUCAULT, 2008a, p. 183).

Devido a todos os aspectos citados no caso ocorrido com os jovens, parece-me que os objetivos do Pronasci, em certa medida, estão sendo atingidos, pois não houve resistência às ações sofridas. O fenômeno manifestado foi de um grupo de jovens *pacificados* às ações do poder; ou seja, corpos dóceis, submetidos aos dispositivos de participação da política pública.

7.3 O 24º aniversário do bairro Guajuviras

No dia 17/4/2011, cheguei ao Guajuviras por volta de 16h. Após um afastamento de aproximadamente 40 dias sem frequentar o bairro, percebi que algumas coisas começavam a chamar um pouco mais de atenção. O cartão de visitas do bairro demarca de modo significativo o lugar: *Guajuviras Território de Paz*. Para aqueles que não conhecem ou não sabem a localização do bairro, sua entrada já está bem definida, facilitando a sua localização. Da entrada do bairro e caminhando ao longo da Avenida Principal até a frente da Casa das Juventudes, visualizei oito viaturas da Brigada Militar, policiais a pé circulando em duplas, em trios, em grupos, muitos expondo seus fuzis a tiracolo, em meio ao público, de prontidão para agir, caso necessário. O efetivo da Guarda Municipal, fortemente equipado com seus coletes à prova de disparos de arma de fogo, bem como portando pistolas de descarga elétrica, caracteriza a atual paisagem do bairro.

No entorno da estrutura montada, onde ocorriam as apresentações artísticas em comemoração ao aniversário do bairro, fui encontrando pessoas que conheci, com que criei e estreitei relações no período em que realizei pesquisas anteriores a esta e quando atuei como coordenador do Pronasci/PELC, especialmente os jovens. Entre as muitas pessoas presentes no evento, em meio ao público, encontrei o jovem Nando, que atuava nos grupos de dança e teatro do programa. Vimo-nos de longe, e Nando se dirigiu até mim. Trocamos um forte abraço e conversamos durante alguns minutos. Um dos assuntos de nossa conversa foi em relação aos demais jovens do grupo de dança e teatro, pois perguntei a ele sobre isso. Manifestando certa lamentação, Nando comentou que, desde outubro de 2010, quando as atividades foram encerradas no núcleo, perdeu o contato com muitos dos jovens do grupo: “Bah, tem muita gente que eu não vi mais depois que o projeto acabou. Os únicos que ainda encontro é o Mano e a Carol, porque ainda estamos juntos”. A jovem Carol, citada por Nando, iniciou um namoro com o rapaz na época das atividades de dança e teatro, o que se estendeu

ao longo do período de ações no núcleo de esporte e lazer. Com uma expressão que parecia um misto de alegria e preocupação, Nando me deu uma notícia sobre seu relacionamento com Carol: “Eu já sou pai, professor. A Carol estava grávida e ganhou no sábado passado, é uma guria [risos]. Estamos morando juntos lá na minha casa”. Alguns minutos depois, enquanto conversava com Nando, senti alguns tapas no meu braço direito. Quando olhei para trás, vi que era Jorge.

Jorge, 33 anos, é uma pessoa que conheci há mais de 15 anos, pois ele por vezes frequentava o bairro para jogar futebol e andar de skate com o grupo de amigos. Alguns anos se passaram, perdemos o contato, e só voltei a encontrá-lo quando comecei a coordenar o Pronasci/PELC no Guajuviras. Assim, soube que ele estava residindo no bairro, próximo à Estrada do Nazário. Desde então, nos aproximamos novamente.

Jorge e eu nos cumprimentamos, ele cumprimentou Nando e logo fez alguns comentários em relação às intervenções que estavam sendo realizadas no bairro: “Ô negão, eu estou participando do evento aí, mais tarde eu vou fazer uma apresentação no palco, vou mandar um *rap* pra galera aí, pra passar umas mensagens positivas. Cara, estou gostando muito dos eventos que estão acontecendo aqui no Guajú, não tinha nada disso antes. Bah mano, as coisas aqui melhoraram muito, principalmente depois que colocaram os sensores de tiro. Eu moro aqui no Guajuviras desde a invasão em 1987 e eu vou te dizer uma coisa: dava até para pintar esse Guajuviras de vermelho, de tanta gente que matavam. Eu moro lá no Setor 1, próximo da Nazário, e lá era lugar de desova, eu cansei de ver corpo jogado lá. É claro que o sensor de tiros não vai resolver por completo o problema das mortes, porque se o cara tiver que matar, vai matar na facada, o que o sensor não consegue captar [risos], mas que melhorou, melhorou bastante.”

Nando, que observava e estava atento aos comentários de Jorge, logo replicou: “Lá na vila [São João] não melhorou nada. Eu moro na São João e o bicho continua pegando lá, vários tumultos, até a polícia já faz um tempão que não aparece mais lá na vila. Lá, nada mudou.” Jorge fez a tréplica: “Pois é, mano, dá pra perceber que isso varia de lugar pra lugar. Foi como eu já disse pra vocês, lá na quebrada [no local onde reside] melhorou muito. É claro que há alguns dias atrás, uns três meses atrás, peneiraram [desferiram vários disparos contra um sujeito] um malandro aí com vários tiros, e foi exatamente em um dia que o sensor de tiro não funcionou³⁶. Mas, fora isso, mudou bastante, isso aqui hoje é outro Guajuviras”.

³⁶ Jorge refere-se à noite do dia 6/1/2011, em que um sujeito foi assassinado com 10 tiros na Avenida 17 de Abril, ou Principal, do bairro Guajuviras. Esse ocorrido foi amplamente noticiado por diferentes veículos de

O evento estava movimentado. Muitas pessoas presentes, parcela significativa composta por agentes do Estado, bem identificados, como a polícia, que não cessava de circular entre o público, expondo seus armamentos, a Guarda Municipal vigilante a tudo, membros dos projetos Pronasci (Protejo, Mulheres da Paz) presentes em grande número – todos uniformizados com as camisetas com os *slogans* dos programas –, secretários de Segurança, de Educação, de Desenvolvimento Social, o subprefeito, vereadores, atrações artísticas locais e demais pessoas habitantes do bairro.

Retornando a Jorge e Nando, com quem conversava, após ficar escutando com muita atenção suas colocações, compreendi ser o momento de questioná-los um pouco mais acerca dos investimentos em segurança pública que o local onde habitam está recebendo. Diante disso, perguntei a Jorge se, além do sistema de detecção de disparos de armas de fogo, como ele compreendia a instalação das câmeras de vigilância no bairro. E ele respondeu: “É bom. Foi por causa das câmeras também que as mortes foram reduzidas aqui no Guajuviras, porque agora os caras vão pensar duas vezes antes de fazer alguma coisa”.

Para Damico (2011, p. 41-42), “a potencialidade de examinar as tecnologias de dominação individual e coletiva colocadas em jogo pelo Pronasci é justamente a de apreensão das relações de poder em ambas as dimensões”, em uma lógica na qual “o maior número de pessoas seja envolvido pelas ações do Estado, disseminando a mensagem de autocontrole”. Nesse sentido, os discursos, que segundo Foucault (2011) revelam sua ligação com o desejo e o exercício do poder, parecem ter adquirido uma produtividade ao ponto de os discursos manifestados por Nando e Jorge irem ao encontro do que foi produzido em torno do bairro que habitam. Em certo ponto, acabam convocando mais vigilância e controle por meio dos dispositivos de segurança investidos, como se fosse algo necessário e natural.

Por volta de 17h28min, vereadores, o subprefeito da região Nordeste, alguns secretários municipais, o prefeito, a vice-prefeita, entre outros representantes do governo municipal, além de uma liderança feminina comunitária do bairro, subiram ao palco montado em frente à Casa das Juventudes para discursar ao público presente. Todos, um a um, com o anúncio do locutor do evento, foram subindo ao palco, sob aplausos do público. O prefeito, sob gritos e assovios de significativa parcela do público presente, que repetia seu nome, foi o mais aplaudido entre os anunciados. Assim que todos esses representantes do governo já estavam postos no palco, os presentes foram convidados a cantar o hino da cidade de Canoas. Ao fim do hino municipal, o locutor do evento salientou em caráter elogioso todas as ações do

informação, como no jornal Zero Hora do dia 7/1/2011, com a manchete: “Sem som: sensor ignora morte de homem com 10 tiros”.

Pronasci que estavam sendo desenvolvidos no bairro, através da Secretaria de Segurança Pública. Em seguida, passou a palavra ao secretário de Segurança Pública, que iniciou seu discurso com cumprimentos às pessoas que colaboraram de alguma maneira com a construção do bairro e saudou as ações do Pronasci no bairro:

Primeiro eu gostaria de cumprimentar todos os educadores sociais que construíram o bairro Guajuviras. Hoje, com o Pronasci, as forças policiais foram reduzidas, pois esta é uma política mais cidadã, e o fundamental com as ações do Pronasci é a participação popular. O estúdio que está sendo inaugurado hoje na Casa das Juventudes é uma conquista da segurança pública. Os últimos dados levantados mostram que os índices de homicídios foram reduzidos no bairro.³⁷

Logo após o secretário de Segurança Pública, quem falou ao público foi a liderança comunitária do bairro, que saudou a todos os presentes e pediu que a população do bairro participasse efetivamente das ações do governo. Em seguida, o discurso foi do secretário de Educação, que entre outros temas não deixou de positivar as ações do Pronasci no bairro: “Hoje o Território de Paz é um modelo de exemplo para o Brasil. O Guajuviras mostra para o Brasil como é possível construir uma cultura de paz através da arte e da cultura³⁸”. O subprefeito da região reforçou os discursos anteriores, acerca das ações de segurança pública no bairro e, como os demais, foi calorosamente aplaudido.

Por fim, a fala foi do prefeito, o qual, sob muitos aplausos, destacou as ações do Pronasci, salientou que a inauguração do estúdio musical consistia em mais uma oportunidade aos jovens, assim como os telecentros já em funcionamento, para torná-los cidadãos. Ele acentuou, ainda, que houve redução de 38% dos índices de homicídios e que, comparando o primeiro semestre de 2011 com de o 2010, a redução foi de 80%. Encerrado isso que chamou de “prestação de contas” aos habitantes do bairro, o prefeito foi muito aplaudido, seu nome foi repetidas vezes gritado pelo público. Logo em seguida, ele disse: “Hoje já podemos dizer com orgulho que somos do Guajuviras, e logo, o Guajuviras será exemplo para o Brasil e para o mundo³⁹”. Depois, sob fortes aplausos, assovios, gestos de positivo com as mãos, prefeito, secretários, subprefeito, vice-prefeita e líder comunitária foram deixando o palco para a retomada das atrações artísticas do evento.

Por volta de 18h30min, subiu ao palco um grupo de pagode local. O público, muito animado, dançava ao ritmo da música. As pessoas mais animadas eram as 35 mulheres do grupo Mulheres da Paz, que formaram um círculo em frente ao palco, onde dançavam e cantavam sem parar ao ritmo do pagode. Em meio a toda essa diversão, visualizei Jorge,

³⁷ Anotações do diário de campo.

³⁸ Anotações do diário de campo.

³⁹ Anotações do diário de campo.

inquieta, andando de um lado a outro. No seu rosto, a expressão era de aborrecimento, descontentamento com algo. Fiquei durante alguns segundos observando-o, e ele continuava agitado, parava, olhava para todos os lados. Nessas idas e vindas, ele passou ao meu lado, me viu, parou e, em tom de desabafo, disse: “Porra negão, palhaçada destes polícia aí. Eu estava caminhado aí no meio da galera e acabei esbarrando em um policial que estava ao lado de outro. O cara aos berros mandou eu prestar atenção por onde andava, aí eu disse pra ele que não era bem assim, que ele não precisava ficar gritando daquele jeito, pô. Aí ele disse ‘Cala tua boca se não quiser tomar um tapa na cara’. Eles não podem falar assim com a gente, eles tem que respeitar a gente aí, não é assim que funciona. É foda mano, eu estou aqui prestigiando o evento, vim cantar um *rap* aí pra mandar umas ideias conscientes pra rapaziada aí, e esses caras me tratam assim... Aí é complicado”.

É interessante observar neste caso que o mesmo sujeito que, em momento anterior, elogiou as ações da política de segurança acabou sendo vítima explícita de coações e ameaças de agentes do Estado, que fazem parte do conjunto de dispositivos de segurança desenvolvidos no bairro. Esse fato, ocorrido em meio a um evento de comemoração ao aniversário do bairro, com diversas atrações artísticas – no qual o tema da segurança pública cidadã, ressaltado com toda ênfase, parecia mais relevante do que a própria data que em que se completavam 24 anos de uma história de luta da população pela moradia –, permite recorrer a Veiga-Neto (2009), o qual, pensando com Foucault, faz uma distinção entre relações de violência e relações de poder.

Para Foucault (2008a), o poder é algo que se exerce, pois se manifesta na relação com o outro dentro de um campo de possibilidades de ações e reações. Diante disso, onde há exercício do poder, há resistência, que, em outras palavras, caracteriza-se pela reação, por linhas de fuga, ou seja, é a subversão contra algo que interpela o sujeito que sofre a ação. Nesse sentido, Veiga-Neto (2009, p. 30) aponta que, enquanto a violência tende à saturação e viola, “o poder é convincente e solicita o reconhecimento do outro”. Assim, “Gritar, bater, amarrar e torturar nada têm a ver com disciplinamento, mas sim com violência. E isso nada tem a ver com recuperação, com cidadania, com segurança social” (ibidem, p. 30).

No caso relatado, é possível pensar que o tipo de coação do policial que afetou Jorge nada tem a ver com o exercício do poder, bem como não houve manifestação de resistência por parte de Jorge, que foi interpelado pela ação do policial – ele não realizou uma prática evidente de subversão à ação sofrida, simplesmente manifestou descontentamento com a situação. Diante disso, parece que o fato ocorrido deixa evidente mais a ausência de resistência à ação sofrida e menos um foco de subversão ao fato, visto que os focos de

resistência ou escapes não foram localizados na relação com os agentes do Estado, neutralizando sua liberdade de reação pela coação. Esse ocorrido parece um refluxo de fatos já ocorridos em outras situações que estão colocadas na seção 7.4 e ao longo do capítulo 8. As apresentações artísticas continuaram ocorrendo e, por volta de 19h30min, fui embora.

7.4 O servidor de dois padrões

Dia 26 de julho de 2010, data do lançamento do projeto Proteção de Jovens em Território Vulnerável (Protejo) e da Casa das Juventudes, que é o espaço destinado para o desenvolvimento das atividades do projeto. O Protejo é mais uma das ações sociais que integra o Território de Paz, desenvolvido pelo Pronasci no bairro Guajuviras.

Cerca de 30 dias antes desse evento, uma das coordenadoras dos projetos Pronasci no bairro Guajuviras, da Secretaria de Segurança Pública e Cidadania do município, entrou em contato comigo para falar sobre o lançamento de mais essa iniciativa e solicitou que eu mobilizasse os jovens que estavam atuando nos grupos de dança do Pronasci/PELC para a realização de uma apresentação, como parte da programação do evento.

A partir desse primeiro contato, foram ocorrendo sucessivas reuniões com o secretário de Segurança Pública, o secretário adjunto de Segurança Pública, gerentes e coordenadores dos projetos Pronasci para tratar da organização do evento de lançamento do Protejo. Após muitas reuniões, a programação foi concluída da seguinte forma: início às 15 horas em frente à Casa das Juventudes, localizada no Setor 2, Quadra W2, na Avenida 17 de abril, com apresentação de dança dos jovens do Pronasci/PELC; depois, o lançamento oficial da Casa das Juventudes e do Protejo; após, os discursos das autoridades do município de Canoas; e, por fim, o encerramento com uma atração musical nacional, o show do *rapper* MV Bill.

Desde o primeiro contato – quando fui solicitado a realizar a preparação do grupo de dança do Pronasci/PELC para o evento –, como o coordenador do núcleo que possuía os grupos de dança no bairro desse projeto e responsável pela apresentação de dança, passei as semanas que antecederiam o evento muito envolvido com a preparação com os jovens, desde orientações à bolsista de dança para o desenvolvimento da coreografia até conversações constantes com os jovens sobre o evento e acompanhamento das aulas. O envolvimento com essa solenidade tomou tamanha proporção que acabei solicitando ao meu colega coordenador de outro dos núcleos do Pronasci/PELC, que tinha como base a E.M.E.F. Nancy Pansera, o professor Marco Antônio, que solicitasse ao seu bolsista que também preparasse uma coreografia com o grupo de jovens que participavam no seu núcleo, com o ritmo *funk*. Desse

modo, acabei envolvido com a preparação de coreografias de dois grupos de dança: o grupo de jovens do núcleo que eu coordenava diretamente, na localizado na escola Carlos Drummond de Andrade, com *street dance*, e o grupo de *funk* do núcleo Nancy Pansera.

Chegou o dia 26 de julho de 2010, sábado. O tempo estava nublado, em alguns momentos chovia, e estava um pouco frio. Cheguei ao bairro Guajuviras por volta de 13h30min. Desde a entrada do bairro, na rótula que é o acesso principal, já havia muitos policiais militares, viaturas de prontidão e guardas municipais, situação que se estendia ao longo da Avenida 17 de Abril até o posto da Brigada Militar, localizado na Praça da Brigada Guajuviras, onde estava a maior concentração de soldados. Era quase inevitável andar ao longo da avenida sem esbarrar em algum policial ou guarda municipal.

Dirigi-me até a escola Carlos Drummond de Andrade, local de encontro com os jovens dos grupos de dança do Pronasci/PELC, e assim nos deslocamos juntos até o local do evento. Quando cheguei, todos os jovens já me aguardavam, junto com os bolsistas de dança Bibiana e Douglas. Era visível a ansiedade e a expectativa deles para as apresentações, especialmente porque fariam a abertura oficial do evento e devido à presença do *rapper* MV Bill, que era muito aguardada pelo grupo. Muitos pais também estavam presentes para prestigiar seus filhos. Então nos deslocamos para o local da solenidade, em frente à Casa das Juventudes, entre o Setor 2 e a Avenida Principal: estavam os dois bolsistas, eu e 32 jovens, todos vestidos com a camiseta de cor branca do PELC, acompanhados de alguns pais.

Quando chegamos ao local, por volta de 14h30min, já havia muitas pessoas presentes que aguardavam o início do evento, parcela significativa de jovens. Ficamos lá conversando, os bolsistas relembavam os últimos detalhes que foram combinados para a apresentação. Soldados da Brigada Militar circulavam entre as pessoas, com seus fuzis em punho, a tiracolo, bem como a Guarda Municipal, equipada com coletes, cassetetes e aparelhos de descarga elétrica. O policiamento estava tão ostensivo que se tornava difícil visualizar se a presença era maior entre a população do bairro ou entre agentes de segurança investidos pelo Estado. Enquanto os jovens estavam na rua, conversando com os bolsistas e com seus amigos, fui até o interior da Casa das Juventudes para falar com a coordenadora e com outros agentes do Protejo para confirmar o que já havia sido estabelecido em relação à programação do evento.

Assim como havia ocorrido em outros eventos, a programação não iniciou no horário previsto. Já eram 16 horas e nada havia começado. Os jovens do grupo de dança, que já estavam no local desde as 14h30min, começaram a dar sinais de impaciência e inquietação com o retardo do início. Às 17 horas, chovia levemente e nada de a programação começar. Foi quando o secretário adjunto de Segurança me chamou para conversar sobre o atraso. Ele me

disse: “Bah, Cristiano, o evento está muito atrasado e vamos ter que fazer algumas alterações na programação. Já são quase cinco e meia, o MV Bill chegou agora devido a outros compromissos que estava envolvido e tem hora para ir embora, então a gente vai ter que modificar o que já estava acordado em relação à programação. Nós vamos ter que começar com a fala das autoridades, porque o prefeito já está aí, depois o show do MV Bill e a apresentação do PELC encerra o evento. Pode ser? Tu fala com o pessoal?”. Na hora eu fiquei muito incomodado com a decisão tomada, e disse a ele: “Tudo bem, já que não tem jeito... Mas é um pouco complicado, eles já estão aqui aguardando desde as 14h30min, alguns já estão cansados, tem alguns pais que já estão querendo ir embora e levar os filhos, e agora imagina eu ir lá agora e dizer que eles vão ficar por último, que vão ter que aguardar mais ainda do que já esperaram, todas as outras atividades acontecerem para eles se apresentarem”. “Mas Cristiano, esta decisão não fui eu que tomei, são ordens superiores”, disse o secretário. Respondi: “Tá, eu vou conversar com o grupo, explicar a situação para eles e vou tentar convencê-los a aguardar mais um pouco, mas vai ser difícil, porque muitos pais já estão querendo ir embora e outros estão já cansados de tanto esperar”.

Antes dessa conversa com o secretário, eu já estava sendo cobrado por alguns pais e jovens, especialmente por um de meus bolsistas, pelo atraso do início do evento. O bolsista Douglas, que ministra as aulas de dança estilo *funk* no núcleo da escola Nancy Pansera, a todo instante me cobrava uma solução, “Pô, Cristiano, tu disse que o evento estava previsto para começar às 15 horas, já são mais de 17 horas e nada ainda. Isso é palhaçada, não é a primeira vez que isso acontece. A gente sempre tem que esperar, já está todo mundo cansado, assim vocês estão me fazendo de bobo também. Olha a situação que eu fico perante o grupo e as mães que vieram juntos para assistir as apresentações. E agora? O que eu digo pra eles?” Eu tentava explicar para ele que participei em partes da organização da programação do evento, mas que a questão do atraso fugia das minhas competências, até porque eu não tinha muito o que fazer em relação à situação, por não ser o organizador do evento, e que a responsabilidade era da Secretaria de Segurança Pública e da coordenação do Protejo. O bolsista Douglas, muito descontente com toda a situação, insistia: “Mas tu é o coordenador do PELC, Cristiano, tu tem que dar conta disto. Tu que tem que falar com o pessoal da Secretaria de Segurança”. Ao mesmo tempo, alguns dos jovens também já cobravam providências. Alguns pais, já muito aborrecidos, diziam: “Isto é um desrespeito. Cristiano, nós vamos embora, assim não dá”.

Em meio a todo esse contexto já muito turbulento, às 17h30min iniciou o evento com o discurso de algumas autoridades do município e do Estado, como o secretário de Segurança Pública municipal e seu adjunto, alguns deputados estaduais, o subprefeito da região e o

prefeito de Canoas. Todos os discursos estavam pautados na segurança pública, onde destacavam a importância do Pronasci como um novo modelo de segurança pública, objetivando a redução dos índices de violência no bairro e especialmente como uma política de oportunidades para os jovens a partir de ações menos repressivas e mais cidadãs. Todas as falas salientavam com muito destaque a importância que os jovens tinham para os projetos Pronasci e que o principal público das ações sociais era o de jovens.

Enquanto isso, os jovens do Pronasci/PELC, já muito cansados e impacientes, aguardavam o momento de sua apresentação. Alguns pais, também revoltados com tanta espera, me cobravam muito sobre o atraso e a mudança do cronograma do evento, que acabou sendo alterado e desencadeou na colocação da apresentação dos jovens para o encerramento. As cobranças a mim e a tensão apresentaram alguma redução quando iniciou o show de MV Bill. Alguns minutos antes do show, dirigi-me até o secretário adjunto de Segurança e disse a ele que, já que os jovens esperaram tanto tempo, o mínimo que poderia ser feito para reduzir os danos que já haviam ocorrido seria dar a oportunidade de colocar os jovens no espaço restrito isolado, que ficava entre o público e o palco de show, para que assim eles assistissem à apresentação do *rapper* em frente ao palco. E foi o que aconteceu.

Começou, então, o show de MV Bill, às 18 horas, após mais de 30 minutos de discursos das autoridades. A aparelhagem de som em perfeito estado, de excelente qualidade, completando com apresentação do *rapper* no palco, com suas letras inteligentes e de cunho reivindicatório, baseadas nos fenômenos sociais, abordando de modo especial as vidas nas favelas do país. O show estava empolgante, e os jovens de modo geral cantavam as canções junto com o *rapper*. MV Bill, enquanto cantava, fazia questão de cumprimentar os jovens tocando em suas mãos. Em certa hora, ele distribuiu CDs a eles. Foi o momento de mais diversão e descontração, mas ao mesmo tempo havia alguns que não conseguiram descontrair, tamanho era o aborrecimento. Eu mesmo não me encontrava em uma situação confortável, visto que, ao mesmo tempo em que parte dos jovens se divertia, outra parcela continuava manifestando seu descontentamento pelo atraso.

Por volta de 18h40min, o show de MV Bill se encerrou. Alguns ajudantes de palco desligaram e recolheram alguns acessórios da aparelhagem de som. Enquanto isso, solicitei aos bolsistas de dança Bibiana e Douglas que colocassem suas mídias na aparelhagem de som, com as músicas preparadas para as duas apresentações. Foi então que novos problemas surgiram. A mídia em que o bolsista Douglas tinha sua música preparada para a apresentação não funcionava. Foram muitas tentativas sem resultado. Ele acabou desistindo e decidimos

então que a primeira apresentação seria a do grupo de *street dance* da bolsista Bibiana, enquanto Douglas procurava resolver o problema com a mídia que continha a sua música.

O evento, que contava com um público muito numeroso, especialmente no momento do show de MV Bill, continuou presente para assistir a apresentação dos jovens do Pronasci/PELC. Os 22 que integravam o grupo de *street dance* do núcleo Carlos Drummond de Andrade já se encontravam postos, sob a orientação da bolsista Bibiana, em frente ao palco. Eu, que já não estava aproveitando mais nada há muito tempo, só torcia para que mais nenhum incidente ocorresse. Foi então que, por fim, o locutor do evento anunciou a próxima atração, que encerraria o evento: “Comunidade do Guajuviras, temos o prazer de apresentar para vocês agora o grupo de dança do PELC”.

Começou a apresentação. O som estava péssimo, quase impossível de ouvir, com muitos ruídos e por vezes falhava. Era visível nos rostos dos jovens a decepção com a situação que estavam passando. A precariedade do som era tamanha que eu, como coordenador do grupo, fiquei muito constrangido com a situação em que os jovens estavam posicionados. Mas mesmo com toda adversidade, os jovens realizaram a apresentação com muita disposição, sem falhas, tudo como o ensaiado com a bolsista. O público que assistia a apresentação pareceu ter valorizado a dedicação e a boa apresentação do grupo, tendo que superar a precariedade do som. A resposta foram os muitos e empolgados aplausos. Mas algo que também estava visível, mesmo com a positiva resposta das pessoas que assistiam, era a decepção e o abatimento do grupo por terem esperado tanto tempo para apresentarem-se e, quando chegado o momento, por realizarem sua coreografia em meio a uma aparelhagem de som precária.

Encerrada a apresentação do grupo de *street dance*, posicionou-se em frente ao palco o grupo de dança *funk*, conduzido por Douglas. Após muitas tentativas, enquanto se desenrolava a apresentação do grupo de *street dance*, parece que o bolsista por fim havia conseguido fazer funcionar seu mp3⁴⁰, que continha a música para a apresentação.

Douglas e o grupo de jovens estavam postos para o início da apresentação. Então, no palco, o locutor anunciou para o público: “Para encerrar, temos mais um apresentação. Com vocês, o grupo de *funk* do PELC”. E o som não funcionou. Um silêncio tomou o local. Os jovens aguardavam, mas a música não tocou. Douglas, correndo, subiu ao palco onde se encontrava a aparelhagem de som para verificar o que estava havendo. Muito aborrecido e bravo, Douglas tentava insistentemente identificar o problema, a fim de possibilitar que seu

⁴⁰ O MPEG Audio Layer-3, ou mp3, é um formato de arquivo que permite armazenar e ouvir em aparelhos de áudio em geral.

mp3 funcionasse para a música tocar. Ao mesmo tempo, alguns pais de jovens faziam duras cobranças a mim, em certa medida me responsabilizando pelos contratempos que estavam atingindo os jovens, como: “Como é que tu deixa uma coisa dessas acontecer, Cristiano?”, “Isto é um desrespeito com a gente e com eles [os jovens], que já ficaram aqui a tarde toda, esperando para se apresentar e agora o som não funciona. Assim não dá, eu vou tirar a minha filha do projeto”.

Após as tentativas, a aparelhagem de som voltou a funcionar. Douglas, novamente, posicionou o grupo para o início da apresentação. A música começou a tocar e a apresentação do grupo iniciou. Após cerca de 30 segundos, de forma repentina, o som parou de funcionar outra vez. Tão logo a música parou, Douglas pulou no palco, solicitou o microfone ao locutor, pediu a atenção do público e manifestou: “Eu gostaria primeiro de parabenizar o pessoal aqui [os jovens] pela dedicação nas nossas atividades e também pela paciência por terem ficado o tempo todo aqui. Nós gostaríamos de ter mostrado um pouco do trabalho que nós estamos desenvolvendo, mas não foi possível, nós fomos boicotados. Mas eu convido todos a visitar a escola Nancy Pansera nas terças e quintas à noite para acompanhar o nosso trabalho”. Douglas desceu do palco e se dirigiu até o secretário adjunto de Segurança Pública, cobrou satisfações tanto pelo atraso em relação ao horário acordado para as apresentações quanto pela precariedade da aparelhagem de som disponibilizada, que acabou trazendo prejuízos na apresentação do grupo de *street dance* e inviabilizou a apresentação do grupo de *funk*. Muito descontentes e revoltados, alguns pais de jovens do grupo falavam aos gritos: “Que projeto é esse que eles dizem que os jovens são importantes e fazem eles ficarem a tarde toda aqui esperando para realizarem a suas apresentações para dar prioridade a outras pessoas que vêm de fora”. Alguns dos pais voltaram a me fazer cobranças pelos ocorridos. “Olha só o que vocês fizeram, olha a frustração deles depois de terem que esperar tanto tempo. Minha filha está lá chorando, vocês fizeram eles de bobos”, dizia a mãe de uma das jovens para mim. Novamente, tentei explicar que eu não tinha sido responsável pela alteração dos horários previstos na programação, que as alterações foram realizadas devido a ordens superiores, segundo o secretário adjunto, e que eu não sabia o que havia ocorrido em relação às falhas no aparelho de som. Escutei da mãe da outro jovem algo que não esperava, depois de quase três anos frequentando o bairro: “Vocês são todos iguais, prometem as coisas e não cumprem. Vocês políticos são todos uns filhos da puta”.

Encerrado o evento, o secretário adjunto de Segurança, eu e a coordenadora do Protejo nos dirigimos até a calçada da Avenida Principal, em frente à Casa das Juventudes e iniciamos uma conversa acerca dos incidentes ocorridos no evento. Alguns minutos depois, o

secretário de Segurança Pública se aproximou do local onde conversávamos e sentou-se entre a calçada e a Avenida Principal, e ali ficou. Continuamos conversando quando, momentos depois, um dos jovens que fazia parte do grupo de futebol do Pronasci/PELC na Praça Ildo Meneghetti se dirigiu até onde nos encontrávamos, me deu um abraço e me disse: “E aí professor, tudo bem?”. Retornei os cumprimentos e perguntei a ele: “E aí companheiro, estava aqui assistindo ao evento?” Ele respondeu: “Sim, eu cheguei a assistir algumas apresentações e depois fui para a esquina conversar com a gurizada. Bah, a gente estava lá de boa conversando e aí chegou a polícia lá e começou a xingar a gente por nada, perguntando o que a gente estava fazendo lá, me bateram, deram um monte de tapa na minha cara e mandaram eu largar. Pô, a gente não fez nada”. Imediatamente, direcionei meu olhar para o secretário de Segurança Pública, que estava ali, sentado na calçada ao meu lado, e ele não disse uma palavra, sequer olhou para o jovem. Fiquei sem saber o que dizer ao jovem, mantive silêncio durante alguns segundos e, após, disse a ele: “É foda, né? Não esquenta a cabeça, deixa pra lá”. Assim que o jovem se despediu de mim e foi embora, fiquei indignado com o secretário e envergonhado com a minha postura omissa e conivente com a situação. Por alguns segundos, pensei: “Por que eu não apresentei o jovem ao secretário e cobreí deste que prestasse assistência a ele e satisfações em relação a suas reclamações com a postura dos policiais, pois o secretário de Segurança tem que dar conta disto”.

Ainda muito aborrecido com a postura do Secretário de Segurança – que fez que não viu e não ouviu as reclamações do jovem para mim – e com minha própria postura diante da situação, quando cheguei em casa à noite, tentando expurgar o que estava sentindo, liguei para o professor José Damico para relatar os fatos ocorridos, desde os problemas nas apresentações dos jovens até as cobranças e os xingamentos de alguns pais, incluindo as reclamações de espancamento cometidas pela polícia a outro jovem que também atua nas atividades esportivas do Pronasci/PELC. Após ter escutado meu relato, Damico me disse que desde que ocupei o cargo de coordenador de um dos núcleos do Pronasci/PELC no bairro Guajuviras acabei posicionado em uma condição de aporia e que eu teria que tomar uma decisão sobre minha situação pois eu estava posicionado na condição de um *servidor de dois patrões*⁴¹. Ou

⁴¹ José Damico refere-se à peça de teatro *Arlequim, Servidor de Dois Patrões*, originalmente chamado *II Servitore de Due Patrone*, de 1745, do escritor italiano Carlo Goldoni, tradução: Millôr Fernandes e direção de Luiz Arthur Nunes. Na peça, Clarice, filha de Pantaleão Bisognoso e Silvio, filho do Doutor Lombardi, recebem a notícia do assassinato de Frederico Rasponi, comerciante da cidade de Turim que estava de casamento marcado com Clarice. Com o recebimento da notícia, Clarice acaba livrando-se do casamento de conveniência prometido a Frederico promovido por seu pai Pantaleão motivado por interesses comerciais, formalizando assim casamento com Silvio. Contudo, recém formalizado o casamento, eis que surge Arlequim, servo de Frederico, que chega à hospedaria anunciando a chegada de seu patrão. Se encontrando em uma situação entre as duas palavras

seja, ao mesmo tempo em que eu servia a população do Guajuviras, também servia aos interesses do governo, pois era investido pelo Estado para isso. Fiz questão de colocar essa experiência que me afetou de modo significativo para dizer o quanto são complexas as relações que envolvem sujeitos investidos pelo Estado e a população.

Todos os descontentamentos e as revoltas manifestadas pelo estagiário Douglas, pelos jovens e seus pais parecem ter sido o estopim de frequentes problemas que já vinham atingindo os jovens, tanto nos eventos, como no caso ocorrido no 23º aniversário do Guajuviras narrado na seção 7.2 do presente capítulo deste estudo, quanto no dia a dia das atividades em alguns núcleos de esporte e lazer do programa decorrente da precariedade dos espaços destinados às atividades e das estruturas que vinham sendo disponibilizadas para as apresentações. Em suas análises sobre o Pronasci/PELC na sua tese de doutorado, Damico (2011) sugere que a função dos coordenadores do programa consiste em resolver os problemas seja com os espaços destinados às atividades, seja com os relatórios ou com os jovens participantes do programa.

Diante destes ocorridos, cabe refletir sobre minha função, bem como, as dos demais coordenadores deste programa de esporte e lazer: será que ocupamos de fato a função de *coordenadores* gerais ou de núcleo do Pronasci/PELC ou somos apenas *operadores* desta complexa tecnologia de gestão da conduta individual e coletiva colocadas em jogo pelo Estado embasado por determinados discursos que circulam em torno das favelas e periferias? Esta posição de *servidor de dois patrões* sugerida por Damico não me coloca no lugar de uma peça que mais *opera* neste amplo e difuso dispositivo do que *coordena*? Ao fim dessa tarde, percebi que havia chegado o início do fim das minhas atividades como coordenador de núcleo do Pronasci/PELC. As situações ocorridas nessa tarde, na relação dos jovens com a polícia, terão sequência no capítulo 8.

empenhadas, Pantaleão, pai de Clarice, volta atrás e cede novamente a mão de sua filha a Frederico. Em meio a este contexto, o hospedeiro e compadre de Pantaleão, Briguela, guarda consigo um segredo: o recém-chegado Frederico Rasponi, é Beatriz Rasponi, irmã de Frederico, travestida com as vestimentas de seu irmão. Beatriz ama Florindo Aretuzi, suposto assassino de seu irmão que cometeu o assassinato motivado pelo fato de Frederico não aprovar seu relacionamento com Beatriz. Beatriz seguiu para Veneza com vistas a receber a herança destinada ao seu irmão Frederico para ajudar seu amado que temendo ser punido pela justiça fugiu sem comunicar alguém. Beatriz não sabe, mas Florindo fugiu justamente para Veneza e os dois acabam sem saber um do outro se alojando na mesma hospedaria. Vivendo em escassa condição financeira e famélico, Arlequim, entende como alternativa de solução de seu problema servir à Beatriz e Florindo ao mesmo tempo para desta forma receber comida e salário dobrados. Contudo, preocupado em manter os dois empregos, não revela a nenhuma das partes o duplo trabalho. Esta situação em que Arlequim encontra-se posicionado vão provocando sucessivos conflitos, confusões e mal-entendidos devido ao fato de ter que dar conta de atender de modo satisfatório as demandas dos dois empregadores.

7.5 O evento no Centro Olímpico Municipal do bairro Igara entre o Pronasci/PELC dos bairros Guajuviras e Mathias Velho

O evento no Centro Olímpico Municipal fez parte de uma série ocorrida em dois meses, nos bairros Guajuviras e Mathias Velho, como forma de utilização dos recursos que haviam sido destinados para o funcionamento do primeiro ano do programa e devido ao fato de estar se encerrando o primeiro ano de convênio do governo municipal com os ministérios da Justiça e do Esporte. Os eventos que fizeram parte desse conjunto iniciaram no dia 24/7/2010, com a promoção da atividade chamada *Jogos Julinos do PELC*, realizada na Praça da Brigada Guajuviras: as atividades ocorreram no turno da tarde, com apresentações dos jovens dos grupos de dança *funk* e *street dance* dos núcleos Nancy Pansera e Carlos Drummond de Andrade. Simultaneamente, partidas de futebol foram disputadas no campo de futebol da Associação Comunitária 04 de julho, entre o grupo de futebol da Praça Ildo Meneghetti (núcleo da escola Carlos Drummond de Andrade), o grupo de futsal do núcleo da escola Nancy Pansera, o grupo de jovens da Vila Comtel que atuavam no próprio campo e um conjunto de jovens habitantes do bairro Lomba do Pinheiro, de Porto Alegre, que convidei através de um amigo que desenvolvia atividades com esses rapazes.

No 3/8/2010 ocorreram atividades na Escola Municipal Carlos Drummond de Andrade. Disponibilizaram-se brinquedos infláveis, que incluíam tobogã, além de camas elásticas, e cerca de 600 jovens, entre alunos e participantes das atividades do programa, participaram das atividades, em forma de rodízio. Três turmas por vez utilizavam os brinquedos e ainda assistiram à apresentação de uma peça de teatro produzida e escrita pela estagiária Luciana e os jovens que atuam no grupo de teatro do programa, na respectiva escola.

No dia 10/9/2010, as atividades aconteceram no CAIC. Cerca de 300 estudantes e moradores do bairro Guajuviras estiveram presentes no ginásio. Enquanto ocorriam apresentações no ginásio, os alunos menores da Escola Municipal Erna Würth divertiam-se nos brinquedos infláveis, na área externa. Nesse evento, também se fizeram presentes alguns estagiários dos núcleos do Pronasci/PELC do bairro Mathias Velho, que funcionam na Escola Municipal Thiago Würth e no Centro Social Urbano. Os estagiários apresentaram dança de maxixe e receberam aplausos entusiasmados do público presente. Estiveram presentes, ainda, o grupo de jovens que atuam no ritmo *funk*, no núcleo localizado na vila Nancy Pansera, no Guajuviras.

No dia 11/9/2010, houve atividades na Associação Comunitária Lar da Solidariedade. Estavam programadas diversas ações, como apresentações de dança estilo *funk*, do grupo de jovens do núcleo da escola Nancy Pansera, e estilo *street dance*, do grupo de jovens do núcleo da escola Carlos Drummond de Andrade. Aconteceu ainda uma apresentação de teatro e foram disputadas partidas de futebol no campo da Associação Comunitária 04 de Julho. A tarde chuvosa acabou inviabilizando os jogos e a instalação de alguns brinquedos infláveis que seriam colocados no campinho de chão batido, localizado ao lado do Lar da Solidariedade. A recusa em participar do evento por parte dos grupos de dança e teatro do núcleo da escola Carlos Drummond de Andrade, como já havia ocorrido no evento do dia 28/8 no Centro Olímpico Municipal (o que será de modo breve abordado a seguir) também inviabilizou as apresentações. Ao longo da tarde, os jovens presentes desenvolveram atividades na piscina de bolinhas e assistiram a apresentações de *funk* protagonizadas pelo grupo de jovens do núcleo Nancy Pansera. Também foram disponibilizados lanches e refrigerantes ao público presente. Cerca de 90 jovens estavam presentes.

Foram meses em que a cobrança aos coordenadores de núcleo e estagiários se intensificou, de modo especial, devido a dois fatores: o primeiro é que estava se encerrando o primeiro ano de convênio da Prefeitura Municipal com o governo federal, que disponibilizou recursos para a implementação das atividades do Pronasci/PELC nos dois bairros, com encerramento no dia 30/9/2010. A realização desses eventos era uma forma de utilizar os recursos enviados, que ainda estavam disponibilizados, bem como de produzir o relatório final que deveria ser enviado aos respectivos ministérios, a fim de justificar a continuidade das atividades do programa no ano seguinte. O segundo aspecto era o ano eleitoral e, no mês de outubro, seriam escolhidos o governador do estado, além de deputados estaduais e federais. Como um dos candidatos a ocupar o cargo de governador foi o principal idealizador e incentivador da implantação dos Territórios de Paz no Brasil, além de o prefeito ser do mesmo partido político, o Pronasci/PELC precisava de significativa visibilidade, como resposta à população de que suas ações estavam sendo bem-sucedidas. Diante desses aspectos, tornava-se urgente e necessário apresentar ao governo federal e à população do bairro que as ações estavam funcionando.

Prosseguindo com o evento ocorrido nesse dia, a organização foi realizada nos seguintes moldes: início previsto para as 9h, com agradecimentos aos presentes, divulgação do cronograma de atividades esportivas e culturais. No almoço, seriam oferecidos sucos e dois cachorros-quentes por jovem. Diante disso, cada jovem portava um *ticket*, disponibilizado pelo coordenador do núcleo em que realizava suas atividades de esporte e lazer.

A “hiperplasia do quantitativo”, termo cunhado por Marcelo de Paula Melo (2005) em referência ao que ocorria no Projeto Vila Olímpica da Maré (VOM), sobre o preenchimento dos relatórios de frequência dos jovens participantes, que não condiziam com o que ele observou ao longo de sua investigação, foi algo corrente ao longo do primeiro ano do Pronasci/PELC. Digo isso devido ao fato de que muitos dos jovens que atuavam nas atividades oferecidas no núcleo Carlos Drummond de Andrade eram os mesmos que participavam das atividades oferecidas no núcleo Nancy Pansera, especialmente os praticantes de futebol, bem como alguns dos participantes do grupo de dança *street dance*, que também atuavam no grupo de *funk*. Esses jovens acabavam sendo contabilizados duas vezes, como se fossem diferentes pessoas, em diferentes núcleos.

Também havia muitos jovens inscritos que trabalhavam vendendo doces com a família, como Mano; outros que trabalhavam como auxiliares de pedreiro com o pai ou vizinhos, como Ramires e Molina; outros que faziam panfletagem nas ruas e até mesmo trabalhavam formalmente, como Nando, que se deslocava do trabalho até as atividades de dança e teatro no núcleo Carlos Drummond de Andrade. Devido a esses compromissos, não frequentavam as atividades com regularidade, e por vezes até evadiam e retornavam semanas ou meses depois, e alguns não retornavam por conta do trabalho. Tais jovens acabavam permanecendo na listagem e contabilizados. Esses aspectos ficaram evidentes no dia do evento no Centro Olímpico Municipal. Como o fenômeno se apresentou com mais evidência nesse dia, será relatado a seguir.

Tudo iniciou com o modo como os ônibus alugados pela Secretaria de Esportes foram disponibilizados para o deslocamento dos jovens ao Centro Olímpico Municipal, localizado no bairro Igara. Dois ônibus foram destinados para o deslocamento dos jovens do núcleo CAIC e subnúcleos anexos (Praça da Brigada), coordenados pelo líder comunitário Angélico, e outro foi usado para o transporte dos jovens do núcleo da escola Guajuviras e seus subnúcleos (Associação Comunitária Lar da Solidariedade e campo de futebol da Associação Comunitária 04 de Julho). Os outros dois ônibus foram oferecidos para o deslocamento dos jovens participantes dos núcleos da escola Nancy Pansera e seu subnúcleo (campinho de futebol localizado no Loteamento Pôr-do-Sol) e dos jovens do núcleo da escola Carlos Drummond de Andrade e seus subnúcleos (Praça Ildo Meneghetti e CRAS/Guajuviras).

Como já salientado, significativa parcela dos jovens que atuavam nas atividades do núcleo da região da escola Nancy Pansera, coordenado por Marco Antônio, também atuava nas atividades oferecidas no núcleo da escola Carlos Drummond de Andrade, coordenado por mim. Esse fato ocorria de modo especial entre os jovens praticantes de futebol: significativo

número dos que frequentavam o horário de futebol da Praça Ildo Meneghetti nas segundas e quintas das 15h30min às 17h, também atuava nas atividades de futsal nas terças e quintas, após as 17h30min, na quadra esportiva da escola Nancy Pansera. De forma similar, alguns dos jovens do grupo de dança *funk*, da escola Nancy Pansera, também participavam das atividades de *street dance*, da escola Carlos Drummond de Andrade. Devido a esses aspectos, nas semanas que antecederam o evento eu já vinha acordando com os jovens quanto à opção de aguardar o ônibus na escola Carlos Drummond de Andrade ou na Nancy Pansera, visto que circulavam nos dois núcleos.

Chegado o dia, os jovens do grupo de futebol optaram por aguardar o ônibus em frente à escola Nancy Pansera. Alguns jovens não compareceram devido a compromissos com trabalho, cursos ou pelo simples opção de não se fazerem presentes ao evento, assim como os jovens do grupo de teatro e dança, que já haviam se negado a participar, pois haviam manifestado estarem cansados e sobrecarregados devido às apresentações que eram convocados a apresentar em eventos. Assim, o ônibus destinado aos jovens do núcleo Carlos Drummond de Andrade acabou se deslocando com apenas dois jovens até o Centro Olímpico Municipal.

Quando cheguei ao Centro Olímpico, por volta de 9h20min, coordenadores, estagiários e jovens dos núcleos do Pronasci/PELC do bairro Mathias Velho já se faziam presentes, assim como coordenadores, estagiários e jovens dos núcleos do Pronasci/PELC do Guajuviras. Fui o último a chegar. Quando cheguei, percebi que a gerente do programa na cidade de Canoas e a coordenadora-geral do programa no bairro Guajuviras visualizaram meu acesso ao pátio do centro esportivo no ônibus, com apenas dois jovens. De início, logo pensei: “Ih, lá vêm elas cobrar esclarecimentos de por que o ônibus está vazio”. Ficaram observando desde o momento em que deixei o ônibus com os dois jovens até o momento em que acessei o ginásio do centro esportivo, acompanhado-os ao encontro do grupo de futebol que ocupava parte da arquibancada. Fiquei ali com o grupo durante alguns minutos. Na condição de coordenador, junto com Marco Antônio, passei algumas orientações de como as atividades seriam desenvolvidas durante o dia, e organizamos tabelas com os jogos a serem colocados em prática ao longo do dia. Ao sair dali, andei pelo ginásio, onde cumprimentei e conversei com os demais jovens, coordenadores, estagiários e alguns pais presentes.

Passados alguns minutos, ao perceber que eu não estava interagindo com ninguém, no exato momento em que sentei para assistir ao primeiro jogo de futebol, a gerente do programa, acompanhada da coordenadora-geral, dirigiu-se a mim e cobrou: “Cristiano, onde está o pessoal do teu núcleo? O ônibus veio vazio!”. Pelo modo como fui questionado, até

parecia que eu já não vinha debatendo o assunto nas reuniões de gerência e coordenação, em que eu apontava e alertava que os jovens dos grupos de teatro e dança não compareceriam ao evento devido à sobrecarga que tiveram ao longo do ano. Além de fadiga física, essa política de eventos foi fator impeditivo para a realização de um trabalho contínuo em uma peça teatral – as oportunidades que tiveram foram resumidas em apresentações de esquetes não concluídos. A pequena quantidade de jovens também se devia ao fato de muitos praticarem atividades em mais de um núcleo, o que era conhecido por todos. Aliás, essas eram características interessantes nos núcleos da escola Nancy Pansera, coordenado por Marco Antônio, e da escola Carlos Drummond de Andrade, coordenado por mim.

Na escola Nancy Pansera, todos os jovens que atuavam em alguma das atividades oferecidas eram habitantes da Vila Nancy Pansera ou do Loteamento Pôr-do Sol, localizados na mesma região do bairro. Já no núcleo da escola Carlos Drummond de Andrade, de localização mais central no bairro, os jovens participantes das atividades eram oriundos de diversos locais do bairro: da Vila Comtel, da Vila São José, da Vila Brehm, da Avenida Principal e também da Vila Nancy Pansera, que se deslocavam até o núcleo para atividades de dança, teatro e futebol na Praça Ildo Meneghetti. Diante disso, a surpresa não procedia. Assim, a resposta que dei à gerente e à coordenadora-geral do programa foi de que, com exceção de alguns jovens do grupo de dança (*street dance*) e do teatro, significativa parcela dos jovens participantes das atividades no núcleo coordenado por mim estava presente – o que ocorreu foi que eles optaram em se deslocar a partir do núcleo da escola Nancy Pansera, devido ao fato de serem habitantes do local. Elas continuaram um tanto contrariadas, pois não havia possibilidade de atingir o número de participantes estimado para o evento. Desse modo, encerramos o debate e as atividades continuaram.

Ao longo do dia, as atividades ocorreram de acordo com o programado pela gerência e coordenação do programa. Aproximadamente 400 jovens, contando com seus familiares presentes, participaram durante todo o sábado das atividades no centro esportivo. Foram praticados jogos de futebol de campo, futsal, voleibol, pingue-pongue e apresentações de dança como *street dance* e pagode, muito aplaudidas pelo público presente. Ao meio-dia, todos os jovens, estagiários, coordenadores e pais, receberam lanche. Focos de linhas de fuga aos objetivos da política pública também foram protagonizados no evento, como alguns jovens que se dirigiram ao Centro Olímpico portando bebidas alcoólicas, consumidas ao longo do dia. Alguns visivelmente jogavam futebol sob efeito de álcool, fato que não pode ser caracterizado como manifestação de resistência derivada do exercício do poder sobre a vida (FOUCAULT, 2008a; DELEUZE, 2006), contudo demonstra um escape no interior de um

campo de probabilidades de condutas, entre as quais se manifesta o reconhecimento das liberdades.

Outro fenômeno que cabe ressaltar foi protagonizado pelos jovens moradores da Vila Nancy Pansera, que produziram cartazes com frases como “Nancy Pansera, é nós aqui presente”. O mais interessante foi o cartaz produzido pelos jovens com as frases: “Grupo de dança do Nancy Pansera” e “Professor Douglas, te adoramos”. Faziam referência ao estagiário Douglas, que ministrava aulas de *funk* ao grupo no núcleo e foi demitido após os acontecimentos no evento de lançamento do programa Protejo, no dia 26/7/2010, no qual desferiu duras críticas à organização do evento, que acabou prejudicando as apresentações dos grupos de dança do Pronasci/PELC. Aliás, esse foi um mal-estar corrente, visto que o ex-estagiário se fez presente ao evento e também por ele estar acompanhando sua namorada Bibiana, que era uma das estagiárias de dança do Pronasci/PELC. Em certo ponto, Douglas acabou sendo uma das atrações do evento, por seu carisma, amizade e por tantas vezes ter defendido melhores condições de trabalho e estrutura para as apresentações artísticas dos jovens do grupo de dança, no qual atuou desde o início do programa. Devido a isso, Douglas foi visto por alguns agentes do Pronasci/PELC como um sujeito que “não é bem vindo” e que “não deveria estar aqui no evento”.

Nesse caso, pode-se identificar uma estratégia por parte dos jovens em positivar o lugar onde vivem, como resposta a toda a produção discursiva criada em torno do bairro. Esses jovens parecem tentar se constituir como uma força coletiva, visto que se apresentavam como o *grupo de dança do Nancy Pansera*, sem fazer qualquer menção ao núcleo de esporte e lazer do Pronasci/PELC, e sim ao local onde habitam. Ou seja, foi uma forma de significar seu cotidiano, constantemente expostos a uma rede discursiva que os posiciona em subcategorias e os estigmatiza. A manifestação dos jovens em relação ao lugar onde vivem corrobora com a análise do discurso de Foucault (1986), que o caracteriza como o espaço de exterioridade no qual se desenvolve uma rede de distintos lugares.

8 OS JOVENS E OS SOLDADOS NO MORRO

Minha condição é sinistra, não posso dar role, não posso ficar de bobeira na pista [...] É muito fácil vir aqui me criticar, a sociedade me criou agora manda me matar, me condenar e morrer na prisão... virar notícia de televisão. Seria diferente se eu fosse mauricinho criado a sustagem e leite ninho, colégio particular, depois faculdade, não, não é essa minha realidade [...]. Feio e esperto com uma cara de mal, a sociedade me criou mais um marginal [...] (Soldado do morro- MV Bill)⁴².

Setembro de 2010, tarde de quinta-feira, dia de aula de futebol do Pronasci/PELC na Praça Ildo Meneghetti. Cheguei à praça mais tarde, pois eu tinha compromisso em uma atividade acadêmica, vinculada ao meu curso de mestrado. Acabei chegando por volta de 16h50min, e a atividade já estava sendo encerrada. Os jovens já estavam indo embora, mas a estagiária que desenvolve as atividades de futebol com o grupo se encontrava próxima a uma das goleiras do campinho, recolhendo o material esportivo. Dirigi-me até ela para saber se as atividades haviam transcorrido bem, e ela, um tanto descontente, me contou: “Bah, Cristiano, os guris estavam aqui jogando, e a polícia entrou praça adentro e abordou os guris que estavam aqui comigo. Mandaram todo mundo colocar as mãos na cabeça, já perguntando onde estava a maconha. Realmente um dos guris estava sentado na beira do campinho fumando, mas os caras [a polícia] entraram aqui em plena atividade, em pleno jogo de futebol, abordaram os guris e nem quiseram saber”.

Nesta seção, discorro acerca dos discursos produzidos pelos jovens no que diz respeito às suas relações com a polícia. Desse modo, complemento as observações de campo a partir de excertos retirados do grupo de discussão realizado com jovens praticantes de dança, teatro e futebol no campinho de uma associação comunitária na Vila Comtel, como atividades do Pronasci/PELC. Em um dos encontros com os jovens praticantes de futebol na Vila Comtel, quando foi perguntado há quanto tempo viviam na vila, o tema polícia prevaleceu e foi pauta constante, instigada pelos próprios jovens, como será apresentado nos trechos que seguem:

<p>Ah, no começo foi meio estranho vir morar na Comtel, era estranho. Uma que quando o cara se muda de um lugar para outro já é estranho, não tinha amizades antes. Agora comecei a fazer amizades, mas antes não tinha, né? Era sozinho. (MARCOS, grupo de discussão no dia 16/7/2010).</p>
--

O jovem Vitorio insere-se no assunto e fala:

⁴² Faixa n. 8 do CD *Traficando Informação*, lançado em 2000. Gravadora: Natasha Records.

O bagulho é estranho também pro cara andar de noite na rua. Assim, não é nem tanto por causa dos outros, é por causa...
(VITÓRIO, grupo de discussão no dia 16/7/2010).

Marcos intervêm, completando a fala de Vitorio:

Por causa da polícia, pega o cara, espanca o cara na rua
(MARCOS, grupo de discussão no dia 16/7/2010).

Vitório, concordando com Marcos, complementa:

É deles mesmo, é porque eles acham que o cara mora aqui na Comtel, que aqui todo mundo é bandido e traficante. Pegam o cara na rua e se arriam no cara. Cada vez que eles te param, tem uns dois, três falando normal contigo, o resto é tudo aqui ó, “Ah como é que é o teu nome?” Já é no tapa, já resolve tudo. A primeira coisa que eles fazem é bah “mão na cabeça”, “tem documento?”. Aí, quando o cara não tem, aí tá, daí puxa o nome do cara ali, daí vê que o cara ou foi preso por alguma coisa ou tem alguma coisa. Eles já dão uns tapas no cara, até quando o cara não tem. O cara olhar pra eles assim estranho, eles já se arriam no cara.
(VITÓRIO, grupo de discussão no dia 16/7/2010).

Nos relatos apresentados, podemos perceber focos dos efeitos da “invenção de uma população”, onde os discursos produzidos, que criaram categorizações e lugares a serem ocupados pelos sujeitos, parecem colocar em evidência que a “noção de periculosidade significa que o indivíduo deve ser considerado pela sociedade ao nível de suas virtualidades e não ao nível de seus atos; não ao nível das infrações efetivas a uma lei efetiva, mas das virtualidades de comportamento que elas representam” (FOUCAULT, 2009, p. 85).

A ação da polícia desse modo, é justificada pela produção discursiva que inventou a população do bairro Guajuviras, de modo especial, na Vila Comtel, onde a sugestão consiste em que a conduta policial está motivada aos *apriorismos* construídos pelos processos modernizadores, em

[...] um tempo marcado por um desejo de distribuição, ordenação e organização. Através dos conhecimentos científicos que produziu, tentou explicar e categorizar as coisas, os fenômenos e também as pessoas. Esses conhecimentos criaram categorias e subcategorias, cada vez mais minuciosas e detalhadas, que permitiram colocar em operação um exercício de classificação e enquadramento de tudo aquilo que escapa da ordem, do natural, da pureza, da perfeição, enfim, do ideal moderno. (LOPES, et al., 2010, p. 9).

A temática das relações com a polícia acabou sendo a principal pauta do dia no encontro, em que os discursos dos jovens se cruzavam e se complementavam:

Uma vez me pegaram ali em cima, ali, e deram até na minha tia. Aí me levaram pra dentro da casa lá e me largaram assim, dois brigadianos assim grandão, gordão assim, e me encheram de soco. Eu estava com a cabeça cortada aqui, e eles meteram o dedo aqui dentro desse bagulho aqui, que eu tinha levado os pontos por causa de uma garrafada que eu levei numa briga, daí eles meteram aqui, me deram choque,

me deram tudo. Aí minha tia foi separar [...] foi pra dar tempo de eles não dar em mim. Eles algemaram minha tia, os brigadianos mesmo que nem podem fazer isto, algemaram a minha tia, deram nela.
(VITÓRIO, grupo de discussão no dia 16/7/2010).

Luís, também participante das atividades de futebol do Pronasci/PELC na Vila Comtel, concorda com Vítório e salienta:

É. Uma vez eles, que nem o Vitorio tava falando, que às vezes eles entram assim e não querem nem saber, uma vez nós estávamos jogando futebol no campo, tava começando já a entardecer, era umas 6h, 6h30min, aí deu uns tiros no campo assim entre polícia e uns caras aí, aí foi que eles pegaram e vieram. E viram o cara correndo para uma casa, só que daí eles pegaram e confundiram com a minha casa, entendeu? Eles confundiram e entraram na minha casa e pegaram o irmão dela [da jovem Taiara], deitaram o irmão dela, deram nele e arrebentaram a porta lá dos fundos da minha casa, entraram lá, botaram todo mundo no chão e pegaram meu irmão e falaram “Ah, é tu neguinho, vem cá, vem cá que eu estou sentindo o cheiro de pólvora que tá nas tuas mãos”. Sendo que ele tinha acabado de fumar cigarro, pegaram ele e quando foram para dar uma coronhada nele assim, ele se acocou no chão e daí eles quiseram chutar ele, e ele caiu no chão deitado e já, já deixaram ele por ali, e o irmão dela também estava com algema e tudo. Botaram nós todos deitados no chão lá de casa, né? No caso, chão batido, né? Tem uma parte que é só uma peça, deixaram lá nós deitados no chão e quando eles passavam por nós, eles não passavam do lado, eles pisoteavam assim por cima da gente. Eu levei um pisão nas costas, davam tiro. Teve um deles que até tocou um rojão acho lá dentro do meu pátio, nos fundos, eu não me lembro porque eu não vi. Aí teve um que foi lá e pegou um fuzil e deu um tiro pra cima, e eles pisotearam em cima de nós lá.
(LUÍS, grupo de discussão no dia 16/7/2010).

Vítório continua:

Que nem tem um aí que tá fazendo a ronda aí agora. Ele faz todos os dias a ronda, vem ele e mais dois, vem ele e mais um, um alemãozinho e o outro moreninho. Eles entram na casa dos outros e nem perguntam, eles não pedem nem “faça o favor”, “ah ô vizinha eu posso entrar na tua casa?” Eles entram metendo o pé na porta do cara e não estão nem aí, já pegam o cara ali e já baixam a lenha. Tem muito nêgo aí na vila que é trabalhador. [...] Uma vez comprei uma TV ali, morava aqui na esquina, até vendi até minha caixa, comprei umas TVs de um cara, o meu... os bichos entraram dentro da minha casa, levaram as TVs que eu tinha, tinha três TVs, levaram três TVs, meu rádio, me levaram tudo, fizeram a limpa na minha baia, uma limpa...
(VITÓRIO, grupo de discussão no dia 16/7/2010).

“A polícia?”, perguntei a ele. E o jovem respondeu:

A polícia, dois brigadianos [...]. Eles tinham pegado maconha lá, nem “comenta” com teu pai, eles queriam botar no meu pai, meu pai vem me visitar uma vez durante o ano e eles queriam prender meu pai, tá ligado? Só que meu pai não é nada, meu pai trabalha, sai cinco e meia da manhã e volta só umas sete horas, só trabalha, [...] tá louco! Meu pai não tem nada a ver, veio me visitar [...].
(VITÓRIO, grupo de discussão no dia 16/7/2010).

Pode-se observar que, para os jovens, a conduta da polícia é seletiva e direcionada, e pouco importa se está na condição de comerciante de drogas, se é mulher ou homem, estudante, ou se é trabalhador, como “muito nêgo aí na vila”. Diante disso, é possível pensar

que essas ações ríspidas possuem critérios bem definidos, pois são originadas de uma produção discursiva, através de saberes biopolíticos desenvolvidos que posicionaram certas populações ou grupos em categorias que escapam daquilo tudo que foi inventado, delimitado e definido como normalidade.

A construção desses saberes sobre a população colocou os sujeitos em um constante processo de comparabilidade, permitindo estabelecer semelhanças e diferenças, identificando zonas ou grupos de risco, aproximando-os ou afastando-os da média considerada normal, enfim, posicionando-os como normais ou anormais dentro de gradientes de normalidades. (LOPES et al., 2010, p. 11).

No caso desses jovens, parece que, como bem salienta Damico (2011, p. 252), pelo fato de serem “percebidos como mais perigosos, eles são frequentemente abordados, revistados e espancados. O fato destes jovens não poderem reagir facilita a punição antecipada, o bater antes de indagar e o traumatizar os corpos para neles inscrever o medo”. O autor ainda comenta que, na atual sociedade de controle, a conduta de significativa parcela dos agentes policiais “é afirmada por uma subjetividade policialesca que naturaliza o controle e a ameaça, já que por um lado se considera necessário invadir o terreno familiar quando violada certa ordem e, por outro, mostra-se receio de ser esquadrihado” (ibidem, p. 205).

Cabe salientar também algumas situações vivenciadas pela jovem Daiane, 15 anos, que atua no grupo de teatro do Pronasci/PELC na escola Carlos Drummond de Andrade. Ela reside na Vila Comtel desde um ano de idade e cursa a sétima série em escola estadual, localizada na mesma vila. Em um dos encontros para o grupo de discussão com os jovens participantes das atividades de teatro e dança, a jovem fala de suas experiências com a polícia:

Eu moro num beco na Comtel, mas eu moro num beco, e aquele beco agora está melhor, porque antes ia um monte de gurizada pra lá pra fumar maconha, essas coisas aí. Então teve uma vez que os policiais entraram no beco e estava cheio de gente lá, e tinha três mulheres e uns cinco homens. E chegou aqueles policiais lá e começaram a botar eles no paredão, e eu estava na sala, só que na sala dava para escutar tudo, então a gente estava olhando um filme, eu e a minha mãe, e eu fui espiar pelo buraquinho da porta... Fui espiar mesmo, porque estava dando um barulhão, sabe? Eu ouvi voz de coisas, aí eu fui olhar, aí os caras estavam, tinha um homem que estava espancando uma mulher... E ele estava espancando ela, aí eu falei para minha mãe: “Ô mãe, olha aqui ligeiro o que está acontecendo na rua”. E ela: “Sai daí guria, senão tu leva um tiro na cabeça”. Mas eles não estão vendo que eu estou espiando, aí eu peguei e fiquei olhando, aí uma outra mulher estava assim, virada assim, encostada na minha cerca, mas virada para dentro do meu pátio, e eu olhei assim, eu abri a porta bem fraquinho assim, então eu olhei e o cara deu um soco na cara da mulher. O policial deu um soco na cara dela, aí acho que um viu lá e disse assim pra mim: “Fecha a porta e entra pra dentro”. Então eu não pude olhar mais nada e tive que fechar a porta e entrar pra dentro... Mas eles espancam as mulheres também...
(DAIANE, grupo de discussão no dia 16/7/2010).

A jovem complementa:

Eu fiquei com nojo dos brigadianos, porque eles não precisavam ter espancado as mulheres daquele jeito. Claro que eles estavam fazendo coisa errada, eu não sei também o que eles estavam fazendo, se estavam se drogando ou não, mas aí chegar e espancar assim, tá louco.
(DAIANE, grupo de discussão no dia 16/7/2010).

Para Foucault (2011) as práticas discursivas estão permeadas de poder, colocando funções e posições sociais nos sujeitos. Nesse sentido, a polícia é só mais um entre os dispositivos de controle que estão investidos de um poder, ou seja, de uma “vontade de verdade” (ibidem) socialmente construída, que se apoia sobre um suporte institucional para a gerência dos riscos que *a priori* podem ser produzidos pela vida na coletividade. A vontade de verdade, segundo Foucault (2011, p. 17), “é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído”. O filósofo salienta: “Creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos – estou sempre falando de nossa sociedade – uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (ibidem, p. 18).

Pensando com Foucault, pode-se sugerir nesse caso que a conduta policial está fundamentada pelos discursos distribuídos à sociedade pelas instituições, como a grande mídia e setores do Estado, como o da segurança, em que certas ações protagonizadas são compreendidas como necessárias.

A fala de Daiane sobre o local que habita e sua compreensão acerca da conduta da polícia permite recorrer a Rosa Maria Bueno Fischer (2001, p. 211-212), que aponta:

[...] cada formação discursiva entra simultaneamente em diversos campos de relações, e em cada lugar a posição que ocupa é diferente, dependendo do jogo de poderes em questão. Guardadas as proporções, é o mesmo movimento das posições do sujeito discursivo [...] significa deixar aflorar a heterogeneidade que subjaz todo o discurso.

Então, quando a jovem coloca que “mora em um beco” e que “agora está melhor, porque antes ia um monte de gurizada pra lá pra fumar maconha”, sem entrar no mérito em relação ao consumo de drogas, podemos observar no seu discurso uma diversidade de enunciados, que vão desde as rasuras da produção discursiva hegemônica acerca do bairro e suas vilas, como o lugar de pobres, comerciantes e consumidores de drogas, até o repúdio à conduta da polícia, pois, ainda que estivessem “fazendo coisa errada [consumindo drogas]” em sua fala não há justificativa que embase a ação dos policiais, que “não precisavam ter espancado as mulheres daquele jeito”.

Lá na vila lá, já aconteceu uma dessas assim, os guris estavam todos lá, estavam sentados né? Do jeito deles lá, todos na esquina. Aí chegou a polícia e tinha um amigo deles que estava mais distante com o telefone, aí o policial falou para todo mundo se levantar e fez paredão neles. Aí o guri que estava mais para lá estava gravando, e os policiais não viram. Então eles foram revistar o Michel e falaram pro Michel, “tira o tênis”. Aí o Michel, como não aceita e sempre quer fazer gracinha, ele disse pro policial: “Aí, não quer que eu tire as minhas calças também?”. Aí o policial deu um socão na cara do Michel, e o guri gravou e estava tudo no telefone. Então o policial viu e foi lá e mandou ele apagar tudo e várias coisas... (BETA, grupo de discussão no dia 21/7/2010).

A jovem complementa:

Ai, também ele pediu na hora que falou: “Não quer que eu tire as minhas calças também?”. Ele pediu... Mas também aí, dar um soco na cara do guri, também, né? Não precisava. E por que eles mandaram apagar também, o telefone do guri? É porque ia dar alguma coisa, não é? (BETA, grupo de discussão no dia 21/7/2010).

Mano também relata situações já vivenciadas por ele com um grupo de amigos:

Uma vez eu estava voltando de uma festa, estava eu e mais doze amigos, doze não, quatorze, dois fugiram, eles foram brigar... Aí estava podre de bêbado, só que então eu não quis brigar, porque senão iam dar nele, né? Então eu saí e eu já tinha visado os brigadianos. Os brigadianos vieram até nós, pararam nós, só que meu amigo estava tão bêbado e começou a falar: “Vocês são uns merdas e eu vou dar em todos vocês”. Ele estava muito bêbado. Aí ele começou a provocar a polícia, então a polícia foi dar nele, e eu falei assim: “Ele está bêbado”. Então eles me deram um soco e disseram: “Não te intromete”... Bateu na cara, ficou doendo o osso da cara e daí algemaram a gente e botaram nós dois assim no carro. Não precisava dar na minha cara também. Eu só falei pra não dar nele, porque ele estava bêbado. Ele era maior de idade, não digo que ele tem esse direito, mas não estava dirigindo nem nada, não estava fazendo mal para ninguém, e ele me deu na cara. (MANO, grupo de discussão no dia 21/7/2010).

É possível observar que a gestão da população a ser governada parece combinar ações de cunho repressivo com a promoção de atividades de cunho esportivo, de lazer e culturais, tendo em vista que os jovens afetados pela violência policial são os mesmos atingidos pelo Estado através do esporte e do lazer. Assim, a polícia acaba emergindo como um ator social relevante na política pública de segurança, em que vigiar e punir os corpos que não estão incluídos na lógica estabelecida pela produção discursiva parece inerente ao atual estado das coisas.

Em outro encontro, com o grupo que pratica futebol na Vila Comtel, os jovens retomaram a pauta das suas relações com a polícia, que afetam seu cotidiano no bairro, de modo especial na vila que habitam:

Tá ligado? Nós vinha vindo do serviço e nós passamos no [...] pra comprar umas roupas. O guri comprou um casaco preto canguru, aí nos vinha vindo subindo essa lombinha que tem aqui, e aí o Jonas pegou e botou, vinha vindo eu, ele, o negro Júlio, aí vinham os três. Então eles pegaram e nós vinha subindo e falei “Vem vindo a

viatura”. Aí o neguinho pegou e tapou, botou o canguru na cabeça assim, e polícia parou nós três e um mandou nós se encostar na cerca, abrir os braços bem, abrir bem as pernas, aí fizeram a gente tirar toda a roupa que nós tinha comprado no chão, apresentar nota, reviraram nossas panelas, que nós tinha levado comida né? E daí eles falaram que não tinham achado o meu nome. Daí eu dei os documentos e então liberaram o guri porque era de menor e o outro por causa da carteira de motorista e aí eu eles não acharam o meu nome. Claro que na minha identidade eu tenho foto quando tinha 16 anos e agora estou com 30 anos, são 14 anos de diferença. Aí eles disseram que não estava fechando, que não era o mesmo e tal e começaram a dar essa desculpa e foram me levando já pra me dar um pau. Daí, bah, eu fiquei meio assustado, e nisso passou o Elisandro, que mora aqui e eu mandei chamar a tia Rosane e os outros pessoal aqui da vila, né? Bah eu falei “não tenho bronca”, “não tenho nada”, “não tenho nada com a polícia”. Aí quando vê eles vieram e quando eles viram que vinha vindo um bandão de gente pra cima ali, eles disseram: “Não achamos o teu nome, tá tudo certinho, pode ir”. Eles são assim, se eles achar e não vão com a tua cara.
(LUÍS, grupo de discussão no dia 16/7/2010).

Vitório se manifesta:

Ou também eles fazem, ou senão eles pegam o cara, tá ligado? Que nem quando tem muito nêgo aí que já foi preso [...] acontece daí eles têm uns que já não gostam da cara do cara, pegam o cara e a primeira coisa que eles fazem não é nem perguntar o nome do cara, já perguntam “onde é que tá o bagulho guardado?”, que nem no meu caso tá ligado? Eu já fui preso⁴³, fui preso por porte de arma, tráfico, já fui preso. Então a primeira coisa que eles fazem quando me veem na rua nem é perguntar “o que tu tá fazendo aí?” É “mão na cabeça” e “onde tu tocou as drogas?” Eu já parei com isso faz um tempão, é que agora eu já fiz 18 e eu não quero ir pra cadeia.
(VITÓRIO, grupo de discussão no dia 16/7/2010).

O jovem ainda complementa sua manifestação de descontentamento ao modo como são tratados pela polícia, fazendo o relato de um incêndio que vitimou a casa de um morador da vila há alguns meses:

Quando pegou fogo numa casa ali sabe? Aqui na vila, daí os vizinhos tudo estamos ajudando a apagar, quando vê vem o caminhão de bombeiro, tinham duas casas do lado que já estavam quase pegando fogo, daí veio o caminhão do bombeiro sem água, daí nós falamos, “Bah! O que é isto aí, um caminhão de bombeiro sem água!” Então os brigadianos olharam bem assim pra mim e pro meu tio: “é vocês são chinelos tem que tá apagando de baldinho mesmo, vocês são tudo um bando de chinelo”, falaram também pros... “São tudo um bando de chinelo tem que apagar de baldinho mesmo”.
(VITÓRIO, grupo de discussão no dia 16/7/2010).

⁴³ O jovem Vitório refere-se ao regime de Internação que cumpriu como Medida Sócio-Educativa aplicada a ele. O ingresso de Vitório nas atividades do Pronasci/PELC ocorreu devido ao fato de que no período em que foi realizada a parceria entre a ONG Lar da Solidariedade e a coordenação do Pronasci/PELC para a realização de atividades de ginástica nas dependências da instituição e futebol no campinho construído no pátio da ONG, Vitório ainda cumpria Medida Sócio-Educativa, mas não mais em regime de Internação e sim de Liberdade Assistida no qual era acompanhado, auxiliado e orientado por uma das Assistentes Sociais do centro que foi designada para esta função. Vitório completou 18 anos no ano de 2010 quando já participava da atividade de futebol oferecida pelo Pronasci/PELC no campinho de chão batido pertencente à ONG Lar da Solidariedade.

Luís, que também estava presente no dia do incêndio relatado por Vitório, salienta o momento conflituoso com os servidores da polícia:

Eles até falaram “Vocês não são uma comunidade unida? Agora mostra então, vocês são um bando de chinelo, isso sim”.
(LUÍS, grupo de discussão no dia 16/7/2010).

Após escutar com atenção as colocações dos jovens acerca desses ocorridos, perguntei ao grupo: “Se vocês pudessem dar um nome para todas essas situações que estão relatando, como nomeariam?”. Vitório ergueu o braço e respondeu:

Pra isso? Um nome? Aquilo ali é uma violência que eles fazem com o cara.
(VITÓRIO, grupo de discussão no dia 16/7/2010).

As falas dos jovens nos trechos acima evidenciam, como bem salienta Foucault (1986, p. 146), que “o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história”, uma produtiva “economia” dos discursos, que inventou uma população desde sua ocupação, em abril de 1987. Se foi produzido todo um conjunto de discursos sobre o bairro Guajuviras, isso se deve ao fato de que esse fenômeno está articulado às relações de poder e desejo de dominação. Essa construção discursiva sobre o bairro parece só ter sido possível com a mídia, o “sistema de educação” (FOUCAULT, 2011) que diz respeito às instituições de socialização secundária e está também estreitamente relacionado ao desejo de ordenamento e segurança social de segmentos da sociedade. A instauração dos discursos sobre o bairro, especialmente sobre a população juvenil, produziu tensões entre jovens e servidores da instituição polícia, de modo que, na fala dos jovens, parece que a conduta dos agentes da polícia faz com que sejam vistos como “eles”, os que são diferentes de “nós”. Como salientam os jovens Luís e Vitório, “Eles são assim”, “O que eles fazem com o cara é uma violência”.

Machado e Noronha (2002, p. 88) contribuem com essa reflexão:

A violência policial contra indivíduos e grupos [...], é uma constante nas sociedades modernas e contemporâneas. Contudo sua forma varia conforme o grau de tolerância, governamental ou popular, levando a que, em certos lugares, haja mais vigilância sobre a ação policial do que em outros. Assim, se em certas cidades o civiamento de um indivíduo pertencente a um grupo étnico ou social [...] é suficiente para provocar um debate público acalorado, em outras, fatos dessa ordem ou mais graves não despertam igual interesse na mídia ou na população como um todo.

Coloco em relevo essa citação pois, nos casos expostos pelos jovens, os discursos produzidos sobre o bairro desde sua ocupação posicionaram seus habitantes em um lugar específico a ser ocupado socialmente. Ou seja, todos aqueles sujeitos que escapam ou estão fora da ordem são produzidos pela mesma produção discursiva como sujeitos a serem

investidos pelos dispositivos de segurança e participação, eventualmente castigados, pois, *a priori*, devem ter os seus fluxos e desejos governados. Nesse caso, é possível notar variações na forma de tolerâncias da conduta policial, ou seja, ela não é única e estável. No caso desses jovens, o lugar que ocupam os sujeita a vivenciarem relações mais tensas com a polícia. Como são “tudo um bando de chinelo”, conforme as falas manifestadas pelos policiais dirigidas a Vitório e a outros sujeitos que habitam a Vila Comtel, a ação violenta da polícia parece estar respaldada por toda a produção discursiva criada em torno do local, salientada no capítulo 3. Por outro lado, há uma ausência de resistência por parte desses jovens ao que estão expostos, na medida em que não é possível identificar uma ação subversiva efetiva que neutralize os atos violentos que são submetidos.

Diante disso, os objetivos estão sendo cumpridos em certa medida pelos meios que colocam novamente em evidência a noção de poder proposta por Foucault (2008a), na medida em que essa situação “atua ‘carregada’ ou ‘suportada’ por saberes, o poder é convincente e solicita o reconhecimento do outro” (VEIGA-NETO, 2009, p. 30). Desse modo, a violência policial infligida aos mesmos jovens que praticam esportes oferecidos pela política pública “tende à saturação e se apresenta com (quase) nenhuma justificativa para quem a sofre; ela gera sempre resistência e, bem por isso, é menos econômica do que o poder” (VEIGA-NETO, 2009, p. 30). Nos casos apresentados nesta seção, a resistência parece estar ausente, cedendo espaço a contestações e a descontentamentos. Ainda que relevantes para proporcionar questionamentos, parecem não ser suficientes para reverter as situações a que estão expostos no cotidiano.

9 “AQUI É UM LUGAR BOM”, MAS “O GUAJÚ TÁ FICANDO SINISTRO”: AS IMPOSIÇÕES DA SOCIEDADE DE CONTROLE E AS RESISTÊNCIAS

9.1 As rasuras no discurso hegemônico: a construção social de outras realidades

Até quando o cara vai fazer uma festa na sexta-feira, muita gente não gosta de entrar aqui pra Comtel, ali em cima até tudo bem, mas eles acham aqui em baixo é muito, “Ah que lá embaixo é perigoso...”. Fazer um torneozinho assim de futebol para os outros de fora ver que não é bem assim, eles tem até medo de vim jogar futebol... Ah, para eles ver que não é assim... O bagulho é todo mundo é igual.
(VITÓRIO, grupo de discussão no dia 16/7/2010).

Eu acho assim... que todo mundo tem uma opinião, todo mundo acha que a Comtel... “Os guris da Comtel não dá para ir jogar lá, porque os guris vão querer dar em nós, que eles estão lá na Comtel”. Aí eu já falei para eles ver que não é bem assim, que aqui nós não somos muito de estar... Brigamos entre nós, quando os nêgos estão errados, aí nós sempre estamos brigando entre nós, mas aí os outros acham “Ah se nós formos lá os caras vão brigar com nós, vão dar em nós, estão lá dentro da vila deles, vão pegar arma e dar tiro em nós”. Que nem eu já falei, tem que fazer um torneio aqui, convidar os times do PELC, para eles verem que não é bem assim aqui dentro da vila, para eles ver que é outro bagulho.
(VITÓRIO, grupo de discussão no dia 23/7/2010).

Como temos visto até agora, a luta da sociedade em controlar os corpos e as mentes parece ganhar seu ápice na sociedade de controle, a partir de uma produção discursiva que criou um conjunto de categorias que definiram o sujeito criminoso, de modo a justificar sua inclusão em instituições especializadas que buscaram “extrair uma verdade sobre ele, do tipo científico com as ciências humanas, e especialmente as ciências com radical *psico*, mas também por certo saber jurídico e pela acentuada medicalização que vimos experimentando em nossa sociedade” (ARAÚJO, 2008, p. 118). Assim, as ciências humanas provieram de certas práticas disciplinares, requisitadas pela nova forma de investimento sobre a vida, produzindo saberes e discursos em uma sociedade que importava “menos o que o criminoso fez do que o perigo que representa para toda a sociedade, por isso ele precisa ser examinado e corrigido” (ibidem, p. 120) em instituições de disciplinamento e docilização dos corpos, no sentido foucaultiano, e apontadas por Berger e Luckmann (2010) como instituições de “socialização primária” e “socialização secundária”.

Na atual sociedade, tais produções discursivas não atingem mais o sujeito individual, contudo passaram a atingir e a categorizar certas populações ou grupos, produzindo certo consenso sobre a necessidade da implantação de políticas públicas para o governo dessas populações. No Brasil, as periferias têm sido identificadas como uma população de vulneráveis a ser governada, posicionada em uma subcategoria em que os sujeitos são tomados como potenciais criminosos.

No caso dos jovens do Guajuviras, é possível observar, nos excertos do início desta seção, que existiram e existem condições e delimitações que os colocam em uma posição de sujeitos que produzem riscos, categorizados como *eles*, os indesejáveis, os perigosos (BAUMAN, 2000, 2001, 2003), ou em situação de risco. Muitas vezes, os próprios sujeitos não reconhecem e não representam a si mesmos e ao lugar que habitam como vulnerável ou perigoso. Suas reações deixam evidente não só a tentativa de ressignificar a imagem da Vila Comtel como também de se autovalorizarem, na medida em que tentam derrubar barreiras e desconstruir essa invenção de uma população perigosa, sugerindo que outros grupos de jovens que atuam nos demais núcleos de esporte e lazer do Pronasci/PELC se desloquem para a vila ao encontro de sua turma, para “um torneozinho de futebol”. Seria uma possibilidade de sociabilidades com outros grupos, tornando-os influentes e visíveis, fazendo com que a Comtel tenha seu nome difundido positivamente, “para os outros de fora ver que não é bem assim”, que “aqui dentro da vila é outro bagulho”.

Uma palavra muito manifestada nos grupos de discussão foi “união”. Chamou-me atenção que essa palavra esteve muito presente, de modo especial, quando falavam de suas relações com a polícia. Foi possível observar como os jovens lidam e problematizam as representações sobre si e sobre o lugar que habitam.

Aqui [Vila Comtel] todo mundo se ajuda, no caso aqui, que nem aquelas ali, quando desmanchou a casinha dela, que ela ganhou uma casa aqui na associação. A associação deu a casa, mas não a mão de obra, e todo mundo aqui ajudou.
(LUÍS, grupo de discussão no dia 16/7/2010).

“Ajudou a melhorar a casa?”, perguntei a Luís. Ele respondeu:

Eu, aqui, aqui, todo mundo fizemos a casa dela. Aquele dia que pegou fogo na casa lá... é todo mundo ajudou a apagar.
(LUÍS, grupo de discussão no dia 16/7/2010).

Vitório também comenta sobre a solidariedade dos sujeitos que estavam presentes no dia do incêndio que vitimou a casa de um dos moradores:

Todo mundo... no dia que pegou fogo na casa, todo mundo ajudou e o cara perdeu tudo. Todo mundo ajudando, roupa, comida, móveis pra ele...[...] Ah, ajudamos, ajudamos ele a limpar o pátio pra construir outra casa, que tenho nenê, um pouco fazia a casa dele, todo mundo ajudou, todo mundo. Vinha nêgo até de fora para ajudar aí, todo mundo.
(VITÓRIO, grupo de discussão no dia 16/7/2010).

Luís coloca em relevo que o fenômeno da união e da solidariedade com os outros habitantes da vila também se manifesta quando ocorre violência policial no local:

Quando a polícia vem, entra aí na vila, pega alguém e começa a bater, muita gente se aglomera assim, tem muita gente de tudo quanto é lado, às vezes até de fora da vila vem e daí ficam olhando assim, e eles já não batem mais. [...] Por isso que eu digo, aqui o povo é unido aqui, porque quer ver, ó. Eu não estou trabalhando, eu não estou ganhando dinheiro. Se eu chegar na casa dele, eu tenho tudo. Se eu chegar na casa da avó dela, chegar na casa de qualquer um desses gurus, sou bem atendido.
(LUÍS, grupo de discussão no dia 16/7/2010).

Edson corrobora com as colocações de Luís, salientando:

É que nem assim ó, às vezes tu não tem dinheiro pra comprar uma carne, então tu pede pra um vizinho emprestado, e eles emprestam...
(EDSON, grupo de discussão no dia 16/7/2010).

Luís complementa:

Por isso que eu digo que aqui é um lugar de união. Eu pra mim eu não saio daqui, vou ficar um bom tempo aí.
(LUÍS, grupo de discussão no dia 16/7/2010).

Os discursos produzidos pelos jovens nos excertos acima podem ser compreendidos como resposta, como reação, uma espécie de contradiscurso à classificação e à subcategorização a que estão posicionados e expostos, nos quais os jovens ressaltam as positivities exercidas, no caso, na Vila Comtel. A ênfase na “união”, entre as formas de sociabilidades na vila, expressa o sentimento contestatório aos discursos que são interpelados, ou seja, discursos que criaram e fixaram identidades aos jovens e à vila.

Foucault (1986, p. 56) chama a atenção para o discurso científico, referindo-se ao conjunto de saberes e práticas “que sistematicamente formam os objetos de que falam”. Essa citação parece pertinente, visto que um discurso dá certa legitimidade às pretensões, aos objetivos e ao modo como o Estado estabelece o seu público-alvo para a implementação de certas ações. Essa situação fica evidente quando os jovens relatam que “todo mundo acha que os gurus da Comtel não dá para ir jogar lá”, “porque os gurus vão querer dar em nós”, “que lá embaixo (na Comtel) é perigoso”.

Em uma sociedade como a nossa, que tipo de poder é capaz de produzir discursos de verdade dotados de efeitos tão poderosos? Quero dizer que em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funciona dentro e a partir desta dupla exigência. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade.
(FOUCAULT, 2008a, p. 179).

Foucault aponta para a superação dos enunciados que submetem, classificam e hierarquizam os sujeitos, através de um dispositivo de igual tamanho e força. Nesse sentido, quando os jovens manifestam a “união” como importante forma de sociabilidade, eles passam a acessar, positivar e formular novos discursos verdadeiros, que buscam escapar aos discursos que produziram os “cortes” sociais nos quais foram submetidos “à verdade também no sentido em que ela é lei e produz o discurso verdadeiro que decide, transmite e reproduz, ao menos em parte, efeitos de poder” (FOUCAULT, 2008a, p. 180).

Sim, todo mundo só fala que o Guajuviras é só violência, mas não existe isso, nós também ajudamos um ao outro, por mais que a gente esteja passando dificuldades, a gente não consegue ver um amigo assim passando necessidade e não ajudar. (MANO, grupo de discussão no dia 21/7/2010).

Daiane salienta:

Eu acho que não, acho que é diferente porque são os que dividem mais, são mais solidários, são os de dentro de vila e não assim os da avenida (Avenida Principal ou 17 de Abril). Acho que são muito mais solidários. [...] Com licença, eu moro na Comtel, tá?
(DAIANE, grupo de discussão no dia 21/7/2010).

“Vamos ver se entendi. Tu quer dizer que quem mora na Comtel tem mais necessidades e por isso se ajuda mais?”, perguntei a Daiane. A jovem responde:

É isso aí, é mais unido.
(DAIANE, grupo de discussão no dia 21/7/2010).

Esse conjunto de fatores que os afetam parece instigar os laços solidários, em que a “união” consiste na forma de sociabilidade fundamental para a tentativa de subversão à “realidade construída socialmente” (BERGER; LUCKMANN, 2010). A solidariedade surge como forma de garantir a refeição do dia, para a construção e melhorias das moradias ou para o enfrentamento de outras situações compreendidas como geradoras de dificuldades, como as relações com a polícia. Diante disso, ser “mais unido”, como salientado pelos jovens no grupo de discussão, parece uma valorosa manifestação de resistência para a condução de suas vidas na coletividade, o que põe em evidência espécies de microações coletivas, tão significativas para a construção de suas realidades no cotidiano.

9.2 O (des)governo: caminhos existenciais alternativos como focos de resistência

Hoje cheguei ao bairro Guajuviras por volta de 15h. Na Avenida Principal, em frente ao posto policial e à Praça da Brigada, ocorria uma *blitz* policial, algo já recorrente no local.

Muitos policiais militares, armados de fuzis, pistolas, com coletes à prova de bala, abordavam motoristas que passavam com seus automóveis na avenida. Ninguém cruzava a Avenida Principal sem antes passar pela revista policial. A abordagem era ríspida e intimidava as pessoas. Alguns pedestres, que passavam pelo local ou estavam no ponto de ônibus próximo, comentavam sobre a abordagem que estava sendo realizada pelos policiais. Alguns manifestavam descontentamento pelo modo ríspido e outros dirigiam palavras de apoio à situação. Saindo dali, fui ao meu destino, que era acompanhar as atividades de futebol na Praça Ildo Meneghetti, pertencente a um dos núcleos de esporte e lazer do Pronasci/PELC. Chegando lá, por volta de 16h10min, estavam em atividade no campinho da praça 12 jovens e a bolsista que orientava o jogo de futebol. Dirigi-me até o centro do campinho, cumprimentei a bolsista e os jovens, que responderam da mesma forma. Nas ruas que ficam no entorno da praça, uma viatura da Brigada Militar passava a todo instante, com dois policiais vigiando o grupo de jovens que se encontrava ali jogando futebol e os demais que assistiam.

Também há um grupo que está inscrito para atuar no futebol da praça, mas nunca joga. Hoje, como na maioria das vezes, o grupo se encontrava sentado no entorno do campinho, conversando e com alguns jovens fumando maconha. Então fui ao encontro deles, cumprimentei a todos e me sentei com eles na beira do campinho. Eles davam muitas gargalhadas de jogadas mal executadas, dizendo “olha só que perna de pau”, “larga que tu é muito ruim”, e rindo de quedas que por vezes ocorriam dentro do jogo. Em tom de brincadeira, perguntei para Nathan se eles iriam deixar a preguiça de lado e se inserir ao grupo que estava jogando ou se continuariam ali, sacaneando a galera que jogava. Nathan, assim como os demais, no primeiro momento só gargalhou, mas logo respondeu: “Não era, esse joguinho não era. Eu estava jogando um pouco antes de tu chegar, mas eu cansei... Está mais divertido aqui”.

Parte desses jovens chega alguns minutos antes do horário de início, acomoda-se na miniarquibancada de concreto da praça e compartilha cigarros de maconha, aguardando o início da atividade. Isso tem sido prática comum entre alguns jovens, assim como a cada intervalo entre um jogo e outro esse grupo compartilha cigarros de maconha. É interessante observar que esses jovens citados, que consomem maconha antes e durante as atividades orientadas de futebol, são os mais assíduos e participativos em comparação aos demais jovens dessa atividade.

É possível verificar que, por mais que haja um investimento institucional, deslocando bolsistas, coordenador de núcleo e disponibilizando o material esportivo necessário para o desenvolvimento das atividades, a resistência apresenta-se como uma válvula de escape, como

insubordinação. Desde dezembro de 2009, quando as atividades de futebol se iniciaram na praça, esses jovens num primeiro momento se inscreveram, mas se negam a participar das atividades orientadas, preferindo ficar no entorno do campinho, assistindo, interagindo, alguns consumindo maconha, porque é “mais divertido aqui” do que ficar submetido a atividades orientadas. A evasão também é recorrente, na medida em que ficam alguns dias sem frequentar a praça, depois retornam ao local tendo como principal objetivo encontrar seus amigos e conhecidos do bairro.

Ao lado do poder, há sempre a potência. Ao lado da dominação, há sempre a insubordinação. E trata-se de cavar, de continuar a cavar, a partir do ponto mais baixo: este ponto [...] é simplesmente lá onde as pessoas sofrem, ali onde elas são as mais pobres e as mais exploradas; ali onde as linguagens e os sentidos estão mais separados de qualquer poder de ação e onde, no entanto, ele existe: pois tudo isso é a vida e não a morte. (NEGRI, 2001, p. 54).

Esses fatos podem ser entendidos como pontos de resistência à tentativa de dominação que estão sujeitos. Isso posto, é lícito afirmar que tais dinâmicas que estão ocorrendo na praça dizem respeito a rupturas e à insubordinação com o estabelecido, levando à consideração outros modos de ser, outras formas de existência, outras maneiras de se significar no mundo. Os fenômenos observados e citados também não revelam uma associação que permita dizer que o contato com drogas seja determinante na prática de lazer desportivo. Esse resultado vai de encontro àquelas afirmações expressas em alguns projetos sociais de conteúdo esportivo e de lazer governamentais e não governamentais, de que o esporte tende a afastar os jovens do contato com drogas, corroborando com um dos estudos realizados pelo grupo de pesquisa NUPÉ da Cidade, em 2005 e 2006, o *Mapa do lazer juvenil da cidade de Canoas/RS*, que identificou que os jovens que consumiam ou já tiveram contato com drogas eram mais adeptos às práticas de esporte e lazer do que os que nunca tiveram contato com drogas (MANDARINO; ROSA, 2007).

Dando continuidade ao relato, fiquei sentado com o grupo na beira do campinho, conversando, e minutos depois Nathan puxou meu casaco e disse, apontando para um poste de iluminação que fica localizado quase em frente à praça: “Olha ali professor, tu já viu aquilo?!”. “O quê?”, perguntei a ele. “A câmera que colocaram ali. Bah, colocaram bem de frente pra praça. Vão colocar até detector de tiro. O Guajú tá ficando sinistro”, disse Nathan. Só após ele ter me chamado a atenção, que percebi que a câmera estava posicionada exatamente de frente para a praça onde ocorrem as atividades do Pronasci/PELC. Então continuamos conversando mais sobre o assunto, e Nathan me relatou como se deu a instalação da câmera de segurança no local. Disse ele: “Agora tá sinistro, o Guajú tá cheio de câmera. Tu

tinha que ver no dia que instalaram essa câmera aí, foi na segunda feira de tarde. Só para colocar aquela porra ali tinha um batalhão de polícia e guarda municipal aqui, eu nunca vi tanta polícia. Os caras chegavam a se revezar... Tinha até uma pick up aqui, uma hora, e depois eles trocaram por um corsinha. Tinha tanto polícia que eu acho que até quem não era polícia botou uma farda para fazer guarda aqui. Os caras ficam colocando câmera, vão colocar detector de tiros, nem precisava isso, até a polícia que nunca entrava na vila [São João] agora está entrando toda hora. Ao invés deles gastarem um monte fazendo isso, eles poderiam arrumar a vila lá, que está precisando, colocar um asfalto, a vila lá precisa de um montão de coisas. Isso aí não precisa. Mas não dá nada, a maconha vai continuar liberada aqui na praça [risos]”. E enquanto conversávamos, alguns dos jovens que ali se encontravam, pouco se importando com a câmera, consumiam maconha, assistiam ao grupo que jogava no campinho e lançavam anedotas quando ocorriam erros e quedas no jogo.

Segundo esse jovem, os dispositivos de vigilância e controle a que estão submetidos são inválidos, na medida em que o rapaz contesta o uso dos recursos em mecanismos de segurança em vez de proporcionar investimentos em infraestrutura no local – ou seja, ocorre uma disjunção entre os objetivos da política de segurança e o pensamento do jovem. Enquanto o primeiro investe na vigilância e no controle das condutas em nome da prevenção de eventuais riscos, o outro reivindica melhorias no lugar onde vive.

Pensar é, primeiramente, ver e falar, mas com a condição de que o olho não permaneça nas coisas e se eleve até as “visibilidades” [...]. Além disso, pensar é poder, isto é, estender relações de força, com a condição de compreender que as relações de força não se reduzem à violência, mas constituem ações sobre ações, ou seja atos, tais como “incitar, induzir, desviar, facilitar ou dificultar, ampliar ou limitar, torna mais ou menos provável... “É o pensamento como estratégia” (DELEUZE, 2006, p. 119).

Essa citação é pertinente na medida em que o jovem, ao observar esse aparato de dispositivos de controle à sua volta, questiona tal investimento no lugar de oferecer melhorias no lugar onde vive. A resposta é a ironia à câmera de videomonitoramento e à polícia que os vigia, quando alguns jovens do grupo consomem maconha logo em frente aos aparelhos. É o foco de resistência ao controle contínuo.

Já no campinho, onde ocorria o jogo de futebol, significativa parcela dos jovens jogava descalça, vestindo bonés e bermuda jeans. Faço este registro porque a orientação que o grupo tem é de que, quando estiverem em atividade, todos devem vestir tênis, calção e, principalmente, a camiseta do programa, para dar maior visibilidade e identificar que as atividades no local estão sendo desenvolvidas por essa política pública. Hoje, como sempre, o grupo não estava com a vestimenta considerada *adequada*. A única coisa que vestiam eram os

coletes com o logotipo do PELC, para identificar os integrantes das duas equipes que se enfrentavam.

Por volta de 16h40min, após o apito da bolsista para o intervalo, o grupo decidiu que não jogaria mais e que iria embora mais cedo. A estagiária, um pouco sem saber o que fazer, disse que o horário era até as 17h. Marcito, sorrindo ironicamente, respondeu: “Já era professora. Não queremos mais, a galera tá cansada”. A bolsista ainda solicitou ao grupo que aguardassem pelo menos mais alguns minutos, para realizar o alongamento final e alguns diziam: “Não, já era. Até a semana que vem, nós temos que dar outra volta agora”. Deixaram os coletes no centro do campinho e foram embora.

Fazendo uma análise dessa ocorrência, podemos pensar na questão do arbítrio, que é uma palavra importante em nossas análises sobre as atividades de ocupação do tempo livre. Enquanto se busca a manutenção da ocupação dos sujeitos em determinados eventos, manifesta-se a resistência, pois onde há poder há resistência, e tentativas nesse sentido podem ser realizadas de múltiplas formas; há inúmeras alternativas de resistência e o arbítrio se caracteriza como uma delas. O sujeito de uma determinada cultura escolhe a atividade de que vai participar ou não, escolhe o que vestir, ou se vai ou não vestir. Isso também coincide com o que Candioto (2010a) chamou de “(des)governo”:

Significa que diante das diversas tentativas de governo político da vida humana nas sociedades ocidentais modernas e contemporâneas, sempre tem sido possível empreender resistências ao modo de um não deixar-se governar desse modo, por estas instituições e assim por diante. Esse desgoverno da vida implica deixar de viver a partir dos parâmetros que as biopolíticas nos seus desdobramentos [...] nos estimulam a seguir a fim de propor outras maneiras de viver, que não deixam de ser, mesmo assim, relações de governo. Mas nesse caso é o governo de si mesmo que se impõe diante do governo dos outros. (p. 46).

Manifestações contrárias ou focos de (des)governo também puderam ser identificadas entre os jovens do grupo de teatro. Em meados de julho de 2010, uma situação protagonizada pelos jovens do teatro começou a despertar minha atenção. O grupo, muito assíduo, que sempre se fazia presente nas oficinas desenvolvidas nas terças e nas quintas-feiras à noite, na escola Carlos Drummond de Andrade, de forma inesperada começou a se ausentar das atividades. A média de 15 a 20 jovens que ia às aulas começou a ceder espaço para uma média de quatro ou três pessoas. Houve dias em que apareceu apenas o jovem Nando, que estudava na escola no turno da noite. Após algumas semanas, em um final de semana, busquei em meus registros os telefones dos jovens e liguei para todos, solicitando suas presenças na terça próxima, a fim de dar continuidade às oficinas conduzidas pela estagiária Luciana Brito.

Na terça-feira, quase todos os jovens estavam presentes. Luciana deu continuidade ao esquete teatral que estava construindo com o grupo. Solicitei a ela o encerramento da atividade por volta de 15 minutos mais cedo, a fim de conversar com os participantes sobre os motivos da evasão nas últimas semanas. Encerrada a oficina, sentamos todos em círculo, os jovens, a estagiária Luciana e eu. Após meu questionamento, o primeiro a se manifestar foi o jovem Dinho, a referência do grupo. “Ah, eu estou cansado professor”, disse ele, seguido de Cristina, que também comentou: “Eu também estou um pouco cansada, por isso que não estou vindo em todas as aulas”. Já o jovem Hector foi o primeiro a manifestar com mais clareza o que eu já estava suspeitando: “É muita apresentação, professor”. Nando, em suas colocações, foi o que manifestou certa indignação ao modo como as atividades de teatro e dança estavam sendo conduzidas. “É, professor, é muita apresentação, sempre estão pedindo para nós que se apresente em algum evento, quando a gente está começando a treinar uma peça de teatro ou uma coreografia de dança já pedem apresentação, e a gente nunca termina... A galera está ficando cansada...”, desabafou. Ele ainda complementou: “Eu não vou mais me apresentar”. “A gente não quer mais se apresentar, nós queremos ficar aqui ensaiando com a professora Luciana, com tempo para preparar uma coisa legal, e aí sim, no final do ano apresentar alguma coisa que a gente teve tempo para ensaiar”, disse Dinho. “Eu sei que a intenção da professora de dança, por exemplo, é dar aula de dança, a intenção dela é ensinar a dançar, mas acho que a intenção do projeto é apresentar o trabalho”, salientou o jovem John. Ele ainda acrescentou: “A minha intenção é, tipo, vamos dizer que eu queria que fosse uma aula mesmo, entendeu? Eu também, eu tenho pouco tempo para isso, é só duas vezes por semana, mas tinha que ser um negócio tipo uma aula de verdade, como escola, que fosse uma vez por ano, que nem tu se formar na formatura, seria aquela festa toda, entendeu? Daí aquilo seria bem, é que nem tu estudar pra passar de ano”.

É possível observar, com as colocações acima, que os eventos e suas apresentações não são exatamente algo aceito. O fato de ainda não existir um espetáculo pronto, de estarem fazendo esquetes e pequenas montagens em pouco tempo, além de estarem ensaiando em uma sala de aula, onde não dispõem das condições necessárias, sem um figurino etc. foi provocando reações por parte dos jovens, que passaram a reivindicar disponibilidade de tempo para a preparação de um espetáculo trabalhado nos detalhes e com qualidade. Após ouvir as colocações do grupo, manifestamos concordância e apoio, e garantimos que os jovens poderiam frequentar as aulas tanto de teatro quanto de dança e que, a partir desse dia, eventuais apresentações só seriam realizadas quando os próprios jovens manifestassem desejo e entendessem que estariam preparados.

Desde então, o grupo de teatro deixou de se fazer presente em eventos promovidos pelas secretarias de Segurança Pública e Esporte e Lazer, restringindo suas atividades no núcleo de esporte e lazer. Aliado a isso, especialmente a estagiária Luciana passou a ter sua competência colocada em dúvida pela coordenadora-geral do Pronasci/PELC do bairro Guajuviras e pela gerência, visto que a cobrança consistia em que a estagiária deveria obter controle absoluto sobre os jovens e que a decisão pelas apresentações artísticas não cabia aos jovens e, sim, à coordenação e aos estagiários.

Esses fatos colocam em evidência o quanto os jovens são centrais nesses dispositivos de segurança e participação, que os posicionam como sujeitos fundamentais para o bom funcionamento da sociedade de controle. As formas como esses jovens significam suas vidas podem se constituir como manifestações de linhas de fuga, ao ponto de provocarem abalos na estrutura de condução das condutas. As reações dos jovens às tentativas da política pública de submetê-los às políticas de eventos que relatei podem ser consideradas como focos de resistência às formas de controle dos seus gostos e interesses, pois, “no centro da relação de poder, provocando-a incessantemente, encontra-se a recalcitrância do querer e a intransigência da liberdade” (FOUCAULT, 1995, p. 245). Nas colocações de Deleuze,

[...] uma sociedade nos parece definir-se menos por suas contradições que por suas linhas de fuga, ela foge por todos os lados, e é muito interessante tentar acompanhar em tal ou qual momento as linhas de fuga que nos delinham. Seja o exemplo da Europa hoje: os políticos ocidentais tiveram muito trabalho para construí-la, [...]. Mas a surpresa pode vir por parte das explosões entre os jovens, as mulheres, em função da simples ampliação dos limites [...]; por outro lado, é engraçado pensar que esta Europa já está completamente ultrapassada antes mesmo de ter começado, ultrapassada pelos movimentos que vêm do Leste. São linhas de fuga sérias. (2006, p. 212).

Diante de todas as observações salientadas, resultados dos contatos empíricos lá onde acontecem as atividades de esporte e lazer do Pronasci/PELC, finalizo esta seção, cujo ponto de partida consistiu em inquietação da produção discursiva, em certa medida legitimada e veiculada pelo Estado através da política de segurança pública que acaba ofuscando as múltiplas sociabilidades manifestadas no bairro, onde são produzidas formas de vida, linhas de fuga, em suma, focos de resistências que escapam aos roteiros desejados. Esses fenômenos sociais, que fogem a “todos os procedimentos políticos atuantes nas diferentes práticas sociais que pretendem nos fixar uma identidade” (CANDIOTTO, 2010b, p. 12) e controlar as condutas, parecem possuir como efeito a sobreposição de uma nova qualificação da vida, “distante de sua modulação governamentalizada e mimeticamente colonizadora da vida interior” (ibidem, p. 12). Todos esses exemplos citados parecem explicitar como, a partir de um conjunto de dispositivos de segurança e participação, estão sendo construídas visões,

sentidos, significados e manifestações dos grupos de jovens acerca do controle e da vigilância a que estão submetidos.

9.3 Os aparelhos tecnológicos “*sinistros*” de vigilância e monitoramento

Como já abordado de modo introdutório na seção anterior, os aparelhos tecnológicos de vigilância e monitoramento estão inquietando os jovens, de certo modo. Coloco em destaque, nesta seção, os discursos produzidos pelos jovens em relação a outras duas ações que fazem parte dos dispositivos de segurança e participação do Pronasci, a fim de transformar o bairro Guajuviras no Território de Paz: as câmeras de vigilância e o sistema de detecção de disparos de armas de fogo. Por meio dessas tecnologias, objetiva-se o controle dos territórios tidos como locais de potenciais infrações, crimes e pequenas incivildades urbanas, inibindo e suplantando o sentimento dos habitantes de estar sob constante vigilância. No caso do Guajuviras, tais tecnologias estão em pleno funcionamento desde a seleção do bairro como Território de Paz. A lógica desses aparelhos, em certo ponto, consiste em atuar na ausência física do vigia (figura por excelência da sociedade disciplinar), de modo que a relação se desloca para a vigilância e o controle à distância, ou seja, de forma virtual. São dispositivos que parecem buscar anular as ações dos sujeitos de modo contínuo, típico do programa da sociedade de controle, que atua de forma dispersa, difusa e ao ar livre.

O sistema de detecção de disparos de arma de fogo, por exemplo, conhecido também como *Shotspotter*, é um equipamento produzido por uma empresa norte-americana que funciona através da instalação de sensores nas vias públicas, que captam os ruídos no ambiente e identificam barulhos de cunho explosivo, caso tenham partido de uma arma de fogo. Quando comprovada a hipótese dos disparos por armas de fogo, uma gravação que dura cerca de 10 segundos, os dados são enviados a uma central de monitoramento, indicando o local onde foram efetivados os disparos. O sistema foi instalado meses após o evento de lançamento do Território de Paz no bairro. Já as câmeras de vigilância foram instaladas ao longo da Avenida Principal e em algumas vilas do bairro. A instalação desses dispositivos de controle social tem suscitado debates e manifestações por parte dos jovens habitantes do bairro. Em um dos encontros para o grupo de discussão com os praticantes de futebol da Vila Comtel, os jovens opinaram sobre as câmeras de vigilância instaladas no bairro, de modo especial a que foi instalada no centro da vila.

“O que vocês acham desse negócio de ter câmeras nos lugares?”, indaguei ao grupo.

Ah, por um lado é bom, mas por outro também, sei lá... É meio estranho.
(EDSON, grupo de discussão no dia 16/6/2010).

Luís fala:

Pra mim, não me atrapalha, né? Eu não devo nada, não tenho que andar de cabeça baixa pra ninguém.
(LUÍS, grupo de discussão no dia 16/6/2010).

“Qual é o lado bom, Edson?”, perguntei ao jovem:

Sei lá, o lado bom assim, é que sei lá, eles estão vendo o que a gente está fazendo entendeu? Que nem a gente ali, quase sempre assim, sempre quando eu não trabalho, assim, os guris me chamam pra jogar um futebol, a semana toda assim a gente joga futebol de tarde no campo, e eles estão vendo pela filmadora que a gente está jogando futebol nosso [...] A gente não está fazendo nada de errado, não está roubando, traficando, essas coisas assim. Eles ficam vendo o que a gente está fazendo, esse é o lado bom.
(EDSON, grupo de discussão no dia 16/6/2010).

“E o lado ruim?”, questioneei:

É que o cara entra e é filmado, ficam olhando o cara.
(VITÓRIO, grupo de discussão no dia 16/6/2010).

Edson complementa:

Sempre sendo filmado, isso aí eles roubam um pouco da privacidade da gente, aqui no caso aonde eles devem morar, assim, não deve ter câmera.
(EDSON, grupo de discussão no dia 16/6/2010).

Uma prática discursiva, diz Foucault (1986, p. 220), “toma corpo em técnicas e efeitos”. E, como se trata de um construto social, pode-se apontar que suas produções, “em que estão investidos os enunciados, constituem-se ou mesmo se modificam exatamente através da ação desses mesmos enunciados” (FISCHER, 2001, p. 217). Diante disso, é possível observar nas colocações dos jovens que os enunciados postos, “por mais que se esforcem para não ser a própria trama do texto, não são, por natureza, estranhas ao discurso” (FOUCAULT, 1986, p. 84). Na fala de Edson, há certa aprovação às câmeras de vigilância instaladas na vila, na medida em que proporcionam a visualização das atividades que realizam com frequência no seu cotidiano; logo, no seu entendimento, as câmeras vão captar formas de sociabilidades protagonizadas por eles. Ou seja, no ponto de vista de Edson as câmeras podem trazer contribuições. O interessante nessa fala é que seu discurso parece estar conectado ao discurso que justificou a instalação das câmeras de vigilância no local, visto que a produtividade dos discursos possui caráter tão significativo que sua dinâmica fabrica sujeitos que “são efeitos de discursos, e esses efeitos [são] produzidos no interior de inúmeras e bem

concretas relações institucionais, sociais e econômicas” (FISCHER, 2001, p. 218). Contudo os jovens entendem que as câmeras também violam suas liberdades, cerceiam suas privacidades, visto que a instalação desses equipamentos não é fruto de suas escolhas. Isso fica evidente quando Edson aponta que “eles roubam um pouco da privacidade da gente aqui” e questiona, quando fala que “aonde eles devem morar, assim, não deve ter câmera”.

Nesse sentido, o discurso dos jovens parece dizer respeito ao lugar social dado a esses sujeitos, no qual

[...] se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito. (FOUCAULT, 2008a, p. 22).

A aprovação parcial das câmeras de vigilância aproxima-se da suplantação do sentimento do “outro generalizado” (BERGER; LUCKMANN, 2010), típico do processo de socialização primária, sentimento que se caracteriza pelo elemento da organização individual. Ainda que a instalação dessas câmeras de vigilância ou “sinistras”, como foi salientado pelo jovem Nathan, não sejam fruto de suas escolhas, há certa legitimidade promovida pelos próprios jovens, na tentativa de contraponto ao que está posto, afetada pelo próprio discurso hegemônico que os colocou na condição de sujeitos a serem vigiados e controlados.

“Tu moras aqui na Comtel, faz tempo ou não?”, perguntei a Marquinhos:

Uns dois anos.
(MARQUINHOS, grupo de discussão no dia 16/6/2010).

“Tu gostas daqui?”, questionei:

Gosto.
(MARQUINHOS, grupo de discussão no dia 16/6/2010).

“E os outros, o que é que acham de morar na Comtel?”

Ah, no começo é meio estranho, mas agora...
(EDSON, grupo de discussão no dia 16/6/2010).

“O que é estranho, Edson? Vamos ver...”

O bagulho é estranho também pro cara andar de noite na rua, assim... Não é nem tanto por causa dos outros, é por causa...
(VITÓRIO, grupo de discussão no dia 16/6/2010).

Edson faz a intervenção e completa a fala de Vitória:

Por causa da polícia, pega o cara espanca o cara na rua... [Risos]
(EDSON, grupo de discussão no dia 16/6/2010).

Vitório afirma:

É deles mesmo, é porque eles acham que o cara mora aqui na Comtel, que aqui todo mundo é bandido e traficante.
(VITÓRIO, grupo de discussão no dia 16/6/2010).

Luís, que até então observava as colocações dos demais, acrescentou:

É, como nós somos bem conhecidos aqui dentro, o Vitório, os guris aqui, nós estamos sempre jogando bola no campo, coisa assim, né? Quanto eu estou de folga, não estou trabalhando... Se eles pegam nós tudo junto, aí já era.
(LUÍS, grupo de discussão no dia 16/6/2010).

Diante de toda a conflituosa relação com a polícia, que nos seus entendimentos está em certo ponto relacionada com a imagem criada em torno da vila, Vitório identifica algo positivo nas câmeras de vigilância, no sentido de coibição da violência policial. Na sua fala:

Agora eles deram uma paradinha de pegar nós por causa da câmera. [...] Eles botaram uma câmera, eles veem que nós estamos sempre no campo, quando não é no campo é aqui, quando não é jogando bola aqui é lá com o Marco Antônio [na Associação Comunitária 4 de Julho, onde funciona uma das atividades de futebol do Pronasci/PELC, pertencente ao núcleo Guajuviras, coordenado pelo ex-jogador de futebol Marco Antônio].
(VITÓRIO, grupo de discussão no dia 16/6/2010).

Contudo, ainda que Edson, em fala anterior, também tenha apontado alguma positividade com a instalação das câmeras de vigilância, acaba problematizando quanto ao modo como esse dispositivo passou a fazer parte de seu cotidiano:

Tipo assim, onde a polícia mora, onde os brigadianos moram, onde o prefeito mora, onde eles moram, assim, não deve ter câmera porque vai tirar a privacidade deles.
(EDSON, grupo de discussão no dia 16/6/2010).

Luís corrobora com as colocações de Edson e salienta:

Mas é assim ó, que nem, tem gente que tem bastante dinheiro e gosta de câmera pra cuidar assim, que se não vão roubar, roubar a casa deles, matar eles, essas coisas. Mas neste caso, são eles que estão querendo entendeu? Eles estão querendo. Eles que estão querendo roubar assim a própria privacidade. Por mais que a gente não deve nada, entendeu?
(LUÍS, grupo de discussão no dia 16/6/2010).

Edson e Vitório manifestam certo incômodo quanto às suas sociabilidades, que estão sendo afetadas pela instalação das câmeras. Diz Edson:

É que nós somos festeiros, final de semana é festa.
(EDSON, grupo de discussão no dia 16/6/2010).

Vitório acrescenta:

Nós, ali no campo, é escuro, tá ligado? Nós estávamos sempre ali quando pegava umas gurias, ficava no campo. Agora o cara não pode ficar fazendo nada lá que estão ali... Tão olhando a gente.
(VITÓRIO, grupo de discussão no dia 16/6/2010).

As manifestações dos jovens destacadas acima apontam de modo mais evidente que a instalação desses dispositivos de segurança, de fato, não são escolhas suas, fruto de suas vontades ou resultados de diálogo anterior realizado com eles. Por outro lado, ainda que seus discursos vazem ou provoquem fissuras na produção discursiva que embasou a instalação das câmeras, não rompem com a vigilância a que estão expostos, na medida em que acabam identificando pontos positivos ao dispositivo, colocado com a justificativa de monitoramento de suas condutas. Tais aspetos colocam em relevo que os sujeitos são constituídos pelos discursos com suas relações de saber-poder, que se impõem a eles e os rodeiam.

Esse contexto também coloca em evidência, como aponta Foucault (1986, 2011), a eficácia dos discursos quanto mais conhecimentos produzidos são assumidos como verdadeiros, em que os dispositivos de segurança acabam produzindo uma metáfora atualizada do panóptico, no qual a sociedade de controle atua por meio de um fluxo de informações da vida na sua coletividade. Araújo (2008) indica que a sociedade disciplinar tinha como estratégia o domínio e o constrangimento sobre o corpo, tomado individualmente, para sua docilidade e seu disciplinamento. Com a sofisticação das práticas de investimento sobre a vida, o panóptico, modelo arquitetônico projetado por Bentham (descrito no capítulo 2), acaba em certo ponto sendo instalado na atualidade com algumas variações, em que o vigia, na sua ausência física, cede espaço às câmeras no espaço público.

Em grupos de discussão realizados com os jovens que atuam nos grupos de dança e teatro do Pronasci/PELC, no núcleo da escola Carlos Drummond de Andrade, o tema das câmeras de vigilância e do sistema de detecção de disparos de arma de fogo foi algo colocado em debate por iniciativa do próprio grupo.

Tem uma coisa que estão colocando agora na frente do colégio Cônego sabe? Câmeras... Aí na semana passada, assim, tinha um monte, estava cheio assim de policial rondando lá sabe? Na Comtel... E não sei se vai melhorar com as câmeras ou não.
(DAIANE, grupo de discussão no dia 18/7/2010).

Maxi insere-se no debate e fala:

Vão colocar sensor de bala, não é, que Canoas deu na TV, que Canoas foi o primeiro lugar onde foi botado o sensor de bala. De bala, tiro.
(MAXI, grupo de discussão no dia 18/7/2010).

Após sua fala, perguntei a ela qual o seu ponto de vista em relação à instalação dos aparelhos de vigilância e monitoramento. Ainda que o questionamento tenha sido direcionado a Maxi, quem se colocou logo para responder foi Hector:

É bom.
(HECTOR, grupo de discussão no dia 18/7/2010).

Em seguida, questionei o jovem, na intenção de instigá-lo a falar mais sobre o assunto. “É bom?”. O jovem respondeu que sim. Beta falou:

Às vezes é ruim.
(BETA, grupo de discussão no dia 18/7/2010).

“Como assim, Beta?”, perguntei. Ela respondeu:

Depende, se a gente faz uma coisa na rua... [Risos]. Aí tu vai falar para tua mãe, sei lá, vou em algum lugar, aí tu passa na avenida, tu passa na câmera [risos]. É, mas 100% melhora, não é? Dá para ver as coisas assim, bem melhor.
(BETA, grupo de discussão no dia 18/7/2010).

“Que coisas? Hector, vamos ver. Vamos voltar para ti, porque tu está meio sem querer responder. Gostaria de falar?”

Ah, dá para ver os policiais batendo em nós [Risos].
(HECTOR, grupo de discussão no dia 18/7/2010).

Beta fala novamente:

Não. Isto aí não mostra...
(BETA, grupo de discussão no dia 18/7/2010).

O jovem Mano salienta:

Esses dias eu já tinha feito um comentário com o professor Cristiano, que assim ó, eu acho que foi muito dinheiro gasto, porque essas câmeras aí são importadas e custam [...] mil. Mas é uma coisa assim ó, é muito dinheiro, dá para colocar ônibus, orelhão (telefone público), que são coisas que estão faltando. Mas é uma coisa assim, se colocam as câmeras, vai ficar sem orelhão, se colocam os orelhões vai ficar sem as câmeras e daí vão lá e quebram as coisas.
(MANO, grupo de discussão no dia 18/7/2010).

Dinho complementa:

Essas coisas aí das câmeras, elas tão aí mais é para evitar o que já está acontecendo, elas não estão aí para tentar mudar, sabe? Por exemplo, se esse dinheiro fosse investido mais em educação ou mais até mesmo em projetos como a gente está vivenciando aqui...
(DINHO, grupo de discussão no dia 18/7/2010).

Para Daiane, esse tipo de investimento não é garantia da redução do fenômeno da violência. Ela considera que as câmeras de vigilância ameaçam a sua privacidade, pois pode afetar a espontaneidade nas suas relações sociais, na medida em que a sua imagem passa a ficar submetida aos registros dos aparelhos eletrônicos. A aprovação à instalação das câmeras de vigilância, demonstrada pelo jovem Hector, consiste na possibilidade de serem registrados possíveis castigos físicos protagonizados pela polícia. Já para os jovens Mano e Dinho, a instalação dos equipamentos de vigilância não atende às efetivas necessidades dos habitantes do bairro. Ainda que identifiquem alguns pontos positivos com a presença das câmeras no bairro, os dois jovens avaliam que esse investimento não contempla as necessidades mais urgentes à qualidade de vida, como a melhoria do transporte público, o acesso a telefones públicos. De modo geral, mas de modo especial nas manifestações de Dinho, parece que as câmeras de vigilância e o sistema de detecção de disparos de arma de fogo possuem um cunho de caráter repressivo, para inibir algo que já está dado, não para resolver as efetivas demandas sociais, como o investimento na educação, por exemplo.

Em sua tese de doutorado, Damico (2011), pensando como os jovens do bairro Guajuviras se constituem na relação com os outros e consigo mesmos diante dos dispositivos de segurança, sugere o deslocamento do olhar simplista sobre os jovens, apontando que a situação é muito mais complexa do que se apresenta:

Desse modo, o tema das nossas reflexões precisaria se deslocar do âmbito estrito da violência juvenil (sem obviamente, desconsiderar essa possibilidade) para os modos como a juventude vem sendo investida enquanto problema social. Não se trata também de tomar a juventude como um dado e descrever sua evolução, mas observar como se estabeleceram as relações com esse problema que são os jovens. (ibidem, p. 123).

Gadea (2007, p. 169), pensando com Deleuze (2006), sugere que o panóptico foucaultiano, com seus mecanismos de esquadramento e vigilância, são o que já não somos, “são outros os dispositivos culturais, sociológicos e políticos que entram em jogo nas interações sociais atuais”, ampliando o esquema disciplinar que funcionava em termos de pontos fixos e identidades. Entretanto as sociabilidades, nos limites da nossa atual sociedade, parecem resultar numa metáfora da sociedade panóptica disciplinar, em que a vida em liberdade, fora dos muros das instituições, parece deparar-se com a condição social de controle a céu aberto, de ilimitadas dimensões. Diante desses aspectos, “o modelo

foucaultiano de instituições de clausura” (GADEA, 2007) ainda persiste de modo mais sofisticado e difuso, como ordenamento social que produz sujeitos sob controle contínuo. Apresenta reflexos do modelo disciplinador, “que conduz a estigmatizações [...] à construção da *outredade* como esquema identificatório de códigos marginais” (ibidem, p. 170).

A cidade de Canoas, de modo especial o bairro Guajuviras, em três anos e sete meses, parece ter se transformado em uma típica sociedade de controle (no sentido *deleuzeano*), onde câmeras de vigilância estão espalhadas por todos os lados e alguns projetos sociais de cunho esportivo, cultural e de lazer estão sendo oferecidos em nome do combate à violência. Segundo o discurso vigente, todos os dispositivos de segurança e participação promoveriam a paz social, a partir do monitoramento, do controle das sociabilidades e inibição das condutas da população.

Nesse sentido, considerando as manifestações dos jovens, parece que quem acaba decidindo é sempre o outro, que não está inserido na realidade de quem está submetido aos dispositivos estatais. Assim, é possível pensar que os idealizadores das políticas públicas de fato concedem voz aos jovens?

À GUISA DE NÃO CONCLUIR: ESTÁ RUIM? MAS ESTÁ BOM!

Hoje, dia 5/5/2012, cheguei ao bairro Guajuviras por volta de 14h17min, em companhia de meu amigo Alexandre, uma antiga amizade construída no NUPÉ da Cidade. Logo na rótula, principal acesso ao bairro, um intenso fluxo de pessoas circulava, ao longo da Avenida Principal, com os pequenos comércios cheios, pessoas entrando e saindo dos supermercados, bares e lanchonetes também movimentados, com pessoas sentadas interagindo, bebendo refrigerantes, cervejas, enfim, a sensação era de um ambiente muito tranquilo. Digo isso porque, tendo em vista todos esses aspectos citados, algo incomum chamou-me a atenção: ao longo da nossa caminhada, não avistei um policial sequer e nenhuma viatura circulando pelo bairro. Comentei com Alexandre e ele respondeu: “É mesmo Cristiano, bem observado”. Nos dois sentidos da avenida, circulava a nova linha de ônibus que atende a população do bairro: *C2 Guajuviras Território de Paz*.

Ao longo da caminhada, paramos na lanchonete localizada ao lado do supermercado Brehn. Lá, nos acomodamos em duas cadeiras do lado de fora, onde solicitamos um *Xis Salada*. Enquanto lanchávamos, continuávamos observando os movimentos pela avenida. Como já salientei, a sensação era de tranquilidade. Acho que tal sensação se deu pelo fato de eu não ter visualizado até então qualquer movimento da polícia, tão presente em todas as vezes que estive e permaneci no bairro. O próprio Alexandre salientou, novamente, enquanto conversávamos: “Que sensação de tranquilidade, dá até pra desconfiar...”. Fiquei pensando nas suas colocações.

Momentos depois, Marcito Machado, jovem que atuava no grupo de futebol da Praça Ildo Meneghetti, passou em frente à lanchonete que estávamos. Como ele não me viu, chamei-o. Ele parou, veio em minha direção: “E aí professor, como vai? Tá sumido, hein”. É mesmo, já fazia algum tempo que não nos víamos. “Como vai Marcito, tudo certo?”, perguntei a ele. “Tudo certo professor, na correria como sempre”. A “correria” a que Marcito se refere é a mesma de 2010, quando ele jogava futebol no Pronasci/PELC, ou seja, seus trabalhos informais, pois continua vivendo em torno da manutenção do Reino da Necessidade. “E a gurizada, Marcito?”, questionei. “Dá uma passada ali na praça mais tarde que tu vai encontrar todo mundo”, respondeu ele. Por volta de 15h55min, saímos da lanchonete e fomos até a Praça Ildo Meneghetti. Na praça, oito jovens jogavam futebol na quadra de areia, entre eles Ronald e Dani Silva que atuavam no grupo de futebol do Pronasci/PELC no período em que atuei como coordenador. Sentamos na pequena arquibancada da praça e ficamos assistindo. O jogo era muito divertido, a descontração era significativa, os jovens

protagonizavam jogadas fantásticas, como um belo gol de bicicleta feito por um deles, bem como as relações jocosas manifestadas em jogadas bizarras, como “ô perna de pau”, “olha o bola murcha aí” e as respostas surgiam logo depois como, “perna de pau que faz gol de bicicleta, e tu?”, “murcho é o que tu tem no meio das pernas”. Tudo acabava em gargalhadas de todos. Dani Silva ainda não tinha percebido minha presença no local. Ele jogava de goleiro. Quando me viu, ficou de frente para mim – logo, de costas para o jogo – e disse, visivelmente surpreso: “E aí professor, beleza?” Após me cumprimentar, Dani Silva movimentou-se novamente de frente para o jogo e gritou: “Olha o professor aí, Ronald!”, e sofreu o gol. Pronto, mais um motivo para gozação. “Olha aí, Dani, presta atenção no jogo, tá dormindo?”.

Encerrado o jogo, Dani e Ronald deslocaram-se em minha direção, nos cumprimentamos e ele perguntou para mim: “E o futebol [oferecido pelo Pronasci/PELFC], professor, não vai ter mais?”. “Não sei, eu que te pergunto, não está rolando?”, respondi retornando a pergunta para ele. “Não, faz tempo que não está rolando. Tu não vai mais dar futebol aqui?”, indagou. Então respondi a ele que não era mais coordenador do programa e que ele deveria buscar informações sobre o futebol com a nova coordenação. “É, aqui tá rolando só o vôlei ali na quadra, mas o futebol nós jogamos entre nós, como sempre fizemos”, disse ele. Logo em seguida, ele relatou: “Bah professor, tem que ver, sempre que nós estamos jogando aqui, a polícia vem, senta aqui na praça e fica cuidando a gente, enquanto a gente joga”. Na hora, recordei das palavras de Alexandre, que momentos antes havia falado: “É, essa tranquilidade era de se desconfiar mesmo”. Então perguntei a Dani com que frequência isso ocorria, e ele respondeu: “Toda hora, professor, eles veem que nós estamos aqui jogando, se sentam aqui e ficam nos cuidando”. Conversamos durante mais alguns minutos, Alexandre e eu nos despedimos dos jovens e continuamos a caminhada pelo bairro.

Por fim, fomos até a Vila Comtel. Casas amontoadas, alguns esgotos a céu aberto, barracos caindo, muitos com significativa concentração de garrafas pet nos pátios, em carrinhos de madeira, o que já dá indícios das condições em que está posicionada parte dos moradores da vila. No campinho de chão batido, onde funcionava a oficina de futebol do Pronasci/PELFC, ao lado da Associação Comunitária Lar da Solidariedade, agora está sendo construída a Escola Municipal de Ensino Infantil da Comtel. Paramos em frente à construção da escola infantil e logo pensei: “Ufa! Nem tudo está perdido”. Contudo há situações que, com o tempo, se tornam cada vez mais comuns. No *coração* da vila, entre o fim da Travessa Z 03 e uma praçinha, e em outras ruelas no entorno dessa praça, está fixada uma câmera de vigilância. Entre esse dispositivo, a praça e o acesso às demais ruelas de chão batido, uma

criança descalça empinava uma pipa, outras brincavam de pega-pega, outras jogavam futebol na quadra de areia localizada na pracinha.

Alexandre e eu sentamos no banco da pracinha, de frente para a câmera de vigilância. As crianças brincavam, outras pessoas passavam pelo local de bicicleta, a pé, puxando seus carrinhos lotados de garrafas pet, de jornais, e alguns carros também cruzavam o local. Fiquei observando aquela câmera. Mesmo tendo acompanhado todo o processo de ampliação desses dispositivos de segurança, desde o ano de 2009, toda vez que me deparo com uma delas ainda me inquieto significativamente. Alexandre compartilhava sentimento análogo, quando tocou em meu braço direito e disse: “Cara, estou me sentindo muito tranquilo sentado aqui neste banco, e não é por causa da desta câmera aí. Pelo contrário, estou pensando... Complicado saber que enquanto nós estamos aqui sentados conversando tem alguém longe daqui nos vigiando. Fico imaginando o pessoal aqui da vila, sob vigia permanente desta câmera”.

Deixamos o banco e seguimos caminhando pelas ruas da vila. Em uma das ruas, encontrei o jovem Edson, que atuava no grupo de futebol do Pronasci/PELC na vila, com sua sobrinha no colo, em frente de sua casa. Dirigi-me até ele, cumprimentei-o e perguntei pelos demais jovens do grupo: “E a gurizada, Edson?” “Beleza, só o Vitório que está preso”, respondeu ele. “Preso? O que aconteceu?”, perguntei. Ele respondeu: “Foi por causa do tráfico. A polícia invadiu a casa dele e pegou em flagrante. Já faz uns quatro meses que ele está preso”⁴⁴.

Ao propor um estudo baseado na análise do discurso foucaultiana, suponho algumas conclusões que são críticas e desestabilizam discursos hegemônicos, em certa medida discriminatórios, que vão sendo vividos por determinados grupos. Na obra *Vigiar e punir* (1984), Foucault expõe um dos tipos sociais construídos negativamente: o criminoso. Construído o conjunto de categorias que definiram o sujeito criminoso, possibilitou-se a delimitação de dispositivos disciplinares e punitivos para o investimento político sobre esse corpo, ou seja, seu disciplinamento, sua docilização e sua produtividade em diferentes instituições:

[...] o discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos. (FOUCAULT, 1986, p. 61).

Neste momento em que estou apresentando as considerações finais de minha dissertação, acredito que seja interessante compartilhar com os leitores uma de minhas

⁴⁴ Anotações do diário de campo.

recentes observações de campo, que marcou de modo significativo o trajeto final do estudo de mestrado, um exemplo representativo e emblemático que parece a síntese das evidências apontadas nesta pesquisa. A observação ocorreu no dia 16/5/2012, após o convite de uma ex-estagiária que trabalhava comigo quando eu ocupava o cargo de coordenador, agora atual coordenadora de núcleo do Pronasci/PELC. Ela entrou em contato comigo para comunicar-me sobre o evento de inauguração do Complexo Esportivo Pôr-do-Sol.

No dia marcado, cheguei ao bairro Guajuviras por volta de 9h50min. Dia com sol forte e temperatura agradável. Para quem não conhece, hoje já é fácil a localização da principal entrada do bairro, pois o enorme letreiro fixado na rótula é o cartão de boas-vindas ao local, onde encontramos a frase: “Guajuviras Território de Paz”. Na rótula, dois guardas municipais já se encontravam a postos, com seus olhares vigilantes a tudo e a todos que entravam, saíam do bairro e circulavam nas proximidades. Cruzei a rótula e segui ao longo da Avenida Principal até chegar à rua 3 do Setor 3 que cruza a avenida, onde me desloquei à direita e segui até o final desta, pois ela desemboca na Estrada do Nazário, que era meu destino, mais precisamente no Loteamento Pôr-do-Sol, no qual seria inaugurado um complexo esportivo.

Quando entrei na Estrada do Nazário, cruzou por mim um camburão, seguido de uma viatura da polícia. Continuei andando pela estrada. Logo, outra viatura passou no sentido contrário ao meu, depois duas viaturas da Guarda Municipal, então pensei: “Bah! O tempo passa e os fatos se repetem”. Esses episódios foram se repetindo ao longo da estrada, até chegar ao local de inauguração do complexo esportivo, localizado no Loteamento Pôr-do-Sol. Até então, eu não tinha certeza onde exatamente estava localizado o complexo esportivo que estava por ser inaugurado, porém a intensa movimentação de viaturas da Brigada Militar e da Guarda Municipal já me dava indícios.

Depois de andar ao longo da Estrada do Nazário, visualizando toda a paisagem policial, avistei uma estrutura com uma imensa concentração de policiais, guardas municipais e alguns fiscais de trânsito no seu entorno, o que confirmou minhas suspeitas sobre a localização correta. Na rua de chão batido que dava acesso ao complexo esportivo, o modo como estavam posicionados policiais e guardas municipais lembrava uma espécie de corredor policial. Fortemente equipados, com suas viaturas, motocicletas, fuzis a tiracolo, pistolas e coletes à prova de balas, vigiavam atentamente as movimentações no local. Após passar pelo “corredor policial”, parei em frente à lateral do ginásio, onde está fixado um letreiro que identifica a estrutura: *Complexo Esportivo Pôr-do-Sol – Centro de Convivência RS na Paz*. Do lado de fora, consegui visualizar muitas pessoas presentes no interior. Fui andando em torno do ginásio para acessar a entrada. Quando a identifiquei, antes de acessá-la, ainda

esbarrei em mais dois policiais que estavam próximos à porta que dá acesso ao complexo esportivo.

Quando ingressei no ginásio, visualizei que a concentração de pessoas era significativa, mas logo vi que parcela dos presentes era membro do Pronasci/PELC (gerente, fiscal, coordenadores e estagiários), pois estavam todos vestidos com o uniforme do programa, destinado aos que ocupam esses cargos. Junto aos coordenadores e estagiários, estavam 10 jovens, também uniformizados, que atuam no grupo de *street dance* do programa no bairro Mathias Velho. Membros da Casa das Juventudes também se faziam presentes, representados por coordenadores, estagiários e 19 jovens que atuam no grupo de *street dance* do Protejo. Ocupando parte das arquibancadas e cadeiras posicionadas em frente ao palco, junto aos seus professores, todos também devidamente vestidos com o uniforme destinado às escolas municipais da cidade de Canoas, faziam-se presentes alunos das escolas do bairro: Carlos Drummond de Andrade, Nancy Pansera e Erna Würth.

A polícia e a Guarda Municipal colaboraram para o grande fluxo de pessoas no interior do ginásio. As autoridades também se faziam presentes. Ainda havia enfermeiros e técnicos da SAMU, em caso de necessidade de atendimentos. Coberto, com palco para shows, quadra poliesportiva, arquibancadas de concretos localizadas nas laterais da quadra e banheiros masculino e feminino, o complexo esportivo é muito bem estruturado. Diversas placas e banners estavam fixados nas paredes internas, todas vinculando o esporte e o lazer como ferramenta para a promoção da segurança pública, com os *slogans* dos governos municipal, estadual e federal: *RS na Paz – Programa Estadual de Segurança Pública com Cidadania, Esporte e Lazer pela Cultura de Paz* e *Território de Paz - Programa Esporte e Lazer da Cidade* são exemplos.

Fui muito bem recebido por alguns membros do Pronasci/PELC que ainda permanecem atuando pelo programa, como a ex-estagiária e atual coordenadora de núcleo, Paola, e a gerente do programa, Marta. Trocamos fortes e calorosos abraços e protagonizamos momentos de brincadeiras e gargalhadas. Após, Marta apresentou-me aos novos estagiários. Com exceção de uma estagiária que atua em atividades no bairro Mathias Velho, todos os demais eram novos no programa, em relação ao primeiro grupo formado em setembro de 2009 que fiz parte. Marta chamou a atenção para um dos estagiários presentes no grupo: “Recorda dele, Cristiano? Ele era um de nossos jovens atendidos em 2010. Agora é nosso estagiário no PELC”. Fiquei olhando para ele, na tentativa de buscar recordações, ele estendeu sua mão para me cumprimentar e disse: “Oi professor, eu lembro de ti, como vai? Meu nome é Tavares, eu participava do basquete e do vôlei lá na Praça da Brigada [Núcleo

CAIC], agora estou dando aula de basquete e vôlei lá na Praça Ildo Meneghetti [subnúcleo do núcleo Carlos Drummond de Andrade]”. Tavares está com 24 anos e cursa o 1º semestre do curso superior de formação de professores de Educação Física. Outra situação muito interessante foi a formação do novo grupo de coordenadores, que agora conta com três ex-estagiários que concluíram o curso superior de Educação Física.

Por volta de 10h35min o evento iniciou oficialmente. No palco, uma bancada foi formada pelo prefeito, pelos secretários de Esportes e de Segurança Pública, por vereadores e pelo presidente da Associação Comunitária do Loteamento Pôr-do-Sol. Os longos discursos, que ocuparam parcela significativa do tempo do evento, davam muita ênfase ao novo modelo de segurança pública desenvolvido através do Pronasci e o quanto de positivo traziam o esporte e o lazer para a consolidação de “uma política de combate à violência e promoção da segurança dos moradores do bairro”, segundo as palavras das autoridades. O prefeito municipal finalizou a sequência dos discursos ao público presente, e disse:

Estamos entregando este espaço para a comunidade que traz consigo uma nova visão de segurança pública. Segurança feita, sim, com polícia, mas também com esporte e cidadania, aumentando a autoestima das comunidades. Estamos junto com vocês mudando a realidade, a Guajuviras não é mais a Bagdá⁴⁵ gaúcha, e sim exemplo para outras cidades do país de como enfrentar seus problemas.⁴⁶

Após os discursos, o complexo esportivo foi oficialmente *entregue* aos habitantes do Loteamento Pôr-do-Sol, através da fixação de uma placa, na parede do ginásio, que registra: “Complexo Esportivo Pôr-do-Sol – Centro de Convivência RS na Paz. Inaugurado em 16/05/2012”. Colocada a placa, a solenidade de inauguração prosseguiu, com as autoridades, de posse de uma bola de basquete, dirigindo-se até a cesta, onde cada um deles (prefeito, secretário municipal de Esportes, secretário estadual de Segurança Pública e vereadores) realizou arremessos, rodeados dos demais presentes no local, que os aplaudiam e incentivavam. O prefeito realizou o primeiro arremesso, como uma espécie de *pontapé inicial* das atividades esportivas no complexo esportivo.

Encerrada a encenação, todos os presentes no local foram convidados a ocupar as cadeiras posicionadas em frente ao palco, para prestigiar as apresentações de *street dance* dos jovens dos grupos de dança do Pronasci/PELC e do Protejo. Boas apresentações, com

⁴⁵ Bagdá é a capital do Iraque, país localizado no continente asiático, no Oriente Médio. A cidade tem tido visibilidade mundial desde os anos 1980 e, de lá para cá, sua população vivenciou diversos conflitos violentos e ataques a bombas, seja nas guerras com o Irã e com os Estados Unidos, seja entre os próprios iraquianos, ou mesmo com as forças internacionais que ocupam a região desde 2003.

⁴⁶ Discurso de Jairo Jorge, prefeito municipal de Canoas, proferido no dia 16/5/2012, durante o evento de inauguração do Complexo Esportivo Pôr-do-Sol, localizado no Loteamento Pôr-do-Sol, bairro Guajuviras. Disponível em: <<http://www.canoas.rs.gov.br/site/noticia/visualizar/idDep/19/id/5114>>. Acesso em: 17/5/2012.

coreografias bem ensaiadas, arrancaram calorosos aplausos do público que assistia. As atividades prosseguiram com apresentação de capoeira de um grupo local do bairro e foram finalizadas com um dos coordenadores do Protejo que é *MC*, e desenvolve atividades sobre os elementos da cultura *hip hop*. Ele solicitou ao público quatro palavras e disse que, a partir delas, faria um improviso. As palavras salientadas pelas crianças e pelos jovens que estavam posicionados em frente ao palco foram “capoeira”, “esporte”, “cultura” e “segurança”. O *MC então* improvisou uma canção contendo essas palavras. A rima empolgou os jovens presentes que dançavam, batiam palmas e levantavam as mãos para cima. Às 12h04min, ao término do improviso do *MC*, a locutora do evento agradeceu a presença de todos e o evento foi encerrado⁴⁷.

Minha tentativa de desenvolver este estudo baseado na análise dos discursos decorre de minha compreensão de que os discursos vão formando “os objetos de que falam” (FOUCAULT, 1986). Uma produção discursiva determina o lugar social e político, ou seja, determina o lugar a ser vivido pelos sujeitos. Foucault (2011) já apontava que a construção discursiva possui uma produtividade inédita, seja direcionada ao investimento para melhorias na qualidade de vida, seja para a fabricação de vidas desqualificadas. No caso dos jovens habitantes do bairro Guajuviras,

[...] além de participarem e se tornarem sujeitos de determinadas culturas, também experimentam a articulação de determinados discursos e práticas. É nessas relações que os espaços funcionam como lócus carregados de significados que transmitem valores, impõem normas e hierarquias através de todo um aparato político, estético, ideológico e cultural. (DAMICO, 2011, p. 69).

Diante disso, minha modesta intenção foi de simplesmente problematizar como os discursos vão colocando os sujeitos em determinados lugares e em certo ponto embasaram o desenvolvimento de dispositivos de segurança e participação, que “trabalham, fabricam, organizam, administram certos espaços sociais” (FOUCAULT, 1986, p. 22), construídos através de “histórias que formam uma rede discursiva e interagem entre si, formando novas frases, textos e, por fim, regimes de verdade” (DAMICO, 2011, p. 234).

Foi possível observar ao longo deste estudo que, de modo geral, as reportagens veiculadas pela mídia acabaram por *interditar* alguns sujeitos habitantes do Guajuviras, bem como seus discursos e suas formas de sociabilidade experimentadas e vivenciadas de muitos e múltiplos modos, o que justificou a presença estatal com ações de segurança pública. Já os discursos produzidos pelos jovens colocam em relevo a disjunção entre os seus objetivos, o que seria importante nas suas vidas, e os objetivos e as ações que o Estado lhes propõe ou

⁴⁷ Anotações do diário de campo.

oferece. Dados que evidenciam isso podem ser observados nas falas dos jovens, por exemplo, em relação às câmeras de vigilância: Edson, quando salienta que “sempre sendo filmado, isso aí eles roubam um pouco da privacidade da gente, aqui no caso aonde eles devem morar, assim, não deve ter câmera”; Dinho, quando sugere que os recursos públicos poderiam ser “investidos mais em educação ou mais até mesmo em projetos como a gente está vivenciando aqui”; ou como salienta Luís, “que nem, tem gente que tem bastante dinheiro e gosta de câmera pra cuidar assim [...] a casa deles [...]. Mas neste caso, são eles que estão querendo entendeu? Eles estão querendo”. Esses discursos também são percebidos nas suas falas em relação ao modo como são tratados pela polícia, como abordado no capítulo 8, e a política de eventos, com seu intenso calendário e estrutura precária que impactou de modo significativo suas apresentações artísticas e provocou descontentamentos.

Por outro lado, ainda que algumas ações do Pronasci não gozem de boa representação pelos jovens, parece que há uma significativa docilidade por parte destes. As evidências deste estudo apontam que, mesmo havendo contestações com parcela dos dispositivos de segurança, não há reais focos de resistência para subversão ao que afeta os jovens.

Há uma fantástica história de luta, resistência e manifestação política que marca o bairro Guajuviras, contudo parece que hoje os discursos de controle estão surtindo efeito, pois, mesmo com todas as contestações, não há ações de ruptura aos dispositivos de segurança e participação que estão expostos, visto que as câmeras de vigilância continuam, os coordenadores do programa de esporte e lazer permanecem e o policiamento segue ostensivo.

Quando Foucault (1986, p. 135) aponta que o discurso diz respeito ao “conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva”, possibilita identificar as conexões dos discursos que definem e formam os objetos que falam. No caso do bairro Guajuviras, há violência por parte da polícia, contudo há toda uma produção discursiva, de modo especial por parte da grande mídia, nos modos como veicula e torna públicas informações sobre o bairro, que acaba em certo ponto condicionando parcela da população a corroborar com isso, por ser necessário vigiar e, se preciso, punir os corpos.

Outro aspecto que merece destaque diz respeito à fala do prefeito de Canoas. Quando ele salienta que o “Guajuviras não é mais a Bagdá gaúcha”, põe em relevo que discurso e prática não estão dissociados. Conforme aponta Foucault (1986, 2011), discurso e prática estão em conexão como uma forma de realocar saber, poder e verdade, ou seja, dar a algo um estatuto de verdade. Fischer (2001), na linha de Foucault, coloca que essa conexão se dá a partir de quatro elementos. O primeiro é “a referência a algo que identificamos”: no caso da fala citada acima, o referente é a imagem do bairro associada à violência e à insegurança,

quando comparada à cidade de Bagdá. O segundo elemento diz respeito ao “fato de ter um sujeito, alguém que pode efetivamente afirmar aquilo”: no exemplo acima, o prefeito ocupa o lugar de sujeito do enunciado, legitimado ainda pelo cargo público que ocupa. O terceiro é “o fato de o enunciado não existir isolado, mas sempre em associação e correlação com outros enunciados”: pode ser citada como exemplo a associação entre polícia e esporte na fala do gestor municipal, como recurso para a promoção de um Território de Paz que apresentou resultados positivos, tanto para a autoestima dos habitantes do bairro como para a redução dos índices de homicídios. Por fim, o quarto elemento desse jogo discursivo, que se refere à “materialidade do enunciado, as formas muito concretas com que ele aparece, nas enunciações que aparecem em textos pedagógicos, em falas de professores, nas mais diferentes situações, em diferentes épocas”: a materialidade do enunciado do gestor municipal, que embasa seu discurso, pode ser identificada pela apropriação e pelo modo como a mídia veiculou informações sobre o bairro Guajuviras, que construiu uma realidade social de local reprodutor do fenômeno da violência e do comércio de drogas, conforme apresentado no capítulo 3. Ou seja, a forma de apropriação e veiculação da mídia, que antecedeu e respaldou a implantação das ações do Pronasci para a construção de um território pacificado, acaba dando sustentação a um estatuto de verdade de uma demanda social, pois “A mudança tem que continuar”⁴⁸.

Para Damico (2011), quando o Estado circunscreve determinado grupo como vulnerável, exposto ao risco de envolvimento com o crime e a violência, supõe-se que a intenção consiste em protegê-los, ampliando suas alternativas como prevenção à criminalidade. Contudo o que acaba prevalecendo é a própria infâmia e a sua criminalização. Essas colocações parecem fazer sentido quando a polícia invade os espaços de atividades esportivas em pleno funcionamento para revistar os jovens, quando os vigia durante a prática de futebol na praça, quando expõe suas pistolas e fuzis em meio aos sujeitos em eventos públicos, ou invade casas e castigam fisicamente os jovens nas vilas, ou produz a “vida nua”, transformando o sujeito social em *Homo sacer*.

Diante disso, a polícia é violenta porque há toda uma construção discursiva que faz com que a violência seja justificada. Assim, os discursos de poder são eficazes ao garantir a hegemonia das classes, pois a ação é violenta, mas a resposta, como vimos, é dócil. Devido a

⁴⁸ Slogan da candidatura à reeleição do atual prefeito de Canoas da coligação BOM (Bloco do Orgulho Municipal), formado pelos partidos PT, PP, PSB, PR, PPS, PC do B, PDT, PMDB, PRB, PTB, PSD, PSL, PPL, PV, PRTB, PTC, PRP.

todos esses aspectos, parece que os objetivos do Pronasci estão sendo atingidos e os meios estão sendo eficazes, pois temos um grupo de jovens *pacificados* às ações do poder.

O assassinato de Mathiaca, a prisão de Vitório, o governamento das atividades que os jovens já praticavam antes das ações do Pronasci, a conduta policial, em suma, todos esses aspectos fazem sentido na violência simbólica perpetrada na formação histórica brasileira, que provoca imensas desigualdades no campo social. Nesse sentido, retomo a fala do jovem Nathan, quando manifestou que “*o Guajú tá ficando sinistro*”. A fala parece remeter a um sentimento de subtração do campo de liberdades, de vigilância e controle contínuo de seus passos, de suas condutas, de seus modos de vida.

É o que Gilles Deleuze (2006) chamou de “sociedade de controle”, ou seja, um conjunto de técnicas, procedimentos e saberes que regulam os estilos de vida da população e delimitam situações na quais se pensa atuar livremente. Um modelo de sociedade que inclui para governar e ser governado, através da distribuição de pequenos poderes, que proporciona a multiplicidade das formas de governo, que limita a antiga forma unitária de governo, como é o exemplo dos professores-coordenadores e ex-estagiários, do jovem Tavares e das mulheres-mães da paz – dos dispositivos de participação do Pronasci. “Desse modo, o Estado é considerado somente uma entre as forças microfísicas, e não o ponto de partida das relações de poder” (CANDIOTTO, 2010a, p. 34), sublinhando uma forma de governo contínua, potencialmente relacional, de múltiplas forças que assim o representam.

As colocações de Carlos Gadea acerca das construções discursivas sintetizam aquilo que o presente estudo propôs:

Nem a crítica nem o manejo de um critério de verdade ou ordem são monopólio de alguma atitude intelectual e política específica. Verdade, ordem e crítica fazem parte de enunciados que se referem e incorporam à narrativa de um sujeito que assim assegura sua legitimidade. Simplesmente isso. Assim, pode-se lembrar o clássico conto infantil “Chapeuzinho Vermelho”, em que o Lobo-Mau encarna a “maldade do mundo”; na realidade, um excluído de um particular ordenamento do mundo. Um posicionamento crítico não poderia se limitar a acusar sua maldade frente à jovem ingênua e, assim, eventualmente corrigir a narrativa apresentada. É a verdade que encerra a ordem de um mundo binário, os papéis assumidos por seus personagens, o cenário, os interesses e jogos de poder, os que poderiam estar sujeitos à crítica. Tanto o Lobo-Mau como a Chapeuzinho Vermelho ocupam um lugar arbitrário na narrativa infantil, submetidos a um metadiscurso que lhes têm outorgado papéis pré-estabelecidos. (GADEA, 2007, p. 198).

Nesse sentido, os mesmos jovens que antes da presença estatal já jogavam futebol, basquetebol e voleibol, os que utilizavam a praça para ensaios de coreografias de *street dance*, o jovem *rapper MC*, que criava e reproduzia suas rimas instigado pelos fenômenos cotidianos observados e vivenciados no bairro, jovens como John, Dinho, Cristina, Mano e os irmãos

Maninha e André, que já dançavam e/ou também participavam de grupo de teatro antes do vínculo com o programa, as relações jocosas que se manifestaram de modo notável entre os jovens do grupo de futebol da Praça Ildo Meneghetti – onde a *gozação*, as *piadinhas* e a *flauta* era manifestações frequentes durante os jogos –, assim como tantas outras formas de agir e relacionar-se que fizeram da Praça Ildo Meneghetti e do campinho da Vila Comtel funcionar como um “pedaço” (MAGNANI, 2005) e a inserção em diferentes “círculos sociais” (SIMMEL, 1986, 1977, 2004), bem como os jovens que se *viram* no trabalho formal ou informal, vendendo doces, panfletando nas ruas, na construção civil como auxiliares de pedreiros, colocam em evidência as formas de sociabilidade, ou seja, *as realidades* dos jovens do Guajuviras, trazendo à tona uma força vital, ocultada pelos discursos que os posicionaram na condição social de sujeitos a serem pacificados.

Finalmente, cabe dizer que, ao longo do texto, coloquei trechos e utilizei em alguns títulos e subtítulos de capítulos desta dissertação letras de *rap* que pulsaram em mim durante a feitura deste trabalho. De modo especial, explicitam uma costura do texto, quando trazem esperança de que o grito da periferia seja escutado por meio desses artistas que criam e recriam nossas angústias – as angústias pela diminuição de nossas desigualdades e por efetivas oportunidades. Todos os cidadãos têm direito às políticas públicas, têm direito à segurança, têm o direito de ir e vir, mas isso na prática deve ser garantido de forma igualitária a todos.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. (Coleção Estado de Sítio).
- _____. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- ARAÚJO, I. L. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.
- BAUMAN, Z. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRASIL. Ministério do Esporte. **Projeto Esporte e Lazer da Cidade**. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/snelis/esporteLazer/default.jsp>>. Acesso em: 2 jun. 2010.
- CANDIOTTO, C. A governamentalidade política no pensamento de Foucault. **Revista Filosofia Unisinos**, v. 11, n. 1, jan/abr, p. 33-43, 2010a. Disponível em: <<http://www.revistafilosofia.unisinos.br/pdf/169.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2012.
- _____. A subjetivação ética como desgoverno biopolítico da vida humana. Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, v. 10, n. 244, p. 09-12, 2010b.
- DAMICO, J. G. S. **“Quantas calorias preciso [gastar] para emagrecer com saúde?” Como mulheres jovens aprendem estratégias para cuidar do corpo**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- _____. **Juventudes governadas: dispositivos de segurança e participação no Guajuviras (Canoas-RS) e em Grigny Centre (França)**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- DELEUZE, G. **Deux régimes de fous** (textes et entretiens 1975-1995). Paris: Les Éditions de Minuit, 2003.
- _____. **Conversações**. São Paulo: Editora 34: 2006.
- DERRIDA, J. **De que amanhã... Diálogo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

EWALD, F. **Foucault, a norma e o direito**. Lisboa: Veja, 2000.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 114, p. 197-223, 2001.

FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso. Pesquisa Etnográfica e Educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 10, jan./abr. 1999.

_____. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2004.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

_____. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008a.

_____. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2009.

_____. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global Editora, 2006.

GADEA, C. A. **Paisagens da pós-modernidade: cultura, política e sociabilidade na América Latina**. Itajaí/SC: Editora UNIVALI, 2007.

GASTALDO, E. L. et al. Futebol, mídia e sociabilidade. Uma experiência etnográfica. **Cadernos IHU Idéias**, v. 3, n. 43, 2005.

_____. Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. **Revista Esporte e Sociedade**, n. 3, jul./out. 2006. Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/index.html?ed=3>>. Acesso em: 7 fev. 2012.

_____. Negros jogam, brancos assistem. Futebol: mística, identidade e comércio. **IHU On-Line**, Revista do Instituto Humanitas Unisinos, v. 6, n. 184, p. 13-17, jun. 2006.

_____. et al. **Praça pública**. (Obra de artes visuais/vídeo), 2008.

_____ et al. **Espaços esportivos de lazer e sociabilidade cotidiana**: um estudo etnográfico. Relatório de pesquisa. UNISINOS, ULBRA, 2009.

_____. As relações jocosas futebolísticas: futebol, sociabilidade e conflito no Brasil. **Mana**, v. 16, n. 2, p. 311-325, 2010.

GROPPO, L. A. A emergência da juventude e do lazer como categorias socioculturais da modernidade. **Licere**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, 1999.

_____. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. São Paulo: Difel, 2000.

GUEDES, S. L. Futebol e sentimento de nacionalidade. Futebol: mística, identidade e comercio. **IHU On-Line**, Revista do Instituto Humanitas Unisinos, v. 6, n. 184, p. 18-19, jun. 2006.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HECKTHEUER, L. F. A.; SILVA, M. R. S. Biopoder e biopolítica nos projetos sociais esportivos: a invenção de uma população para regulação e governo. In: HENNING, P. C.; GARRE, B. H.; LUVIELMO, M. M. (orgs.). **Biopolítica e governamentalidade**: modos de fazer e gerenciar a educação contemporânea. Rio Grande: FURG, 2010. p. 60-73.

HERSCHMANN, M. **O funk e o hip hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Brasil em desenvolvimento**: Estado, planejamento e políticas públicas. Brasília: IPEA. (Série Brasil: o estado de uma nação). v. 3. p. 519-825.

LANDIM, L. **A invenção das ONGs: do serviço invisível à profissão impossível**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Museu Nacional e Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

LOPES, M. C. et al. Inclusão e biopolítica. **Cadernos IHU Ideias**, v. 8, n. 144, São Leopoldo, 2010.

LOWIE, R. H. **Primitive society**. New York: Boni and Liveright, 1920.

LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna**. Lisboa: Gradiva, 1993.

MACHADO, E.; NORONHA, C. A polícia dos pobres: violência policial em classes populares urbanas. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 188-221, jan./jun. 2002.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec; UNESP, 1998.

_____. Trajetos e trajetórias: uma perspectiva da antropologia urbana. **Sexta-feira**, São Paulo, n. 8, p. 30-43, 2005.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1978.

MANDARINO, C. M.; ROSA, C. N. Drogas e prática de lazer desportivo no bairro Mathias Velho: um estudo exploratório. **Corpo em Movimento**, Revista de Ciências do Movimento Humano e do Desporto da ULBRA, v. 5, n. 1-2, p. 34, jan./dez. 2007.

MAUSS, M. As relações jocosas de parentesco. In: OLIVEIRA, R. C. (org.). **Antropologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 164-176.

MEAD, G. H. **Espírito, persona y sociedad**. Desde el punto de vista del conductismo social. Buenos Aires: Ed. Paidós, 1982.

MELO, M. P. **Esporte e juventude pobre**: políticas públicas de lazer na Vila Olímpica da Maré. Campinas: Autores associados, 2005.

NOVAES, R. Hip hop: o que há de novo? In: BUARQUE, C. et al. **Perspectivas de gênero: debates e questões para ONGs**. GT Gênero – Plataforma Novib/SOS Corpo, Gênero e Cidadania, 2002.

OLIVEIRA, P. **Hip hop na perspectiva dos movimentos sociais**: práticas corporais. Florianópolis: Blumenau Ciência & Arte, v. 4, 2006, p. 64.

OLIVEN, R. G. **A antropologia de grupos urbanos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

PACHECO, L. T. “Som de Macho”: uma reflexão sobre identidade, masculinidade e alteridade entre os *headbangers*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 7., Florianópolis, 2006. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em: <http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/L/Leonardo_Turchi_Pacheco_01.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2012.

PAIS, J. M. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGÊNIO, F. (orgs.). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. Máscaras, jovens e “escolas diabo”. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 7-21, jan./abr. 2008.

PASSETI, E. Sociedade de controle e abolição da punição. **São Paulo em Perspectiva**, v. 13, n. 3, 1999.

_____. Vivendo e revirando-se: heterotopias libertárias na sociedade de controle. **Verve**, v. 6, 2003.

_____. Ensaio sobre um abolicionismo penal. **Verve**, v. 9, 2006.

PAZINATO, E. **Do direito à segurança à segurança dos direitos**: uma análise sociopolítica e criminológica acerca dos sentidos da participação na gestão de políticas municipais de segurança na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2011.

PELBART, P. P. **Vida capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PENNA, R. **Canoas - Para lembrar quem somos: Guajuviras**. Canoas: Gráfica Editora La Salle, n. 5, 1998.

PERALVA, A. **Violência e democracia: o paradoxo brasileiro**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

PREISS, J. L. S. **América do Sul e Oriente Médio sob influências internacionais através de um estudo de caso: as relações Brasil-Iraque (1964-1991)**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

RADCLIFE-BROWN, A. R. **Structure and function in primitive society**. London: Cohen and West, 1959.

_____. **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Petrópolis: Vozes, 1973.

RANCIÈRE, J. **Aux bords du politique**. Paris: Gallimard (Folio Essais), 2007.

REGUILLO, R. Las culturas juveniles: um campo de estudo; breve agenda para la discusión. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, maio/ago. 2003.

REZENDE, C. B. Identidade: O que é ser jovem? **Revista Tempo e Presença**, n. 240, p. 4-5, 1989.

ROSA, C. N. et al. Da ponte pra lá: sociabilidades no espaço público de lazer. **Corpo em Movimento**, Revista de Ciências do Movimento Humano e do Desporto, v. 6, n. 2, p. 20-21, jul./dez. 2008.

RUIZ, C. M. M. B. A sacralidade da vida na exceção soberana, a testemunha e sua linguagem: (Re) leituras biopolíticas da obra de Giorgio Agamben. **Cadernos IHU**, v. 10, n. 39, 2012.

SANTOS, E. S.; DAMICO, J. G. S.; FREITAS; A. L. C. Pensando o lazer a partir da perspectiva étnica. **Arquivos em movimento**, Rio de Janeiro, v. 2, n.2, jul./dez. 2006.

SAWY, M. I. S. F. **A SHARI' AH AL SLAMIA: contextualização histórica, política e atualidade**. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Jurídicas, Faculdade de Direito, Recife, 2002.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, C. A. Negações e silenciamentos no discurso acerca da juventude. **Cadernos IHU Idéias**, v. 4, n. 63, São Leopoldo, 2006.

SIMMEL, G. **Sociologia: Estudos sobre las formas de socialización**. Madrid: Ed. Revista Occidente, 1977.

_____. A metrópole e a vida mental. In: Velho, O. G. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 11-25.

_____. **El individuo y la libertad**: Ensayos de crítica de la cultura. Barcelona: Ed. Península, 1986.

_____. O cruzamento de círculos sociais. In: CRUZ, M. B. (org.). **Teorias sociológicas**: Os fundadores e os clássicos (Antologia de textos), I Volume. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. p. 573-578.

SPOSITO, M. P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Templo Social**, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, 1993.

_____; CORROCHANO, M. C. A face oculta da transferência de renda para jovens no Brasil. **Templo Social**, Revista de Sociologia da USP, v. 17, n. 2, p. 141-172, nov. 2005.

THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

VEIGA-NETO, A. Michel Foucault e os estudos culturais. In: COSTA, M. V. **Estudos culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 37-69.

_____. Violência e poder: a violência viola, o poder seduz. O sistema prisional brasileiro. Um espelho da sociedade. **IHU On-Line**, Revista do Instituto Humanitas Unisinos, v. 9, n. 293, p. 29-31, maio 2009. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?secao=293>
Acesso em 26 maio 2012.

VELHO, G. **Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea**: culturas jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ANEXO A – Materiais de divulgação e recortes de jornais

Figura 1 – Panfleto de divulgação do Território de Paz lançado no bairro Guajuviras, dia 9/10/2009



TERRITÓRIO DE PAZ Guajuviras

Dia 09/outubro - sexta - Lançamento do Território de Paz
Às 14h com a presença do Ministro da Justiça e autoridades
Das 12h às 17h - Atividades culturais.
Local: Rua WW com XY, COMTEL - Guajuviras - Canoas

Dia 08/outubro - quinta - Caminhada pela Paz
Início às 14h na Praça da BM, chegada às 16h, na Av. 17 de abril nº 28,
para inauguração do CRAS - Guajuviras.



PREFEITURA DE CANOAS
SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA E CIDADANIA

Ministério da Justiça



Figura 2 – Cartilha informativa das ações do Pronasci a serem desenvolvidas no bairro Guajuviras, distribuída à população após o lançamento do Território de Paz, ocorrido no dia 9/10/2009

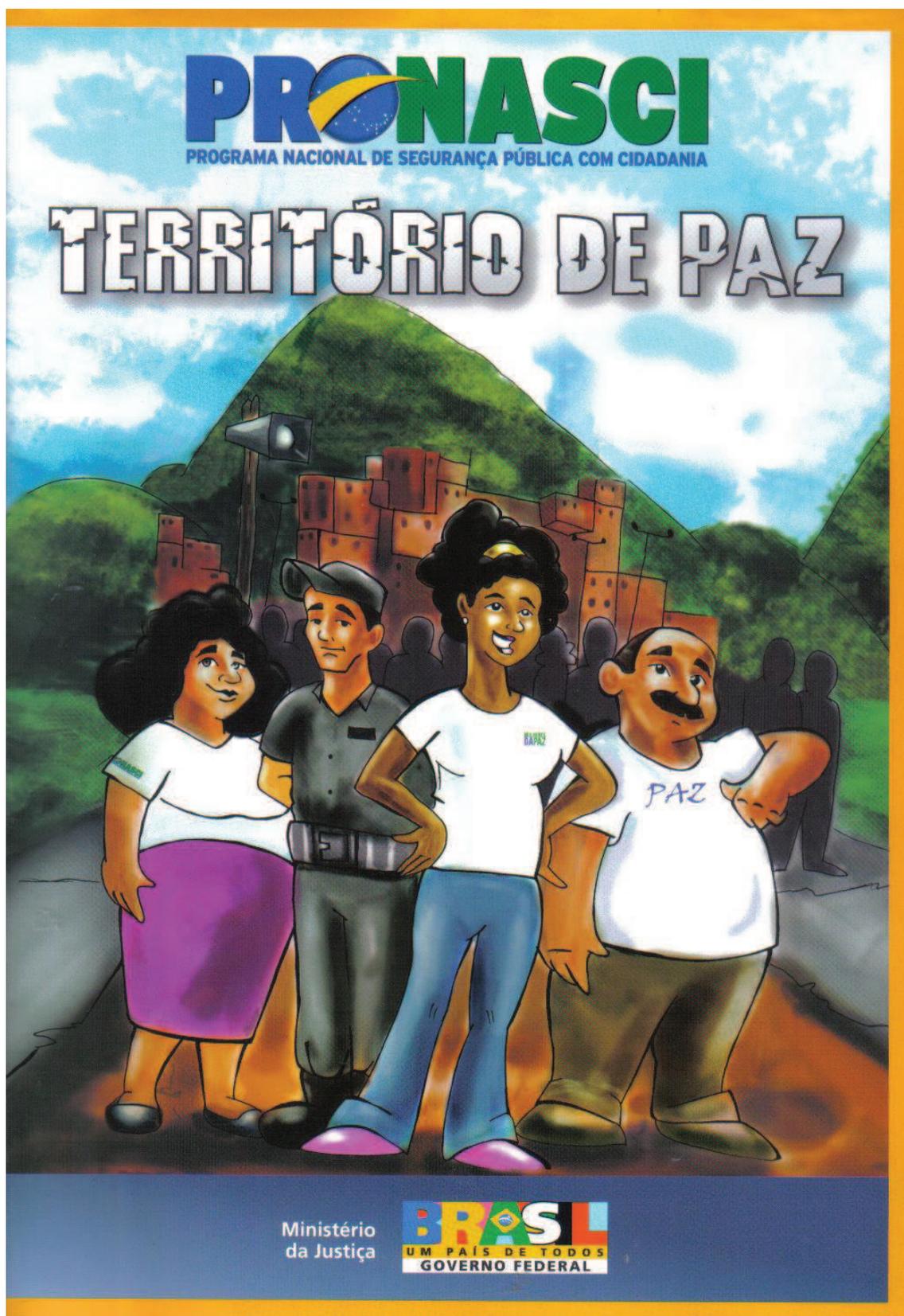
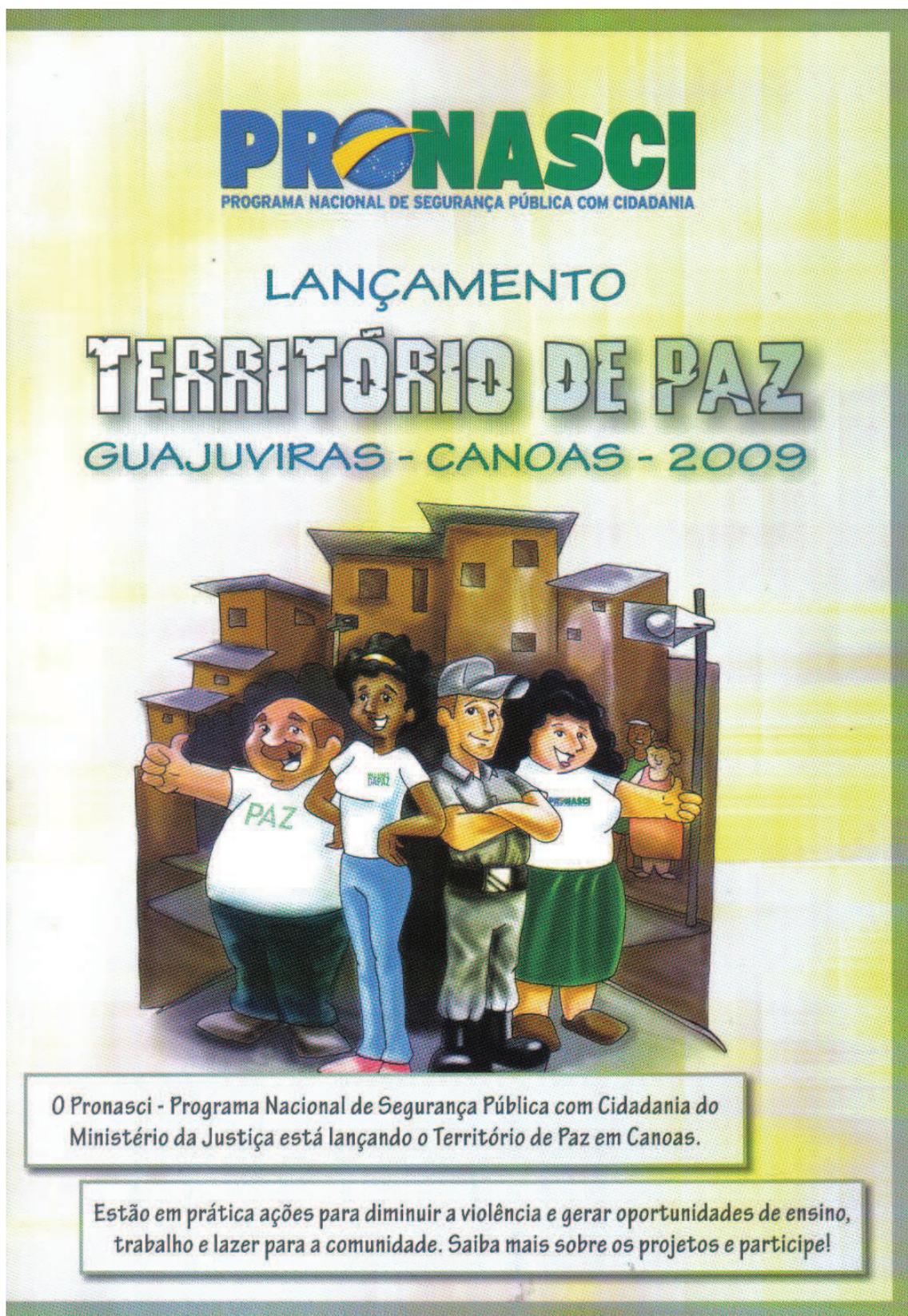


Figura 3 – Cartilha informativa das ações do Pronasci a serem desenvolvidas no bairro Guajuviras, distribuída à população após o lançamento do Território de Paz, ocorrido no dia 9/10/2009



PRONASCI
PROGRAMA NACIONAL DE SEGURANÇA PÚBLICA COM CIDADANIA

LANÇAMENTO
TERRITÓRIO DE PAZ
GUAJUVIRAS - CANOAS - 2009

O Pronasci - Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania do Ministério da Justiça está lançando o Território de Paz em Canoas.

Estão em prática ações para diminuir a violência e gerar oportunidades de ensino, trabalho e lazer para a comunidade. Saiba mais sobre os projetos e participe!

Figura 4 – Capa da cartilha informativa sobre as atividades de esporte e lazer do Pronasci/PELC oferecidas e a serem desenvolvidas no bairro

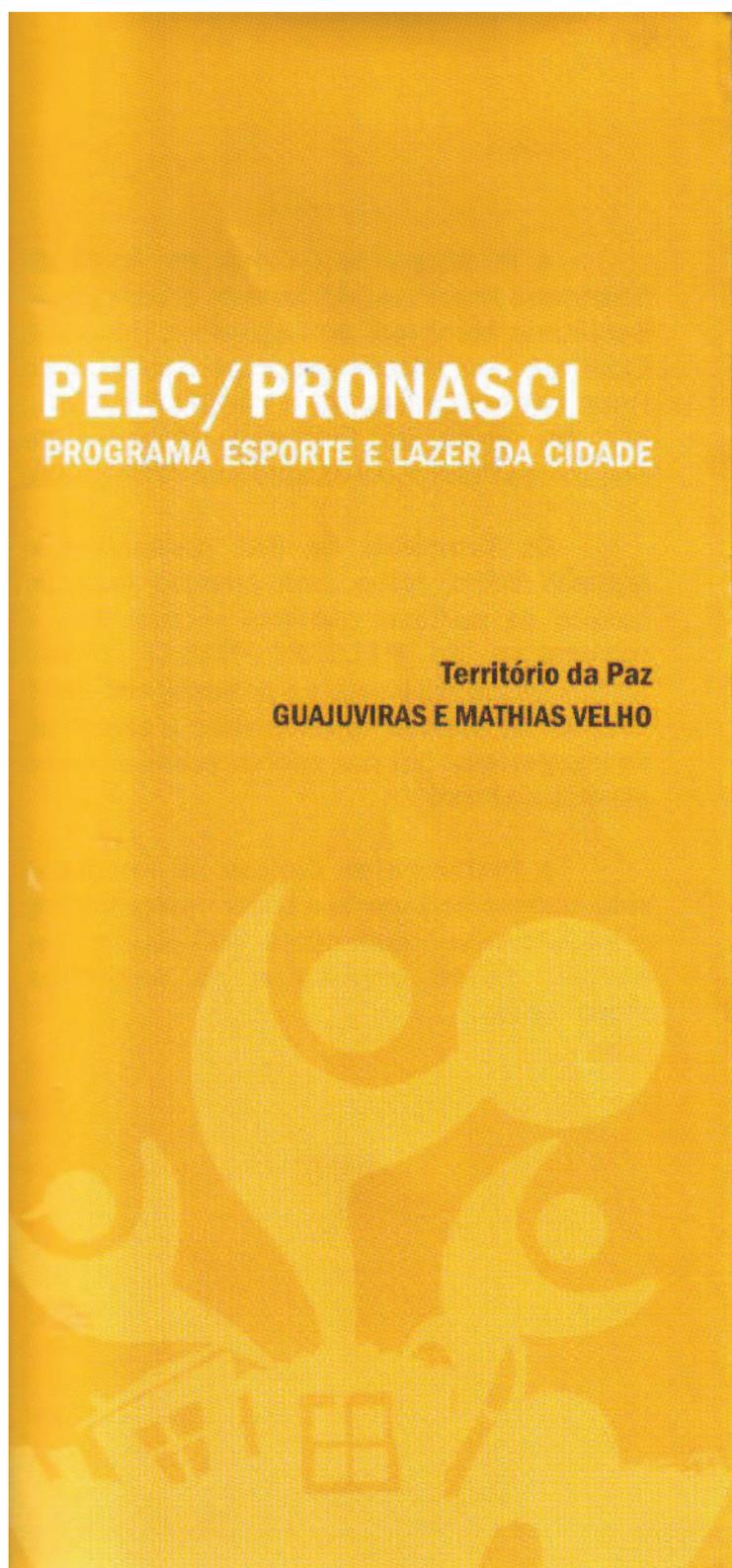


Figura 5 – Cartilha com a descrição e os objetivos propostos das atividades oferecidas pelo Pronasci/PELC no bairro Guajuviras

PELC/PRONASCI
Programa Esporte e Lazer da Cidade
no Território da Paz
Guajuviras e Mathias Velho

A Prefeitura de Canoas, por meio da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer e da Secretaria Municipal de Segurança Pública e Cidadania apresenta aos jovens canoenses o Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC), que faz parte do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI).

Os Territórios da Paz (Guajuviras e Mathias Velho) terão uma atenção especial quanto às políticas públicas sociais com a realização do PELC/PRONASCI. Serão atendidos 2,8 mil jovens e o principal objetivo é diminuir os índices de violência e a sensação de insegurança dos moradores, promovendo o esporte e o lazer.

A Prefeitura de Canoas irá implantar sete núcleos de Esporte e Lazer nestes bairros e inicialmente atenderá 400 jovens, por núcleo. Serão oferecidas as seguintes modalidades:

Atletismo
Basquetebol
Futsal
Futebol
Handebol
Judô
Taekondô
Voleibol
Teatro
Dança

SECRETARIA DE ESPORTE E LAZER

QUEM PODE PARTICIPAR?
Jovens de 15 a 29 anos que são vítimas de violência doméstica ou urbana e que não estão matriculados em alguma escola. É necessário ser morador dos bairros Guajuviras ou Mathias Velho e não estar incluído em outro programa de assistência pública.

COMO SE INSCREVER?
As inscrições são gratuitas e poderão ser realizadas no período de 02/07/2009 até 02/03/2010 das 09h às 12h e das 14h às 18h.

LOCAIS

Subprefeitura Nordeste
Rua Alexandre Gusmão, 2080 - Bairro Guajuviras

Subprefeitura Noroeste
Rua Candelária, 441 - Bairro Mathias Velho
Fone: 3466.1660

As inscrições também poderão ser feitas nos núcleos onde serão desenvolvidas as atividades.

MATHIAS VELHO
NÚCLEO 1 - EMEF João Paulo I
NÚCLEO 2 - Centro Social Urbano Mathias Velho
NÚCLEO 3 - EMEF Thiago Würth

GUAJUVIRAS
NÚCLEO 4 - CAIC
NÚCLEO 5 - EMEF Guajuviras
NÚCLEO 6 - EMEF Carlos Drummond de Andrade
NÚCLEO 7 - EMEF Nancy Pansera

O QUE PRECISA PARA SE INSCREVER:

- Apresentar certidão de nascimento ou carteira de identidade.
- Preencher ficha de inscrição e avaliação socioeconômica (fornecidas no local).
- Preencher declaração (fornecida no local) de que possui entre 15 e 29 anos; de que é morador do território em que realiza a inscrição e de que possui disponibilidade para acompanhar e concluir o processo de formação.

Figura 6 – Cartaz de divulgação de lançamento do Protejo e da Casa das Juventudes, ocorrido no dia 26/6/2010

Jovens do Guajuviras
de 15 a 24 anos, venham para a
CASA DAS JUVENTUDES

TERRITÓRIO DE PAZ
Guajuviras - Canoas

PROTEJO
O CAMINHO DO BEM

LANÇAMENTO DIA 26/06

Formação em
Direitos Humanos

Oficinas musicais
(percussão, violão, canto,
estúdio, gravação, confecção
de instrumentos)

Oficinas teatrais
(malabares, jogos teatrais,
ensaios, apresentações)

Inclusão Digital
(telecentros, internet, games,
blogs, youtube)

Atividades no
Território de Paz

Inscrições Abertas
Casa das Juventudes
Setor 02, quadra W2, casa 01
Subprefeitura Nordeste
Rua Alexandre de Gusmão, 2080
CRAS
Av. 17 de abril 28, Quadra N, Setor 6
Bolsa auxílio de R\$ 100,00

www.guajuvirasterritoriodepaz.blogspot.com

FUNDAÇÃO LA SALLE

PREFEITURA DE CANOAS
SECRETARIA DE SERVIÇOS PÚBLICOS E SAÚDE

PRONASCI
PROGRAMA NACIONAL DE SEGURANÇA PÚBLICA EM CRIANÇAS

Ministério da Justiça

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

Figura 7 – Capa do jornal *Tudo de Bom Canoas* de agosto de 2012, que apresenta as ações e o programa de governo da atual gestão municipal do prefeito Jairo Jorge e o *slogan* de sua candidatura à reeleição

JORNAL
#TUDODEBOMCANOAS
PT-PP-PSD-PR-PPS-PCdoB-PDT-PMDB-PSB-PTB-PSD-PSL-PP-PM-PTB-PTC-PRP

A mudança tem que continuar!

A partir de 2009, Canoas mudou e melhorou. **Jairo Jorge e Beth Colombo** receberam o apoio dos canoenses e realizaram mudanças importantes na vida das pessoas. Com trabalho, humildade e honestidade, enfrentando dificuldades, eles buscaram melhorar a saúde, a educação, a segurança, a geração de emprego, o transporte, a pavimentação, a habitação, a iluminação e a limpeza das ruas e praças.

Jairo Jorge é um prefeito realizador que cuida das pessoas e faz obras, um gestor que cumpriu com seus compromissos. Depois de eleito, foi o prefeito que voltou para agradecer o apoio do povo e que todos os sábados estava nas ruas para atender à população. Um prefeito que uniu a cidade para Canoas voltar a crescer. Colocou a casa em ordem, organizou a Prefeitura, pagou as dívidas, fez obras e ouviu o povo. Um homem de diálogo, trabalhador e humilde, o primeiro prefeito eleito nascido em Canoas.

Jairo Jorge e Beth Colombo têm certeza que aquilo que já foi realizado ainda não é suficiente, é preciso fazer mais. Por isso, **Jairo e Beth** uniram as forças da cidade, 17 partidos políticos do BOM, para nessa Canoas avançar muito mais. O prefeito **Jairo Jorge** vai continuar trabalhando, com a mesma energia e disposição, para concluir e realizar obras e trazer mais investimentos para a cidade. Os canoenses sabem que a mudança que iniciou em 2009 tem que continuar!

Prefeito
JAIRO JORGE 13
Vice Beth Colombo

Figura 8 – Matéria do jornal *Tudo de Bom Canoas*, distribuído à população de Canoas no mês de agosto de 2012, que apresenta as ações investidas na área da segurança pública na cidade e, de modo especial, no bairro Guajuviras, promovidas pela gestão municipal do prefeito Jairo Jorge, candidato à reeleição

Menos mortes no 1º trimestre

Canoas cai para 2ª colocação no ranking das mais violentas da região

CLÁUDIA BOFF
RAFAEL LANGRANI

OS CASOS

2011	Jan	Fev	Mar
Canoas	1	2	0
Caros	0	0	7
Erreio	1	1	1
Gramado	1	0	0
Montenegro	0	1	1
Novo Petrópolis	0	1	0
Novo Hamburgo	2	0	0
Osório	1	0	0
Parobé	1	0	1
Portão	0	1	1
S.A. de Paraisópolis	1	1	0
São Leopoldo	0	4	3
Sapucaia	0	0	2
Sepetiba	1	0	4
Torres	0	1	0

2012	Jan	Fev	Mar
Campo Bom	2	0	1
Canoas	0	2	7
Erreio	1	1	1
Ipigatã	1	0	1
Itóbi	1	0	0
Montenegro	1	0	0
Novo Hamburgo	14	0	7
Parobé	0	1	0
Portão	1	0	1
Ribeira	0	0	1
São Leopoldo	11	0	9
S.A. de Paraisópolis	0	0	1
Sapucaia	1	1	1
Sepetiba	0	7	1
Torres	1	0	1
Torres	0	0	1

AUMENTO DE 19,6% NO RS

Dados da Secretaria da Segurança Pública divulgados no último fim de semana apontam crescimento dos homicídios na ordem de 19,6% no Estado e de 11,7% na capital nos três primeiros meses do ano, na comparação com o mesmo período de 2011. Em número absoluto, foram 105 homicídios em Porto Alegre no primeiro trimestre deste ano contra 94 nos três primeiros meses do ano passado. No Estado, esse tipo de crime passou de 413 para 494 ocorrências no mesmo período. Já em janeiro, o aumento foi de 36,8% em Porto Alegre e de 26,2% no Estado, colocando as autoridades em alerta. Segundo a assessoria do secretário estadual da Segurança Pública, Ailton Michel, ele não pode falar sobre o assunto ontem por causa de reuniões agendadas.

Casos ligados ao tráfico de drogas

O comandante da Brigada Militar no Vale do Sinos, tenente-coronel Carlos Marques, afirma que mais de 90% dos casos de homicídios na região são devido à disputa de gangues por pontos de tráfico, especialmente nos bairros Santo Afonso, Roselândia e Carudos, em Novo Hamburgo, e Felicitá, Vicentina e Vila Brás, em São Leopoldo. O motivo é o mesmo na região do Vale do Paranhana.

Combate e prevenção em São Leopoldo

O secretário geral de governo de São Leopoldo, Ibanes Mariano, diz que o Município desenvolve políticas públicas no combate e prevenção ao crime. "Procuramos articular com BM, Polícia Civil, Guarda Municipal e programas sociais, que levam um tempo para se estruturar." Os números de assassinatos também estão relacionados à indústria do tráfico.

Prefeitura divulga redução de 10%

Tendo como base os números divulgados pelo Observatório de Segurança Pública de Canoas, que também abrange o Sistema de Informações sobre Mortalidade (secretaria municipal de Saúde), observa-se que os homicídios na cidade caíram 10%, no comparativo dos primeiros trimestres de 2011 e 2012 - passando de 29 para 26 casos. O secretário municipal de Segurança, Eduardo Pastore, diz que essa tendência de redução é comprovada pelo estudo de série histórica do mesmo período de 2009 a 2012, totalizando 49%. "Esse impacto se dá pelo trabalho integrado das polícias, com a guarda municipal e demais agências, além dos projetos em desenvolvimento nos Territórios de Paz Guajuviras, Madalás Valho e Harmonia", avalia ele, informado que a região do Malibús, onde está a maioria das mortes, é a que mais preocupa. "Com a consolidação de projetos sociais e o reforço de ações policiais na região do Malibús, (onde o Território de Paz está em implantação) a tendência é que a queda seja mais significativa".

PAZNAO: Integração



Figura 9 – Matéria do jornal *Tudo de Bom Canoas*, distribuído à população de Canoas no mês de agosto de 2012, que apresenta as ações investidas na área da segurança pública na cidade e, de modo especial, no bairro Guajuviras, promovidas pela gestão municipal do prefeito Jairo Jorge, candidato à reeleição

6 **#TUDO DE BOM CANOAS** **Programa de Governo**



Uma Canoas Mais PROTEGIDA

Um dos principais desafios aos gestores municipais, em todo o Brasil, é o que o município pode fazer para melhorar a segurança que, tradicionalmente, está vinculada a recursos estaduais e federais. A nossa administração entre 2009-2012 respondeu a este desafio com ações que resultaram na diminuição em -27% da média anual de homicídios em Canoas e de -46% da média anual de homicídios na região do Guajuviras. Pelo menos 70 vidas foram salvas em comparação com os anos anteriores. O projeto Território de Paz é referência nacional em segurança, unindo integração e policiamento comunitário, inteligência e tecnologia e inclusão e projetos sociais. As inovações praticadas na área de segurança deverão continuar com as ações atingindo com intensidade todo o território canoense, salvando vidas, tornando o cotidiano de todos mais tranquilo e atendendo ao canoense em maior vulnerabilidade social.

13 - Ampliação do efetivo da Guarda Municipal com a Ronda Comunitária nas praças públicas e Ronda Escolar
Atenção permanente ao equipamento de baixa letalidade e investimento permanente em capacitação. Canoas foi a 1ª cidade brasileira a oferecer bolsa de formação ao guarda municipal com recursos do próprio município.

14 - Ampliação do Território de Paz para os bairros Niterói e Rio Branco com Policiamento Comunitário
Os projetos sociais e o Policiamento Comunitário serão levados a outros quadrantes e mais bairros da cidade de Canoas.

15 - Construção de 2 Centros de Segurança Cidadã no Guajuviras e Mathias Velho com ampliação da Central de Monitoramento
A Central Integrada de Monitoramento serve como exemplo para diversos municípios no Brasil e Exterior, com 120 câmeras em vias públicas e outras 81 em prédios públicos. O objetivo é chegar a um total de 300 pontos de monitoramento e mais 100 pontos de câmeras até 2016.

